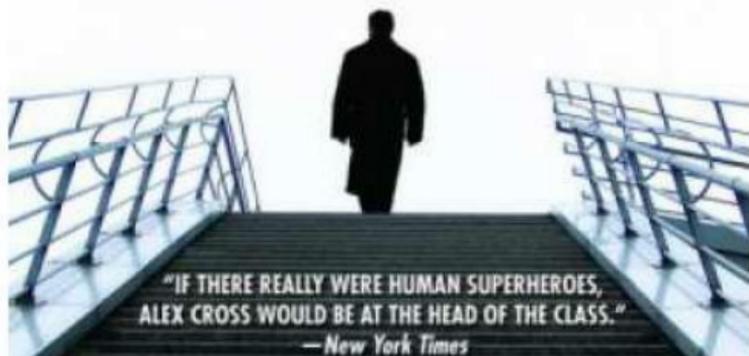


JAMES THE SCARIEST ALEX
CROSS OF THEM ALL

PATTERSON



"IF THERE REALLY WERE HUMAN SUPERHEROES,
ALEX CROSS WOULD BE AT THE HEAD OF THE CLASS."

— *New York Times*

CAT & MOUSE

James Patterson

GATO & RATO

**Tradução de VERA MARIA
MARQUES MARTINS**

CONTRERA  BROTHERS
2012

James Patterson

GATO & RATO

Título original: Cat & Morisc

Tradução de Vera Maria Marques
Martins

EDITORA BEST SELLER

CÍRCULO DO LIVRO

1998

Literatura norte americana -
investigação policial - romance policial
Scaneado e corrigido por Airton Simille
Marques

Copyright (c) James Patterson 1997

Licença editorial para o Círculo do

Livro.

Todos os direitos reservados. -

Coordenação editorial Jariice Maria
Flório Arte Ana Suely S. Dobon Edição e
preparação de texto Enrico Corvisieri
Revisão Levon Yacubian Editoração
eletrônica Niair Fernandes da Silva

CÍRCULO DO LIVRO

Direitos exclusivos da edição em língua
portuguesa no Brasil adquiridos por
Círculo do Livro Ltda.

que se reserva a propriedade desta
tradução.

EDITORA BEST SELLER

uma divisão do Círculo do Livro Ltda.

Rua Paes Leme, 524 - CEP 05424-010
Caixa Postal 9442 - São Paulo, SP

Impressão e acabamento: Gráfica
Círculo

FORMATAÇÃO EPUB



Um psicopata sanguinário nos túneis americanos e um serial killer "alienígena" aterrorizando a Europa. Entre eles, dois dos mais bem sucedidos detetives do FBI - o Dr. Alex Cross e Thomas Pierce - numa caçada de

vida e morte.

Prólogo

AGARRAR A ARANHA

Washington, D.C.

A casa dos Cross estava a vinte passos de distância, e essa proximidade fez Gary Soneji arrepiar-se. Era uma casa em estilo vitoriano, com as partes de madeira pintadas de branco e extremamente bem conservada. Olhando para ela, do outro lado da Fifth Street, Soneji arreganhou os dentes num trejeito

que poderia passar por um sorriso. Perfeito. Ele fora até lá para matar Alex Cross e sua família.

Olhou lentamente de uma janela para outra, notando tudo, as impecáveis cortinas de renda branca, o velho piano no jardim de inverno e até o papagaio com uma estampa de Batman e Robin, preso na calha.

O papagaio de Damon, ele pensou.

Por duas vezes, viu de relance a avó de Cross, quando ela passou por uma das janelas do andar de baixo.

A vida sem propósito de Nana Mama logo acabaria. Esse pensamento fez com que ele se sentisse ainda melhor. Aproveite todos os momentos, disse a

si mesmo. Pare para cheirar as rosas. Prove o sabor das rosas, coma as rosas de Alex Cross, pétalas, caules e espinhos.

Por fim atravessou a Fifth Street, tendo o cuidado de permanecer nas sombras. Então, desapareceu entre os teixos e forsítias que se alinhavam como sentinelas ao longo da fachada da casa.

Com muita cautela, andou até uma das portas brancas do porão, de um dos lados do alpendre. A porta tinha um cadeado Master, que ele levou apenas alguns segundos para abrir.

Entrara na casa dos Cross!

Estava no porão. O porão seria uma

pista. O porão valia mil palavras. Mil fotos forenses também. Era muito importante para tudo o que aconteceria num futuro muito próximo: o assassinato dos Cross!

As janelas eram pequenas, mas Soneji decidiu não se arriscar, acendendo a luz. Usou uma lanterna Maglite. Só para olhar em volta, saber um pouco mais sobre Cross e sua família, aumentar seu ódio, se isso era possível.

O porão estava limpo, como ele esperara. As ferramentas de Cross haviam sido arrumadas sem muita ordem num quadro de madeira cheio de ganchos. Soneji viu um boné do

Georgetown pendurado. Pegou-o e colocou-o na cabeça. Não pôde resistir.

Correu as mãos pela roupa lavada, dobrada sobre uma longa mesa. Sentiu-se ainda mais perto das pessoas condenadas. Desprezou-as mais do que nunca. Apalpou os bojos do sutiã da velha. Tocou nas cuequinhas do menino. Sentiu-se um ser repulsivo e adorou a sensação.

Pegou um pequeno suéter vermelho. Devia ser da filhinha de Cross, Jannie. Soneji encostou o suéter no rosto, tentando sentir o cheiro da menina. Esperava, ansioso, pelo momento de assassinar Jannie. Só

esperava que Cross também visse a filha morrer.

Notou luvas Everlast e sapatilhas pretas, marca Pony, penduradas num gancho, ao lado de um desgastado saco para treinamento de boxe. Pertenciam ao filho de Cross, Damon, que devia estar com nove anos. Gary Soneji decidiu que arrancaria o coração do menino com socos.

Apagou a lanterna e sentou-se no escuro. Um dia, fora um famigerado seqüestrador e assassino. As coisas iriam acontecer de novo. Ele estava voltando para executar uma vingança que deixaria todos horrorizados.

Cruzou as mãos no colo e suspirou.

Tecera sua teia à perfeição.

Logo, Alex Cross estaria morto, assim como todas as pessoas a quem ele amava.

O assassino que aterrorizava a Europa chamava-se sr. Smith, simplesmente. Fora a imprensa de Boston que lhe dera esse nome. A polícia, então, amavelmente, espalhara-o por todo o mundo. Ele aceitara o nome como uma criança aceita o que recebe dos pais, por mais feio, embaraçoso ou vulgar que seja.

Sr. Smith. Tudo bem.

Na verdade, ele sentia uma grande atração por nomes. Uma obsessão.

Os nomes de suas vítimas queimavam em sua mente e também em seu coração.

A primeira, e mais notável, fora Isabella Calais. Depois, vieram Stephanie Michaela Apt, Ursula Davies,

Robert Michael Neel e muitas outras.

Ele era capaz de recitar seus nomes completos até de trás para a frente, como se os houvesse memorizado para um exame de história ou um jogo de palavras. Certo. Aquela caçada era um jogo, não era?

Até ali, ninguém compreendera isso. Nem mesmo o fabuloso FBI. Nem a renomada Interpol, ou a Scotland

Yard, ou a polícia de qualquer uma das cidades onde ele cometera assassinatos.

Ninguém descobrira o padrão secreto seguido pelas vítimas, que começara com Isabella Calais, em Cambridge, Massachusetts, no dia 22 de março de 1993, e continuava até agora, em Londres.

A vítima do momento era Drew Cabot. Inspetor-chefe. De todas, a profissão mais sem graça que alguém podia escolher na vida. Estava na crista da onda por ter prendido um assassino do Londres e IRA. Seu assassinato poria a cidade em polvorosa, deixaria todo mundo

louco. A civilizada e sofisticada Londres adorava um assassinato sangrento, tanto quanto outro burgo qualquer.

Naquela tarde, o sr. Smith estava operando no elegante bairro de Knightsbridge. Fora lá para estudar a raça humana.

Pelo menos, era assim que os jornais descreviam o que ele fazia. A imprensa, não só de Londres, como de toda a Europa, dava-lhe também outro nome: Alienígena. De acordo com a teoria mais aceita, ele era um extraterrestre.

Nenhum ser humano faria as coisas que ele faz. Era o que diziam.

O sr. Smith precisou curvar-se para falar ao ouvido de Drew Cabot, querendo travar conhecimento mais íntimo com sua presa.

Ouvia música, enquanto trabalhava. Todos os tipos de música.

Para aquele dia, escolhera a abertura de Don Giovanni. Opera-bufa parecia apropriada.

Apropriada para a sua autópsia numa pessoa viva.

- Mais ou menos dez minutos depois da sua morte, as moscas já perceberão o cheiro do gás que acompanhará a decomposição dos seus tecidos - ele disse. - Varejeiras botarão ovos minúsculos em todos os

orifícios do seu corpo.

Por ironia, isso me lembra o doutor Seuss: "varejeiras e presunto. O que será que isso significa? Não sei. Mas é uma associação bastante curiosa.

Drew Cabot perdera muito sangue, mas não iria desistir. Era alto, forte, tinha cabelos loiro-prateados. Um sujeito que jamais desistia. Moveu tanto a cabeça para a frente e para trás, que Smith tirou-lhe a mordança.

- O que é, Drew? Fale.

- Tenho mulher e dois filhos. Por que está fazendo isso comigo? Por que eu?

- a vítima perguntou num murmúrio.

- Oh, digamos que é porque você é Drew. O que faço é simples, não

envolve sentimentos. Você, Drew, é apenas uma peça do quebra-cabeça. Recolocou a mordaca no lugar. Nada mais de bate-papo com Drew.

O sr. Smith continuou com seus comentários, enquanto fazia outras incisões cirúrgicas ouvindo Don Giovanni.

- Ao aproximar-se o momento da morte, a respiração se torna difícil, intermitente. É exatamente o que você está sentindo agora, como se cada inspiração de ar fosse a última. Dentro de dois ou três minutos, parará de respirar - sussurrou o sr.

Smith, sussurrou o terrível

"Alienígena". - E sua vida estará terminada. Quero ser o primeiro a lhe dar os parabéns.

Estou sendo sincero, Drew. Acredite, ou não, sinto inveja de você. Queria ser Drew.

Primeira Parte

ASSASSINATOS NA ESTAÇÃO FERROVIÁRIA

- Sou o grande Cornholio! Estão me desafiando? Sou Cornholio! - as crianças gritavam em coro e riam.

Beavis e Butthead atacam novamente no meu bairro.

Mordi o lábio e decidi deixar passar. Por que reagir? Por que atizar o fogo da pré-adolescência?

Damon, Jannie e eu estávamos amontoados no banco da frente do

meu velho Porsche preto. Precisávamos comprar outro carro, mas nenhum de nós queria separar-se do Porsche. Fomos ensinados a ter tradição, a gostar dos clássicos.

Amávamos o carro antigo, que chamávamos de lata de sardinhas e "velharia.

O fato era que eu estava preocupado, às oito e vinte da manhã. Não era um jeito muito bom de começar o dia.

Na noite anterior, uma garota de treze anos, da Escola Bailou, fora encontrada no rio Anacostia, baleada e afogada. O

tiro acertara-a na boca, e fora do tipo que os policiais chamam de "uma

tacada só".

Uma estatística macabra estava acabando com o meu estômago e meu sistema nervoso. Nos últimos três anos, mais de cem moças da cidade haviam sido assassinadas, e os casos continuavam sem solução. Ninguém exigira uma investigação mais profunda. Ninguém com poder para isso parecia importar-se com as garotas negras e hispânicas.

Quando paramos diante da Escola Sojourner Truth, vi Christine Johnson recebendo os alunos e pais que chegavam, fazendo todos lembrarem que nossa comunidade era formada por pessoas

boas e prestativas. Ela, certamente, era uma delas.

Recordei o dia em que nos conhecemos. Foi no outono anterior, e as circunstâncias não poderiam ser piores para nenhum de nós dois.

Havíamos nos encontrado, alguém dissera "colidido", na cena do homicídio de uma doce menininha chamada Shanelle Green. Christine era a diretora da escola que Shanelle freqüentava, a mesma onde agora eu iria deixar meus filhos.

Jannie era nova na Truth, onde começara a estudar no outono, mas Damon era veterano, passara para a quarta série.

- O que estão olhando com essas caras de bobos, seus bagunceiros? - perguntei às crianças, que olhavam de mim para Christine e de novo para mim, como se estivessem assistindo a um jogo de tênis.

- Estamos olhando para você, papai, e você está olhando com cara de bobo para Christine! - minha filha respondeu, rindo como a bruxa má do Norte, em que ela às vezes se transforma.

- Para vocês, ela é senhora Johnson - observei, lançando a Jannie meu melhor olhar de homem mau.

Ela ignorou meu olhar e me fitou com aquela expressão carrancuda que só

minha filha sabe fazer.

- Eu sei, papai. Sei quem ela é. É a diretora da minha escola.

Minha filha já compreendia muitos dos importantes mistérios e conexões da vida. Eu esperava que um dia, talvez, ela os pudesse explicar para mim.

- Damon, você tem alguma opinião que gostaria de expor? - indaguei. - Algo a acrescentar? Gostaria de participar da nossa camaradagem, dividindo conosco um pouco do seu bom humor?

Meu filho moveu a cabeça, negando, mas também estava sorrindo. Ele gostava bastante de Christine

Johnson. Todo mundo gostava. Até Nana Mama aprovava-a, algo tão inacreditável que me deixava um tanto preocupado. Nana e eu nunca concordamos a respeito de nada, e isso está ficando pior com a idade.

As crianças já estavam saindo do carro, e Jannie despediu-se de mim com um beijo. Christine acenou e aproximou-se.

Que bom pai você é! - disse, os olhos castanhos cintilando.

- Qualquer dia desses, vai tornar muito feliz uma das mulheres do bairro. Sabe lidar com crianças, é razoavelmente bonito e dirige um elegante carro esporte. Nossa!

- Nossa digo eu a seu respeito.

Para completar tudo, era uma linda manhã, no início de junho.

Céu azul e brilhante, temperatura amena, ar fresco e relativamente limpo. Christine usava um conjunto bege de calça e blazer, blusa azul e sapatos baixos, também beges. Meu coração que se aquietasse.

Não pude reprimir um sorriso. Nem quis. O sorriso combinava com o dia, que para mim estava ficando ótimo.

- Espero que não esteja ensinando esse tipo de cinismo e ironia aos meus filhos, aí nessa sua escola.

- Claro que estou. Não só eu, mas todos os professores. E falamos em

educanto" com os melhores alunos. Somos especialistas em cinismo e ironia. Mais importante ainda, somos céticos perfeitos. Bem, agora precisamos entrar. Não podemos perder um único momento da preciosa doutrinação.

- É tarde demais para ensinar essas coisas a Damon e Jannie. Eu já os programei. Uma criança deve ser alimentada com leite e elogios. Meus filhos são os mais alegres do bairro, provavelmente da zona sudeste, talvez até de toda a cidade de Washington.

Já percebemos e aceitamos o desafio. Tenho de ir. Jovens cérebros estão à

espera, para serem modificados e modelados.

- Vou vê-la à noite? - perguntei, quando Christine ia se virar para afastar-se.

- Lindo como o pecado e dirigindo um Porsche espetacular, é claro que vai me ver.

Então, ela se virou e caminhou de volta para a escola.

Naquela noite, iríamos ter nosso primeiro encontro oficial. O marido dela, George, falecera no inverno anterior, e agora Christine sentia-se pronta para sair comigo. Eu não a pressionara de forma alguma, mas mal podia esperar. Seis anos após a

morte de minha mulher, Maria, tinha a impressão de estar saindo de uma cova profunda. A vida começava a parecer tão boa quanto fora, muito, muito tempo atrás.

Mas, como Nana Mama sempre dizia, deve-se ter cuidado para não confundir a borda da cova com o horizonte.

"Alex Cross é um homem morto. A opção do fracasso não existe."

Gary Soneji olhou através da mira telescópica que ele removera de um rifle automático. O que viu era de rara beleza. Oh, que cena amorosa comovente! Alex Cross levava seus

dois fedelhos à Escola Sojourner Truth, e agora estava conversando com sua bonita amiga.

Imagine o inimaginável, Soneji aconselhou-se.

Rilhou os dentes, encolhendo-se no banco dianteiro do jipe Cherokee, preto. Observou Damon e Janeile entrarem no pátio e acenarem para vários coleguinhas. Anos antes, quase ficara famoso por seqüestrar dois estudantes, ali mesmo em Washington. Tempos bons, meu amigo! Tempos bons!

Por alguns dias ele fora a grande atração, nos jornais e noticiários de televisão, em todo o país. Agora iria

acontecer de novo. Tinha certeza. Afinal, nada mais justo que fosse reconhecido como o melhor.

Moveu a mira lentamente, focalizando o rosto de Christine Johnson.

Ora, ora, é mesmo delicioso.

Os olhos dela eram castanhos e muito expressivos, e o sorriso amplo parecia sincero a distância. Ela era alta, atraente, impunha respeito. A diretora da escola. Alguns fios de cabelos haviam se soltado e caíam-lhe no rosto. Era fácil entender o que Cross vira nela.

Que bonito casal eles formavam, que tragédia iria ser, que pena! Mesmo

com todo o desgaste, Cross ainda tinha boa aparência, ainda era impressionante, um tanto parecido com Muhammad Ali em seu apogeu. E o sorriso era deslumbrante.

Enquanto Christine Johnson se afastava, caminhando para o prédio de tijolos vermelhos, Alex Cross repentinamente olhou na direção do jipe de Soneji.

O investigador alto parecia estar olhando para o lado do assento do motorista. Parecia fitar Soneji diretamente nos olhos.

Tudo bem. Não havia nada com que se preocupar, nada a temer. Gary Soneji sabia o que estava fazendo.

Não se arriscava. Ali, não. Ainda não. Tudo iria começar dentro de alguns minutos, mas em sua mente já acontecera. Acontecera uma centena de vezes. Ele sabia que movimentos executaria dali por diante, até o fim. Todos eles.

Deu partida no jipe e tomou a direção da Estação Union. A cena do futuro crime, a cena de sua obra-prima teatral.

"Imagine o inimaginável, disse em pensamento. "Depois, faça o inimaginável."

Quando os alunos encontravam-se sãos e salvos em suas salas de aula, Christine Johnson fez uma lenta

caminhada pelos corredores compridos e desertos da Escola Sojourner Truth. Fazia esse passeio quase todas as manhãs e considerava-o um prazer especial que se concedia. Era bom conceder-se um prazer às vezes, e aquilo era melhor do que ir ao Starbucks para tomar café com leite.

Os corredores estavam vazios, agradavelmente silenciosos e, como sempre, brilhando de tão limpos. Ela entendia que uma boa escola devia ser, antes de tudo, limpa.

Durante algum tempo, ela própria e alguns de seus professores haviam limpado o chão, mas agora o sr.

Gomez e um porteiro chamado Lonnie Walker faziam a faxina duas vezes por semana. Depois que conseguira fazer com que aquela boa gente começasse a pensar do modo correto, fora espantoso ver quantos se prontificaram a ajudar, concordando em que uma escola devia ser limpa e segura. Coisas boas começaram a acontecer quando as pessoas passaram a acreditar que isso era possível.

Desenhos coloridos, feitos pelas crianças, cobriam as paredes dos corredores, e todo mundo adorava a esperança e energia que eles transmitiam. Christine olhava os

desenhos todas as manhãs, e sempre via algo novo, uma perspectiva infantil diferente, que chamava sua atenção e deliciava sua pessoa interior.

Naquela manhã, ela parou para olhar um desenho simples, mas encantador, que representava uma menina de mãos dadas com o pai e a mãe, diante de uma casa nova. Os rostos eram redondos e sorridentes, e as três pessoas pareciam ter um objetivo na vida. Ela observou também algumas histórias ilustradas: "Nossa Comunidade, Nigéria e "Pesca de Baleias".

Contudo, naquele dia, estava

passando por um motivo diferente. Não parava de pensar em George, seu marido, em como ele morreria, e por quê. Gostaria que pudesse trazê-lo de volta. Queria abraçá-lo pelo menos mais uma vez. Oh, Deus, ela precisava falar com ele!

Andou pelo corredor até a outra extremidade, onde ficava a sala 111, que fora pintada de amarelo-claro e recebera o nome de uma flor, botão-de-ouro. Eram as próprias crianças que davam nomes às suas salas, e os mudavam a cada outono, no início das aulas. Afinal, a escola era delas.

Christine empurrou a porta vagarosamente, abrindo uma fresta.

Viu Bobbie Shaw, a professora de segunda série, escrevendo avisos no quadro-negro. Então, olhou para as fileiras de alunos atentos, entre os quais se encontrava Jannie Cross.

Pegou-se sorrindo, enquanto observava a menina, que começou a falar com a sra. Shaw. Janriie era animada, esperta, e tinha um jeito alegre e meigo de ver o mundo. Era muito parecida com o pai, inteligente, sensível, atraente como o pecado.

Depois de algum tempo, Christine recomeçou a andar. Distraída, surpreendeu-se ao ver que subia a escada de concreto para o segundo andar. Até a parede da escadaria era

decorada com desenhos pintados com cores vivas, e essa era uma das razões pelas quais as crianças consideravam-se donos da escola.

Assim,

protegiam sua propriedade", sentiam-se parte dela. Uma idéia bastante simples, que o governo de Washington parecia não captar.

Apenas de achar-se um tanto tola por isso, ela foi dar uma olhada em Damon também.

De todos os alunos da Truth, Damon era seu favorito. Já era, antes mesmo de ela conhecer Alex. E não só pela inteligência, pela facilidade de expressar-se ou pelo charme. Damon

era, de fato, uma boa pessoa.

Mostrava isso constantemente, no modo de tratar os colegas, professores e até a irmãzinha, quando ela entrara na escola, no início do ano letivo. Ele tratara Jannie como se ela fosse sua melhor amiga. Talvez já houvesse compreendido que era mesmo.

Christine finalmente voltou para o seu gabinete, onde a esperava um dia de dez, doze horas. Pensava em Alex, e provavelmente fora por isso que sentira o impulso de ir ver os filhos dele.

Mas não se sentia ansiosa para sair com ele naquela noite. Estava com

medo, quase em pânico, e achava que sabia por quê.

Um pouco antes das oito da manhã, Gary Soneji entrou na Estação Union como se fosse dono do lugar.

Sentia-se extremamente bem. Apressou o passo, e sua animação pareceu subir ao teto alto da estação ferroviária.

Sabia tudo a respeito daquele famoso caminho de entrada e saída da capital. Admirava a fachada neoclássica, que lembrava a dos afamados Banhos de Caracalla, na Roma antiga. Quando menino, costumava observar a arquitetura da estação durante horas. Chegara até a

ir à loja Great Train, que vendia lindos modelos de trens e outros souvenirs relacionados com ferrovias.

Podia ouvir e sentir os trens trovejando lá embaixo. O piso de mármore realmente tremia, quando os potentes trens Amtrak partiam e chegavam, no horário, como geralmente acontecia. As portas para o mundo exterior retumbavam, e suas vidraças tilintavam, batendo nas molduras.

Ele adorava aquela estação. O lugar era realmente mágico. As palavras-chave para aquele dia eram "trem" e "porão", e só ele sabia o motivo.

Informações significavam poder, e ele

tinha todas.

Gary Soneji pensou que poderia estar morto dentro de uma hora, mas a idéia não o perturbava, nem a imagem. O que tivesse de acontecer aconteceria e, além disso, ele queria partir com estardalhaço, não choramingando covardemente. E por que não? Tinha planos para uma longa e excitante carreira, depois da morte.

Gary Soneji usava um leve macacão preto, com o logotipo da Nike em vermelho. Carregava três malas volumosas. Achava que nada o diferenciava dos outros viajantes que lotavam a estação.

Parecia obeso e, no momento, seus cabelos eram grisalhos. Na verdade, tinha um metro e setenta e cinco de altura, mas,

naquele dia, as palmilhas em seus sapatos davam-lhe uma altura de um metro e oitenta e dois. Ainda conservava traços de sua antiga boa aparência. Se alguém se dispusesse a adivinhar sua profissão, talvez dissesse que ele era professor.

Uma ironia barata. Ele fora professor um dia, um dos piores de todos os tempos. Fora o sr. Soneji, o Homem-Aranha.

Seqüestrara dois de seus próprios alunos.

Já comprara sua passagem para o Metroliner, mas não foi em direção ao trem. Em vez disso, atravessou o saguão principal, distanciando-se da sala de espera. Subiu pela escadaria próxima ao Center Café até a galeria do segundo andar, de onde se via todo o saguão, seis metros abaixo.

Observou o rio de pessoas solitárias movimentando-se no cavernoso recinto. A maioria daqueles idiotas estava com sorte imerecida, naquela manhã, embora não tivesse idéia disso. A maior parte deles estaria em segurança em seus trenzinhos, quando o show de luz e sons começasse, dali a alguns minutos.

Que lugar lindo!", pensou Soneji.

Quantas vezes sonhara com aquela
cena, exatamente aquela,
acontecendo na Estação Union!

Longas estrias e raios de luz matinal
desciam através das delicadas
clarabóias, refletindo nas paredes e
no alto teto dourado. No saguão
havia um balcão de informações e um
magnífico painel eletrônico, que
anunciava a chegada e partida dos
trens. Ali também ficavam o Center
Café, a Sfuzzi e restaurantes da rede
América.

A área de espera, adjacente ao
saguão, um dia fora considerada a
maior sala do mundo. Que grandioso

e histórico local ele escolhera para o crime daquele dia, seu aniversário.

Gary Soneji tirou uma pequena chave do bolso. Jogou-a no ar e tornou a pegá-la. Abriu uma porta metálica cinza-

azulada e entrou no que ele chamava de sua sala, um pequeno aposento na galeria. Por fim, tinha uma sala só sua, no andar de cima, como todos os outros. Fechou a porta atrás de si.

- Feliz aniversário, querido Gary. Parabéns.

Aquilo iria ser incrível, maior do que tudo que ele fizera até então. Poderia executar a parte seguinte de olhos fechados, pois memorizara os

mínimos detalhes. Passara por tudo aquilo muitas vezes. Na imaginação, em sonhos. Fazia mais de vinte anos que esperava por aquele dia.

Montou um tripé dobrável de alumínio na pequena sala e fixou nele um rifle Browning. A arma, que ele mesmo adaptara para seu uso, era uma beleza, com aquela mira espetacular e o gatilho eletrônico.

O piso de mármore continuava a tremer, quando seus amados trens entravam ou saíam, gigantescas feras míticas que passavam pela estação para alimentar-se e descansar. Ele não queria estar em nenhum outro lugar. Amava demais o local onde se

encontrava, amava aquele momento. Soneji sabia tudo sobre a Estação Union e também sobre assassinatos em massa, cometidos em lugares públicos superlotados. Quando menino, desenvolvera um interesse obsessivo pelos chamados "crimes do século". Imaginara-se executando outros iguais, tornando-se temido e famoso. Planejara crimes perfeitos, então começara a pôr os planos em prática. Enterrara sua primeira vítima na fazenda de um parente, aos quinze anos de idade. O corpo nunca foi encontrado.

Ele era Charles Starkweather, era Bruno Richard Hauptmann, era

Charlie Whftman. Só que era muito mais esperto do que todos eles, e não tão louco.

Aos treze, catorze anos, escolhera um nome para si mesmo:

Soneji, achando-o assustador. Ainda achava. Starkweather, Hauptmann, Whitman, Soneji.

Atirava com rifles desde a infância, nos bosques espessos e escuros ao redor de Princeton, Nova Jersey.

No ano anterior, atirara mais, caçara mais, praticara mais do que em qualquer outra época. Aperfeiçoara-se,

preparando-se para aquela manhã. Diabos, estava preparado havia anos.

Sentou-se numa cadeira dobrável de metal e ajeitou-se o melhor que pôde. Ergueu um encerado cinza, que a cor escura das paredes disfarçava bem, e cobriu-se com ele. Iria desaparecer, fazer parte do cenário, ser um franco-atirador num lugar público movimentado. Na Estação Union!

Um locutor, falando de modo antiquado, anunciava em tom cantarolado a plataforma e horário do próximo Metroliner para Baltimore, Wilmington, Filadélfia e a Estação Penn, de Nova York.

Soneji sorriu. Aquele era o trem no qual ele iria fugir. Comprara a passagem. Ainda pretendia embarcar.

Nenhum problema. Ou ele tomava o Metroliner, ou se arrebentava. Ninguém poderia impedi-lo agora, a não ser, talvez, Alex Cross, e nem isso mais importava. Seu plano previra todas as possibilidades, inclusive sua própria morte.

Então, perdeu-se em pensamentos. Suas lembranças eram seu casulo.

Tinha nove anos, quando um estudante chamado Charles Whitman abriu fogo do alto de uma torre na Universidade do Texas, em Austin. Whitman, de vinte e cinco anos, fora fuzileiro naval. O terrível e sensacional evento deixara Soneji eletrizado. Ele colecionara todas as

histórias sobre o crime. Conseguira matérias de várias publicações: Time, Life, Newsweek, New York Times, Philadelphia Inquirer, Times de Londres, Paris Match, Los Angeles Times, Baltimore Sun. Ainda tinha aqueles preciosos recortes.

Estavam na casa de um amigo, guardados para a posteridade. Eram as provas de crimes passados, presentes e futuros.

Gary Soneji sabia que era um bom atirador. Não que precisasse ter habilidade excepcional, naquela fervilhante multidão de alvos. Poderia acertar em um a quinhentos metros de distância, e ali não precisaria atirar

em nenhum a mais de cem.

Agora, saio do meu pesadelo e entro no mundo real, pensou, quando o momento certo chegou.

Um arrepio forte e gelado percorreu-o. Um arrepio delicioso, sedutor. Ele olhou através da mira telescópica do rifle, observando a multidão apressada e nervosa.

Procurou a primeira vítima. A vida era muito mais bonita e interessante vista através de uma mira.

Aí está você!

Ele esquadrinhou o saguão com seus milhares de homens e mulheres que iam para o trabalho ou saíam em viagem de férias. Naquele momento,

nenhum deles tinha consciência de sua condição mortal. As pessoas jamais pareciam acreditar que algo horrível pudesse acontecer a elas.

Soneji observou um animado grupo de estudantes em seus casacos azuis e camisas brancas engomadas. Malditos pré-

universitários. Riam, enquanto corriam para o seu trem, com uma alegria que não podia ser natural. Ele não gostava de gente alegre, principalmente adolescentes idiotas que achavam que tinham o mundo nas mãos.

Descobriu que de onde estava conseguia distinguir odores:

óleo diesel, rosas e lilases dos vendedores de flores, carne e camarão com alho dos restaurantes no saguão. Ficou com fome.

O círculo do alvo, na mira adaptada, tinha uma faixa preta no centro, em vez da mosca, mais comum. Ele preferia a faixa. Observava a montagem de formas, movimentos e cores entrar e sair do caminho da morte. O pequeno círculo do esqueleto com a foice era seu mundo agora, contido em si mesmo, fascinante.

Soneji deixou a faixa da mira descansar na testa larga e enrugada de uma mulher de ar cansado, entre

os cinqüenta e cinqüenta e cinco anos. Executiva. Magra e nervosa, olhos perturbados, lábios pálidos.

- Diga boa noite, Gracie - ele murmurou. - Boa noite, Irene. Boa noite, senhora Cabaça.

Quase puxou o gatilho, quase deu início ao massacre, então recuou no último instante.

Não merece o primeiro tiro, pensou, censurando-se pela impaciência. Não é bastante especial. Foi uma idéia passageira. É só uma vaca de classe média, como outra qualquer."

A marca da mira estabilizou-se e prendeu-se, como por um ímã, na região lombar de um carregador que

puxava uma carga de caixas e malas. O homem era alto, um negro bonito, muito parecido com Alex Cross, Soneji refletiu. A pele escura brilhava como mogno.

Um alvo atraente. Soneji gostava da imagem, mas quem entenderia a mensagem sutil, senão ele mesmo?

Tinha de pensar nos outros também. Naquele momento, não podia ser egoísta.

Tornou a mover a mira, o círculo da morte. Havia um número espantoso de homens a caminho do trabalho, ternos azuis, pastas pretas. Hómens de negócios. Gado.

Um pai e seu filho adolescente

entraram no círculo, como se tivessem sido postos lá pela mão de Deus.

Gary Soneji respirou fundo. Então, soltou o ar lentamente. Era seu ritual de antes de atirar, que praticara durante tantos anos, sozinho nos bosques. Imaginara aquilo vezes sem conta. Escolher um perfeito estranho, por nenhuma razão especial.

Com extrema delicadeza, puxou o gatilho.

Seu corpo estava completamente imóvel, quase sem vida. Ele sentia a leve pulsação no braço, no pescoço, na velocidade aproximada das batidas do coração.

O tiro provocou um forte estampido, e o som pareceu seguir o vôo da bala em direção ao saguão. A fumaça subiu em espiral, centímetros à frente do cano do rifle. Algo bonito de ver.

A cabeça do rapazinho explodiu dentro do círculo telescópico. Lindo. A cabeça abriu-se diante de seus olhos. O Big Bang em miniatura, não? Então, Gary Soneji puxou o gatilho uma segunda vez. Matou o pai, antes que ele tivesse tempo de chorar pelo filho. Não sentiu absolutamente nada por nenhum dos dois. Nem amor, nem ódio, nem compaixão.

Não vacilou, não estremeceu, nem

mesmo piscou.

Agora, nada impediria Gary Soneji de continuar. Não havia mais volta.

"Hora do rush! Oito e vinte da manhã. Jesus todo-poderoso, não! Um louco solto na Estação Union!"

Sampson e eu corríamos ao longo da avenida Massachusetts, onde o tráfego congestionado cobria as duas pistas até onde a vista podia alcançar.

"Quando em dúvida, galope."

Era uma das máximas da velha Legião Estrangeira Motoristas de automóveis e caminhões buzonavam, frustrados. Pedestres gritavam, correndo para longe da estação ferroviária. Viaturas

policiais por toda parte.

Lá na frente, na North Capitol, eu podia ver o gigantesco prédio de granito da Estação Union, tantas vezes ampliado e reformado. Tudo era sombrio e cinzento ao redor, exceto a grama, que parecia excepcionalmente verde.

Sampson e eu passamos em disparada pelo tribunal Thurgood Marshall. Ouvimos tiros vindos da estação, o som abafado pelas espessas paredes de pedra.

- Pelos diabos, é mesmo verdade! exclamou Sampson, correndo ao meu lado. Temos um louco na estação. Não há mais como duvidar.

Eu já sabia que era verdade. Recebera uma chamada urgente, menos de dez minutos antes. Apanhara o telefone, distraído com outra mensagem, um fax de Kyle Craig, do FBI. Ele precisava desesperadamente de ajuda no caso intrincado do "sr. Smith". Queria que eu recebesse um de seus agentes, Thomas Pierce. Daquela vez, eu não podia ajudar Kyle. Estava pensando em me desligar do ramo de homicídios e não iria pegar mais casos, especialmente o de um salafário como o "sr. Smith".

Reconheci a voz ao telefone.

- É Gary Soneji, doutor Cross. Eu mesmo. Estou telefonando da Estação

Union. Resolvi passar por Washington, com a esperança de que o senhor quisesse me ver novamente. Mas se apresse. É melhor correr, se quiser me pegar.

Silêncio. Soneji desligara o telefone. Ele adorava estar no controle da situação.

Agora, Sampson e eu voávamos pela avenida Massachusetts. Estávamos sendo muito mais rápidos do que o trânsito.

Eu abandonara meu carro na Third Street.

Nós dois usávamos colete à prova de balas por cima da camisa. Estávamos correndo, como Soneji recomendara.

- O que será que ele está fazendo lá dentro? - perguntou Sampson entre os dentes. - Aquele filho da puta sempre foi doido.

Estávamos a menos de cinquenta metros das portas de madeira e vidro da estação. Pessoas ainda corriam para fora, num fluxo constante.

- Ele já era franco-atirador quando garoto - eu disse a Sampson. - Matava os animais de estimação dos vizinhos, num bairro da periferia de Princeton. Escondia-se no mato, de onde atirava. Na época, ninguém solucionou o caso. Soneji me contou isso quando o interroguei na penitenciária de

Lorton. Chamava a si mesmo de "assassino de bichos.

- Parece que passou a assassino de humanos - resmungou Sampson.

Subimos a longa alameda correndo, rumo à entrada principal da estação de noventa anos de idade. Não tínhamos parado de correr, queimando as solas dos sapatos, mas parecia que se passara uma eternidade desde que eu recebera o telefonema de Soneji.

Houve uma pausa nos disparos, então mais tiros soaram. Espantoso. Os estampidos que vinham lá de dentro pareciam de rifle.

Carros e táxis saíam de ré, tentando

fugir dos tiros e da loucura. Pessoas atropelavam-se, abrindo caminho para fora do prédio.

Eu nunca assistira à ação de um franco-atirador. No curso de minha vida em Washington, entrara na Estação Union várias centenas de vezes. Nunca, porém, numa situação igual àquela. Nem sequer parecida.

- Ele se encurralou lá dentro. De propósito! - comentou Sampson, quando chegamos diante das portas. - Por quê?

- Isso também me intriga - respondi. Por que Gary Soneji me chamara? Por que se encurralara na Estação Union? Sampson e eu entramos no saguão.

Os tiros, que haviam cessado, recomeçaram de repente vindos de algum lugar da galeria. Nós dois nos atiramos no chão.

Soneji já nos vira?

Mantive a cabeça baixa, enquanto meus olhos percorriam o enorme e imponente saguão da estação.

Procurava por Soneji desesperadamente. Ele estava me vendo? Um dos ditados de Nana passou-me pela cabeça: A morte é o jeito que a natureza tem de dizer olá.

Estátuas de legionários romanos, erguidas em toda a volta, montavam guarda ao grandioso saguão de entrada da Estação Union. Executivos

politicamente corretos da Ferrovia Pensilvânia haviam decidido que os guerreiros deviam estar completamente vestidos. O escultor, Louis Saint-Gaudens, agindo por conta própria, esculpira cada terceira estátua de acordo com a verdade histórica.

Vi três pessoas caídas, provavelmente mortas. Meu estômago contraiu-se, O coração bateu ainda mais rápido. Uma das vítimas era um adolescente de short e camiseta dos Redskins. A segunda vítima, ainda jovem, parecia ser o pai do rapaz. Nenhum dos dois se movia.

Centenas de passageiros e

funcionários da estação estavam presos nas lojas e restaurantes. Dúzias de pessoas assustadas apertavam-se numa pequena loja da Chocolates Godiva e num restaurante da rede América.

O fogo cessara novamente. O que Soneji pretendia? Onde estava? O silêncio temporário era enlouquecedor e fantasmagórico. Sempre havia muito barulho numa estação ferroviária. Alguém arrastou uma cadeira no piso de mármore, e o som ecoou como um guincho.

Mostrei meu distintivo de investigador a um patrulheiro que se abrigara atrás de uma mesa virada, no café.

O suor escorria-lhe pelo rosto, descendo até os rolos de gordura em seu pescoço.

Ele estava a menos de um metro de uma das portas abertas para o saguão. Ofegava.

Você está bem? perguntei-lhe, quando Sampson e eu rastejamos para trás da mesa.

O policial moveu a cabeça num gesto afirmativo e engrolou qualquer coisa, mas não acreditei que estivesse bem. Seus olhos estavam arregalados de medo. Suspeitei que ele, como eu, também nunca vira um franco-atirador em ação.

- De onde vêm os tiros? - indaguei. -

Você viu o homem?

Difícil dizer de onde vêm os tiros, mas ele está lá em cima, em algum lugar, naquele trecho.

O patrulheiro apontou para a galeria do lado sul, que corria acima da longa fila de portas, na frente da estação.

Ninguém mais saía ou entrava por aquelas portas. Soneji estava no total controle de tudo.

- Não dá para ver o homem daqui de baixo - observou Sampson, agachado junto a mim. - Ele deve estar andando de um lado para outro, sempre mudando de lugar. É assim que um bom franco-atirador trabalha.

- Ele disse alguma coisa? Fez alguma

declaração, ou exigência? - perguntei ao policial.

Nada. Simplesmente começou a atirar nas pessoas, como se estivesse praticando tiro ao alvo. Quatro vítimas até agora.

O filho da puta sabe atirar.

Não pude ver o quarto corpo. Talvez alguém, pai, mãe, ou amigo, puxara a vítima para dentro, tirando-a do saguão.

Pensei na minha família. Soneji fora a nossa casa uma vez. E me chamara à Estação Union para seu bota-fora.

De repente, um rifle disparou na galeria acima de nós. A detonação ecoou nas paredes espessas. Uma

galeria de tiro,
com alvos humanos.

No restaurante América, uma mulher gritou. Vi-a cair pesadamente, como se tivesse escorregado em gelo.

Então,
gemidos chegaram até nós, lá de dentro.

Não houve mais nenhum tiro. Que diabo ele estaria fazendo lá em cima?

- Vamos pegá-lo, antes que ele dispare outra vez - cochichei para Sampson. - Temos de fazer isso.

Nossas pernas movimentavam-se no mesmo ritmo, e Sampson e eu ofegávamos, quando subimos correndo a escada de mármore

escuro que levava à galeria. Alguns policiais e dois investigadores, agachados, em posição de atirar, encontravam-se lá em cima.

Vi um investigador do destacamento da estação, que normalmente lida apenas com pequenos crimes. Nunca com algo como aquilo, nunca com um habilidoso franco-atirador.

- O que descobriu até agora? - perguntei.

Achava que o nome do investigador era Vincent Mazzeo, mas não tinha certeza. Beirava os cinquenta, portanto o suave trabalho no destacamento da Estação Union era bastante adequado para ele. Eu me

lembrava vagamente de ter ouvido boas informações a seu respeito.

- Ele está numa das ante-salas. A que escolheu não é coberta. Talvez possamos surpreendê-lo de cima. O que acha?

Olhei para o alto teto dourado. Lembrei-me de que diziam que a Estação União era a mais extensa colunata coberta dos Estados Unidos. E devia ser. Gary Soneji sempre gostara de palcos grandes. Conseguira outro.

O investigador tirou alguma coisa do bolso da camisa.

- Tenho uma chave mestra que abre algumas portas. Talvez abra a da

ante-sala onde ele se encontra.

Peguei a chave. Ele não iria usá-la. Não iria bancar o herói. Não queria enfrentar Gary Soneji e seu rifle.

Outra seqüência de explosões partiu da ante-sala.

Contei. Seis tiros. Exatamente como da vez anterior.

Como muitos psicopatas, Soneji gostava de códigos, palavras mágicas, números. Fiquei conjeturando a respeito do número seis. Seis, seis, seis. O número não aparecera relacionado com ele, no passado.

O tiroteio parou abruptamente. Mais uma vez, fez-se silêncio na estação. Meus nervos estavam à flor da pele,

dolorosamente tensos. Havia gente demais em risco, gente demais para ser protegida.

Sampson e eu fomos em frente. Estávamos a menos de seis metros da ante-sala de onde o assassino atirava. Andávamos encostados na parede, as armas Glock em punho.

- Tudo bem com você? - perguntei num murmúrio.

Já havíamos estado juntos em situações adversas, mas isso não tornava as coisas melhores.

- Que merda de diversão, hein, Alex? Logo cedo, e ainda nem comi a minha rosquinha com café.

- Quando ele começar a atirar de

novo, vamos pegá-lo - eu disse. - Ele está dando seis tiros de cada vez.

- Notei - Sampson afirmou sem olhar para mim, mas dando um tapinha em minha perna.

Respiramos fundo.

Não tivemos de esperar muito. Soneji deu início a outra salva de tiros. Seis. Por que seis de cada vez?

Ele sabia que estávamos nos aproximando. Inferno, ele me convidara para aquela farra de tiros.

- Lá vamos nós - eu disse.

Atravessamos o corredor de mármore e pedra. Peguei a chave, apertei-a entre o indicador e o polegar. Introduzi-a na fechadura. Virei-a. dique!

A porta não abriu! Torci a maçaneta. Nada.

Que diabo está acontecendo? resmungou Sampson atrás de mim, com raiva na voz. - O que há com essa porta?

Eu a tranquei informei. - Soneji a tinha deixado aberta para nós.

Lá embaixo, um casal e duas crianças pequenas começaram a correr em direção às portas de madeira e vidro, a uma possível liberdade. O menino tropeçou e caiu de joelhos. A mãe arrastou-o. Foi algo terrível de ver, mas conseguiram.

Os tiros recomeçaram.

Sampson e eu invadimos a sala, abaixados, armas em punho.

Vi um encerado cinza-escuro a nossa frente.

Um rifle saía da camuflagem fornecida pelo encerado, mas Soneji estava embaixo, escondido.

Sampson e eu atiramos. Meia dúzia de tiros trovejaram no recinto

fechado. O encerado ficou esburacado.

O rifle silenciou.

Corri através da pequena sala e puxei o encerado. Gemi. Foi um gemido profundo, dolorido.

Não havia ninguém embaixo. Gary Soneji não estava lá! Um rifle automático Browning fora fixado num tripé de alumínio, e havia um temporizador ligado a uma haste e ao gatilho. Tudo fora adaptado para que o rifle disparasse a intervalos programados. Seis tiros, pausa, mais seis tiros. Nada de Gary Soneji.

Vi portas de metal nas paredes dos lados sul e norte do pequeno

aposento. Com um empurrão, abri a mais próxima de mim. Esperava uma armadilha.

Mas vi um espaço vazio. Na parede do outro lado havia outra porta de metal. Fechada. Gary Soneji ainda adorava jogar, usando seu truque favorito: só ele sabia as regras do jogo.

Atravessei correndo a outra saleta e abri a porta. Que jogo seria aquele? Uma surpresa? Haveria um prêmio de consolação, atrás da porta número um, dois, três?

Olhei para dentro de outro pequeno espaço vazio. Nada de Gary Soneji. Nenhum sinal dele, em parte alguma.

Da sala subia uma escada metálica, que tanto podia levar ao pavimento superior, como a um espaço estreito e baixo, onde só seria possível rastejar.

Subi a escada, parando de vez em quando e voltando a subir para não me tornar um alvo muito fácil, se Soneji estivesse lá em cima. Meu coração martelava, descontrolado, as pernas tremiam. Esperava que Sampson estivesse me seguindo, pois precisava de cobertura.

No topo da escada, vi um alçapão aberto. Nada de Gary Soneji. Mas ele estava tentando me atrair para algum tipo de armadilha, para a sua teia.

Senti o estômago revirar e uma

repentina e aguda dor de cabeça. Soneji se encontrava em algum lugar da Estação Union. Tinha de se encontrar. Dissera que queria me ver. Soneji, tão calmo quanto um banqueiro de cidade pequena, fingia ler o Washington Post no Metroliner das oito e quarenta e cinco da manhã com destino à Estação Penn, Nova York. O coração ainda palpitava, mas nada de sua excitação transparecia em seu rosto. Usava terno cinzento, camisa branca e gravata azul, listrada. Igualzinho aos idiotas que viajavam para o trabalho. Saíra-se muito bem, não? Tinha ido até onde poucos teriam ousado.

Superara o lendário Charles Whitman, e aquilo fora apenas o começo de sua soberba exibição. Havia um ditado do qual ele gostava muito: "A vitória pertence ao jogador que comete o penúltimo erro".

Soneji começava e interrompia o devaneio, no qual se via retornando para seus amados bosques ao redor de Princeton, Nova Jersey. Via-se novamente menino. Lembrava-se perfeitamente bem da densa vegetação, do terreno acidentado, da beleza espetacular de certos trechos. Aos onze anos de idade, roubara uma espingarda calibre vinte e dois de uma fazenda dos arredores.

Escondera a arma numa pedreira perto de sua casa, depois de embrulhá-la cuidadosamente, usando um pedaço de encerado, papel-alumínio e sacos de aniagem. A espingarda era o único bem terreno a que ele dava importância, a única coisa que podia chamar de realmente sua.

Lembrava-se de como descia uma encosta íngreme e rochosa para chegar a um lugar onde o chão da floresta nivelava-se, logo depois de um espesso entrançado de árvores-da-cera. Ali havia uma clareira, o lugar onde ele se entregara ao treino proibido de tiro ao alvo, nos

primeiros anos. Um dia, levava para lá uma cabeça de coelho e um gato malhado que roubara da fazenda dos Ruocco. Havia poucas coisas que podiam agradar mais um gato do que uma cabeça fresca de coelho. Gatos eram pequenos violadores de túmulos. Ele ainda considerava-os animais mágicos. O jeito como caçavam, aproximando--se furtivamente da presa, era fantástico. Fora por isso que dera uma gata à família do dr. Cross.

A pequena Rosie.

Depois de colocar a cabeça decepada do coelho no meio da clareira, ele desamarrara a boca do saco de

aniagem onde havia carregado o gato e o deixou sair. Embora tivesse feito vários buracos no saco, o animal estava meio sufocado.

- Vá pegar o coelho! - ordenara. - Vá!

O gato captara o cheiro de carne e correria na direção da cabeça de coelho. Gary ajeitou a espingarda no ombro e ficou observando. Mirou o alvo móvel. Acariciou o gatilho de sua vinte e dois, então atirou. Estava aprendendo a matar.

"Você é um viciado, censurou-se, voltando ao presente.

Pouca coisa mudara, desde os tempos em que ele fora o menino perverso da área de Princeton. Sua madrasta, a

horrorosa e estúpida prostituta da Babilônia, costumava prendê-lo no porão. Deixava-o sozinho no escuro, às vezes por dez, doze horas. Ele aprendera a amar a escuridão, a ser a escuridão. Aprendera a amar o porão, transformando-o em seu lugar favorito.

Derrotara a madrasta no próprio jogo dela.

Ele vivia no mundo subterrâneo, em seu inferno particular. Acreditava, realmente, que era o Príncipe das Trevas.

Gary Soneji precisava forçar-se a voltar ao presente, ao que fizera na Estação Union, ao seu belo plano. A

polícia da ferrovia estava revistando os trens.

Policiais se encontravam lá fora, naquele exato instante. Era provável que Alex Cross estivesse entre eles.

Que maneira grandiosa de começar! E era justamente isso, apenas o começo.

Ele viu os cretinos da polícia correndo pelas plataformas de embarque da Estação Union. Pareciam assustados, perdidos, confusos, já exibiam um ar de derrota. Bom saber disso. Informação valiosa. Estabelecia o caráter do que viria a seguir.

Ele olhou para uma mulher, no outro lado do corredor. Ela também parecia

assustada. Apertava as mãos com tanta força, que os nós dos dedos estavam pálidos. Rígida, mantinha os ombros eretos, como um cadete de escola militar.

Soneji falou com ela. Foi educado e gentil, do jeito que sabia ser quando queria.

- Tenho a impressão de que estou tendo um pesadelo. "Um, dois, três, acorde!" Era isso que eu fazia quando era menino, para me livrar de um pesadelo. E sempre acordava. Mas hoje não está funcionando.

A mulher assentiu, como ele houvesse dito algo profundo. Soneji conseguira fazer contato com ela. Sempre fora

capaz disso, de alcançar alguém quando precisava. Daria uma boa impressão se estivesse conversando com uma companheira de viagem, quando os policiais passassem por aquele vagão.

- Um, dois, três, acorde! ela recitou em voz baixa. - Oh, Deus, espero que estejamos em segurança, aqui embaixo.

Espero que já o tenham apanhado. Seja quem for, seja o que for.

- Eles o apanharão, com certeza - Soneji afirmou. - Não é o que sempre fazem? Loucos como aquele acabam se deixando prender.

A mulher concordou com um gesto de

cabeça, mas não parecia muito convencida.

- Acho que sim. Quero acreditar que o senhor esteja certo. Estou rezando para que tenha razão.

Dois investigadores da polícia subiram para o vagão. Seus rostos estavam tensos. Agora as coisas iriam ficar interessantes. Soneji viu mais tiras aproximando-se através do carro-restaurante, na frente daquele onde ele se encontrava. Devia haver centenas deles na estação. Hora do show. Segundo ato.

- Sou de Wilmington, Delaware. Terra natal de Wilmington - ele informou, continuando a conversar com a

mulher. Se não fosse isso, eu já teria saído do trem. Isto é, se me deixassem sair.

- Não deixariam. Eu tentei - a mulher contou.

Estava com o olhar parado, fixo em algum lugar que só ela podia ver. Soneji adorava aquele tipo de olhar. Foi difícil, para ele, desviar os olhos e focalizá-los nos policiais que se aproximavam, tentando adivinhar se ofereciam alguma ameaça.

- Todos terão de nos mostrar um documento de identidade com foto - um dos policiais anunciou. Tinha voz profunda e enérgica, que chamou a

atenção de todo mundo. - Estejam com ele na mão, quando passarmos. Obrigado.

Os dois investigadores chegaram ao banco de Soneji. Engraçado, ele não sentia nenhuma emoção muito forte. Estava pronto para descartar-se dos tiras.

Controlou a respiração, acalmando os batimentos cardíacos. Controle, esse era o truque. Ele tinha controle sobre os músculos do rosto e também sobre os olhos. Mudara a cor deles para aquele dia. Tingira os cabelos loiros de cinzento.

Mudara o formato do rosto, tornando-o inchado, inofensivo como o de

qualquer caixeiro-viajante.

Mostrou uma carteira de motorista e um cartão Amex no nome de Neil Stuart, de Wilmington, Delaware. Tinha também um cartão Visa e uma carteira de identidade com foto, do Sports Club de Wilmington. Nada de notável em sua pessoa. Era apenas um comerciante. Uma cabeça de gado.

Os investigadores examinavam seus documentos, quando Soneji viu Alex Cross na plataforma.

"Ganhei o dia.

Cross vinha em sua direção, observando os passageiros através das janelas. Sua aparência continuava

muito boa. Tinha um metro e oitenta e oito e era musculoso. Movia-se como um atleta e não aparentava ter quarenta e um anos.

"Oh, Deus, que assombro! Passei uma rasteira no amaldiçoado. Estou aqui, Cross. Você quase poderia me tocar, se quisesse. Olhe para mim. Olhe para mim, Cross! Ordeno que olhe para mim agora!"

Soneji sabia que a tremenda raiva que crescia dentro dele era perigosa. Queria que Alex Cross se aproximasse mais, que entrasse no trem e parasse a seu lado. Então, se levantaria e acertaria seis tiros em sua cara.

Seis tiros. Cross merecia cada um deles, pelo mal que lhe fizera. Cross arruinara sua vida. Não. Cross o destruía.

Cross era culpado de tudo o que estava acontecendo. Cross era o responsável pelos assassinatos na estação. Era tudo culpa de Alex Cross. Cross, Cross, Cross! O fim chegara? Aquele era o grandioso final?

Cross parecia tão poderoso, tão acima de tudo. Isso ele tinha de admitir. Cross, sete, oito centímetros mais alto do que os outros tiras, pele lisa e marrom. "Doçura." Era assim que seu companheiro Sampson o chamava.

Bem, ele tinha uma surpresa para Doçura. Uma grande, totalmente inesperada surpresa. A espantosa surpresa do século.

"Se me pegar, doutor Cross, estará pegando a si mesmo. Entende? Não? Não se preocupe. Entenderá mais depressa do que imagina."

- Obrigado, senhor Stuart o investigador agradeceu, devolvendo-lhe os documentos.

Soneji sorriu de leve para ele, então tornou a olhar para fora.

Alex Cross estava mais perto.

"Não faça essa cara de modesto, Cross. Você não tem essa grandeza toda."

Ele queria começar a atirar. Ardia de desejo. Experimentava uma sensação estranha, como se relâmpagos quentes percorressem seu corpo. Seria capaz de apagar Alex Cross ali mesmo. Não havia a menor dúvida quanto a isso. Ele odiava aquele rosto, aquele andar, tudo o que dizia respeito ao médico-investigador.

Alex Cross diminuiu o passo. Olhou diretamente para ele. Estava a um metro e meio de distância.

Gary Soneji olhou-o lentamente e, depois, com muita naturalidade, observou os outros investigadores, antes de tornar a olhar para Cross.

Cross não o reconheceu. Como

poderia? Fitou-o no rosto, depois afastou-se. Continuou andando pela plataforma, os passos ganhando rapidez.

De costas, era um alvo convidativo, quase irresistível. Um investigador lá na frente chamava-o, gesticulando. A idéia de atirar em Cross pelas costas era muito agradável. Um assassinato covarde seria esplêndido. Era isso que as pessoas realmente odiavam.

Por fim, Soneji relaxou no assento.

Cross não me reconheceu. Sou bom demais. Sou o melhor de todos a quem ele já enfrentou. E vou provar. Que ninguém se engane. Eu vencerei.

Matarei Alex Cross e a sua família. Ninguém me impedirá de fazer isso." Só pude pensar em deixar a Estação Union às cinco e meia da tarde. Ficara preso lá dentro o dia todo, falando com testemunhas, com o pessoal da balística e o médico-legista, esboçando desenhos da cena do assassinato em meu bloco de anotações. Sampson andava de um lado para outro, impaciente, desde as quatro horas. Estava acostumado com meu jeito minucioso de trabalhar, mas era óbvio que queria cair fora de lá. O FBI chegara, e eu tinha recebido um telefonema de Kyle Craig, que ficara em Quantico, trabalhando no

caso do sr. Smith. Havia uma multidão de repórteres na frente da estação. Achei que as coisas não poderiam ficar piores do que estavam. Minha mente repetia uma frase sem parar: o trem saiu da estação.

Parecia um daqueles joguinhos de palavras que entram no cérebro da gente e não saem de jeito nenhum.

Meus olhos ardiam, eu estava moído de cansaço. E não me lembrava de haver ficado tão triste na cena de um crime. Claro, aquela não era uma cena comum de crime.

Eu afastara o assassino, mas me sentia responsável pelo fato de ele

continuar solto. Soneji era metódico. Quisera que eu fosse à Estação Union. Por quê? Eu ainda não encontrara resposta para essa pergunta.

Por fim, deixei a estação através dos túneis, para evitar a imprensa e não sei o que mais. Fui para casa,

tomei banho e vesti roupas limpas.

Senti-me um pouco melhor. Deitei-me em minha cama e fiquei de olhos fechados durante uns dez minutos.

Precisava tirar da cabeça tudo o que acontecera naquele dia.

Mas não deu certo. Pensei em cancelar o encontro com Christine Johnson. Uma voz íntima começou a

me soprar avisos: Não estrague tudo. Não a assuste com o seu trabalho. Ela é a mulher que você estava procurando.

Eu já percebera que Christine não aceitava muito bem meu trabalho como investigador de homicídios. E não podia culpá-la. Principalmente depois de um dia como aquele.

Nossa gata, Rosie, entrou no quarto para me visitar. Subiu na cama e aninhou-se a meu lado.

- Os gatos são como os batistas - murmurei. - Eles pintam o diabo, mas nunca ninguém os apanha no ato.

Rosie concordou, ronronando, como se estivesse rindo consigo mesma.

Nós dois nos compreendemos. Somos grandes amigos.

Quando finalmente desci, tive de enfrentar a excitação de meus filhos. Até Rosie entrou na farra, correndo pela sala de estar como se fosse a líder da torcida familiar.

- Você está bonito, papai. Está lindo! - disse Jannie, piscando para mim e fazendo o gesto de positivo".

Eu sabia que seu elogio era sincero e que meu encontro a deixava feliz, não só por mim, mas também por si mesma.

Jannie estava deliciada por me ver todo embonecado para sair com a diretora de sua escola.

Damon, que descia a escada, começou a rir. E quando começava, não conseguia parar.

- Lindo! - engrolou.

- Você vai me pagar por isso - ameacei. Dez vezes mais caro, talvez cem. Um dia, você vai trazer alguém aqui em casa para conhecer seu pai. E só uma questão de tempo.

- Eu pago. Vale a pena - afirmou Damon, continuando a rir como um louquinho.

Ele e Jannie jogaram-se no chão, rindo e rolando no tapete. Rosie saltava de um lado para outro, passando sobre os dois.

Sentei no chão, rosnando como um

monstro, lutando com eles. Meus filhos, como sempre, estavam me curando. Olhei para Nana Mama, que nos observava, parada à porta entre a cozinha e a sala de jantar. Ela, que geralmente participava de nossas brincadeiras, parecia estranhamente quieta.

- Quer brincar, velhinha? perguntei, segurando Damon contra o chão e apoiando o queixo em sua cabeça.

- Não. Você está nervoso como Rosie, hoje - Nana comentou, então finalmente começou a rir também. - Só o vi assim uma vez, quando tinha catorze anos e saiu com Jeanne Allen, se me lembro bem do nome. Mas

Jannie tem razão. Você está muito atraente.

Deixei Damon levantar-se do chão. Ergui-me também e ajeitei meu elegante traje.

- Bem, quero agradecer a todos vocês pelo apoio que me dão em momentos difíceis - disse com fingida solenidade.

-

Obrigado.

- Não há de quê - os três responderam em coro. Divirta-se! Você está lindo!

Saí e fui em direção ao carro sem olhar para trás, recusando-me a dar-lhes a satisfação de me enviar um último sorriso provocador, ou de

entregarem-se a outro ataque de riso. Mas eu me sentia melhor, estranhamente revigorado.

Prometera a minha família e a mim mesmo que iria começar a levar uma vida normal. Nada mais daquela entrega total à

carreira, nada mais de investigações de assassinatos. No entanto, enquanto me afastava de casa, pensei em Gary Soneji.

"Ele está agindo novamente. O que vou fazer a respeito?" Para começar, iria ter um jantar delicioso, pacífico e extremamente agradável com Christine Johnson.

Não iria mais pensar em Gary Soneji

pelo resto da noite.

Iria ser atraente", se não "lindo".

O Kinkead"s, perto do rio Potomac, é um dos melhores restaurantes onde já comi, tanto em Washington como em qualquer outra cidade. A comida de lá é até melhor que a de casa, mas eu nunca diria isso a Nana.

Naquela noite, estava fazendo de tudo para me divertir. Christine e eu havíamos combinado que nos encontraríamos no bar, por volta das sete. Cheguei alguns minutos antes, e ela enfrou logo atrás de mim. Almas gêmeas. Assim começou nosso primeiro encontro.

Lá embaixo, Hilton Felton estava

tocando jazz naquele seu piano sedutor como o diabo. Fazia isso seis noites por semana. Aos sábados e domingos, Ephrain Woolfolk juntava-se a ele, tocando contrabaixo de sopro. Bob Kinkead entrava e saía da cozinha, inspecionando cada prato. Tudo estava certo. Não poderia ser melhor.

- Este lugar é mesmo fantástico. Eu sempre quis vir aqui, mas nunca vim - Christine disse, olhando com ar de aprovação o bar de cerejeira e a escadaria curva que levava ao restaurante.

Eu nunca a vira daquele jeito, toda produzida, e ela estava mais linda do

que eu esperara. O vestido longo, preto, deixava os ombros bem torneados à mostra, e o pingente do colar era um broche antigo, de que gostei muito. Christine calçara sapatos baixos, porque, com quase um metro e oitenta de altura, não precisava de saltos altos. Levava um xale cor de creme com franja preta pendurado no braço. Usava perfume floral.

Os aveludados olhos castanhos, grandes e brilhantes, tinham a expressão deliciada que se vê nos olhos das crianças, mas raramente nos de um adulto. O sorriso era espontâneo e ela parecia

realmente feliz por estar lá, comigo.

Eu queria parecer tudo, menos um investigador de homicídios, de modo que escolhera uma camisa preta de seda que Jannie me dera em meu aniversário. Camisa de cara legal, de acordo com ela. Usava calça preta, um elegante cinto de couro preto e sapatos pretos. Sabia que estava lindo.

Fomos levados a um aconchegante reservado, no mezanino. Normalmente, tento não dar muita importância à atração física, mas notei que as pessoas viraram-se para nos olhar, quando atravessamos o salão de jantar.

Eu esquecera completamente como é sair com alguém e ver aquilo acontecer. Devo admitir que gostei da sensação que experimentei. Estava recordando como é bom estar com uma pessoa com quem se deseja estar. E era bom sentir-me inteiro, ou quase inteiro, ou, pelo menos, a caminho de ficar inteiro de novo.

Nosso aconchegante reservado era voltado para a avenida Pensilvânia, e dali também podíamos ver Hilton Felton dedilhando seu piano. Perfeito.

- Como foi seu dia? - perguntou Christine, depois que nos acomodamos.

- Apenas mais um dia na vida de um

investigador de polícia respondi, dando de ombros.

- Ouvi alguma coisa pelo rádio, sobre um tiroteio na Estação Union - ela comentou. - Você não esteve pelo menos um pouquinho envolvido com Gary Soneji, em algum ponto da sua brilhante carreira?

- Desculpe, mas estou de folga - eu disse. Adorei o seu vestido.

Também adorei esse broche que você pendurou no colar. Gostei de ver que está usando sapatos de salto baixo, como se hoje eu tivesse a necessidade psicológica de continuar mais alto do que você, o que não é o caso.

- Paguei trinta e um dólares - Christine

contou, sorrindo de modo maravilhosamente tímido.

Em você, parece que custou um milhão, pensei.

Examinei-lhe os olhos, desejando me certificar de que se sentia bem. O marido dela falecera havia mais de seis meses, o que, realmente, não é muito tempo. Mas achei-a calma e acreditava que ela me diria, se começasse a se sentir mal.

Escolhemos uma garrafa de vinho tipo nzerlot. Então, comemos mariscos, um bom começo, no Kinkead"s, embora já nos deixassem de barriga cheia. A seguir, pedi salmão, mas Christine fez uma

escolha ainda melhor. Pediu lagosta com repolho na manteiga, purê de ervilhas e molho de trufas.

Não calamos a boca, enquanto comíamos. Nem por um minuto. Fazia muito, muito tempo que eu não me sentia tão livre e à vontade com outra pessoa.

- Jannie e Damon dizem que nunca tiveram uma diretora tão boa quanto você. Cada um deles me pagou um dólar para que eu lhe dissesse isso - contei em dado momento, descobrindo que ficava tagarela em companhia de Christine. - Qual é o seu segredo?

Ela ficou pensativa por um momento.

- Acho que a resposta mais fácil e verdadeira é: gosto do que faço. Tenho outra resposta, parecida com essa. Se você é destro, acha muito difícil escrever com a mão esquerda. Bem, quase todas as crianças são canhotas, em princípio, e tento nunca me esquecer disso. Este é o meu segredo.

- Conte-me como foi o seu dia, na escola pedi, incapaz de desviar os olhos dos dela.

- Quer mesmo ouvir como foi o meu dia? - perguntou Christine, obviamente surpresa. - Por quê?

Quero, sim, mas não sei por quê.

Exceto que amo o som da sua voz.

Amo o modo como a sua mente funciona.

- Na verdade, hoje o dia foi ótimo - ela disse, e seus olhos ganharam novo brilho. - Tem certeza de que quer ouvir,

Alex? Não quero aborrecê-lo com assuntos de trabalho.

- Tenho certeza. Não faço um monte de perguntas, quando não desejo ouvir as respostas.

- Está bem, então. Vou contar como foi o meu dia. Hoje, pedimos a todas as crianças que fingissem estar com setenta,

oitenta anos. Elas precisaram andar mais devagar, tiveram de lidar com a

doença, a solidão e com fato de não serem o centro das atenções. Chamamos isso de entrar na pele de outra pessoa", uma atividade freqüente na Truth. Meu dia foi ótimo, Alex. Obrigada por perguntar. Você foi muito gentil.

Ela tornou a perguntar a respeito do meu dia, e contei o mínimo possível. Não queria perturbá-la nem reviver aquelas horas. Falamos de jazz, música clássica e do último livro de Amy Tan. Ela parecia estar por dentro de todos os assuntos. Ficou surpresa, quando eu disse que lera Os Cem Sentidos Secretos, e mais surpresa ainda porque gostei.

Contou como fora crescer no Sudeste, e também me revelou um de seus grandes segredos.

- Na escola primária, os colegas me chamavam de Dumbo confidenciou. - Dumbo, o elefante voador. Por causa das minhas orelhas grandes. - Puxou os cabelos para trás. - Veja.

-. São muito bonitas afirmei.

Ela riu.

- Não me faça perder a confiança em você. Tenho orelhas grandes. E também um sorriso grande, que mostra as gengivas e dentes demais.

- Quer dizer, então, que algum garoto idiota apelidou você de Dumbo.

- Foi meu irmão Dwight que fez isso

comigo. Até hoje, ainda não pediu desculpas.

- Uma pena. Não há nada de errado com as suas orelhas, e o seu sorriso é deslumbrante.

Ela tornou a rir. Adorava ouvi-la rir. Amava tudo o que via nela. Eu não poderia estar mais feliz, naquele nosso primeiro encontro.

O tempo voou. Conversamos sobre escolas públicas, programas educacionais e a respeito de uma exposição de Gordon Parks no Corcoran. Mas também falamos muita bobagem. Quando olhei para o relógio, poderia jurar que eram nove e meia, no máximo, mas vi que

faltavam dez para a meia-noite.

- Amanhã é dia de trabalho - Christine lembrou. - Preciso ir, Alex. Minha carruagem vai se transformar em abóbora e tudo o mais.

Andamos até a Nineteenth Street, onde ela deixara o carro. As ruas estavam vazias, silenciosas, brilhando sob as lâmpadas dos postes.

Eu me sentia como se houvesse bebido demais, mas não bebera. Estava redescobrendo o que era sentir alegria e despreocupação.

- Gostaria de sair de novo com você, um dia desses. Pode ser amanhã? - perguntei, soi rindo, pois tudo ia indo muito bem.

De repente, senti que havia algo errado. Vi no rosto de Christine uma expressão de que não gostei, uma mistura de tristeza e preocupação.

Acho que não, Alex - ela respondeu, fitando-me nos olhos.

- Desculpe. Pensei que estivesse pronta, mas não estou. Você conhece o ditado: As cicatrizes crescem com as pessoas".

Prendi a respiração, como se houvesse levado um soco no peito. Não esperara por aquilo. Na verdade, não me lembrava de alguma vez ter me enganado tanto a respeito do progresso de um relacionamento.

- Obrigada por me levar ao melhor

restaurante a que já fui. Desculpe. Você não fez nada de errado, Alex.

Christine continuou fitando-me nos olhos. Parecia estar procurando alguma coisa inutilmente.

Entrou no carro sem dizer mais nada. De súbito, parecia extremamente eficiente, no total controle de si mesma. Ligou o motor e pôs o veículo em movimento. Fiquei parado na rua deserta,

olhando o carro afastar-se, até que o brilho vermelho das lanternas desapareceu.

As palavras de Christine ecoaram em minha mente: Você não fez nada de errado, Alex.

O menino perverso estava de volta a Wilmington, Delaware. Tinha trabalho a fazer naquele lugar. De certa forma, aquela seria a melhor parte.

Gary Soneji andava pelas ruas bem iluminadas, aparentemente sem uma única preocupação na vida. Com que se preocuparia? Era bastante competente na arte do disfarce e da maquilagem para enganar os emproados de Wilmington. Enganara os de Washington, não?

Parou e olhou para um enorme cartaz próximo à estação ferroviária. Letras vermelhas sobre fundo branco.

Wilmington, a cidade onde você se

tornará alguém.

Uma piada. Piada, também, era aquele mural de dez metros de altura na parede de um prédio, mostrando baleias e golfinhos inchados, parecendo que fora roubado de uma cidadezinha praiana do sul da Califórnia. Alguém deveria contratar os dirigentes da cidade de Wilmington para trabalhar no Saturday Night Live. Eram realmente ótimos.

Ele carregava uma bolsa de lona, mas isso não chamava a atenção de ninguém. As pessoas que via andando na rua davam a impressão de ter comprado as roupas que vestiam por intermédio de um

catálogo da Sears de 1961. Muitas calças de sarja, que não deixavam as cinturas mais esbeltas, xadrezes em tons pútridos, confortáveis sapatos marrons nos pés de todo mundo.

O sotaque que ele detectou várias vezes na fala das pessoas era feio, caipira, e combinava com as idéias feias e caipiras.

Em que lugar ele morara! Como conseguira sobreviver a todos aqueles anos estéreis? Por que se dera ao trabalho de voltar? Bem, para essa pergunta ele tinha resposta. Soneji sabia por que voltara.

Vingança.

Chegara o momento da represália.

Saiu da North Street e entrou em sua antiga avenida, a Central. Parou para olhar uma casa pintada de branco, no outro lado. Observou-a por um longo tempo. Era modesta, de dois andares, estilo colonial. Pertencera aos avós de Missy, e fora por isso que ela não se mudara.

Faça continência, Gary. Não há nenhum lugar como a nossa casa."

Ele abriu a bolsa de lona e retirou a arma, da qual tinha especial orgulho. Esperara muito tempo para usá-la.

Atravessou a rua, por fim. Marchou para a porta da casa, como se fosse o proprietário. Da mesma forma que fizera quatro anos antes, na última

vez em que estivera lá, no dia em que Alex Cross invadira sua vida, juntamente com o parceiro, John Sampson.

A porta estava destrancada, quanta gentileza! A esposa e a filha o esperavam, comendo pipocas e assistindo à série Friends na televisão.

- Oi, vocês se lembram de mim? - perguntou Soneji em tom baixo.

As duas começaram a gritar.

Sua própria esposa, a carinhosa Missy.

Sua filhinha querida, Roni.

Gritavam como se ele fosse um estranho, porque o conheciam bem demais e porque haviam visto a arma.

Se um dia, ainda na cama, você começasse a encarar todos os fatos, provavelmente nem se levantaria.

A sala de planejamento, na delegacia, estava em plena atividade, com telefones tocando, computadores passando informações, todo o sofisticado equipamento de vigilância em funcionamento. Mas eu não me deixava enganar pelo movimento ou pelo barulho. Ainda não havíamos chegado a nenhum resultado no que se referia ao tiroteio na estação.

Pediram-me que fizesse um resumo do que sabia sobre Soneji. Achavam que eu o conhecia melhor do que ninguém, embora sentisse que não o

conhecia o bastante, especialmente agora. Fizemos o que chamamos de "mesa redonda". Durante uma hora, falei de quando ele seqüestrara duas crianças, em Georgetown, alguns anos antes de sua captura, de nossos muitos interrogatórios na penitenciária de Lorton, de sua fuga. Assim que todos os homens da força-tarefa estavam prontos para se pôr em campo, voltei ao trabalho. Eu precisava descobrir quem era Soneji, quem realmente era, por que decidira reaparecer e por que retornara a Washington.

Não parei nem para almoçar e não vi o tempo passar, juntando a montanha

de dados que tínhamos sobre Soneji. Por volta de duas da tarde, fiquei dolorosamente consciente dos "percevejos espetados no quadro onde afixávamos informações "importantes".

Uma sala de planejamento não é uma sala de planejamento, se não tiver mapas com "percevejos" e um grande quadro de comunicados. No topo de nosso quadro aparecia o nome escolhido pelo investigador-chefe para aquele caso. Ele escolhera "Teia, porque Soneji já ganhara o nome de "Aranha" nos círculos policiais. Na verdade, fora eu quem lhe dera esse apelido, pensando nas

complicadas teias que ele era capaz de tecer.

Uma parte do quadro fora reservada para "informações de civis", relatos confiáveis de testemunhas sobre o que acontecera na Estação Union na manhã anterior. Outra parte ficara para "informações policiais, relatórios dos investigadores sobre o acontecimento.

As informações dos civis são consideradas de "leigos", e as dos policiais, de "pessoal treinado. No caso Teia, nenhum dos dois lados oferecia uma boa descrição da aparência de Soneji. Isso não era de surpreender, pois Soneji, no passado,

demonstrara possuir habilidade notável para o disfarce. Mas não deixava de ser um fato perturbador para todos nós.

A história pessoal de Soneji aparecia numa outra parte do quadro. Uma longa lista, impressa pelo computador, informava todas as jurisdições onde ele fora acusado de um crime, assim como vários casos de homicídio não solucionados, ocorridos nos anos em que ele vivera em Princeton, Nova Jersey.

Fotos polaroid, das provas que tínhamos conseguido até então, também estavam presas no quadro.

As legendas diziam: "Gary Soneji, habilidades conhecidas", "Gary Soneji, esconderijos", "Gary Soneji, características físicas", "Gary Soneji, armas preferidas".

Havia uma seção para "Cúmplices", mas essa estava vazia e provavelmente continuaria assim. Pelo que eu sabia, Soneji sempre trabalhara sozinho. Isso ainda podia ser considerado verdadeiro? Ou ele mudara, desde nossa última colisão?

Ao anoitecer, por volta das seis e meia, recebi um telefonema do laboratório do FBI em Quantico, Virgínia. Curtis Waddle era meu amigo e sabia como eu me sentia a

respeito de Soneji. Prometera que me passaria imediatamente qualquer informação que obtivesse.

- Está sentado, Alex? Ou andando para cá e para lá, carregando um antiquado telefone sem fio?

- Estou andando, Curtis. Mas carregando um antiquado telefone com fio. Preto. Até mesmo Alexander Graham Beil aprovaria.

O chefe do laboratório riu, e visualizei seu rosto largo e sardento, seus ruivos cabelos crespos amarrados num rabo-de-cavalo. Curtis adora falar, e aprendi que é necessário deixá-lo tagarelar, ou ele fica magoado e até mesmo um

pouco zangado.

- Você é ótimo. Escute, Alex, tenho uma novidade, mas acho que você não vai gostar. Eu não gostei. Nem tenho certeza se podemos confiar no que descobrimos.

- E o que descobriram, Curtis?

- Sabe o sangue que havia no cano e na coronha do rifle encontrado na Estação Union? Analisamos e identificamos. No entanto, como eu disse, não sei se podemos confiar, e Kyle concorda. Adivinhe! O sangue não é de Soneji.

Curtis estava certo. Não gostei nada de ouvir aquilo. Odeio surpresas numa investigação de assassinato.

- Que diabo isso significa? De quem é o sangue, Curtis? Vocês já sabem?

Ouvi-o suspirar.

- Alex, o sangue era seu. Era o seu sangue no rifle.

Segunda Parte

CAÇA AO MONSTRO

Era hora do rush na Estação Penn, em Nova York, quando Soneji chegou, no horário certo para o próximo ato.

Oh, cara, ele vivera aquele momento mil vezes em sua imaginação.

Legiões de pessoas exaustas estavam a caminho de casa, onde simplesmente caíam na cama, pois para casos tão graves não havia nenhum energizante. Dormiriam pelo que lhes pareceria um breve instante, então tornariam a se levantar e

voltariam para os trens. E tinham coragem de dizer que o louco era ele! Soneji sonhara com aquele momento por mais de vinte anos, e agora iria vivê-lo. Planejara chegar a Nova York entre cinco e cinco e meia, e ali estava.

"Gary chegou!

Ele se imaginara, visualizara-se, saindo dos túneis escuros da Estação Penn. Sabia que estaria completamente louco de fúria, quando chegasse lá em cima. Sabia disso antes de começar a ouvir a música de circo, uma das marchas idiotas que John Philip Sousa compusera para bandas marciais,

misturada à voz paternal do homem que anunciava os trens.

Passageiros para Bay Head Junction, queiram por favor dirigir-se ao portão A, plataforma oito.

Todos a bordo para Bay Head Junction. Todos a bordo, seus cretinos, ridículos robôs!"

Aproximou-se de um pobre carregador negro, de quepe vermelho, que exibia o ar desanimado de quem fora esquecido pela vida pelo menos trinta anos antes.

Ninguém consegue humilhar um homem perverso - disse.

- Sacou? Ouviu o que eu disse?

Vá se foder retrucou o carregador.

Soneji riu. Como se divertia à custa dos oprimidos rabugentos! Estavam por toda parte, como se formassem uma associação.

Encarou o negro mal-humorado. Decidiu puni-lo. Iria deixá-lo continuar vivendo.

Não, você não vai morrer agora. Seu nome permanecerá no Livro da Vida. Vá andando."

Estava furioso, como sabia que ficaria. Já começara a ver tudo vermelho. O sangue correndo por seu cérebro produzia um som latejante, ensurdecedor. Isso não era bom. Impedia o pensamento lúcido,

racional.

"E o sangue? Os tiras já descobriram?"

A estação ferroviária estava cheia até a tampa de nova-iorquinos que se empurravam, atropelando-se e resmungando,

de péssimo humor. Aqueles malditos viajantes diários eram incrivelmente agressivos e irritantes.

Não percebiam isso? Diabo, claro que sim. E o que faziam? Tornavam-se mais agressivos e detestáveis.

A raiva de nenhum deles, porém, tinha a intensidade da sua.

Nem de longe. O ódio dele era puro. Destilado. Ele era a raiva.

Fazia coisas que a maioria das

peessoas apenas fantasiava. A raiva deles era vaga, sem foco, irrompendo de suas cabeças de bolha.

Ele via a raiva claramente e agia sob o seu impulso.

Era bom se encontrar na Estação Penn, criando outra cena. Ele entrara no espírito da coisa. Estava percebendo tudo em imagens cheias de impacto, tangíveis, em três dimensões. A Dunkin" Donuts, a Knot Just Pretzels, a Shoetrician Shoe Shine. O onipresente rugido dos trens subia lá de baixo. Tudo como ele imaginara.

Gary Soneji sabia o que viria a seguir e como tudo terminaria. Tinha um

punhal escondido na meia. Uma peça de colecionador, cabo de madrepérola, lâmina de dois gumes. "Um bonito punhal para uma pessoa bonita", dissera o Limuoso vendedor, havia muito tempo. "Embrulhe", ele ordenara. Conservara a arma. Para ocasiões especiais. Como aquela, quando matara um agente do FBI chamado Roger Graham.

Passou pela banca de jornais. Os rostos nas capas das revistas, voltados para o mundo, voltados para ele, tentavam fazer valer sua propaganda. Os viajantes ainda passavam por ele, empurrando-o, dando-lhe cotoveladas. Nunca

paravam?

Uau! No meio da multidão, ele viu um dos personagens de seus sonhos de menino. Aquele era o cara. Sem nenhuma dúvida. Ele reconheceu o rosto, a postura do corpo, tudo. O cara de terno risca-de-giz, que lembrava seu pai.

Você vem pedindo isto há muito tempo! - Soneji engrolou, falando com o sr. Risca-de-Giz. - Você pediu!

Moveu o punhal para a frente, sentiu a lâmina enterrar-se na carne. Exatamente como imaginara.

O homem viu o punhal cravar-se perto de seu coração. Uma expressão de surpresa e medo passou-lhe pelo

rosto.

Então, ele caiu. Morto. Os olhos revirados para trás, a boca imóvel num grito silencioso.

Soneji sabia o que tinha de fazer a seguir. Girou nos calcanhares, virou para a esquerda e apunhalou outra vítima, um sujeito com cara de preguiçoso, que usava camiseta. Detalhes não tinham importância, mas alguns deles fixavam-se em sua mente. Furou um negro que vendia o Sfreet News. Três por três.

O que realmente importava era o sangue. Soneji observou o sangue precioso derramar-se no piso de concreto, sujo,

manchado, mosqueado. Borrifava as roupas das pessoas, clnpoçava-se sob os corpos. O sangue era uma pista, um teste de Rorschach para os sabujos da polícia e do FBI. O sangue estava lá, para Alex Cross tentar decifrar a charada.

Gary Soneji deixou cair o punhal. Houve incrível confusão, gritos por todos os lados, pânico na Est?ção Penn. Os mortos- vivos finalmente acordaram.

Ele olhou para as placas marrons: "Saída para a Thirtv-first Street", / "Guarda-volumes", "Informações", "Metrô da Eighth Avenue".

Conhecia o caminho de saída. Tudo

fora predeterminado. Ele já tomara aquela decisão mil vezes.

Voltou para os túneis. Ninguém tentou impedi-lo. Ele era novamente o menino perverso do bairro. Talvez sua madrasta estivesse certa, afinal. Como castigo, ele teria de viajar no metrô de Nova York.

"Brrrrr. Que medo!"

Às sete horas, naquela noite, eu passava pela Escola Sojourner Truth, a caminho de casa, quando vi o carro de Christine Johnson parado na rua. Nesse momento, experimentei o mais estranho dos fenômenos: senti-me fora do corpo, olhando para mim mesmo!

Não sabia que Christine ficava na escola até tão tarde. Parei meu carro e saí, disposto a esperá-la. Sentia-me incrivelmente vulnerável, um pouco tolo.

As sete e quinze, ela finalmente saiu da escola. Não pude mais respirar no momento em que a vi. Pura reação de adolescente, mas talvez isso fosse bom. Pelo menos, eu estava sentindo aquela perturbadora emoção outra vez.

Christine, arrumada e atraente, parecia estar chegando à escola, não saindo. Trajava um vestido estampado, amarelo e azul, que valorizava a cintura fina. Usava

sapatos azuis, fechados na frente e abertos atrás, e carregava uma bolsa da mesma cor. A canção-tema de um filme flutuou em minha mente, falando de espera. Tudo bem. Eu estava esperando.

Christine me viu e no mesmo instante mostrou-se perturbada.

Continuou andando, como se estivesse com pressa de chegar a algum lugar. Qualquer lugar longe dali.

Cruzou os braços. Mau sinal. O pior deles, na linguagem corporal. Medo, desejo de proteger-se. Uma coisa era bem clara:

Christine Johnson não queria falar

comigo.

Eu sabia que não devia ter parado, mas não pudera evitar. Precisava compreender o que acontecera, quando saímos do Kinkead"s. Só isso, nada mais. Queria uma explicação simples, honesta, mesmo que contundente.

Respirei fundo e caminhei até ela.

- Oi - cumprimentei. O que acha de uma caminhada? A noite está linda.

Quase não conseguia falar, e nunca fico sem palavras.

- Fazendo uma pausa no seu dia de trabalho de vinte horas?

- perguntou Christine, ensaiando um sorriso.

Sorri, mas estava tão tenso que me senti nauseado.

- Terminei, por hoje.

- Ah... Claro, podemos andar um pouco. Você tem razão, a noite está linda.

Viramos na F Street e entramos no Parque Garfield, que fica muito bonito no início do verão. Caminhávamos em silêncio. Por fim, paramos junto a um campo de beisebol onde acontecia um jogo animado.

A rodovia Eisenhower não ficava longe, e o zumbido do trânsito na hora do rush era constante, quase embalador. Os arbustos estavam

floridos, magnólias e madressilvas. Mães e pais jogavam com seus filhos, todos parecendo muito alegres.

Aquele era meu parque havia mais ou menos trinta anos, e eu o achava quase idílico nas horas claras do dia. Maria e eu íamos lá todos os dias, quando Damon era pequeno, e ela estava grávida de Jannie. Muitas daquelas lembranças começavam a desvanecer-se, o que devia ser bom, embora triste.

-- Desculpe, Alex - Christine murmurou por fim. Estivera fitando o chão, mas, então, ergueu os olhos lindos, fixando-os nos meus. - Desculpe por ontem à

noite. Acho que entrei em pânico. Para ser sincera, nem sei direito o que aconteceu.

- Sinceridade, é disso que precisamos - eu disse.

Percebia que era uma situação difícil para Christine, mas precisava saber como ela se sentia.

- Está certo, Alex. Vou tentar explicar. Via-a apertar as mãos e começar a bater um dos pés rapidamente. Sinais ruins.

Talvez a culpa seja minha - eu disse. - Não desisti de convidá-la para jantar, até que você...

Christine cobriu minha mão com as suas.

- Por favor, deixe-me terminar - pediu com um leve sorriso.

- Deixe-me tentar pôr tudo para fora, de uma vez por todas. Eu tinha a intenção de telefonar para você. Esta noite. Eu ia telefonar. Nós dois estamos nervosos, agora. Meu Deus, como estou nervosa! - exclamou baixinho. - Sei que feri os seus sentimentos e me sinto mal por ter agido assim. Eu não queria fazer isso. Você não merece ser magoado.

Fez uma pausa. Estava um pouco trêmula.

- Alex, meu marido foi vítima do tipo de violência com que você tem de lidar todos os dias - prosseguiu com

voz incerta.

- Você consegue viver naquele mundo, mas eu não conseguiria. Não suportaria perder outra pessoa de quem gostasse.

Está me entendendo? Me sinto um pouco confusa.

Para mim, tudo começava a ficar mais claro. O marido de Christine fora assassinado em dezembro. Ela dissera que enfrentara sérios problemas no casamento, mas que amava George. Ela o vira ser baleado na casa deles. Vira-o morrer.

Na ocasião, eu abraçara Christine, tentando confortá-la. Participara da investigação.

Queria abraçá-la novamente, mas sabia que seria um erro. Ela voltara a cruzar os braços apertando-os com força contra o corpo, e eu compreendia seus sentimentos.

Por favor, Christine, me escute. Não vou morrer tão cedo. Talvez chegue perto dos noventa. Sou muito teimoso e tenho gênio ruim demais para morrer jovem. Ficaríamos juntos mais anos do que os que já vivemos. Calcule aí uns quarenta e tantos. É tempo demais para ficarmos nos evitando.

Christine abanou a cabeça, ainda fitando-me nos olhos. Então, um pequeno sorriso apareceu em seu

rosto.

Gosto do jeito como essa sua mente maluca funciona. Num momento, você é o investigador Cross; no seguinte, uma criança franca e muito meiga. - Ela cobriu o rosto com as mãos. - Oh, Deus, nem sei o que estou dizendo!

Tudo dentro de mim me mandava abraçá-la. Todos os instintos, todas as emoções. Lentamente, com muito cuidado,

puxei-a para os meus braços. Ela se encaixava direitinho no meu corpo. Eu me senti derreter por dentro e gostei da sensação. Gostei até de perceber que minhas pernas estavam

fracas e trêmulas.

Então, nos beijamos pela primeira vez. A boca de Christine era macia e doce. Ela apertou os lábios contra os meus. Não recuou, como eu temera. Acariciei-lhe uma das faces, depois a outra. A pele era lisa e morna. Senti um formigamento na ponta dos dedos.

Foi como se eu houvesse ficado sem ar durante muito tempo e de repente pudesse respirar de novo. Eu podia respirar!

Senti-me vivo.

Christine fechara os olhos, mas os abriu e me encarou.

- Exatamente como imaginei umas

quatrocentas e cinqüenta vezes - murmurou.

Então, a pior coisa que poderia acontecer, aconteceu. Meu bip começou a apitar.

Às seis horas, em Nova York, sirenes de viaturas policiais e ambulâncias uivavam no trânsito congestionado, nas imediações da estação ferroviária Penn. Aquela hora, o congestionamento era terrível, estendendo-se num raio de cinco quarteirões.

O investigador Manning Goldman estacionou seu Ford Taurus azul-escuro na frente do correio, na Eighth Avenue, e correu para a cena do

múltiplo assassinato.

Os transeuntes pararam de andar para observá-lo, certamente perguntando-se o que estava acontecendo e se aquele homem que corria tanto tinha algo a ver com o fato.

Goldman tinha cabelos compridos e ondulados, já embranquecendo, e uma barbicha grisalha. Um brinco de ouro em forma de bolinha brilhava em uma de suas orelhas. Ele parecia mais um músico de jazz ou rock do que um investigador de homicídios.

O parceiro de Goldman era um novato de nome Carmine Groza, que, com seus músculos desenvolvidos e

cabelos pretos ondulados, lembrava um jovem Sylvester Stallone. Ele detestava quando alguma pessoa fazia essa comparação. Goldman raramente conversava com ele. Em sua opinião, Groza nunca dissera nada que valesse a pena ouvir.

Apesar disso, Groza seguia de perto seu parceiro de cinqüenta e oito anos de idade, que era, no momento, o mais velho investigador de homicídios de Manhattan a trabalhar nas ruas, provavelmente o mais inteligente e, sem dúvida, o sujeito mais mesquinho, mais implicante que Groza já conheceria.

No que dizia respeito à política,

diziam que Goldman era partidário de Pat Buchanan e Rush Limbaugh, mas,

como a maioria dos boatos, que ele chamava de caricaturas de assassinatos, aquele não tinha fundamento. Em certos assuntos, como direitos dos criminosos e pena de morte, ele era decididamente um conservador radical. Sabia que qualquer pessoa,

mesmo que tivesse apenas metade do cérebro, chegaria às mesmas conclusões que ele, depois de trabalhar apenas duas horas no Departamento de Homicídios. No entanto, quando se tratava de direitos

das mulheres, casamentos de homossexuais, ou mesmo de Howard Stern, Goldman era tão liberal quanto seu filho de trinta anos, um advogado da União Americana dos Direitos Civis. Claro que, nesses assuntos, ele guardava suas opiniões para si mesmo. O que menos desejava era arruinar sua reputação de filho da puta insuportável. Se isso acontecesse, teria de começar a conversar com novatos idiotas como Groza.

Ainda mantinha a boa forma. Estava melhor do que Groza, cuja dieta consistia em fast food, refrigerantes e chás cheios de açúcar. Correu contra

a maré de pessoas que saíam da Estação Penn. Os assassinatos, pelo menos aqueles dos quais ele tomara conhecimento, haviam ocorrido na área de espera ou ao redor.

O assassino escolhera a hora do rush por alguma razão, Goldman pensou, quando avistou a área de espera. Ou isso,

ou ficara maluco justamente num momento em que a estação estava lotada de possíveis vítimas.

O que trouxe o psicopata à Penn, na hora de maior movimento?, perguntou-se.

Já formara uma teoria assustadora, mas ainda não a dividira com

ninguém.

- Manning, você acha que ele ainda está aqui, em algum lugar? - Groza indagou.

Goldman detestava aquele hábito que o parceiro tinha de chamar as pessoas pelo primeiro nome, como se fossem todos escoteiros reunidos num acampamento. Ignorou a pergunta. Não, ele não acreditava que o assassino ainda se encontrasse na estação. Devia estar andando por Nova York, livre. Essa idéia deixava-o furioso. E doente do estômago, o que não era muito difícil de acontecer, desde dois anos antes.

Dois vendedores ambulantes

bloqueavam o caminho para a cena do crime com seus carrinhos. O carrinho de um anunciava Couros de Montego , e o do outro chamava-se Da Rússia com Amor.

Goldman quase mandou os vendedores voltar para a Jamaica e a Rússia, respectivamente.

Polícia! Abram passagem! Tirem seus carros da frente! - comandou aos berros.

Abriu caminho na multidão de curiosos, policiais e ferroviários reunidos ao redor do cadáver de um negro de cabelos trançados e roupas rasgadas. Havia cópias ensangüentadas do Street News

espalhadas em volta do corpo, o que permitiu a Goldman saber qual era a ocupação do homem e o motivo de ele estar na estação.

Quando chegou mais perto, notou que a vítima devia ter em torno de vinte e oito, vinte e nove anos. A quantidade de sangue era exagerada. O cadáver estava no meio de uma poça vermelha.

Goldman dirigiu-se a um homem de uniforme azul-marinho, com o distintivo azul e vermelho da Amtrak na lapela.

Investigador Goldman, do Departamento de Homicídios - apresentou-se e apontou para as

placas acima deles. Plataformas dez e onze. Que trem chegou a uma delas, imediatamente antes dos assassinatos?

O administrador da Amtrak consultou um livreto grosso que tirou do bolso de cima do paletó.

O último trem para a plataforma dez., foi o Metroliner que saiu de Washington, passando por Filadélfia, Wilmington e Baltimore.

Goldman concordou com um gesto de cabeça. Fora exatamente aquilo que temera, quando soubera que um assassino fizera várias vítimas na Estação Union, em Washington, e conseguira fugir. Isso significava que

o homem estava lúcido,
que traçara um plano de ação.

Nada mais lógico para Goldman do
que suspeitar que o assassino da
Estação Union era o mesmo que
atacara na Penn.

E aquele maníaco desgraçado estava
em Nova York.

Teve alguma idéia, Manning?

Groza estava latindo de novo.

- Tive - respondeu Goldman, sem
olhar para ele. - Estava pensando
que, se já inventaram tapa-ouvidos e
tapa-olhos,

por que não inventam um tapa-boca?

Então saiu à procura de um telefone
público. Tinha de ligar para

Washington. Acreditava que Gary Soneji se encontrava em Nova York. Talvez o demente houvesse decidido fazer uma excursão por vinte, trinta cidades, matando pessoas em todas elas.

Tudo era possível.

Respondi à chamada do bip, e recebi notícias perturbadoras do Departamento de Polícia de Nova York. Outro ataque, em outra estação ferroviária. Com isso, precisei trabalhar até bem depois da meia-noite.

Era provável que Gary Soneji estivesse em Nova York. A menos que houvesse ido para outra cidade

que escolhera para palco de seus assassinatos. Boston? Chicago? Filadélfia?

Quando cheguei em casa, as luzes estavam apagadas, todos dormiam. Acabei com a torta de limão que encontrei na geladeira. Nana prendera um artigo sobre Oseola McCarty na porta da geladeira. Oseola lavara roupas para fora durante mais de cinquenta anos, em Hattiesburg, Mississípi. Poupara cento e cinquenta mil dólares, que doara à Universidade Sulista do Mississípi. O presidente Clinton convidara-a para ir a Washington, e ela fora condecorada com uma medalha de honra ao

mérito.

A torta estava deliciosa, mas eu precisava de outra coisa, de outra espécie de alimento, então fui ver minha sacerdotisa.

Está acordada, velhinha? - perguntei num cochicho, entrando no quarto de Nana.

Ela sempre deixa a porta entreaberta, para o caso de as crianças precisarem de sua ajuda durante a noite. Aberta vinte e quatro horas por dia, como uma loja de conveniências, é o que ela diz.

Já era assim nos meus tempos de criança.

- Isso depende das suas intenções -

ela respondeu. - Oh, é você, Alex? -
Riu e teve um breve acesso de tosse.

- Quem mais poderia entrar no seu quarto, no meio da noite?

Um intruso qualquer, um assaltante. Moramos num bairro perigoso, esqueceu? Ou um dos meus admiradores.

É assim que nos comportamos um com o outro. Sempre foi, sempre será.

- Há algum admirador especial do qual gostaria de me falar? Nana tornou a rir.

Não, mas acho que você arrumou uma namorada e quer me falar dela. Vou vestir algo decente. Enquanto isso, ferva água para o meu chá. Há

torta de limão na geladeira, ou, pelo menos, havia. Você não acredita que eu tenha admiradores, Alex?

Vou fazer o chá - eu disse. - A torta de limão já foi para o céu das tortas.

Alguns minutos depois, Nana apareceu na cozinha. Usava um bonito vestido caseiro, com listras azuis e brancas e botões brancos na frente. Parecia pronta para começar o dia, e passavam apenas trinta minutos da meia-noite.

- Tenho só quatro palavras para lhe dizer, Alex: case-se com ela.

Revirei os olhos, bufando.

Não é tão simples assim, minha velha. Ela se serviu de chá.

- É, sim. É muito simples, meu nelinho. Ultimamente, seu andar ficou mais elástico, e seus olhos ganharam um brilho diferente. Você está perdido há muito tempo, moço. Só que foi o último a saber. Vou lhe fazer uma pergunta importante e quero uma resposta.

Suspirei.

- Ainda está tonta, sob o efeito dos sonhos? O que deseja saber?

Se eu cobrasse, digamos, noventa dólares por consulta, você se sentiria mais disposto a seguir os meus fantásticos conselhos?

Nós dois rimos de sua tirada.

Christine não quer saber de mim

informei.

Oh, não! - Nana murmurou.

Oh, não, mesmo - resmunguei. Ela não quer se envolver com um investigador de homicídios.

Nana sorriu.

Quanto mais escuto falar de Christine Johnson, mais gosto dela. Garota esperta. Cabeça boa.

Vai me deixar falar, ou não?

Ela franziu a testa, lançando-me seu melhor olhar severo.

- Você sempre consegue falar, apenas não no exato momento em que quer dizer alguma coisa. Você ama essa mulher?

Desde a primeira vez em que a vi.

Senti algo fora do comum. Sei que vai me achar maluco, o coração não obedece à cabeça.

Nana bebericou o chá fumegante.

- Com toda a sua inteligência, Alex, às vezes você parece entender as coisas ao contrário. Não está maluco. Na verdade,

nunca esteve tão bem, desde que Maria morreu. Quer dar uma olhada nas provas que temos? Você está sendo bonzinho comigo ultimamente, voltou a andar com leveza, em vez de se arrastar, seus olhos ficaram brilhantes e sorridentes. Seu coração começou a funcionar outra vez.

- Christine tem medo que eu morra em serviço. O marido dela foi assassinado, lembra?

Nana levantou-se da cadeira. Rodeou a mesa e se aproximou de mim, parando a meu lado. Achei-a ainda menor, mais frágil, e me preocupei. Não conseguia imaginar a vida sem minha avó.

Eu te amo, Alex. Sempre amarei, não importa o que você faça. Case-se com Christine. Ou, simplesmente, traga-a para morar com você. - Nana deu uma risadinha. - Não acredito que eu disse isso!

Deu-me um beijo no rosto e saiu da cozinha.

- Eu também tenho namorados! - gritou da sala.
- Case-se com um deles - gritei de volta.
- Não estou apaixonada, comedor de tortas de limão. Mas você está.

Na manhã seguinte bem cedo, às seis e trinta e cinco, para ser mais exato, Sampson e eu tomamos o Metroliner para a Estação Penn de Nova York. Era quase mais rápido do que ir ao aeroporto, achar lugar para estacionar e discutir com os funcionários das empresas aéreas para conseguir passagens. Além disso,

eu queria pensar sobre trens.

O Departamento de Polícia de Nova York aventara a hipótese de Gary Soneji ser o assassino da Estação Penn. Eu precisava saber mais a respeito do que ocorrera em Nova York, mas aquele tipo de ação exibicionista atraía Soneji no passado.

A viagem de trem foi tranqüila e confortável, e tive tempo para refletir sobre Soneji. O que não conseguia entender era por que ele cometeria assassinatos que pareciam atos de desespero. Atos suicidas, em minha opinião.

Interrogara Soneji muitas vezes,

depois de prendê-lo, alguns anos antes, fechando o caso Dunne-Goldberg. Na época, não o julguei capaz de suicidar-se. Era egocêntrico demais, até megalomaniaco.

Talvez ele estivesse imitando alguém. Mas, fosse o que fosse que estivesse fazendo, seu modo de agir tornara-se diferente. O que mudara? Era de fato Soneji que estava cometendo aqueles assassinatos? Se era, por quê? Pelo prazer da façanha? Estaria preparando uma armadilha? Como conseguira sujar com o meu sangue o rifle que usara na Estação Union?

Mas que tipo de armadilha? Com que finalidade? Soneji planejava seus

crimes obsessivamente. Para ele, tudo tinha de ter um propósito.

Qual o propósito de matar estranhos na Union e na Penn?

Por que ele escolhera estações ferroviárias?

Opa! Sua cabeça está soltando fumaça, Doçura. Já percebeu?

Sampson ficou olhando para mim, então dirigiu-se aos simpáticos passageiros que nos cercavam. - Estão vendo?

Fiapos de fumaça branca aqui, ali.

Inclinou-se e começou a bater em minha cabeça com o jornal dobrado, como se estivesse apagando fogo. Em geral,

Sampson faz suas piadas com ar inexpressivo, fingidamente frio, sem palhaçadas. Aquela mudança de atitude foi muito engraçada, e nós dois desatamos a rir. Até as pessoas a nossa volta sorriram, erguendo os olhos de seus jornais, copos de café e computadores laptop.

Ufa! Apaguei o fogo! - Sampson exclamou, ainda rindo.

- Homem, sua cabeça está quente como o Hades. Você deve estar tendo idéias muito boas. Estou certo?

- Não. Eu estava pensando em Christine - respondi.

Seu mentiroso! Devia estar pensando em Christine, mas não estava. Se

estivesse, pegaria fogo em outro lugar. Como vão as coisas entre vocês, se me permite a ousadia?

- Ela é ótima, John. Fabulosa. Inteligente e divertida.

Sexy e quase tão linda quanto Whitney Houston - Sampson completou. Mas nada disso responde a minha pergunta.

Como vão as coisas entre vocês? Está tentando esconder o romance? Minha pequena espiã, Jannie, me disse que você

saiu com Christine. Saiu com ela e não me contou!

Fomos jantar no Kinkead"s e nos divertimos muito. Comida boa,

companhia excelente. Mas surgiu um problema. Ela não quer se envolver comigo porque sou policial e alguém pode me matar qualquer dia desses. Christine ainda chora pelo marido.

Sampson moveu a cabeça concordando, e baixou os óculos de sol para me examinar à luz do dia.

- Interessante. Ainda chora, hein? Isso prova que é uma mulher decente. Já que você abordou o assunto proibido, vou lhe dizer uma coisa, campeão. Se você for apagado em ação, sua família chorará por tanto tempo que será uma indecência. Quanto a mim, ostentaria meu sofrimento até terminarem as cerimônias do funeral.

Só. Achei que você devia saber. E, então, os amantes deserdados da sorte vão se encontrar de novo?

Sampson gostava de conversar como se fôssemos duas amigas, personagens de uma novela de Terry McMillan. E nos comportávamos assim, às vezes, coisa incomum entre homens, principalmente caras durões como nós. Ele estava a fim disso naquele momento.

- Acho que vocês dois formam um casal muito bonitinho. Todo mundo acha. Nana, as crianças, suas tias. A cidade inteira está comentando.

- Está, é?

Levantei-me e fui sentar no outro lado do corredor, onde os dois assentos estavam desocupados. Espalhei minhas anotações a respeito de Gary Soneji e recomecei a lê-las.

- Pensei que nunca fosse perceber que era isso o que eu queria - Sampson observou, esticando-se pelos dois bancos.

Não havia ninguém com que eu gostasse mais de trabalhar, pensei. Christine estava errada, achando que eu podia ser ferido, ou morto. Sampson e eu viveríamos para sempre. Nem precisaríamos tomar melatonina.

Vamos pegar Gary Soneji pelo rabo. Christine vai se apaixonar perdidamente por você, como você já está apaixonado por ela. Tudo vai ser muito lindo, Doçura. Como tem de ser.

Não sei por que, não consegui acreditar naquilo, por mais que me esforçasse.

- Sei que já está com pensamentos negativos - Sampson disse, sem olhar para mim. - Mas tudo terá um final feliz, você vai ver.

Sampson e eu desembarcamos em Nova York por volta de nove da manhã. Lembrei-me de uma música

de Stevie Wonder, sobre alguém que descia de um ônibus, chegando a Nova York pela primeira vez. A mistura de esperança e medo, que a maioria das pessoas experimenta em relação à cidade, parece uma reação universal.

Quando deixávamos a plataforma subterrânea, subindo a escada íngreme, tive uma intuição sobre o caso, que, se fosse correta, apontaria Soneji como responsável pelos massacres nas duas estações.

Acho que entendi uma coisa sobre Soneji - disse a Sampson, quando nos aproximávamos da luz clara que brilhava no topo da escada. Ele me

olhou, mas continuou a subir os degraus.

- Nem vou tentar adivinhar, Alex, porque minha mente nunca acompanha a sua - declarou, então resmungou: - Graças ao meu Senhor e Salvador Jesus! Você é muito confuso, irmão.

- Está tentando me fazer rir? - perguntei.

Ouvi música, que vinha da plataforma principal, e pareceu-me um trecho de As Quatro Estações, de Vivaldi.

- Não. Estou tentando não deixar que esse acesso de loucura de Gary Soneji perturbe meu equilíbrio ou me faça

cair em depressão. Diga-me o que acha que entendeu.

- Quando Soneji estava preso em Lorton, e eu ia interrogá-lo, ele sempre contava que a sua madrasta costumava prendê-lo no porão da casa onde moravam. Essa lembrança era uma obsessão.

- Conhecendo Gary como conhecemos, não podemos culpar a coitada.

- Ela o deixava preso durante horas, às vezes o dia todo, se o pai dele não estivesse em casa. Apagava as luzes, mas Gary aprendeu a esconder velas no porão. Acendia-as e lia histórias sobre seqüestros, estupros,

assassinatos coletivos e por aí afora.

E daí, doutor Freud? Acha que os criminosos que cometiam essas coisas se tornaram modelos para ele?

- Mais ou menos isso. Gary me contou que, quando estava no porão, imaginava-se cometendo homicídios e outras atrocidades, decidindo que começaria assim que a madrasta o deixasse sair do porão. Criou uma idéia fixa. Ao sair do porão, não só recuperava a sua liberdade, como ganhava poder. Ficava sentado lá, imaginando o que faria quando saísse. Você vê por aqui algum lugar parecido com um porão? Ou viu na Estação Union?

Sampson mostrou os dentes, que são grandes e brancos, naquele sorriso que dá às pessoas a impressão de que ele gosta muito delas, mesmo que, talvez, não goste tanto.

-- Os túneis representam para Gary o porão da sua infância, certo? Quando ele sai dos túneis, vinga-se do mundo, fazendo o diabo.

Acho que em parte é isso concordei. - Apesar de com Gary as coisas nunca são simples. Mas já é um começo.

Havíamos chegado ao pavimento principal da estação. Soneji devia ter feito aquele mesmo caminho, na noite anterior.

Mais e mais, eu achava que a polícia

de Nova York estava certa. Soneji bem podia ser o assassino que agira na Estação Penn.

Vi muitos viajantes parados sob o quadro luminoso que anunciava o horário das partidas dos trens. Quase podia ver Garv Soneji no mesmo lugar em que eu me encontrava, observando tudo, livre do porão para ser novamente o Menino Perverso! Ainda querendo cometer crimes que ficassem famosos. E conseguindo.

Doutor Cross, suponho.

Ouvi alguém pronunciar meu nome, quando, ao lado de Sampson, entrei na área de espera da estação. Olhei em volta.

Um homem barbado, com um brinco de ouro, sorria de sua pequena travessura. Estendeu-me a mão.

- Sou o investigador Manning Goldman. Foi bom ter vindo, doutor. Gary Soneji esteve aqui ontem à noite afirmou com total convicção.

Sampson e eu trocamos apertos de mãos com Goldman e seu parceiro, um investigador mais jovem, que parecia acatar todas as suas opiniões. Manning Goldman usava uma camisa azul-clara com os três botões de cima soltos. Por baixo, vestia uma camiseta canelada, que deixava ver parte dos pêlos ruivos e grisalhos do peito. O parceiro dele

estava vestido de preto, dos pés à cabeça. De todas as duplas excêntricas conhecidas, ainda prefiro Oscar e Félix.

Goldman começou a relatar o que sabia sobre os assassinatos na Estação Penn. O investigador novaiorquino era cheio de energia, falava de modo extremamente rápido. Gesticulava bastante e parecia muito seguro de suas opiniões e capacidade. O fato de nos ter chamado para ajudá-lo no caso era prova disso. Ele não se sentia ameaçado por nós.

- Sabemos que o assassino subiu da plataforma dez até aqui, exatamente

como vocês fizeram. Falamos com três testemunhas que viram um homem que podia ser ele, no Metroliner que veio de Washington - contou, enquanto o parceiro moreno se mantinha calado. No entanto, não temos uma boa descrição dele, porque cada testemunha o descreveu de modo diferente, o que, para mim, não faz o menor sentido. Vocês têm alguma explicação para isso?

- Se for Soneji, dá para explicar - respondi. - Ele é perito em maquilagem e disfarce. Adora enganar pessoas, especialmente a polícia. Sabem em que estação ele embarcou?

Goldman consultou um caderno encapado com couro preto.

- Aquele trem sai de Washington e faz paradas em Baltimore, Filadélfia, Wilmington, Princeton Junction e Nova York.

Suponho que o assassino embarcou em Washington.

Olhei para Sampson, então para os dois investigadores nova-iorquinos.

- Soneji morava em Wilmington, com a esposa e a filhinha. Cresceu na área de Princeton.

- Não tínhamos essa informação - disse Goldman.

Não pude deixar de notar que ele se dirigia apenas a mim, como se

Sampson e Groza não estivessem presentes. Era um comportamento estranho e constrangedor.

- Vá buscar um horário do Metroliner que ontem chegou aqui às cinco e dez da tarde. Quero checar as paradas -

Goldman rosnou para Groza, que se afastou depressa para cumprir a ordem.

- Ouvimos dizer que ele esfaqueou três pessoas, e que as três morreram. É verdade? - comentou Sampson, falando pela primeira vez.

Eu sabia que ele estivera avaliando Goldman e que provavelmente chegara à conclusão de que o investigador não passava de um

idiota arrogante de primeira classe.

- Isso saiu na primeira página de todos os jornais - Goldman respondeu, falando em tom áspero pelo canto da boca.

- Perguntei aquilo porque... - Sampson começou a explicar, ainda mantendo a calma.

Goldman interrompeu-o com um gesto autoritário.

Vou lhe mostrar onde ocorreram os crimes disse, dirigindo-se a mim. - Talvez você se lembre de algo mais que saiba sobre Soneji.

- O investigador Sampson lhe fez uma pergunta observei.

- Eu sei, mas foi uma pergunta inútil.

Não tenho tempo para conversa mole. Soneji está à solta, na minha cidade.

- Tem experiência com assassinatos cometidos com facas? - perguntou Sampson, dando um passo na direção do homem, obviamente começando a perder a paciência.

- Tenho. Cobrimos muitos deles - respondeu Goldman. - E sei o que você está pensando. Seria muito difícil para Soneji apunhalar três pessoas e conseguir matar as três. Bem, a arma que ele usou tinha lâmina ondulada, extremamente afiada, de dois gumes. Ele cortou as vítimas como faria um cirurgião do

Centro Médico da Universidade de Nova York.

Ah, sim, e passou cianeto de potássio na lâmina, um veneno que mata uma pessoa em menos de um minuto. Eu ia chegar lá.

Sampson recuou. A informação de que havia veneno no punhal era nova para nós. Sabíamos que precisávamos ouvir o que Goldman tinha a dizer. Não podíamos ficar ofendidos, levando as coisas para o lado pessoal. Ainda não, pelo menos.

- Soneji usou facas, antes? - Goldman perguntou-me. - Ou veneno?

Compreendi que ele queria me usar, mas isso não era problema. O toma-

lá-dá-cá é uma prática comum na solução de casos que envolvem mais de uma jurisdição.

- Facas? Usou uma, para matar um agente do FBI. Veneno? Não sei - respondi. - Mas não me surpreenderia, se tivesse usado. Costumava atirar com um rifle quando era menino e sabe manejar vários tipos de armas de fogo. Soneji gosta de matar, investigador Goldman. E aprende rápido. Deve ter aprendido a usar veneno também.

Aprendeu, pode crer. Entrou e saiu daqui em mais ou menos dois minutos. E deixou três mortos, simplesmente.

- Havia muito sangue nos locais dos crimes? - perguntei.

Era uma pergunta que permanecera em minha mente durante toda a viagem de Washington para Nova York.

- Sangue demais. As estocadas foram profundas, e ele cortou a garganta de duas das vítimas. Por quê?

- A quantidade de sangue pode ser importante como pista. O massacre com o rifle deixou uma sujeira dos diabos, na Estação Union, e tenho

certeza de que Soneji fez de propósito, atingindo pontos que sangram muito. E também deixou traços do meu sangue na arma - revelei.

Já deve até saber que vim para Nova York, pensei. E não sei direito quem está perseguindo quem."

Durante uma hora, Goldman, com o parceiro praticamente pisando em seus calcanhares, guiou-nos pela Estação Penn, mostrando-nos os locais dos três assassinatos. Os desenhos que definiam os contornos dos corpos não haviam sido apagados, e os espaços delimitados por cordas pioravam o

costumeiro congestionamento.

Quando acabamos de examinar os locais e todo o resto da estação, os investigadores nova-iorquinos levaram-nos para a rua, onde supostamente Soneji pegara um taxi.

Observei o modo de Goldman trabalhar e concluí que ele era realmente bom. Achei interessante seu modo de andar de um lado para outro, o nariz empinado, uma postura que o fazia parecer altivo, apesar da maneira estranha como estava vestido.

Achei que ele usaria o metrô para fugir opinei, enquanto estávamos parados na barulhenta Eighth

Avenue. Acima de nós, um cartaz anunciava a apresentação do Kiss no Madison Square Garden. Uma pena eu ter de perder o show.

Goldman sorriu amplamente.

- As testemunhas estão divididas, no que diz respeito ao rumo que ele tomou. Estava curioso para ouvir a sua opinião, doutor Cross, mas também acho que ele usou o metrô.

Trens têm um significado especial para ele. Penso que fazem parte do seu ritual. Ele queria ter um conjunto de trens de brinquedo, quando era criança, mas nunca o ganhou.

- Ah, quando era! demonstra, jdiám -

Goldman recitou com um sorriso malicioso. - Então, agora, ele mata pessoas em estações ferroviárias. Faz sentido. É de admirar que o filho da puta não tenha explodido um trem inteiro.

Até Sampson riu da tirada.

Quando demos por terminada a investigação nas ruas adjacentes à estação, fomos para a One Police Plaza. Por volta de quatro horas, eu sabia a que conclusões o Departamento de Polícia de Nova York chegara, pelo menos todas as que Manning Goldman quis me revelar.

Tinha quase certeza de que Gary

Soneji era o assassino da Estação Penn. Entrei em contato com Boston, Filadélfia e Baltimore e sugeri, com muito tato, que dessem especial atenção às estações ferroviárias. Dei o mesmo conselho a Kyle Craig e ao FBI.

- Vamos voltar para Washington - disse a Goldman e Groza, quando acabei de dar os telefonemas. - Agradecemos por terem nos chamado. Ajudaram muito.

- Telefonarei, se houver alguma novidade. Façam o mesmo, certo? - Goldman estendeu a mão, que eu apertei. - Ainda vamos ouvir falar de Gary Soneji, tenho certeza.

Concordei com um gesto de cabeça. Tinha certeza também.

Em sua imaginação, Gary Soneji deitou-se ao lado de Charles Joseph Whitman, no alto da torre da Universidade do Texas. Estavam em 1966.

Tudo gravado em sua incrível mente! Ele estivera lá em cima com Charlie Whitman, muitas e muitas vezes, antes. Desde 1966, quando o franco-atirador assassino tornara-se um dos ídolos de sua infância. No correr dos anos, outros assassinos excitaram sua imaginação, mas nenhum como Charlie Whitman. Charlie era um americano legítimo, e não havia

muitos mais como ele.

Vejamos quem vem a seguir.

Soneji desfiou os nomes de seus favoritos: James Herberly, que, sem nenhum aviso, abriu fogo no McDonald"s, em San Isidro, Califórnia. Matara vinte e uma pessoas. Matara as vinte e uma em menos tempo do que elas levariam para comer seus hambúrgueres gordurosos. Soneji até o imitara, alguns anos antes. Fora então que vira Alex Cross pela primeira vez.

Outro de seus matadores favoritos era o carteiro Patrick Sherill, que estourara catorze colegas em Edmond,

Oklahoma, o que provavelmente dera início à paranóia das pessoas de julgar loucos todos os carteiros.

Mais recentemente, ele admirara o trabalho de Martin Bryant, na colônia penal de Port Arthur, Tasmânia.

Depois, aparecera Thomas Watt Hamilton, que invadira o espaço mental de todos os habitantes do planeta, quando fizera uma farrá de tiros numa escola primária em Dunblane, Escócia.

Gary Soneji desejava desesperadamente invadir o espaço mental dos habitantes do globo, tornar-se um ícone assustador na internet mundial. Iria conseguir. Já

planejara tudo.

Charlie Whitman, porém, ainda era seu favorito. O louco no alto da torre. O Menino Perverso do Texas. Quantas vezes ele ficara no alto da mesma torre, deitado ao lado de Charlie, sob o sol abrasador de verão? Tudo em sua imaginação incrivelmente fértil.

Charlie Whitman cursava o quinto ano de arquitetura na Universidade do Texas, quando ficara com os parafusos frouxos. Levara um verdadeiro arsenal para o deque de observação da torre do relógio, que dominava o campos, elevando-se a noventa metros de altura. Lá no alto, certamente sentira-

se um deus.

Um pouco antes de subir à torre, matara a mãe e a esposa. Naquela tarde, Charlie Whitman fizera Charlie Starkweather parecer um idiota, e o mesmo podia ser dito de Dickie Hickock e Perry Smith, os punks que Truman Capote imortalizara em seu livro *A Sangue-Frio*. Charles Whitman transformara os dois em montes de lixo.

Soneji nunca esquecera o modo como a revista *Time* contara a história do franco-atirador no alto da torre. Decorara o texto, palavra por palavra: Como tantos que cometem assassinatos em massa, Charles

Whitman sempre foi um menino exemplar, que as mães da vizinhança apontavam como exemplo para os filhos rebeldes. Foi entregador de jornais.

Católico, ajudava o padre no altar como coroinha.

Um cara legal demais.

Mestre na arte da dissimulação também. Charlie planejara tudo, sem que ninguém percebesse o que lhe passava pela cabeça.

Posicionara-se sob o relógio, bem embaixo dos algarismos romanos que representavam o número seis. Então, às onze e quarenta e oito da manhã, abriu fogo. A seu lado, na passagem

de um metro e oitenta de largura que rodeava a torre, estavam uma faca de mato, uma faca Bowie, um rifle Remington de seis milímetros, um outro Remington, calibre trinta e cinco, uma pistola Luger e um revólver Smith & Wesson 357.

Homens da polícia local, assim como da estadual, atiraram milhares de vezes contra a torre, quase destruindo o mostrador do relógio, mas levaram mais de uma hora e meia para acabar com Charlie Whitman. O mundo todo maravilhou-se com a audácia do assassino e sua excepcional habilidade. Ele chamara a atenção do

mundo todo.

Alguém batia com força na porta do quarto de hotel que Soneji ocupava! O barulho arrancou-o do devaneio, e ele tomou consciência de onde estava.

Estava na cidade de Nova York, no quarto 419 do Plaza, um hotel sobre o qual ele lia comentários quando era menino.

Sempre sonhara ir de trem para Nova York e hospedar-se no Plaza. Bem, realizara o sonho.

- Quem é? - perguntou, sem levantar-se da cama.

Tirou uma semi-automática de sob as cobertas. Apontou-a para o olho

mágico da porta.

- Serviço de quarto -- uma voz feminina com sotaque espanhol respondeu. - Gostaria que eu arrumasse a cama para o senhor deitar-se?

- Não. Já arrumei - Soneji informou, sorrindo para si mesmo.

"Na verdade, senhorita, estou me preparando para mosfrar ao mundo que os policiais do Departamento de Polícia de Nova York são amadores como todos os outros. Pode esquecer que veio aqui para arrumar a minha cama e me frazer pequenos bombons de menta. Não adianta querer me apaziguar agora. É tarde demais.

Então, pensou melhor.

- Espere! Vou querer bombons de menta. Gosto deles e estou precisando comer alguma coisa doce. Recostou-se na cabeceira, escondeu a arma e continuou a sorrir, quando a mulher abriu a porta e enfrou. Pensou em "apagá-la, mas concluiu que não seria boa idéia. Queria passar uma noite no Plaza. Fazia anos que esperava por isso.

Valia a pena correr o risco.

O que mais o agradava, o que tornava tudo tão perfeito, era o fato de ninguém saber o desfecho de tudo aquilo.

Ninguém podia adivinhar o fim.

Nem Alex Cross.

Jurei que daquela vez não deixaria Soneji minar minha resistência. Não o deixaria tomar posse de minha alma novamente.

Consegui chegar em casa, de volta de Nova York, a tempo de jantar com Nana e as crianças. Damon, Jannie e eu limpamos o andar de baixo e arrumamos a mesa na sala de jantar. Como fundo musical, escolhemos as melodias suaves de Keith Jarrett. Muito gostoso. Tudo do jeito que devia ser, e isso continha uma mensagem para mim.

- Estou impressionada, papai - Jannie comentou, enquanto dávamos a volta

na mesa, dispondo os bons talheres, copos e pratos que eu comprara com Maria, minha mulher, anos antes.

- Você foi a Nova York e voltou no mesmo dia. Está aqui para jantar com a gente! Muito bom, papai.

Ela sorriu, depois riu, dando-me tapinhas no braço. Naquela noite eu estava sendo um bom pai e ganhara a aprovação de Jannie.

Fiz-lhe uma pequena reverência.

- Obrigado, minha querida filha. Agora, falando de minha viagem, qual é a distância entre Washington e Nova York?

Sabe dizer?

- Quilômetros ou milhas? - Damon

intrometeu-se, falando do outro lado da mesa, onde dobrava os guardanapos como leques, imitando o que via nos restaurantes.

Ele é um pequeno ladrão de cenas.

- Qualquer medida - respondi.

- Daqui até lá são duzentas e quarenta e oito milhas - Jannie informou. - O que acha disso, papai?

Arregalei os olhos o mais que pude, fazendo cara de espanto.

Também sei como roubar uma cena ou duas.

Agora, quem está impressionado sou eu. Muito bem, Jannie! Ela se curvou numa reverência zombeteira.

- Perguntei a distância a Nana, hoje

de manhã - confessou.

- Fiz bem?

Que gracinha! Damon escarneceu, expressando sua opinião a respeito do código de moral da irmã. Isso se chama pesquisa Veicro.

- Está tudo bem, querida - eu afirmei, e todos rimos de sua esperteza e senso de humor.

- Ida e volta, quatrocentos e noventa e seis milhas Damon informou.

- Vocês dois são muito... sabidos! - exclamei em tom brincalhão. - Espertos de verdade!

- O que está acontecendo aí? Estou perdendo alguma coisa?

- Nana gritou da cozinha, de onde

escapavam os deliciosos aromas de sua comida.

Ela detesta perder alguma coisa. Ao que me consta, nunca perdeu.

- Uma prova da Copa Universitária! - gritei de volta.

- Vai perder a camisa, Alex, se jogar contra as crianças! - ela avisou. - A fome de conhecimento desses dois não tem limites. Já estão se tornando enciclopédias ambulantes.

- En-ci-clo-pé-di-as! - repetiu Jannie, sorrindo, então gritou:

- Cakewalk!

Começou a executar a antiga e rápida dança dos negros escravos das fazendas do Sul. Um dia, eu tocara o

ritmo ao piano e ensinara Jannie a dançar, explicando que o cakewalk era um precursor do jazz moderno e que fundira alguns ritmos africanos com melodias clássicas e também marchas européias. Nos tempos das fazendas, a pessoa que dançasse melhor ganhava um bolo.

Além de saber tudo isso, Jannie também sabia dar os passos em grande estilo, acrescentando uma variação moderna de vez em quando. Também sabia executar o famoso passo do "elefantinho", de James Brown, e "a caminhada na lua", de Michael Jackson.

Após o jantar, lavamos a louça e

tivemos nosso treinamento bissemanal de boxe no porão. Damon e Jarmie não são apenas espertos, mas também durões. Ninguém tira vantagem deles na escola.

- Miolos e um poderoso soco de esquerda. Uma combinação difícil de derrotar Jannie gabava-se de vez em quando.

Por fim, depois das lutas, nos dirigimos à sala de estar. Rosie, a gata, aninhou-se no colo de Jannie. Estávamos assistindo a um jogo de beisebol dos Orioles pela televisão, quando Soneji invadiu minha mente outra vez.

De todos os assassinos que eu

perseguira, ele era o mais temível. Soneji, além de obstinado, obcecado, vivia completamente "fora de órbita", para usar o termo médico que aprendi anos atrás, na Johns Hopkins. Tinha imaginação poderosa, alimentada pela raiva, e punha em prática suas fantasias.

Meses antes, ligara para mim para dizer que deixara um pequeno presente em nossa casa, uma gata. Sabia que havíamos adotado Rosie e que a amávamos muito. Dissera que cada vez que eu olhasse para o animal, devia pensar:

Gary está na minha casa. Gary está aqui.

Eu imaginara que ele vira a gatinha extraviada entrar em nosso jardim e inventara a história do presente. Gary gostava de mentir, especialmente quando suas mentiras feriam as pessoas. Naquela noite, com Soneji correndo solto outra vez, olhei para Rosie e tive um mau pensamento. Gelei de pavor.

"Gary está na minha casa. Gary está aqui."

Quase joguei a gata para fora, mas isso não resolveria nada, de modo que decidi esperar que amanhecesse para fazer o que tinha de fazer.

"Maldito Soneji! O que você quer de mim? O que quer da minha família?"

O que ele poderia ter feito com Rosie, antes de deixá-la na nossa casa?

Senti-me como se estivesse traindo meus filhos e também a pobrezinha da Rosie. Achava-me desumano, enquanto percorria os cinqüenta e poucos quilômetros até Quantico, na manhã seguinte. Eu estava traindo a confiança de meus filhos e talvez cometendo um erro terrível, mas não via nenhuma alternativa.

Antes de partir, eu atraíra Rosie para uma dessas desprezíveis gaiolas de arame, próprias para transportar pequenos animais. A coitadinha chorou, miou, arranhou tanto a gaiola, que tive de deixá-la sair.

Agora, seja boazinha - aconselhei com gentileza. Então, acrescentei: - Oh, pinte o diabo, se quiser.

Rosie começou a colocar um pesado fardo de culpa em meus ombros, para que eu me sentisse mal. Era óbvio que aprendera aquilo com Damon e Jannie. Claro, ela nem imaginava que tinha motivo para estar com muita raiva de mim.

Talvez imaginasse. Os gatos são muito intuitivos.

Eu tinha receio de que fosse necessário sacrificar a linda gata de pelagem ruiva e castanha. Talvez naquela mesma manhã. Não sabia

como poderia explicar tal coisa às crianças.

- Não arranhe o estofamento do carro e não ouse pular em cima de mim! - avisei, mas em tom agradável e conciliador.

Ela miou um pouco, mas nossa viagem até as instalações do FBI, em Quantico, foi mais ou menos tranqüila. Eu já conversara com Chet Elliott, da Seção de Análises Científicas, e ele estava a nossa espera. Levei Rosie num braço e a gaiola pendurada no outro.

Agora as coisas iriam ficar muito difíceis. Para piorar a situação, Rosie levantou-se nas patas traseiras e deu

uma cabeçada carinhosa em meu queixo. Olhei dentro de seus olhos verdes e quase não pude suportar.

Chet usava guarda-pó branco, luvas de borracha brancas e até óculos de proteção. Parecia o rei dos bufões. Olhou para Rosie, que eu pusera no chão, então para mim.

- Malfadada ciência - comentou.

E agora, o que vai fazer? - perguntei.

Ficara apreensivo quando o vira em seu traje protetor. Ele estava levando aquilo muito a sério.

- Vá ao departamento de administração - respondeu Chet.

- Kyle Craig quer falar com você. Disse que é importante. Claro, com

Kyle tudo é extremamente importante e não pode esperar nem um segundo. Mas sei que está meio louco por causa desse tal de senhor Smith. Todos estamos.

Smith é o cara mais doido que já existiu, Alex.

- O que vai fazer com Rosie? insisti.

Primeiro, vamos tirar radiografias. Espero que a ruivinha não seja uma bomba ambulante, mandada pelo nosso amigo Soneji. Se não for, passaremos aos exames toxicológicos, para ver se ela não leva drogas ou veneno nos tecidos e fluidos. Agora, vá. Corra para o tio Kyle. A ruiva e eu nos daremos bem.

Tentarei amenizar as coisas para ela. Minha família toda gosta de gatos. Eu também gosto, não percebeu? Sei o que você está passando.

Chet baixou os óculos de mergulhador. Rosie esfregou-se em suas pernas, de modo que entendi que ela confiava nele.

Por enquanto, pelo menos.

Era o que aconteceria mais tarde que me preocupava, e essa incerteza quase me fez ficar com lágrimas nos olhos.

Fui ver o que Kyle queria de mim, embora achasse que sabia o que era. Eu abominava aqueles confrontos, as guerras que travávamos para impor,

cada um, sua vontade.

Kyle queria falar do caso do sr. Smith, um assassino violento que matara mais de doze pessoas na América e na Europa. Disse que fora a chacina mais horrível, mais apavorante que ele já vira. Acreditei, porque ninguém pode acusá-lo de gostar de hipérboles.

Seu gabinete ficava no topo do prédio da academia, mas ele estava trabalhando numa sala usada em momentos de crise, no porão do edifício da administração. Pelo que me contou, estava praticamente acampado ali, com seu enorme quadro de

informações, os computadores de última geração, telefones e vários funcionários do FBI, nenhum dos quais parecia muito feliz na manhã de minha visita.

O quadro exibia o seguinte, em grandes letras vermelhas:

SR. SMITH, 19 - BONS RAPAZES, 0.

- Parece que vocês estão com sorte de novo. Não podem ir em outra direção, a não ser para cima - brinquei.

Sentado a uma grande mesa de carvalho, Kyle parecia mergulhado na análise do relatório de provas. Eu já conhecia o caso mais do que desejava conhecer. "Smith" iniciara sua série de

assassinatos em Cambridge, Massachusetts. Mudar-se, então, para a Europa, onde estava deixando uma horrível trilha sangrenta. A última vítima fora um policial de Londres, um famoso inspetor que acabara de ser designado para trabalhar no caso Smith.

O assassino agia de modo tão estranho, tortuoso e disparatado, que a mídia aventara a hipótese de se tratar de um alienígena, um visitante de outro planeta. Fosse como fosse, o sr.

Smith não parecia humano. Nenhum ser humano seria capaz das

atrocidades que ele cometera.

- Pensei que nunca fosse chegar - reclamou Kyle assim que me viu.

Ergui as mãos num gesto de defesa.

- Não posso ajudá-lo, Kyle. Não quero. Primeiro, porque já estou sobrecarregado com o caso Soneji. Segundo, porque estou perdendo a minha família por causa dos meus hábitos de trabalho.

Kyle concordou com um gesto de cabeça.

- Tudo bem. Sei o que quer dizer. Entendo a sua situação. Mas, já que você está aqui e pode perder um pouco de tempo, quero conversar sobre o senhor Smith. Acredite, Alex,

você nunca viu nada parecido. Não está nem um pouquinho curioso?

- Não. Na verdade, já vou sair pela mesma porta pela qual entrei.

- Temos um problema pavoroso nas mãos, Alex. Deixe-me falar e escute. Escute, pelo menos Kyle suplicou. Cedi um pouco.

- Vou escutar, mas só. Não quero me envolver nessa história.

- Então, escute de mente aberta. Ficaré louco, isso eu garanto. Eu fiquei.

Então, Kyle começou a falar de um agente de nome Thomas Pierce, encarregado do caso Smith. O mais curioso era que Smith assassinara

brutalmente a noiva de Pierce, alguns anos antes.

- Thomas Pierce é o investigador mais metuculoso e a pessoa mais inteligente que já conheci - disse Kyle.

No início,

não o deixávamos nem chegar perto do caso Smith, por motivos óbvios.

Mas ele fez uma investigação por conta própria e conseguiu descobrir coisas que não conseguimos. Por fim, declarou que, se não o aceitássemos no caso Smith, deixaria o FBI e continuaria a investigação sozinho.

- Você o colocou no caso? - perguntei.

- Ele é muito persuasivo. Levou seu pedido ao diretor. Burns se deixou

convencer. Pierce é lógico e criativo. Sabe analisar um problema como ninguém. Ficou fanático a respeito do senhor Smith. Trabalha no caso de dezoito a vinte e quatro horas por dia.

- Mas nem assim vocês conseguiram abrir uma brecha para a solução ponderei, apontando para o quadro de informações.

- Nem assim - Kyle concordou. - Mas estamos chegando perto, Alex. E precisamos desesperadamente da sua ajuda.

Quero que conheça Pierce. Você tem de conhecê-lo.

- Eu disse que apenas ouviria você -

lembrei-o. - Não tenho de conhecer ninguém.

Passaram-se quatro horas, antes que Kyle me deixasse escapar de suas garras. Ele me deixara louco, como avisara.

Tanto a respeito de Smith como de Thomas Pierce. Mas eu não iria me envolver. Não podia.

Voltei finalmente à Seção de Análises Científicas para saber de Rosie. Chet Elliott foi falar comigo imediatamente. Ainda usava o guarda-pó, as luvas e os enormes óculos. O modo lento como caminhou em minha direção prenunciava más notícias. Eu não queria ouvi-las.

Então., para minha surpresa, ele sorriu.

- Não encontramos nada de errado nela, Alex. Soneji não deve tê-la usado. Ele estava apenas aplicando tortura mental em você. Procuramos compostos voláteis, nada. O exame para compostos orgânicos não voláteis também deu negativo. Precisamos tirar um pouco de sangue para a serologia. Pode deixar a ruivinha conosco por um par de dias, mas duvido que detectaremos alguma coisa. Pode deixá-la, se quiser. Rosie é uma gata muito legal.

- Eu sei - murmurei com um suspiro de alívio. - Posso vê-la?

- Claro. Rosie perguntou por você a manhã toda. Não sei por que, mas parece que ela te ama.

- Ela sabe que sou um gato muito legal - repliquei, sorrindo.

Ele me levou para ver Rosie, que se encontrava numa gaiola. Ela me olhou com raiva. Eu a levava ao laboratório, não levava? Fora o mesmo que fazer os testes eu mesmo.

- Não é culpa minha - expliquei. - Fique com raiva daquele louco do Gary Soneji, não de mim. Não me olhe desse jeito,

Rosie!

Por fim, ela me deixou pegá-la e até esfregou o focinho em meu rosto.

- Você está sendo muito corajosa, menina. Eu lhe devo uma - murmurei.
- E sempre pago minhas dívidas.

Ela ronronou e lambeu meu rosto com aquela língua áspera como lixa.

"Moça carinhosa, Rosie O"Grady."

Londres, Inglaterra.

Com a jaqueta preta suja e rasgada, o sr. Smith estava vestido como qualquer vagabundo das ruas. Andava rapidamente ao longo da Lower Regent Street, em direção a Piccadilly Circus.

Está indo para o circo, oh, cara!, ele pensava.

Seu cinismo era grosso e pesado como o ar de Londres.

Ninguém parecia notá-lo na multidão de fim de tarde. Ninguém prestava atenção aos pobres, em nenhuma capital civilizada. O sr. Smith percebera e tirava vantagem disso.

Andou apressado, carregando a bolsa de lona, até chegar a Piccadilly, onde o ajuntamento de gente era ainda mais denso.

Seus olhos atentos observaram a confusão do tráfego, que era de esperar, na confluência de cinco ruas importantes. Viu a Tower Records, a lanchonete McDonald's, o Trocadero, luminosos de néon em número exagerado. Turistas com mochilas nas costas e câmeras em punho estavam

por toda parte, nas ruas e nas calçadas.

Só uma criatura era estranha a tudo aquilo. Ele.

Um ser que não se adaptava, de modo algum, ao convívio com os outros.

O sr. Smith, de repente, sentiu-se sozinho, incrivelmente solitário, no meio de toda aquela gente que enchia a cidade de Londres.

Pousou a pesada bolsa no chão, junto à famosa estátua de Eros. Ainda assim, ninguém lhe deu atenção.

Deixou a bolsa lá, andou ao longo da Piccadilly e depois entrou na Haymarket. Quando já se afastara

alguns quarteirões, telefonou para a polícia, como sempre fazia. Sua mensagem foi clara, simples, sem rodeios:

- O inspetor Drew Cabot está em Piccadilly Circus. Numa bolsa de lona cinzenta. Pelo menos, o que sobrou dele está lá.

Vocês falharam.

Sondra Greenberg, da Interpol, viu Thomas Pierce quando ele caminhava para o centro de Piccadilly Circus. Pierce destacava-se da multidão, mesmo de uma grande como aquela. Era alto, prendia os longos cabelos loiros num rabo-de-cavalo e geralmente usava óculos

escuros. Não tinha a aparência de um típico agente do FBI. De fato, não parecia um investigador de agência nenhuma. Era diferente de todos com quem Sondra já trabalhara.

- Por que toda essa confusão? - ele perguntou, aproximando-se. - O sr. Smith saiu para o seu assassinato semanal, nada mais - comentou com seu habitual sarcasmo.

Sondra olhou em volta, observando o ajuntamento compacto. Havia repórteres e furgões de emissoras de televisão por todos os lados.

- O que os gênios locais têm feito? - perguntou Pierce. - A polícia?

- Estão investigando, mas é óbvio que

o senhor Smith passou por aqui.

- Os tiras estão perguntando se alguém viu um homenzinho verde, com sangue escorrendo dos dentes verdes?

- Exatamente, Thomas. Quer dar uma olhada?

Pierce sorriu, tornando-se completamente cativante. Não, aquele não era, de modo algum, o estilo de um americano do FBI.

- Você perguntou "Quer dar uma olhada?", como se perguntasse se eu queria um pouco de chá.

Sondra Greenberg abanou a cabeça, balançando os cabelos escuros e encaracolados. Era quase tão alta

quanto Pierce, e bonita, de uma maneira meio rude. E sempre tentava ser agradável com Pierce, o que não era muito difícil.

- Acho que estou ficando insensível - explicou. - Por que será? Andaram na direção da imponente figura de Eros, um dos pontos de referência favoritos dos londrinos. Eros era também o símbolo do jornal Evening Standard. Embora as pessoas acreditassem que a estátua representava o amor erótico, na verdade fora erguida como símbolo da caridade cristã.

Thomas Pierce mostrou a insígnia e aproximou-se da bolsa que o sr. Smith usara para transportar os restos

do inspetor- chefe Cabot.

- É como se ele estivesse vivendo uma novela gótica - Sondra comentou, ajoelhando-se ao lado de Pierce.

Os dois pareciam formar uma equipe, até mesmo um casal.

- Smith convidou você também para vir a Londres? - ele indagou. Mandou recado por telefone?

Ela moveu a cabeça, afirmando.

- O que acha desse último assassinato? - perguntou. - Smith arrumou as partes do corpo na bolsa, da forma mais ordenada possível. Como uma pessoa faria, para que todas as roupas coubessem na mala. Thomas Pierce franziu a testa.

- Louco! Carniceiro desgraçado!

- Por que deixou a bolsa aqui em Piccadilly? Num ponto tão movimentado de Londres? Por que junto à estátua de Eros?

Ele está deixando pistas para nós. Só que não as entendemos - respondeu Pierce.

-- Tem razão, Thomas. Não entendemos porque não falamos marciano.

O crime continuava sua marcha.

Sampson e eu fomos de carro para Wilmington, Delaware, na manhã seguinte. Havíamos ido àquela cidade,

famosa por causa dos Du Pont, por

ocasião da primeira caçada a Gary Soneji, alguns anos antes. Fiz o Porsche quase voar durante todo o percurso, que levou duas horas.

Eu já recebera boas notícias naquela manhã, porque um dos mais intrigantes mistérios do caso fora solucionado. Entrara em contato com o banco de sangue, no hospital St. Anthony's, e descobrira que quatrocentos mililitros do meu sangue haviam desaparecido do suprimento da minha família. Alguém se dera ao trabalho de invadir o local e roubar um pouco do meu sangue. Gary Soneji? Quem mais? Ele continuava a me mostrar que nada, em minha vida,

estava em segurança.

"Soneji" fora o pseudônimo que ele adotara quando seqüestrara duas crianças, em Washington. O nome estranho pegara", e era esse que o FBI e a mídia usavam para referir-se a ele. Seu nome verdadeiro era Gary Murphy. Ele morara em Wilmington com a esposa, Meredith, a quem chamavam de "Missy". Os dois tiveram uma filha, Roni.

Na verdade, Gary escolhera o sobrenome Soneji quando ainda era menino e passava horas imaginando seus crimes, trancado no porão. Alegava ter sido sexualmente molestado por um vizinho, um

professor primário de nome Martin Soneji. E eu suspeitava de que ele tivera graves problemas desse tipo com um parente, possivelmente o avô paterno.

Chegamos à casa, na avenida Central, um pouco depois das dez. A bonita avenida estava deserta, a não ser por um garotinho que patinava no jardim de sua casa. Devia haver uma guarda policial por ali, mas, por algum motivo, não havia. Pelo menos, eu ainda não vira nenhum sinal disso.

- Cara, esta ruazinha perfeita me deixa louco - Sampson disse. - Fico olhando para as casas, esperando ver James Stewart sair de uma delas.

- Só espero que não seja Soneji, em vez de Stewart - resmunguei.

Os veículos estacionados por ali eram todos de fabricação nacional, algo que hoje em dia parece um tanto estranho. Vi carros Chevrolet, Oldsmobile, Ford e algumas caminhonetes Dodge Ram.

Meredith Murphy não estava atendendo ao telefone naquela manhã, o que não me surpreendeu.

- Lamento pela senhora Murphy e, principalmente, pela garotinha - eu disse a Sampson, quando estacionamos na frente da casa. - Missy não sabia quem na realidade era Gary.

Sampson assentiu.

- Lembro-me de que pareciam uma boa família. Talvez boa demais. Gary enganou a todos. Olé, Gary, o Enganador!

Havia luzes acesas na casa, e um Chevrolet Lumina parado na entrada de carros. A rua continuava silenciosa e tranqüila, como eu me lembrava de nossa última visita. A tranqüilidade, então, tivera curta duração.

Sáímos do Porsche e caminhamos para a porta principal da casa. Segurei a coronha do meu Glock. Não conseguia deixar de pensar que Soneji podia estar a nossa espera, preparando algum tipo de armadilha.

A casa, o bairro, a cidade toda, lembravam os anos cinqüenta. A casa, bem conservada, parecia ter sido pintada recentemente. Aquilo fazia parte da encenação de Gary. O perfeito esconderijo:

uma casinha bonita na avenida Central, rodeada por uma cerca de ripas, e uma alameda de pedras dividindo o gramado fronteiro.

- O que você supõe que está acontecendo com Soneji? - Sampson perguntou, quando paramos diante da porta. - Ele mudou um pouco, não acha? Não é mais o planejador cauteloso de quem me lembro. Ficou impulsivo.

Assim parecia, de fato.

Nem tudo mudou. Ele continua representando, desempenhando papéis. Mas está numa agitação que nunca detectei, antes. Parece não se importar com a possibilidade de ser preso. No entanto, tudo o que faz é planejado, e ele escapa.

- Qual o motivo disso, doutor Freud?

- É para tentar descobrir que estamos aqui e que iremos à penitenciária de Lorton, amanhã. Algo muito esquisito está acontecendo, mesmo tratando-se de Gary Soneji.

Toquei a campainha. Parados no alpendre, esperamos que Missy

Murphy atendesse. Não combinávamos com o bairro de pequena cidade americana, mas isso não era de estranhar. Também não combinávamos com nosso próprio bairro, lá em Washington. Nós dois estávamos usando roupas escuras e óculos de sol, parecendo músicos de uma banda de blues.

- Ninguém responde - resmunguei.

Mas há luzes acesas - Sampson observou. - Deve haver alguém em casa. Talvez não queiram falar com os Homens de Preto.

- Senhora Murphy! - chamei. - Senhora Murphy, abra a porta. É Alex Cross, de Washington. Não iremos

embora sem falar com a senhora.

- Ninguém no Motel Bates - Sampson engrolou.

Começou a rodear a casa, e fui atrás.

O gramado fora cortado recentemente e a cerca viva, aparada.

Tudo estava limpo,

arrumado, e parecia totalmente inofensivo.

Dirigi-me para a porta da cozinha, imaginando se Soneji estaria escondido na casa. Com ele, tudo era possível. Quanto mais as coisas se tornavam tortuosas e improváveis, mais seu ego se regozijava.

Fatos referentes a minha última visita começaram a me voltar à mente.

Lembranças sórdidas. Era a festa de aniversário de Roni. Ela estava completando sete anos. Gary Soneji encontrava-se na casa naquele dia, mas conseguiu fugir. Um Houdini" e tanto. Um canalha muito esperto, muito escorregadio.

Harry Houdini, pseudônimo adotado por Ehrich Weiss (1874-1926), mágico norte-americano de origem húngara que se tornou famoso por fugas aparentemente impossíveis, como livrar-se de uma camisa-de força enquanto estava suspenso pelos pés ou escapar de uma caixa trancada e submersa (N. do E.)

"Soneji pode estar lá dentro agora.

Por que tenho a sensação perturbadora de que estou caminhando para uma emboscada?

Parei no alpendre dos fundos, incerto sobre o que fazer a seguir. Toquei a campainha. Havia alguma coisa muito errada com aquele caso. Alguma coisa, não. Tudo. Por que Soneji iria para Wilmington? Por que mataria pessoas nas estações Union e Penn?

- Alex! - gritou Sampson. - Alex, venha cá, rápido!

Atravessei o pátio correndo, o coração aos pulos. Vi Sampson de quatro, diante de uma casinha de cachorro, pintada de branco e com alguns detalhes que a deixavam parecida com a casa de Missy. Que diabo Sampson encontrara na casinha?

Quando cheguei mais perto, vi uma espessa nuvem de moscas.

Depois, ouvi o zumbido que elas produziam.

- Oh, Alex, veja o que aquele demente fez! Veja o que ele fez!

Eu queria desviar o olhar, mas tinha de ver. Ajoelhei-me ao lado de Sampson. Ambos dávamos tapas no ar,

afugentando varejeiras e outros insetos nojentos. Larvas brancas rastejavam por cima de tudo, da casinha e do gramado. Coloquei um lenço dobrado sobre o nariz e a boca, mas a máscara improvisada não podia impedir que o cheiro pútrido

atingisse minhas narinas. Meus olhos começaram a lacrimejar.

- Aquele homem tem o diabo no corpo? De onde ele tira essas idéias insanas? - Sampson perguntou.

Na casinha, havia o corpo de um cão de caça, de pelagem dourada, e sangue pelas paredes de madeira. O animal fora decapitado.

A cabeça de Meredith fora presa no lugar da do cachorro, arrumada com perfeição, embora ficasse fora de proporção,

pois era grande demais para o corpo do cão. O efeito era mais do que grotesco. Lembrei-me dos bonecos Cabeça de Batata. Os olhos abertos

de Meredith Murphy estavam voltados para mim.

Eu vira a mulher apenas uma vez, e já fazia quase quatro anos. Imaginei o que ela poderia ter feito para enfurecer Soneji daquela maneira. Ele não falava muito da esposa durante nossas sessões. Mas desprezava-a. Punha-lhe apelidos: Zero à Esquerda, Doméstica Acéfala", Vaca Loira.

- O que passa pela cabeça daquele doente, daquele miserável, filho de uma puta? - Sampson resmungou por trás do lenço que lhe tapava o nariz e a boca.

Eu achava que compreendia os estados de fúria psicótica, e assistira a

alguns ataques de Soneji, mas nada me preparara para o que estava acontecendo nos últimos dias: assassinatos violentos, com horrível derramamento de sangue, próximos demais uns dos outros, freqüentes demais.

Tive a idéia sombria de que Soneji não conseguia mais aplacar sua ira, nem mesmo depois de um novo homicídio.

Matar não o satisfazia mais.

- Meu Deus! - exclamei, levantando-me. - E a menina, John? A filha dele? O que aquele desgraçado fez com ela?

Nós dois percorremos o terreno

arborizado e atravessamos um grupo de pinheiros maltratados pelo vento, no lado norte da casa. Nada de Roni. Nada de cadáveres, ou partes decepadas grosseiramente, nem outras pavorosas surpresas.

Procuramos a menina na garagem para dois carros. No espaço apertado sob o alpendre da frente. Nos latões de lixo,

alinhados ao lado da garagem. Nada. Onde estava Roni Murphy? Soneji levara a garota com ele? Seqüestrara a própria filha?

Voltei para a casa, com Sampson nos calcanhares. Quebrei o vidro da janelinha na porta dos fundos,

destranquei-a e entrei, apressado. Temia o pior. Outra criança assassinada?

- Vá com calma, homem. Não tão depressa - Sampson alertou-me num cochicho.

Ele sabia como eu ficava quando um caso envolvia crianças. E também imaginava que podia ser uma armadilha preparada por Soneji. Aquele era o lugar perfeito para uma cilada.

- Roni! - chamei. Roni, você está aqui? Está me ouvindo, Roni?

Eu me lembrava muito bem de seu rostinho. Se fosse necessário, seria capaz de desenhá-lo.

Uma vez, Gary dissera que a filha era a única coisa que tinha importância para ele, a única coisa boa que fizera. Na época, acreditei. Talvez estivesse projetando nele o que sentia por meus próprios filhos. Talvez Soneji tivesse me enganado, levando-me a pensar que tinha um pouco de consciência, de sentimentos. Talvez eu houvesse acreditado porque queria acreditar.

- Roni, é a polícia! Pode sair, querida. Roni Murphy, onde você está? Roni!

- Roni! - Sampson ecoou, a voz profunda tensa como a minha, talvez mais.

Revistamos o andar de baixo, abrindo

as portas de todos os cômodos e armários, gritando o nome dela.

"Deus, por favor!"

Eu estava orando. Pelo menos, era um tipo de oração.

"Gary, não faça mal a sua filhinha. Não precisa matá-la para nos mostrar como é mau, como está furioso. Recebemos o seu recado. Nós compreendemos."

Subi a escada correndo, pulando os degraus de dois em dois. Sampson me seguiu, como se fosse minha sombra. Nem sempre ele demonstra, mas certas coisas o perturbam tanto quanto a mim. Nós dois ainda não ficamos insensíveis. Seu nervosismo

transparecia no tom de voz, na respiração rápida.

- Roni, você está aqui em cima? Escondida em algum lugar?

- ele gritou.

- Roni, é a polícia. Você está salva agora. Pode sair do esconderijo.

Alguém vandalizara o quarto principal. Alguém invadira aquele espaço, profanara-o, quebrara móveis, virara camas e cômodas.

- Você se lembra dela, John? - perguntei, quando saímos para olhar os outros quartos.

Lembro muito bem Sampson afirmou em tom suave. - Uma menina bonita.

Oh, não. Nããããõ...

Corri de volta pelo corredor, desci a escada. Atravessei a cozinha e abri a porta entre a geladeira e o fogão de quatro bocas.

Com Sampson atrás de mim, desci para o porão.

Meu coração batia descontrolado, martelava, saltava. Eu não queria estar lá, não queria ver mais nenhuma obra de Soneji, não queria me deparar com nenhuma de suas horrendas surpresas.

O porão. O lugar simbólico de todos os pesadelos infantis de Gary.

O porão.

Sangue.

Trens.

O porão da casa de Missy Murphy era pequeno e limpo. Olhei em volta. Os trens haviam desaparecido. Eu vira um conjunto de ferrovias e trens de brinquedo no porão, quando estivera lá da outra vez.

Não havia sinal da menina. Nada fora do lugar. Abrimos os armários. Sampson abriu a lavadora de roupas, depois a secadora.

Havia uma porta de madeira sem pintura entre o aquecedor de água e um tanque de fibra. Não havia sangue, nem roupas ensangüentadas no tanque. Existiria outra saída? A garotinha fugira, quando o pai

entrara na casa?

A porta de madeira devia ser de outro armário. Abri-a e encontrei Roni Murphy, amarrada e amordaçada. Os olhos azuis, arregalados de medo, fixaram-se em mim. Ela estava viva!

Tremia horrivelmente. Soneji não a matara, mas assassinara sua infância, da mesma forma que haviam assassinado a dele. Anos antes, ele fizera a mesma coisa com uma menina chamada Maggie Rose.

- Pobrezinha - murmurei, desamarrando-a e tirando a mordaca feita de trapos. - Está tudo bem agora. Tudo bem, Roni.

Não disse, mas pensei: Seu pai ama

você o bastante para não matá-la, mas ele quer matar todas as outras pessoas.

- Está tudo certo, meu bem - menti à pobrezinha. Está tudo certo.

Claro.

Foi Nana quem me ensinou a tocar piano, muito, muito tempo atrás.

Naquela época, o velho instrumento em nossa sala de estar era um constante convite para fazermos música. Uma tarde, depois da escola, ela me ouviu tentando tocar um boogie-woogie. Eu tinha onze anos, mas me lembro do episódio como se houvesse acontecido ontem.

Nana entrou feito um sopro de brisa e

sentou-se a meu lado no banco do piano, do jeito que agora faço com Jannie e Damon.

- Acho que está avançando demais com esse negócio de jazz, Alex. Deixe-me lhe mostrar algo bonito, por onde você

deve começar sua carreira musical.

Mana Mama me fazia praticar os exercícios do método Czerny todos os dias, até que fiquei pronto para tocar e apreciar Mozart, Beethoven, Handel, Haydn, tudo sob sua orientação. Tive aulas com ela dos onze aos dezoito anos, quando fui estudar em Georgetown e depois na Johns Hopkins. Aí, já podia

tocar aquele "negócio de jazz", sabendo o que estava tocando e por que gostava do que gostava.

Quando voltei de Delaware, muito tarde da noite, encontrei Nana na sala, tocando piano. Fazia muitos anos que eu não a ouvia tocar daquele jeito.

Ela não me ouviu entrar, então fiquei parado à porta por vários minutos, observando-a. Tocava Mozart, e era óbvio que sentia emoção com a música que amava. Uma vez ela me disse que era muito triste ninguém saber onde Mozart fora sepultado.

- Bravo! Muito bem! - murmurei, quando a música acabou.

- Foi lindo.

Nana virou-se para mim.

- Sou uma velha boba - declarou, enxugando as lágrimas que eu não pudera ver de onde me encontrava.

- Não, você não é boba - retruquei. Sentei-me junto dela no banco e abracei-a. - Velha, sim, velha e encrenqueira, mas boba? Nunca.

- Eu estava pensando no terceiro movimento do Concerto nº 21, de Mozart, e me lembrei de como sabia tocá-lo bem, muito tempo atrás. - Ela suspirou. - Chorei. E achei muito bom.

- Desculpe eu ter atrapalhado - pedi, mantendo-a nos braços.

- Eu te amo, Alex - minha avó

murmurou. - Você ainda sabe tocar Clair de Lune? Toque Debussy para mim.

Então, com Nana pertinho de mim, toquei.

O trabalho continuou na manhã seguinte, entre gemidos e resmungos. Logo cedo, Kyle passou-me um fax contando várias reportagens sobre seu agente, Thomas Pierce. Os fatos haviam acontecido em cidades onde o sr. Smith cometera assassinatos: Atlanta, St. Louis, Seattle, San Francisco, Londres, Hamburgo, Frankfurt, Roma. Na primavera, em Fort Lauderdale, Pierce ajudara a capturar um assassino que nada tinha

a ver com Smith.

Outras manchetes:

Para Thomas Pierce, a cena do crime está na mente. Especialista em Homicídios aqui em St. Louis."

"Thomas Pierce entra na mente dos assassinos.

Nem todos os assassinos são inteligentes, mas o agente Thomas Pierce é."

"Assassinatos da mente, os mais pavorosos de todos."

Se eu não conhecesse Kyle, diria que ele estava tentando me fazer sentir inveja de Pierce. Não senti. Não tinha tempo para isso.

Um pouco antes do meio-dia, fui à

penitenciária de Lorton, um dos lugares que mais detesto no universo conhecido.

Tudo move-se lentamente no interior de uma penitenciária federal de segurança máxima. Ali, uma pessoa sente-se submersa, sendo afogada por mãos humanas invisíveis. E isso dura dias, anos, às vezes décadas.

Os prisioneiros são mantidos nas celas por vinte e duas e até vinte e três horas por dia. Quem nunca esteve preso não pode compreender o tédio que isso causa. É algo que não dá para imaginar. Foi Gary Soneji quem me disse essas coisas, criando a metáfora do afogamento, quando o

entrevistei anos atrás, na Lorton.

Ele me agradeceu por lhe dar a oportunidade de passar pela experiência de ser presidiário e prometeu que um dia pagaria esse favor, se pudesse. Mais e mais, eu sentia que esse dia estava chegando e sabia que precisava adivinhar de que forma Soneji pretendia efetuar o pagamento.

Quase senti que me afogava, quando entrei na saleta da administração, próxima do gabinete do diretor, no quinto andar da Lorton.

Estava esperando por um preso de nome Jamal Autry, que cometera um duplo assassinato. Ele alegava ter

informações importantes sobre Soneji. Recebera o apelido de Grandão, ali na Lorton. Era um predador, um cafetão de cento e cinquenta quilos, que matara duas prostitutas adolescentes em Baltimore.

Jamal "Grandão" Autry foi levado a mim algemado. Entrou na pequena sala, escoltado por dois guardas que portavam cassetetes.

Você é Alex Cross? Ora, vejam só - disse com sotaque arrastado.

Falava sorrindo enviesado. A metade inferior de seu rosto era desabada, parecendo um embornal. Achei difícil olhá-lo nos olhos de expressão

estranha, pequenos feito os de um porco.

Continuou a sorrir, como se fosse sair em liberdade condicional naquele dia ou houvesse ganhado a loteria efetuada entre os presidiários.

Eu disse aos guardas que desejava falar com Autry em particular. Os dois concordaram com relutância, embora ele estivesse algemado. Eu não tinha medo do brutamontes. Não era nenhuma mocinha indefesa.

- Desculpe, mas acho que não entendi a piada disse a Autry quando ficamos a sós. - Não sei por que você está sorrindo.

Ah, não se preocupe com isso,

homem. Logo vai entender. Vai entender a piada, doutor Cross. É a seu respeito.

Dei de ombros.

Você pediu para falar comigo, Autry. Quer alguma coisa, e eu também. Não estou aqui para servir de piada. Se quiser voltar para a sua cela, é só dizer.

Jamal Autry continuou a sorrir, mas se sentou numa das duas cadeiras deixadas para nós.

Nós dois queremos alguma coisa concordou, então olhou-me com ar sério.

Seu sorriso evaporara-se, o olhar parecia dizer: "Não tente me enrolar".

Diga-me o que tem para negociar - eu disse. - Então, veremos o que vale. É o máximo que posso fazer.

- Soneji disse que você é duro na queda. Inteligente, mesmo sendo tira. Ignorei as bobagens que fluíam tão facilmente da boca enorme. Não podia parar de pensar nas duas garotas de dezesseis anos que ele matara. Imaginei-o sorrindo para elas, lançando-lhes aquele olhar.

Você e Soneji eram amigos? Costumavam conversar? - perguntei.

Autry abanou a cabeça. Seu olhar continuava fixo. Os olhos de suíno não se desviavam dos meus.

- Não, homem. Ele só falava comigo

quando precisava de alguma coisa. Soneji preferia ficar na cela, olhando para o espaço. Não tinha amigos aqui dentro. Nem eu, nem ninguém.

Inclinou-se para a frente. Tinha algo para me dizer, e era óbvio que achava a informação muito valiosa. Baixara a voz ao pronunciar as últimas palavras, como se houvesse mais alguém na sala além de nós dois. "Alguém igual a Gary Soneji", não pude deixar de pensar.

- Soneji não tinha amigos aqui - Jamal Autry repetiu. - Não precisava de ninguém. Só falava comigo quando queria que eu fizesse alguma coisa.

- Que tipo de coisas você fazia para

ele? - perguntei.

- As necessidades de Soneji eram simples: cigarros, revistas pornográficas, mostarda para os seus sanduíches. Ele me pagava para manter certos indivíduos a distância. Sempre tinha dinheiro.

Refleti sobre aquilo. Quem dava dinheiro a Soneji, enquanto ele estava preso? Não devia ser a esposa. Pelo menos, eu achava que não. O avô dele ainda estava vivo e morava em Nova Jersey. Talvez lhe mandasse dinheiro. Amigos? Que eu soubesse, Soneji só tivera um, muito tempo atrás, na adolescência.

- Pode verificar, cara - Jamal

continuou. - A proteção que eu vendia a Soneji era boa. A melhor que alguém daqui poderia dar.

- Acho que não estou entendendo - declarei. - Troque em miúdos, Jamal. Quero todos os detalhes.

- Só se pode proteger algumas pessoas por algum tempo. Essa é a verdade. Havia um preso aqui, chamado Shareef Thomas, um negro de Nova York, louco como o diabo. Fugiu com dois outros negros malucos, Goofy e Coco Loco.

Está lá fora agora, mas quando estava dentro, fazia o que lhe dava na cabeça. O único jeito de controlar Shareef é apagá-lo. Duas vezes, para

ter certeza.

A conversa de Autry estava ficando interessante. Ele tinha, realmente, algo para negociar.

- Qual era a ligação entre Gary Soneji e Shareef? - indaguei.

- Soneji queria apagar Shareef. Pagou para isso. Mas Shareef era esperto e também um cara de sorte.

- Por que Soneji queria matar Shareef Thomas?

Jamal Autry encarou-me.

- Fizemos um trato, lembra? O que eu ganho com isso?

Tem minha total atenção, Jamal. Estou aqui, ouvindo o que tem a dizer. Diga-me o que aconteceu entre

Shareef Thomas e Soneji.

- Shareef comia Soneji. Fodia ele, entendeu? Não foi só uma vez. Shareef queria mostrar que o homem de verdade era ele. E que era ainda mais louco do que Soneji.

Inclinei-me para a frente, interessado. O relato merecia toda a minha atenção, mas havia uma coisa que não fazia sentido.

- Gary ficava separado do resto da população carcerária - observei. - Por medida de segurança. Como Shareef conseguia chegar até ele?

- Que saco, homem! Sempre se consegue fazer o que quer, aqui dentro. Não se deixe enganar pelo

que dizem lá fora. As coisas, aqui, são como eu disse. Sempre foram.

- Então, você pegou dinheiro de Soneji para protegê-lo, mas Shareef se aproximou dele do mesmo jeito, certo? E o que mais?

Senti que Autry saboreava sua melhor fala, antes de recitá-la. Ou, talvez, apenas estivesse gostando muito daquele momento de poder sobre mim.

- O que mais? Shareef passou "aquela doença" para Soneji. Cara, Soneji está com o bicho. Seu velho amigo Gary Soneji vai morrer. Recebeu o recado de Deus.

A informação atingiu-me como um

soco no estômago. Não deixei transparecer a surpresa, mas o que Jamal me contara dava algum sentido a tudo o que Soneji vinha fazendo.

Gary Soneji contraíra "aquela doença". Aids. Estava morrendo. Não tinha mais nada a perder.

Mas, estaria Autry dizendo a verdade?

Boa pergunta. Importante pergunta.

Não acredito em você, Autry. Por que deveria?

Ele se mostrou ofendido, o que fazia parte da encenação.

-- Acredite se quiser. Mas deveria acreditar. Gary entrou em contato comigo esta semana, dois dias atrás. Revelou que estava com a doença.

Completáramos o círculo. Autry sabia, desde que entrara naquela sala, que se encontrava em posição de vantagem. Agora, eu iria ouvir o desfecho da piada que ele me prometera.

Antes, porém, precisava ser seu coadjuvante por mais algum tempo.

- Por que razão Soneji lhe diria que está morrendo? - perguntei, desempenhando meu papel.

- Ele disse que você apareceria por aqui, fazendo perguntas. Sabia que viria. Soneji conhece você melhor do que você o conhece. Mandou que eu lhe desse o recado pessoalmente.

Jamal Autry exibiu seu sorriso torto

novamente.

- E então, doutor Cross, achou o que veio buscar?

Eu achara, sim. Gary Soneji iria morrer e queria me levar com ele para o inferno. Estava alucinado e não tinha nada a perder, nada a temer.

Quando cheguei em casa, depois de minha visita à penitenciária, telefonei a Christine Johnson. Eu precisava vê-la.

Precisava esquecer o caso Soneji. Convidei-a para jantar no Georgia Brown"s, na praça McPherson, e prendi a respiração, esperando a resposta. Ela me surpreendeu.

Aceitou.

Gostando, de certa forma, daquela sensação de estar pisando em brasas, fui à casa dela, levando uma única rosa vermelha. Christine sorriu, pegou a rosa e colocou-a num vaso com água, como se fosse um caro arranjo floral.

Ela usava saia comprida, cinzenta, e blusa do mesmo tecido, com decote em V". Linda. No caminho para o restaurante,

fizemos comentários sobre o dia que tivéramos. Gostei muito mais do dia dela do que do meu.

Estávamos com fome e começamos a refeição com biscoitos quentes de

nata e pasta de pêssego. Meu dia estava melhorando, sem dúvida. Christine pediu camarões à Carolina. Eu escolhi Carolina Perlau: arroz vermelho com grossas fatias de pato, camarões e lingüiça.

Faz muito tempo que não ganho uma rosa comentou Christine. - Adorei você ter pensado em me trazer uma. - Você está sendo boazinha demais comigo - observei.

Ela inclinou a cabeça para um lado, olhando-me de um ângulo diferente. Fazia aquilo de vez em quando. ... - Boazinha demais? Por quê? - Bem, não estou sendo uma companhia muito boa hoje. É

disso que tem medo, não é? De que eu não seja capaz de me desligar do trabalho.

Ela tomou um gole de vinho. Abanou a cabeça, então sorriu. Era um sorriso sensato.

- Você é tão sincero, Alex! Na verdade, eu não tinha notado que não está operando com força total esta noite.

Estou distante, mergulhado em mim mesmo. Quando me vêem assim, as crianças dizem que entrei em coma.

Ela riu.

- Pare com isso! E o homem menos mergulhado em si mesmo" que conheço. Estou me divertindo muito,

aqui com você.

Sabe o que eu iria comer, se ficasse em casa? Uma tigela de flocos de cereais com leite.

- É gostoso. Principalmente quando se come na cama, assistindo a um filme ou lendo um livro.

- Foi o que eu tinha planejado fazer. Obrigada por ter ligado e me tirado do meu estado de coma.

Ficamos em silêncio por algum tempo.

- Você deve achar que sou louca - disse Christine por fim.

- E acho que sou.

Eu ri.

- Por sair comigo? Completamente

louca.

- Não. Por dizer a você que não deveríamos nos ver mais e depois aceitar o seu convite para vir jantar no Georgia Brown"s. Por esquecer minha tigela de flocos com leite e o livro que iria ler.

Olhei nos olhos de Christine e tive vontade de ficar lá com ela por muito, muito tempo. Pelo menos, até que fôssemos convidados a nos retirar.

- O que aconteceu? O que mudou? indaguei.

Deixei de ter medo ela respondeu. - Bem, quase. Mas eu chego lá.

Talvez nós dois cheguemos. Eu também estava com medo.

- É bom ouvir isso. Eu não podia imaginar que você sentisse medo.

Saímos do Georgia Brown"s por volta de meia-noite. Enquanto percorríamos a rodovia John Hansen, eu só pensava em tocar nos cabelos de Christine, acariciar-lhe as faces e, talvez, fazer mais algumas coisas. Sem dúvida, mais algumas coisas.

130

Levei-a até a porta de sua casa e mal podia respirar. De novo. Eu a segurava pelo cotovelo. Ela segurava a chave da porta.

Senti seu perfume delicioso. Ela me disse que era o Gardenia Passion. Nossos sapatos faziam um leve ruído,

movendo-se no cimento.

De repente, Christine virou-se e me abraçou, pegando-me de surpresa.

- Preciso descobrir uma coisa - ela informou. Beijou-me. O beijo foi suave em princípio, então tornou-se exigente. Senti os seios firmes pressionados contra meu corpo, depois os quadris, então as pernas compridas e fortes.

Ela abriu os olhos, fitou-me e sorriu. Eu amava aquele sorriso. Aquele. Nenhum outro.

Com delicadeza, Christine afastou-se de mim. Revoltei-me contra a separação, não queria soltá-la. Mas sentia, sabia,

que devia deixar as coisas como estavam.

Ela abriu a porta e lentamente recuou para dentro. Eu ainda não queria que ela entrasse. Desejava saber o que estava pensando.

- Aquele primeiro beijo, no parque, não foi um acidente - ela murmurou.

- Não, não foi um acidente - concordei.

Gary Soneji estava no porão outra vez.

Mas, de quem era aquele porão escuro e úmido?

Essa pergunta valia sessenta e quatro mil dólares.

Ele não sabia que horas eram, mas

ainda não amanhecera. Na casa, acima dele, reinava o silêncio da morte.

Ele gostava daquela comparação, do modo como ela roçava em sua mente. Também gostava do escuro. Voltava a ser menino. Lembrava-se de tudo, como se houvesse acontecido no dia anterior. Sua madrasta chamava-se Fiona Morrison e era bonita. Todos a consideravam uma boa pessoa, boa amiga, boa vizinha e boa mãe. Tudo mentira! Ela o trancava no porão, como se ele fosse um animal asqueroso! No começo, ele tremia de medo e fazia xixi na calça. Depois, ficava sentado na poça de urina, que

de morna tomava-se gelada. Ele se sentia diferente do resto da família, diferente de todas as outras pessoas. Ele não tinha nada que pudesse atrair amor. Ele não tinha nada de bom. Ele não tinha nada por dentro.

Agora, sentado no escuro, imaginava se de fato encontrava-se no lugar onde achava que se encontrava.

Que realidade estava vivendo?

Que fantasia?

Que história de horror?

Apalpou o chão a sua volta. Humm...

O piso de cimento era liso. Ele não se encontrava no porão da velha casa de Princeton.

O cheiro também era diferente, de pó

e mofo. Onde estava?

Acendeu a lanterna. Ah!

Ninguém iria acreditar naquilo!

Ninguém adivinharia de quem era a casa em cujo porão ele se escondera.

Soneji levantou-se do chão. Sentia-se ligeiramente nauseado e dolorido, mas ignorou o mal-estar. A dor não tinha importância.

Ele estava pronto para subir.

Ninguém imaginava o que ele iria fazer.

Ele estava vários passos na frente de todos os outros.

Ele estava na frente.

Como sempre.

Soneji entrou na sala de estar e viu a

hora no relógio digital do televisor Sony. Três e vinte e quatro da madrugada. Um horário fascinante.

Decidiu mover-se rastejando e colocou-se sobre as mãos e os joelhos.

O plano era bom. Diabos, ele não era um imprestável. Não merecia ser trancado no porão. Lágrimas formaram-se em seus olhos, quentes e muito conhecidas. A madrasta sempre o chamava de chorão e maricas. Nunca parou de xingá-lo, até o dia em que ele lhe fritou a boca escancarada num grito.

As lágrimas escorreram, queimando suas faces, entrando pelo colarinho

da camisa. Ele estava morrendo e não merecia morrer. Nunca merecera nada do que lhe acontecera, e agora iriam todos pagar por isso.

Silencioso e com muito cuidado, andou pela casa, arrastando a barriga no chão como uma cobra. As tábuas do piso nem estalavam sob seu peso. A escuridão parecia carregada de eletricidade, oferecendo infinitas possibilidades.

Pensou em como as pessoas tinham medo de intrusos que invadiam suas casas e apartamentos. E estavam certas. Monstros rondavam suas portas trancadas, observavam suas janelas, à noite. Havia uma porção de

Sonejis em todas as cidades, pequenas e grandes. E milhares de outros, ainda mais pervertidos, esperando para entrar e banquetear-se. As pessoas, em suas casas supostamente seguras, eram comida de monstros.

Notou que as paredes do andar superior eram verdes. Paredes verdes, que sorte! Uma vez, ele lera que os centros cirúrgicos dos hospitais quase sempre tinham paredes pintadas de verde. Paredes brancas refletiam o sangue, e os médicos e assistentes ocasionalmente viam imagens fantasmas da operação em curso. Chamavam a isso de efeito fantasma.

Paredes verdes mascaravam o vermelho do sangue.

Chega de pensamentos inúteis, por mais interessantes que sejam", Soneji disse a si mesmo.

Nada de distrações. Ele precisava estar calmo, tinha de ser cuidadoso. Os próximos minutos seriam os mais perigosos.

Aquela casa em particular era muito perigosa. Por isso o jogo era tão divertido, uma verdadeira viagem".

A porta do quarto estava entreaberta. Com enorme paciência, Soneji empurrou-a lentamente, abrindo-a.

Ouviu um homem rressonar baixinho. Havia um relógio digital na mesa-de-

cabeceira. Três e vinte e três. Ele perdera tempo.

Levantou-se do chão. Livrara-se do porão, finalmente, e sentia uma raiva incrivelmente intensa. Fúria justificável.

Aproximou-se da cama, segurando um cano de ferro com as duas mãos. Ergueu o cano como se fosse um machado.

Desceu-o sobre o homem adormecido, com toda a força que tinha.

- Investigador Goldman, foi um prazer conhecê-lo - murmurou.

O trabalho estava sempre a minha espera, exigindo tudo o que eu podia

dar, e depois exigindo mais um pouco.

Na manhã seguinte, vi-me voando para Nova York. O FBI mandara-me um helicóptero. Kyle Craig era um bom amigo, mas eu sabia que estava se aproveitando de mim. E ele sabia que eu sabia. Esperava que eu acabasse por me envolver no caso do sr. Smith, que aceitasse conhecer o agente Thomas Pierce. Eu, porém, não iria fazer nada disso. Não por enquanto, pelo menos, talvez nunca. Antes de qualquer outra coisa, eu precisava encontrar Gary Soneji. Chegamos antes das oito e meia a Nova York e rumamos para o

heliporto, no East Twenties. O Beil Jet preto do FBI planou baixo sobre a congestionada avenida Franklin Delano Roosevelt e o rio East. Depois desceu como se fosse dono da cidade, mas isso era apenas uma exibição da costumeira arrogância do FBI.

Ninguém pode ser dono de Nova York, a não ser, talvez, Gary Soneji.

O investigador Carmine Groza fora me buscar no heliporto, e entramos em seu Mercury Marquis sem insígnias. Corremos pela avenida FDR, até a saída para a Major Deegan.

O barulho irritante das pás dos rotores do helicóptero ainda roncava

em minha cabeça. Lembrei-me do zumbido horrível na casinha de cachorro, em Wilmington. Tudo estava acontecendo rápido demais outra vez. Gary Soneji nos desequilibrara, do jeito que gostava de fazer, com aquele modo de conduzir as pavorosas situações que criava.

Soneji atacava, pressionava, então esperava que cometêssemos um erro. Eu iria tentar não cometer nenhum, para não acabar como Manning Goldman.

A cena do último homicídio ficava em Riverdale. No caminho para lá, o investigador Groza conversou o

tempo todo,
numa típica demonstração de nervosismo. Sua tagarelice me fez pensar numa máxima que eu fazia o possível para seguir: "Nunca perca uma chance de ficar calado".

Lógico, a área de Riverdale devia fazer parte de Manhattan, ele disse, mas na realidade pertencia ao Bronx. Para confundir as coisas ainda mais, era no território de Riverdale que funcionava a Faculdade de Manhattan, uma pequena escola particular, que não tinha ligação com Manhattan, nem com o Bronx. Segundo Groza, o prefeito de Nova York,

Rudy Giuliani, freqüentara aquela faculdade.

Ouvi o investigador falar, até que ele ficou sem assunto. Parecia diferente de quando eu o vira no início da semana, na Estação Penn, trabalhando com Manning Goldman.

- Você está bem? - perguntei.

Nunca perdera um parceiro, mas uma vez Sampson quase morrera, após ser apunhalado nas costas, na Carolina do Norte, quando minha sobrinha, Naomi, fora raptada. Como psicólogo, eu dera assistência a muitos policiais que haviam perdido seus parceiros, uma tarefa que não achara nada fácil. Eu não gostava de Manning Goldman

--- Groza admitiu.

Mas o respeitava pela sua competência como investigador. E ele teve uma morte que não se deseja a ninguém.

De fato - concordei.

Mas não existia segurança para ninguém, ricos, pobres, e muito menos para os membros da polícia. Esse era o contínuo refrão de minha vida, a verdade mais assustadora de nossa época.

Saímos, por fim, da via expressa Deegan e entramos na Broadway, ainda mais movimentada e barulhenta. Olhei para Groza. Era óbvio que ele estava abalado. Eu tentava não demonstrar, mas também

estava.

Gary Soneji mostrara-nos como era fácil, para ele, invadir a casa de um policial.

A casa de Manning Goldman ficava num bom setor, conhecido como Fieldston. Era um local muito atraente, tratando-

se do Bronx. Viaturas policiais, furgões de emissoras de televisão e carros do pessoal da imprensa amontoavam-se nas ruas bonitas e estreitas das redondezas. Um helicóptero do canal Fox de televisão sobrevoava o local, espiando através das árvores.

A casa de Goldman era mais modesta

do que as outras em volta, a maioria em estilo Tudor. Aquela não era a vizinhança típica de um policial, mas, afinal, Manning Goldman não fora um policial típico.

- O pai de Manning era um médico famoso em Mamaroneck Groza informou, recomeçando a tagarelice. Quando o velho morreu, Manning herdou algum dinheiro. Ele era a ovelha negra da família, o rebelde... um policial. Os dois irmãos dele são dentistas na Flórida.

Nós dois encontrávamos a dois quarteirões da cena do crime, e eu já estava aborrecido com o que via: muitos carros oficiais e um

número exagerado de viaturas policiais. Ajuda e interferência em demasia.

- O prefeito já esteve aqui. É um aproveitador - comentou Groza. - Sabe como é. Matam um policial de Nova York, e isso causa um barulho dos diabos, um bocado de publicidade.

- Principalmente quando o policial é assassinado em sua própria casa - observei.

Por fim, Groza estacionou o carro numa ruazinha arborizada, a um quarteirão de distância da residência de Goldman.

Pássaros pipilavam, fazendo

algazarra, indiferentes ao clima de morte.

Andando na direção da cena do crime, gostei pelo menos de um aspecto da situação: o anonimato de que eu gozava em Nova York. Em Washington, muitos repórteres me conhecem e sabem que quando compareço ao local de um crime, é porque ali ocorreu um homicídio particularmente violento.

O investigador Groza e eu fomos ignorados, quando atravessamos a multidão de curiosos e representantes da imprensa.

Entramos na casa, Groza me apresentou aos colegas que se

encontravam lá, e eles me deixaram ver o quarto onde Manning Goldman fora brutalmente assassinado. Os tiras de Nova York pareciam saber quem eu era e por que fora chamado. Ouvi cochicharem o nome de Soneji várias vezes. Más notícias viajam depressa.

O corpo do policial já fora retirado da casa, e lamentei ter chegado tarde. Um grupo de técnicos trabalhava no quarto.

Tudo estava vermelho. O sangue eisopara a cama, esguichara nas paredes, no carpete bege, na escrivaninha, nas estantes de livros e até num menorá de ouro. Eu agora sabia por que Soneji estava tão

interessado em derramar sangue:
porque o seu era mortífero.

Eu sentia Gary Soneji no quarto de Goldman, quase podia vê-lo, e fiquei atônito com minha capacidade de imaginar sua presença com tanta intensidade, tanto de modo físico quanto emocional. Lembrei-me de uma ocasião em que Soneji entrara em minha casa, à noite, portando uma faca.

Mas por que ele viria aqui?, conjecturei. Para me avisar de que posso ser o próximo?

- Soneji quis mandar um recado que de fato chamasse a atenção - resmunguei, mais para mim mesmo

do que para Groza.

- Ele sabia que Goldman cuidava do caso em Nova York. Está nos mostrando que se encontra no total controle da situação.

Tinha de haver mais alguma coisa, porém. Algo que eu ainda não compreendera. Andei pelo quarto e notei que o computador sobre a escrivaninha estava ligado.

Falei com um dos técnicos, um homenzinho magro, de boca pequena, torcida num trejeito de irritação. O tipo perfeito para trabalhar numa cena de crime.

- O computador estava ligado, quando encontraram o corpo do

investigador Goldman? - perguntei.

- Estava, sim. Tiramos as impressões digitais.

Olhei para Groza.

- Sabemos que ele está procurando Shareef Thomas, que morava em Nova York e pode ter voltado para cá. Talvez tenha obrigado Goldman a puxar a ficha de Shareef, antes de matá-lo.

Para meu espanto, Groza não fez comentários. Estava apático. Eu próprio não tinha muita certeza de minha suposição, mas confiava em meus instintos, especialmente no que dizia respeito a Soneji. Eu seguia suas pegadas sangrentas e achava que não

demoraria muito para alcançá-lo.

A incrivelmente hospitaleira polícia de Nova York reservara-me um quarto no Hotel Marriott, na Forty-second Street. E já haviam começado a investigar Shareef Thomas para mim. Tudo o que era possível estava sendo feito, mas Soneji passaria mais uma noite em liberdade.

Shareef Thomas nascera no Brooklyn, em Nova York, para onde devia ter voltado, apesar de haver morado também em Washington. Eu estava quase certo de que Soneji o seguira até Nova York. Não fora o que dissera, por intermédio de Jamal Autry? Tinha contas a acertar com

Shareef Thomas.

As oito e meia, finalmente deixei a central de polícia. Exausto. Conduziram-me ao hotel num carro-patrolha. Eu levava uma bolsa de lona, onde pusera roupas para dois dias, mas talvez nem precisasse ficar tanto tempo na cidade. Tinha esperança de não precisar. Eu gostava de ir a Nova York nas ocasiões certas, e aquilo que eu estava fazendo não tinha nada a ver com compras de Natal na Fifth Avenue, em dezembro, ou assistir a um jogo dos Yankee, no outono. Por volta de nove horas, liguei para casa e foi nossa "secretária-eletrônica,

Jannie, que atendeu.

- Alô, é o E.T.? - perguntou. - Está tentando telefonar para a sua casa?

Ela é sempre assim engraçadinha.

Claro que sabia que era eu.

Nunca deixo de ligar, quando me ausento, aconteça o que acontecer.

- Como você está, meu amor, luz da minha vida? - indaguei.

Só de ouvir a voz de minha filha, senti saudade dela, de estar em casa.

Sampson passou por aqui. Veio ver como estávamos. Hoje era nosso dia de treinar boxe, lembra, papai?

Você e Damon treinaram? - perguntei.

Imaginei o rosto dela. O de meu filho.

O de Nana. Imaginei a cozinha, onde

Jannie devia ter atendido o telefone.

Desejei estar em casa para jantar com minha família.

- Claro que sim. Derrubei Damon com um soco. Ele apagou. Mas não é a mesma coisa sem você, papai. Não tive para quem me exhibir.

- Você só precisa se exhibir para si mesma - lembrei-a.

- Eu sei, papai. Foi isso que fiz. Me exhibi para mim e mim" disse: "Você é grande, garota".

Dei uma gargalhada.

- Lamento ter perdido o treino de boxe, querida. Lamento, lamento, lamento - cantarolei em ritmo de blues. -

Lamento, lamento!

- Você sempre diz isso! - Jannie reclamou num murmúrio, e ouvi um tom de mágoa em sua voz. - Um dia, isso não vai mais funcionar, escreva o que estou dizendo. Escreva, escreva, escreva.

Fiquei pensando nas palavras dela, enquanto comia um hambúrguer que pedira ao serviço de quarto e olhava para a limes Square, lá embaixo. Lembrei-me de uma velha piada que corria entre psiquiatras: "Esquizofrenia é um pouco pior do que comer sozinho". Pensei em meus filhos, em Christine Johnson, depois em Soneji e Manning Goldman,

assassinado em sua própria casa.

Tentei ler algumas páginas de *As Cinzas de Ângela*, que levava comigo para Nova York, mas, naquela noite, não suportei a linda descrição do gueto de Limerick.

Telefonei a Christine, quando achei que pusera a cabeça no lugar, bem aparafusada. Conversamos durante quase uma hora. Foi uma conversa fácil, que fluiu sem esforço. Algo estava mudando entre nós. Convidei-a para passar algum tempo comigo no fim de semana, talvez em Nova York, se eu ainda estivesse lá. Precisei de muita coragem para fazer isso, e imaginei se ela captara meu

nervosismo.

Christine tornou a me surpreender. Ela iria a Nova York, se eu ainda estivesse lá. Riu e disse que, mesmo sendo julho,

poderia antecipar algumas compras de Natal. E fez-me prometer que teria tempo para ela.

Prometi.

Consegui dormir, por fim, e despertei numa cama estranha, numa cidade estranha, enrolado nos lençóis, que me prendiam como uma camisa-de-força.

Despertei com um pensamento inquietante: Gary Soneji estava me perseguindo, e não o contrário.

Ele era o Anjo da Morte. Sabia disso desde os onze, doze anos de idade. Matara uma pessoa na época, só para ver se era capaz. A polícia nunca encontrara o corpo. Só ele sabia onde todos os corpos estavam enterrados, e não iria contar.

De repente, Gary Soneji voltou ao momento presente, à realidade, à cidade de Nova York.

Oh, Deus, fiquei aqui neste bar do East Side, rindo comigo mesmo. Acho que até falei sozinho.

Com certeza o barman do Dowd & McGoey's já o notara, resmungando consigo mesmo, quase em transe. O ruivo intrometido, com cara de

irlandês, estava fingindo que enxugava copos de cerveja, mas o observava pelo canto dos olhos.

Quando olhos irlandeses espiam...

Soneji chamou o homem com um aceno e um sorriso tímido.

- Não se preocupe, que já vou parar. Estou ficando alto. Quanto lhe devo, Michael? - perguntou, usando o nome que vira no crachá preso à camisa do ruivo.

A pequena encenação pareceu funcionar, de modo que ele pagou a conta e saiu. Andou vários quarteirões, na First Avenue, então rumou para oeste, tomando a East Fiftieth Street.

Viu um estabelecimento lotado, chamado Tatou. Pareceu-lhe promissor. E ele precisava de um lugar seguro onde passar a noite. Ficar no Plaza não fora uma boa idéia.

O Tatou estava cheio até o teto. Aquela gente toda fora lá para conversar, comer, beber e distrair-se. No andar de baixo funcionava um bar-restaurant, e no superior, uma danceteria. Que tipo de ambiente era aquele? Ele precisava descobrir. Notou que a maioria dos freqüentadores era composta de homens e mulheres de negócios, de idade entre trinta e quarenta anos,

que deviam ir ao Tatou após o horário de trabalho. Era noite de quinta-feira. Talvez a maior parte daquelas pessoas estivesse planejando seu fim de semana.

Soneji pediu vinho branco e começou a olhar os homens e mulheres enfileirados ao longo do balcão do bar. Pareciam em perfeita sintonia de condições, desesperadamente solitários. Era como se implorassem:

"Escolha-me, preste atenção em mim, por favor Ele conversou com duas advogadas, que, infelizmente, estavam grudadas uma na outra, fazendo-o lembrar-se das moças esquisitas no filme

francês La Cermonie. As advogadas chamavam-se Thereza e Jessie, e contaram que fazia onze anos que viviam juntas. As duas tinham trinta e seis anos, faziam ginástica religiosamente no Vertical Club, na Sixty-first Street, e passavam o verão em Bridgehampton, a um quilômetro e meio do mar. Totalmente erradas para ele e provavelmente para todos os outros reunidos no bar.

Soneji afastou-se. Começava a sentir uma certa pressão. A polícia sabia que ele estava se disfarçando, mas não imaginava que disfarce usaria num determinado dia. No momento, era loiro e tinha barba, perfeito para

o Tatou. No dia anterior fora um latino de cabelos escuros, entre os quarenta e os cinquenta anos. No seguinte, quem podia saber? No entanto, existia a possibilidade de ele cometer um erro estúpido. Aí, então, o prenderiam, e tudo estaria acabado. Começou a conversar com uma diretora de arte publicitária, que trabalhava numa importante agência na avenida Lexington. Jean Summerhill contou-lhe que nascera em Atlanta. Era pequena e esbelta e tinha fartos cabelos loiros, que prendera numa única trança que descia por um dos lados do peito. Soneji achou-

a cheia de si. Por alguma razão, ela lembrava sua Meredith, sua Missy. Jean Summerhill tinha apartamento próprio e morava sozinha.

Era bonita demais para estar lá, sem ninguém, procurando companhia no lugar errado, mas Soneji entendeu o motivo, logo que conversaram mais um pouco. Jean era inteligente, forte e individualista demais para o gosto da maioria dos homens. Ela os assustava sem querer, sem saber.

Mas não assustava Soneji. Os dois conversaram facilmente, do jeito que estranhos às vezes fazem num bar. Nada a perder, nenhum risco. Ela era prática e realista, uma mulher que

não sentia a necessidade de ser considerada boazinha".

Mas não tinha sorte no amor. Soneji disse-lhe isso, e Jean pareceu acreditar nele porque era o que queria ouvir.

- É gostoso conversar com você - ela comentou após o terceiro ou quarto drinque. - É uma pessoa calma, compenetrada.

- Sou um pouco tedioso Soneji declarou, mesmo sabendo que podia ser tudo, menos isso. Acho que foi por esse motivo que minha mulher me deixou. Missy se apaixonou pelo patrão, um homem rico da Wall Street. Nós dois choramos, na noite

em que ela me contou. Agora, minha ex-mulher mora num grande apartamento no Beekman Place.

Lugar muito chique. - Sorriu.

Continuamos amigos. Visitei Missy recentemente.

Jean fitou-o nos olhos, e havia um pouco de tristeza em seu olhar.

- Sabe o que acho legal em você? declarou. - Não tem medo de mim.

Gary Soneji tornou a sorrir.

- Acho que não.

Eu também não tenho medo de você - Jean Summerhill murmurou.

- E assim que deve ser - ele aprovou. - Mas prometa que não vai perder a cabeça por minha causa.

- Farei o possível.

Os dois saíram do Tatou e foram para o apartamento dela.

Fiquei parado diante do Marriott, na Forty-second Street, em Manhattan, esperando por Carmine Groza.

Por fim, o investigador de homicídios chegou para me pegar. Entrei apressado no carro e rumamos para o Brooklyn. Algo acontecera em relação ao caso, algo promissor.

Shareef Thomas fora localizado numa casa que servia de ponto de drogas, em Bedford-Stuyvesant, um setor do Brooklyn. Gary Soneji também já descobrira o paradeiro de Shareef? O que ele ficara sabendo, por

intermédio dos arquivos do computador de Manning Goldman?

Num sábado, às sete da manhã, o trânsito na cidade era uma verdadeira maravilha. Atravessamos Manhattan em menos de dez minutos. Cruzamos o rio East pela ponte do Brooklyn. O sol começava a aparecer por cima de um grupo de prédios de apartamentos, uma cegante bola de fogo que me causou dor de cabeça instantânea.

Chegamos a Bedford-Stuyvesant um pouco antes das sete e meia. Eu conhecia a má fama do Brooklyn, que àquela hora estava quase deserto. Tiras racistas de Washington

têm um jeito nojento de descrever bairros daquele tipo. Chamam-nos de fornos autolimpantes". Você fecha a porta e deixa que eles se limpem sozinhos. Que se queimem. Nana Mama tem outra palavra para o programa social mais negligenciado de nosso país, o que é dirigido aos bairros pobres dos grandes centros urbanos: genocídio.

A espelunca tinha uma placa pintada à mão, letras vermelhas sobre fundo amarelo: First Street, Frios e Cigarros. Aberta 24

Horas. Mas a loja estava fechada, contrariando o anúncio.

Na frente, vimos um furgão marrom e

bege estacionado. As janelas haviam sido pintadas com tinta prateada, e uma paisagem, "lunar sobre Miami", cobria as duas laterais. Uma mulher, dependente de drogas e solitária, andava pela calçada, meio cambaleante. Era a única pessoa na rua, quando chegamos.

Vimos que a casa onde Shareef Thomas se encontrava era um sobrado, com a pintura descascada e algumas vidraças quebradas. O prédio dava a impressão de ter sido condenado muito tempo atrás.

Ficamos à espera de que Shareef saísse, na esperança de que Soneji aparecesse também.

Escorreguei no assento, ficando meio deitado. Vi a distância um cartaz escalavrado erguido sobre um prédio de tijolos à vista:

"Dez Mil Dólares de Recompensa por um Tira Abatido. Mau presságio, mas um bom aviso.

O bairro começou a despertar e mostrar a cara por volta de nove horas. Duas senhoras idosas, vestidas de branco, passaram de mãos dadas, rumo à igreja pentecostal no quarteirão de cima. Elas me lembraram Nana e suas amigas. Fizeram-me sentir saudade de casa.

Uma menina de seis, sete anos, brincava de pular corda na calçada.

Notei que a "corda" era um fio elétrico.

A garota movimentava-se numa espécie de transe indiferente.

Fiquei triste, vendo a pobrezinha brincar. Imaginei o que aconteceria com ela. Que chances tinha de sair daquele lugar? Pensei em Jannie e Damon, em sua decepção por eu não estar em casa naquela manhã.

"Nada de trabalhar aos sábados, papai. Só temos o sábado e o domingo para ficarmos juntos."

O tempo passava lentamente. Quase sempre é assim, quando se está vigiando algum lugar. Ocorreu-me um pensamento relacionado com o

bairro:

A tragédia também pode causar dependência."

Uma dupla de sujeitos com aparência suspeita, usando camisetas tipo regata e bermudas jeans, chegou numa caminhonete preta às dez e trinta aproximadamente. Estabeleceram-se e começaram a vender melões, espigas de milho, tomates e verduras. Os melões foram empilhados na sarjeta, onde corria água espumosa. Já eram quase onze horas, e eu começava a me preocupar. Nosso informante devia ter se enganado. Num ataque de paranóia, achei que

Gary Soneji já estivera na casa. Ele era bom em disfarces. Talvez ainda estivesse lá dentro.

Abri a porta do carro e desci. O calor me envolveu, e tive a impressão de que entrara num forno. Mesmo assim, era bom estar fora.

- O que está fazendo? perguntou Groza.

Parecia disposto a ficar sentado no carro o dia todo, seguindo todas as regras, até que Soneji aparecesse.

- Confie em mim - respondi.

Tirei a camisa e amarrei-a na cintura. Apertei os olhos, para que o olhar ficasse meio fora de foco.

- Alex! - Groza chamou.

Ignorei-o e comecei a andar arrastando os pés, na direção da casa dilapidada. Imaginei que estivesse desempenhando bem o papel de drogado. Não era tão difícil. Infelizmente, vira cenas como aquela vezes sem conta, em meu próprio bairro. E meu irmão mais velho, que já faleceu, era viciado em heroína.

O prédio na esquina de um beco sem saída, onde a distribuidora de drogas funcionava, parecia de fato abandonado. Era o mesmo procedimento padronizado dos traficantes de todas as grandes cidades que eu conhecia: Washington,

Baltimore, Filadélfia, Miami, Nova York. Isso dá o que pensar.

Quando abri a porta pichada de cima a baixo, vi que o lugar era um verdadeiro chiqueiro, horrível, mesmo para um ponto de drogas. Fundo de poço. Fim de linha. Shareef Thomas também tinha Aids.

O chão pegajoso estava juncado de lixo. Latas de refrigerante e garrafas de cerveja. Embalagens de lanches da Wendy"s, Roy"s e Kentucky Fried Chicken. Frascos de craque. Arames para limpar cachimbos de craque. Alta temporada, verão na cidade. Calculei que apenas um "funcionário"

trabalhasse na espelunca. Num lugar desses, um dependente paga dois, até três dólares por um espaço no chão, além de poder comprar, ali mesmo, seringas, cachimbos, papéis, isqueiros e, talvez, um refrigerante ou uma cerveja.

Inscrições como: "Vá se foder", "Aids" e "Drogados do mundo!"

cobriam as paredes. Sobre tudo pairava um nevoeiro espesso e fumarento, que parecia alérgico à luz do sol. O fedor era tanto, que seria preferível andar nos esgotos da cidade.

Surpreendi-me com o silêncio e a

estranha serenidade do ambiente. Captei tudo num relance, mas não vi Shareef Thomas. Nem Gary Soneji.

Um homem com aparência de latino, ostentando um coldre de ombro por cima de uma camiseta imunda, com a propaganda da Bacardi, estava encarregado do turno matinal. Apesar de sonolento, conseguia dar a impressão de que controlava tudo. Tinha um rosto que não revelava a idade e um bigode espesso.

Parecia que Shareef Thomas perdera um bocado de pontos. Devia estar muito por baixo. Estaria morrendo? Ou apenas se escondendo? Saberria que Soneji andava a sua procura?

O que deseja, chefe? o latino perguntou num cochicho, mal podendo abrir os olhos.

- Um pouco de paz e silêncio - respondi em tom reverente, como se aquele lugar fosse uma igreja, o que de fato era, para muita gente.

Entreguei-lhe duas notas amassadas, que ele pegou, virando-se.

- Ali dentro - o homem instruiu.

Olhei para a sala que ele indicara e senti como se uma mão de ferro apertasse meu coração.

Cerca de dez homens e duas mulheres estavam sentados ou deitados no chão ou em alguns

colchonetes finos e imundos. A maioria olhava para o espaço, sem fazer nada, algo que faziam muito bem. Era como se lentamente estivessem se desvanecendo, evaporando-se, misturando-se com a fumaça e a poeira.

Ninguém prestou atenção em mim, o que foi bom. Ninguém se importava com quem entrasse ou saísse daquela arapuca infernal. Não vi Shareef. Nem Soneji.

Estava escuro como uma noite sem lua, na sala principal do ponto de drogas. A única luz ocasional era a produzida pelas chamas dos fósforos. A cabeça do fósforo acendia-se com

um leve ruído, então ouvia-se um prolongado som sibilante.

Embora procurasse por Shareef, eu tentava desempenhar meu papel o melhor que podia. Tornara-me apenas mais um dependente desesperado, procurando um lugar para fumar, para viajar em paz. Não estava lá para perturbar ninguém.

Por fim, vi Shareef Thomas num dos colchonetes, nos fundos do aposento sujo e escuro. Reconheci-o por causa das fotos que vira na penitenciária de Lorton. Forcei-me a desviar o olhar.

Meu coração começou a martelar como louco. Era possível que Soneji estivesse lá também? As vezes, ele me

parecia um espírito, um fantasma. Imaginei se haveria uma porta de saída na parte de trás. Mas precisava achar um lugar para sentar, antás que despertasse suspeitas.

Aproximei-me de uma parede e comecei a deslizar para o chão, observando Shareef pelo canto dos olhos. Então, o lugar entrou em convulsão, numa onda de desordem caótica.

A porta da rua abriu-se com ímpeto, e Groza e dois policiais uniformizados entraram.

- Vão se foder! - um homem perto de mim engrolou entre gemidos.

- Polícia! Não se movam! Carmine

Groza berrou. - Ninguém se mexa.
Fiquem onde estão!

Falava como se não passasse de um patrulheiro das ruas. Idiota! Não tirei os olhos de cima de Shareef Thomas. Ele já se levantava do colchonete onde estivera deitado, alguns segundos atrás, satisfeito como um gato. Talvez não estivesse chapado coisa nenhuma, mas apenas se escondendo.

Peguei o revólver Glock, que pusera nas costas, preso pelo cós da calça, e coloquei-o na frente. Esperei não ter de usá-

lo naquele espaço exíguo.

Shareef Thomas ergueu um revólver

que devia ter escondido ao lado do colchonete. Os drogados pareciam incapazes de se mover e sair da frente, mas todos os olhos vermelhos estavam arregalados de medo.

A arma de Shareef explodiu. Groza e os dois policiais caíram. Mas eu não podia dizer se haviam sido atingidos.

Pare com essa merda! gritou o latino. - Pare com isso! Deitara-se no chão e gritava sem erguer a cabeça.

- Thomas! chamei com toda a força de minha voz.

Ele se movia com surpreendente agilidade. Reflexos rápidos e seguros. Apontou a arma para mim. Os olhos escuros fulguravam.

Não posso explicar o que uma pessoa sente quando vê uma arma virada em sua direção. Eu não tinha escolha. Apertei o gatilho do Glock.

A bala acertou Shareef Thomas no ombro direito. Ele se jogou para a esquerda, mas não caiu. Girou suavemente. Sabia o que estava fazendo. Eu também.

Atirei uma segunda vez e acertei-o no pescoço ou no queixo, não podia ter certeza. Ele caiu para trás, contra a parede fina, que tremeu. Revirou os olhos e escancarou a boca. Estava morto, antes de atingir o chão.

Eu matara nosso único elo de ligação

com Gary Soneji.

Ouvi Carmine Groza falando em seu rádio, aos berros.

- Policial abatido na Macon, quatrocentos e doze. Policial abatido! Quando entendi o que ele dizia, fiquei enregelado. Nunca, antes, participando de uma ação, vira um colega morrer. Mas, do jeito que as coisas haviam acontecido, seria muito difícil isso não acontecer. Por que Groza invadira o local daquela maneira? Por que levava patrulheiros com ele? Bem, isso agora já não tinha importância.

O policial atingido caíra de costas no chão imundo, perto da porta da rua.

Os olhos estavam vidrados e um filete de sangue escorria-lhe da boca. O tiro cumprira sua pavorosa missão, exatamente como teria feito comigo. Havia sangue nas paredes e no piso de madeira. Na parede, acima do corpo do patrulheiro, os orifícios provocados pelas balas formavam um desenho chamuscado.

Parei junto de Groza, ainda segurando o Glock. Apertava os dentes, tentando dominar a raiva contra o investigador que causara tudo aquilo com sua insensatez. Precisava me controlar, antes de abrir a boca para dizer alguma coisa.

- Deus, meu Deus! - murmurava sem

parar o outro policial uniformizado, perto de mim.

Estava terrivelmente traumatizado. Passava a mão na testa e nos olhos, como se quisesse apagar da mente a cena de sangue.

A ambulância do pronto-socorro chegou em questão de minutos. Observamos dois médicos fazerem de tudo na tentativa de salvar a vida do policial caído. Ele era jovem, devia ter no máximo vinte e cinco anos, usava os cabelos ruivos cortados bem curtos. O peito de sua camisa azul estava empapado de sangue.

Lá nos fundos, outro médico fazia a mesma coisa com Shareef Thomas,

mas eu sabia que seu esforço era vão.

- Nós sabemos que Thomas está morto - eu disse a Groza, finalmente. -

Mas Soneji não precisa saber. Talvez, fazê-lo pensar que Thomas está vivo e hospitalizado seja o modo de pegá-lo.

O investigador concordou.

- Vou falar com uma pessoa. Talvez possamos levar Thomas para um hospital e fazer a imprensa espalhar isso. Vale a pena tentar.

A aparência de Groza não era muito boa. Eu sabia que a minha não estava melhor. Revia mentalmente o cartaz que anunciava:

"Dez Mil Dólares de Recompensa por

um Tira Abatido".

Nenhum policial envolvido na caçada podia imaginar o começo, o meio e principalmente o fim daquela história. Ninguém conseguira prever o rumo dos acontecimentos, desde aquele primeiro momento, na Estação Union. Gary Soneji possuía todas as informações, todo o poder. Estava ficando famoso outra vez. Era alguém.

Voltara a ser notícia.

Não fazia mal que estivessem mostrando fotografias suas nos jornais e na televisão. Ninguém sabia que aparência ele tinha naquele dia, tivera no anterior ou teria no

seguinte. A polícia não iria prender todas as pessoas que se encontrassem em Nova York, iria?

Ele saiu do apartamento da finada Jean Summerhill perto de meio-dia. A bonita moça perdera a cabeça por causa dele. Exatamente como Missy, em Wilmington.

Andou pela Seventy-third Street até chegar à Fifth Avenue, então virou, rumando para o sul. O trem voltara aos trilhos.

Comprou um copo de café, que veio numa embalagem de papelão com deuses gregos estampados à volta toda. O café estava uma porcaria, mas ele o tomou mesmo assim.

Queria soltar-se em outro ataque, ali mesmo, na Fifth Avenue. Queria com todas as suas forças. Imaginou um massacre, e até já podia ver as notícias ao vivo, veiculadas pela CBS, a ABC, a CNN e a Fox.

Por falar em notícias, Alex Cross aparecera na televisão, naquela manhã. Ele e a polícia de Nova York haviam encontrado e "garfado" Shareef Thomas. Um viva para eles. Os caras sabiam seguir instruções, afinal.

Andando tranqüilamente entre os nova-iorquinos chiques, bem-vestidos, Soneji não pôde deixar de pensar como era esperto, muito

mais inteligente do que qualquer idiota da polícia. Se eles pudessem entrar em sua cabeça só por um instante, reconheceriam sua superioridade.

Mas ninguém podia fazer isso. Ninguém nunca fora capaz. Ninguém sabia o começo, o meio, ou o fim.

Ele estava ficando furioso. Quase não podia controlar a raiva. Sentia dificuldade em enxergar as coisas direito. A bÍlis subiu-lhe à garganta.

Jogou o café, quase o copo cheio, em cima de um transeunte. Riu da expressão surpresa e ofendida no rosto do homem. Gargalhou, vendo o café escorrer pelo nariz aquilino,

descer para o queixo quadrado, manchar a gravata e a camisa obviamente caras.

Gary Soneji podia fazer o que quisesse. E fazia.

Que esperassem para ver.

Às sete horas, naquela noite, fui à estação ferroviária Penn. Aos sábados, o movimento era bem menor, pois não havia aquela multidão de pessoas que moravam em outros lugares e trabalhavam em Nova York. Os assassinatos cometidos na Estação Union, em Washington, e ali, giravam em minha cabeça. Para Soneji, os túneis escuros dos trens eram o porão, símbolo de

sua infância torturada. Eu conseguira resolver essa parte do difícil quebra-cabeça. Quando Soneji emergia do porão, explodia de ódio assassino contra o mundo.

Vi Christine vindo pela escada que subia dos túneis.

Comecei a sorrir, apesar de tudo. Sorria e transferia o peso do corpo de um pé para outro, quase dançando. Senti-me tonto e excitado, cheio de uma esperança e de um desejo que não experimentava havia muito tempo. Ela viera!

Christine carregava uma pequena bolsa preta de viagem com o logotipo da Escola Sojourner Truth. Tinha

porte orgulhoso, estava linda, mais desejável do que nunca, se isso era possível. Usava um vestido branco de mangas curtas e decote rente ao pescoço, sapatos pretos de salto baixo. Notei que as pessoas olhavam para ela, algo que sempre acontecia.

Fomos para um canto da estação, procurando um pouco de privacidade, e nos beijamos. Nossos corpos colaram-se um no outro, e senti o calor de Christine, seus ossos, sua carne. Ouvi, quando a bolsa que ela carregava caiu no chão.

Os olhos castanhos fixaram-se nos meus, dilatados e questionadores em princípio, depois cálidos e alegres.

- Tive um pouco de medo de que não viesse me buscar -

ela disse. Imaginei você envolvido em algum tipo de emergência, e eu aqui sozinha, no meio da Estação Penn.

- De jeito nenhum eu deixaria que isso acontecesse - assegurei. - E estou muito contente por você ter vindo.

Tornamos a nos beijar e abraçar, ainda com mais força. Eu não queria parar de beijar Christine, não queria soltá-la.

Queria levá-la para algum lugar onde pudéssemos ficar sozinhos. Meu corpo estava à beira de uma convulsão. Tão ruim, tão bom.

- Tentei não vir - ela confessou com

um sorriso. Mas descobri que não podia ficar longe de você. Nova York me assusta, mas aqui estou.

- Nós vamos nos divertir muito, prometo.

- Promete que será inesquecível? - ela provocou.

- Será inesquecível prometi.

Abracei-a novamente.

O começo do inesquecível estava sendo promissor.

Rainbow Room, oito e meia de uma noite de sábado. Christine e eu saímos do elevador de braços dados.

No mesmo instante, fomos arrebatados para uma outra era, outro modo de viver, talvez outra

vida. Uma elegante placa, com letras prateadas sobre fundo preto, perto da porta do elevador, anunciava: Rainbow Room. Você está entrando num musical da MCM. A luz de centenas de pequenos refletores cintilava nas superfícies de cromo e cristal. Era o máximo.

Perfeito.

- Acho que não estou vestida de modo adequado para um musical da Metro, mas não me importo. Que idéia maravilhosa!

- Christine disse, enquanto passávamos por recepcionistas dos dois sexos, superproduzidos, espetaculares.

Fomos levados até um balcão que dominava o salão de baile e de onde se tinha uma vista panorâmica de Nova York. A

pista de dança e todas as mesas estavam ocupadas.

Christine usava um simples vestido longo, preto, e o mesmo colar, com o broche antigo servindo de pingente, que pusera para ir ao Kinkead's comigo. O colar pertencera à avó dela. Como tenho um metro e oitenta e oito de altura, ela não precisara ter receio de usar aqueles elegantes sapatos de salto alto, em vez das sapatilhas confortáveis a que normalmente dava preferência.

Descobri que gostava de estar com uma mulher quase tão alta quanto eu, apesar de nunca ter pensado nisso.

Também me vestira com apuro. Escolhera um terno de verão, grafite, camisa branca e gravata azul de seda. Por uma noite, pelo menos, eu não parecia um investigador policial de Washington, não parecia o dr. Cross, natural do Sudeste. Acho que estava mais parecido com Denzel Washington no papel de Jay Gatsby. Gostei. Boa variação para uma noite, talvez até mesmo para o dia seguinte. Do balcão, fomos conduzidos a uma mesa diante de uma grande janela voltada para o cintilante East Side de

Manhattan. Uma banda composta por cinco latino-americanos encontrava-se no palco. Tocavam muito bem. A pista giratória continuava lotada. Todos pareciam estar se divertindo muito, dispostos a dançar pela noite adentro.

- É engraçado, bonito e ridículo, e acho que tão bom quanto qualquer outro lugar a que já fui - comentou Christine,

assim que nos sentamos. - São os únicos elogios que você vai ouvir de mim esta noite.

- Diz isso porque ainda não me viu dançar.

- Já sei que você sabe dançar. - Ela

riu, então confidenciou:

- As mulheres sempre conseguem distinguir os homens que sabem dançar dos que não sabem.

Pedimos as bebidas, uísque puro para mim, sherry para Christine. Escolhemos uma garrafa de vinho sauvignon branco, e depois passamos alguns deliciosos minutos apreciando o espetáculo que era o Rainbow Room.

O conjunto latino-americano foi substituído por outro, de big band, que tocou swings e blues. Um grande número de pessoas ainda sabia dançar ritmos antiquados, até mesmo tango, e alguns pares (lançavam

muito bem.

- Já esteve aqui? - perguntei a Christine, quando o garçom chegou com nossos drinques.

- Só quando assisti a O Príncipe das Marés, sozinha no meu quarto - ela respondeu com um sorriso. E você? Vem sempre aqui, marinheiro?

Uma vez, quando estava em Nova York, atrás de um assassino com dupla personalidade. Ele pulou daquela janela ali, a terceira da esquerda para a direita.

Christine riu.

Não me surpreenderia se fosse verdade, Alex. Nem um pouquinho.

A orquestra começou a tocar

Moonglow, uma música tão bonita, que fomos obrigados a ir para a pista de dança. Eu não podia pensar em muitas outras coisas de que pudesse gostar mais do que dançar com Christine. Na verdade, não podia pensar em coisa alguma.

Em algum ponto do tempo, Christine e eu havíamos concordado em assumir o risco e ver o que aconteceria. Nós dois perdêramos pessoas a quem amávamos. Sabíamos o que era sofrer e, no entanto, ali estávamos nós, prontos para entrar outra vez na pista de dança da vida. Acho que quis dançar uma música lenta com Christine desde a primeira

vez em que a vi, na Escola Sojourner Truth.

Puxei-a para mim e passei um braço por sua cintura. Segurei-lhe a mão. Ouvi-a suspirar e percebi que ela também estava um tanto nervosa.

Comecei a cantarolar baixinho. Penso até que flutuei um pouco. Nossos lábios se tocaram. Fechei os olhos, deliciando-

me com o contato da seda do vestido dela em minha mão. Certo, eu dançava bem, mas Christine também dançava.

- Olhe para mim - ela murmurou, e abri os olhos.

"Tem razão", pensei. "Assim é bem

melhor."

- O que está acontecendo, Alex? O que é isso? Nunca me senti assim.

- Nem eu. Mas posso me acostumar. Estou gostando bastante.

Aproximei nossas mãos unidas do rosto dela e acariciei-lhe a face com os nós dos dedos. A música continuava a produzir sua magia, e Christine flutuava comigo. Coreografia graciosa, com a leveza de raios de luar. Todo meu corpo reagia, e eu estava encontrando dificuldade para respirar.

A harmonia entre mim e Christine era perfeita. Nós dois dançávamos bem, mas juntos criávamos algo especial e

deslizávamos suavemente. As palmas de nossas mãos colavam-se, imantadas. Virei-a lentamente, fazendo-a girar sob meu braço erguido.

Juntamo-nos outra vez, nossos lábios ficaram muito próximos. Eu sentia o calor do corpo dela atravessar minhas roupas e me aquecer. Pousei meus lábios nos dela, só por um instante, e a música parou. Outra começou.

- Agora fica difícil fingir - ela observou, quando voltávamos para a nossa mesa. - Eu sabia que você dançava, mas não assim.

- Ainda não viu nada. Vai ver, quando tocarem um samba repliquei.

Continuei segurando a mão dela. Não podia soltá-la. Não queria.

- Eu acho que sei sambar ela avisou.

Dançamos muito, ficamos de mãos dadas, e suponho que até jantamos. Mas, com certeza, sei que dançamos, e que eu não podia soltar a mão de Christine. E ela não podia soltar a minha. Falamos sem parar, e mais tarde eu não me lembraria de quase nada do que fora dito. Talvez essas coisas aconteçam no Rainbow Room, lá no alto, acima de Nova York.

Quando olhei pela primeira vez para o meu relógio, não acreditei no que vi. Já era quase uma hora. Aquela mesma misteriosa perda de noção de

tempo já acontecera antes, estando eu em companhia de Christine. Paguei a conta, uma conta grande, e só então notei que o lugar estava quase vazio. Aonde fora todo mundo?

- Sabe guardar segredos? - perguntou Christine, quando estávamos descendo no elevador forrado com painéis de castanheira.

Encontrávamo-nos sozinhos sob a luz amarelada, abraçados.

- Guardo muitos segredos - respondi.

- Bem, então escute - ela começou, no instante em que o elevador parou no térreo, com um leve impacto.

A porta abriu-se. Christine segurou-me, decidida a não me deixar sair do

elevador suavemente iluminado, antes de acabar de dizer o que começara.

- Gostei de você ter reservado um quarto para mim no Astor. Mas acho que não precisarei dele, Alex. Tudo bem?

Continuamos parados e nos beijamos novamente. A porta fechou-se, e o elevador subiu à cobertura. Nós nos beijamos durante a subida e também durante toda a descida para o térreo. E aquela viagem de ida e volta não foi, de maneira alguma, bastante longa.

- Sabe de uma coisa? Christine murmurou, quando chegamos ao

térreo do Rockefeller Center pela segunda vez.

- Que coisa? - perguntei.

- É isso o que acontece quando a gente vai ao Rainbow Room.

Foi inesquecível. Como na mágica canção de Nat King Cole e na mais recente versão de Natalie Cole.

Paramos à porta de meu quarto, no hotel, e eu estava totalmente mergulhado no momento. Tive de soltar a mão de Christine para abrir a porta... e me senti perdido. Tentei colocar a chave na fechadura e errei.

Com delicadeza,

Christine pôs a mão sobre a minha, e juntos introduzimos a chave e a

viramos.

Passou-se uma eternidade, ou assim pareceu. Eu sabia que jamais esqueceria um único detalhe do que estava acontecendo. Nem deixaria que o cinismo ou ceticismo diminuíssem a beleza do momento.

Eu estava sentindo o efeito vertiginoso de um retorno à intimidade, da qual não percebera como sentira falta. Eu me permitira entrar num estado de amortecimento, e ali permanecera nos últimos anos. É algo tão fácil de fazer, que nem se percebe que a vida tornou-se um buraco profundo.

A porta abriu-se lentamente, e tive a

sensação de que Christine e eu estávamos nos desligando de nosso passado. Ela se virou para mim, no limiar, e ouvi o leve farfalhar de seu vestido. Estendi a mão e ergui-lhe o queixo com a ponta dos dedos. Sentia-me como se não houvesse sido capaz de respirar direito desde o momento em que a vira na estação.

- Mãos de músico. Dedos de pianista ela murmurou. - Adoro o jeito como você me toca. Sempre soube que adoraria.

Não tenho mais medo, Alex.

- Isso me deixa feliz. Também não tenho.

Entramos, e a pesada porta pareceu

fechar-se sozinha.

Não importa onde estamos agora", pensei.

As luzes piscantes lá de fora, ou talvez o barco que deslizava no rio, davam a impressão de que o piso balançava mansamente, mais ou menos como a pista de dança do Rainbow Room oscilava sob nossos pés.

Eu mudara de hotel para o fim de semana, escolhera o Astor, no East Side, Manhattan. Quisera levar Christine para um lugar especial. Minha suíte ficava no décimo segundo andar, de frente para o rio. Fomos até a janela, atraídos pelas

luzes pulsantes que delineavam o perfil de Nova York. Observamos o silencioso e estranhamente belo movimento do tráfego que passava pela Nações Unidas, indo na direção da ponte do Brooklyn.

Lembrei-me de que cruzara aquela ponte pela manhã, a caminho do ponto de drogas. Parecia que fora muito tempo atrás. Visualizei o rosto de Shareef Thomas, depois o do policial morto, então o de Soneji, mas expulsei as imagens.

Ali, eu não era um investigador policial.

Os lábios de Christine pousaram em meu pescoço.

- Aonde você foi, agora? - ela perguntou num murmúrio.

- Afastou-se daqui, não é? Esteve num lugar desagradável.

- Só por alguns segundos - respondi, confessando a verdade, admitindo minha falha.

Segurava a mão dela novamente.

Ela beijou meu rosto. Foi um beijo leve como papel. Então, beijou-me suavemente na boca.

- Não sabe mentir, não é, Alex? Não diz nem mentiras inocentes.

Tento não fazer isso. Não gosto de mentiras. Como poderia mentir para você? - perguntei sorrindo.

- Essa é uma das coisas que amo em

você. E há muitas outras. Sempre descobro algo novo para amar, quando estamos juntos.

Esfreguei o queixo no topo da cabeça de Christine, então beijei-a na testa, na face, nos lábios e, finalmente, na macia curva do pescoço. Ela tremia ligeiramente. Eu também. Graças a Deus, nenhum de nós dois estava com medo.

Você é linda eu disse. - Sabia?

Sou alta e magra demais. Você, sim, é lindo. Todo mundo diz isso.

Tudo era tão excitante e tão bom. O fato de termos nos encontrado parecia um milagie, assim como o de nos encontrarmos ali, juntos. Eu

estava feliz, sentia-me afortunado por Christine ter decidido arriscar-se comigo, por eu ter decidido me arriscar também.

- Olhe-se naquele espelho ela pediu. -
Veja como é bonito. Tem um rosto tão meigo! No entanto, você significa problemas, não é, Alex?

- Não lhe darei nenhum problema esta noite assegurei.

Queria despi-la, fazer tudo por e para ela. Uma palavra em graçaada estranha, flutuava em minha mente: arrebatamento".

Christine deslizou a mão pela frente de minha calça e sentiu minha rija ereção.

- Hummm... - murmurou com um sorriso.

- Puxei o zíper de seu vestido até a metade das costas. Não me lembrava de ter querido tanto estar com uma pessoa, pelo menos desde muito tempo atrás. Afaguei o rosto de Christine, memorizando cada centímetro, cada feição. A pele dela era macia como seda, sob meus dedos.

Começamos a dançar. Não havia música, mas ouvíamos a nossa. Com a mão em suas costas, logo abaixo da cintura, pressionei-a contra meu corpo.

Coreografia de luar, mais uma vez.

Oscilamos lentamente para a frente e para trás, para a frente e para trás, num sensual chá-chá-chá, perto da janela panorâmica. Aninhei as nádegas dela nas mãos. Ela se ajeitou contra mim de um jeito que lhe dava prazer, e de que também gostei.

Então, começou a mexer no meu cinto, até que a fivela abriu-se.

Puxou o zíper da calça para baixo e me apalpou de leve. Eu adorava quando ela me tocava, em qualquer parte, em todas as partes. Os lábios carnudos estavam em minha pele de novo. Tudo o que ela fazia era erótico, irresistível, inesquecível.

Nós dois sabíamos ir devagar. Não tínhamos pressa de nada.

Precipitação arruinaria aqueles momentos, que não deviam ser arruinados de forma alguma.

Refleti que ambos já havíamos conhecido aquilo antes, mas certamente não daquela maneira.

Vivíamos uma situação muito especial, totalmente nova. Era algo que acontecia uma única vez na vida.

Meus beijos lentamente percorreram os ombros de Christine, e senti os seios firmes subirem e descerem. O ventre chato e as pernas compridas pressionavam-se contra mim. Cobri-lhe os seios com as mãos. De repente,

queria tudo o que era dela.

Ajoelhei-me. Subi as mãos pelas coxas macias, pelos quadris, até a cintura.

Levantei-me e acabei de abrir o zíper do vestido, que escorregou para o chão, formando uma poça negra ao redor dos tornozelos esbeltos.

Por fim, quando estávamos livres de todas as roupas, olhamos um para o outro. Christine deixou os olhos desavergonhados percorrerem meu peito, descendo, fixando-se em minha total ereção. Eu queria, desesperadamente, estar dentro dela.

Vi-a recuar um passo. Estava sem

fôlego. Era uma sensação quase insuportável, mas que eu não queria que acabasse.

Estava tendo emoções novamente, lembrando-me de como aquilo era bom.

Ela puxou os cabelos para um lado. Um movimento tão simples, tão gracioso.

Faça isso de novo pedi, sorrindo.

Ela riu e repetiu o gesto.

- Faço o que você quiser afirmou. Mas fique onde está, Alex. Não se mova. Não se aproxime, ou pegaremos fogo.

- E esse fogo pode durar o fim de semana todo observei, começando a rir.

- Espero que sim.

Ouvi um levíssimo clique.

Fora a porta do quarto?

Eu a trancara?

Havia alguém lá fora?

Oh, não!

Subitamente nervoso, dominado pela paranóia, olhei para a porta do quarto. Estava fechada e trancada. Não havia ninguém. Eu não tinha com que me preocupar. Christine e eu estávamos em segurança. Nada de mau aconteceria a nenhum de nós dois, naquela noite.

No entanto, o instante de dúvida e medo tinha feito os cabelos em minha nuca arrepiar-se. Soneji sempre fazia

aquilo comigo. Demônio! O que ele queria de mim?

- O que foi, Alex? Você me deixou - Christine queixou-se e me tocou, puxando-me de volta. Seus dedos em meu rosto tinham a leveza de penas. - Fique comigo, Alex.

- Estou aqui. Só pensei ter ouvido um barulho.

Eu sei. Mas não há ninguém. Você trancou a porta quando entramos. Está tudo bem.

Tomei-a nos braços e apertei-a contra o corpo. Ela estava eletrizada, e incrivelmente quente. Deitei-a na cama e caí sobre ela, apoiando-me nas mãos.

Inclinei a cabeça e beijei-lhe o rosto, um seio e depois o outro, tomando os mamilos entre os lábios, lambendo-os. Beijei-a entre as coxas, nas pernas, nos tornozelos, nos pés.

Ela se arqueou contra mim, meio sem fôlego, com um sorriso radiante. Movia-se no mesmo ritmo que eu, e nós dois ofegávamos.

- Venha agora, Alex ela murmurou, mordendo-me um dos ombros. - Venha agora. Quero você dentro de mim.

Esfregou meus flancos com a palma das mãos, como se esfregasse duas varetas para acender fogo.

E o fogo acendeu-se. Senti-o

espalhando-se por meu corpo. Penetrei-a. Deslizei lentamente para dentro, indo o mais fundo que podia. Meu coração saltava no peito, as pernas tremiam, enfraquecidas, o estômago contraía-se, e meu membro estava tão duro que doía.

Entrei totalmente em Christine. Era o que eu queria desde muito tempo. Ocorreu-me o pensamento de que eu fora feito para aquilo, para estar naquela cama com aquela mulher. Graciosa como uma atleta, ela rolou para cima de mim e sentou-se, orgulhosamente ereta. Começamos a nos balançar, os corpos subindo e

descendo, subindo e descendo.

Ouvi-me gritando: Assim, assim, assim. Depois, percebi que a voz dela misturava-se com a minha, no mesmo grito.

Então, Christine murmurou algo mágico:

- Você é o homem que eu estava esperando.

Terceira Parte

PARIS, FRANÇA.

O dr. Abel Sante tinha trinta e cinco anos de idade, cabelos pretos semilongos, boa aparência e uma linda namorada chamada Regina Becker, pintora, que, na opinião dele, era bastante talentosa. Acabara de deixar o apartamento de Regina e caminhava para casa pelas ruas pouco movimentadas do sexto arrondissement. Era meia-noite aproximadamente.

As ruas estreitas estavam silenciosas,

e ele gostava da tranqüilidade daquela hora para pôr os pensamentos em ordem ou para não pensar em nada. Naquela noite, Abel Sante refletia sobre uma paciente sua, de vinte e seis anos, que falecera naquele dia. Ela deixara um marido amoroso e duas lindas filhas.

Ele tinha uma teoria sobre a morte, que considerava muito boa:

por que deixar o mundo e voltar ao cosmos seria mais assustador do que entrar no mundo, o que não tinha nada de assustador?

O dr. Sante não saberia dizer de onde aparecera o homem, um habitante das ruas, usando jaqueta suja e

rasgada e calça larga. De súbito, o homem estava a seu lado, quase encostado nele.

Linda - falou o desconhecido.

- Desculpe, não entendi - Abel Sante disse, sobressaltado, saindo depressa de suas reflexões.

- A noite está linda, e a nossa cidade é perfeita para um passeio noturno.

É, sim. Bem, foi um prazer conhecê-lo.

Sante notou que o homem falava francês com um certo sotaque. Seria inglês? Talvez. Ou americano.

Você não devia ter deixado o apartamento dela. Um cavalheiro sempre fica para passar a noite. A

menos, é claro, que ela tenha lhe pedido para ir embora.

O dr. Abel Sante sentiu-se enrijecer. Retirou as mãos dos bolsos da calça. De repente, ficara com medo. Com muito medo. Empurrou o homem com o cotovelo.

- Do que está falando? Suma daqui!

Estou falando de você e Regina. Regina Becker, a pintora.

O trabalho dela não é mau, mas também não excepcional, receio.

- Desapareça da minha frente!

Abel Sante apressou o passo. Estava apenas a um quarteirão de casa. O homem das ruas acompanhou-o sem dificuldade. Era mais alto, mais

atlético do que o doutor notara em princípio.

- Sabe o que acho? Que você devia ter feito um filho nela.

- Vá embora! Suma! - gritou Sante.

De repente, o maltrapilho agarrou-lhe os dois pulsos, segurando-os com força. Aquilo era loucura! Abel Sante estava pronto para lutar, se fosse preciso. Fazia uns vinte anos que não lutava com ninguém, mas era forte e estava em boa forma.

O homem deu-lhe um soco e derrubou-o. Com a maior facilidade. A pulsação do dr. Sante estava acelerada, e ele não conseguia enxergar bem com o olho esquerdo,

onde fora atingido.

Você é louco? Perdeu o juízo? - gritou para o agressor, que repentinamente pareceu-lhe poderoso e impressionante, mesmo vestido com trapos.

- Claro que sou louco. Claro que perdi o juízo. Sou o senhor Smith, e você é a próxima vítima.

Gary Soneji corria feito um pavoroso rato de esgoto pelos porões, escuros túneis que serpenteavam como intestinos sob o Hospital Bellevue de Nova York. O odor fétido de sangue seco e desinfetante dava-lhe náuseas. Ele não gostava nada dos lembretes de doença e morte que o cercavam.

Mas isso não tinha importância. Ele se preparara devidamente para aquele dia. Estava cheio de energia, voando alto. Ele era a Morte. E a Morte não se encontrava em Nova York passando férias.

Vestira-se com apuro para aquela manhã: calça branca, impecável, avental de laboratório, branco, sapatos brancos. De seu pescoço pendia o cartão laminado de identificação, preso a uma corrente formada por bolinhas prateadas.

E lá estava para a ronda matinal. Ali, no Beilevue. Bem, para ele não deixava de ser uma ronda.

Não havia nada que pudesse parar o

trem do inferno, impedir o cumprimento de seu destino ou seu último grito de vitória. Ninguém podia impedir, porque ninguém jamais adivinharia para onde o último trem se dirigia. Só ele sabia, só ele poderia fazê-lo parar.

Imaginou quantas peças do quebra-cabeça Cross já encaixara nos lugares certos. Como pensador, o psicólogo e investigador não se igualava a ele, mas tinha instintos aguçados em certas áreas. Talvez ele estivesse subestimando o dr. Cross, como fizera uma vez. Seria apanhado? Talvez, mas isso tampouco importava. O jogo continuaria até o fim, mesmo sem ele.

Ali estava a beleza da coisa, da perversidade que ele cometera.

Gary Soneji entrou num dos elevadores de aço inoxidável que subiam do porão. Dois carregadores dividiram com ele o espaço exíguo, e Soneji experimentou um instante de pânico. Podiam ser tiras, trabalhando disfarçados.

Na verdade, o Departamento de Polícia de Nova York mantinha um gabinete no andar térreo do hospital, mesmo em circunstâncias normais.

"Beilevue. Meu Deus, que hospício! Um hospital com uma delegacia dentro!"

Ele fitou os carregadores com um

olhar causal e desinteressado.

Não, não podiam ser da polícia. Pareciam idiotas demais. Eram o que aparentavam ser: dois funcionários de hospital, preguiçosos e apalermados. Um deles empurrava um carrinho de aço inoxidável com duas rodas emperradas. Era mesmo de admirar que alguns pacientes saíssem vivos dos hospitais nova-iorquinos. O padrão do quadro de funcionários, ali, era igual ao de uma lanchonete McDonald"s, se não pior.

Soneji sabia que um paciente não iria sair vivo do Bellevue.

Os noticiários diziam que Shareef Thomas encontrava-se internado lá,

sob guarda da polícia. Bem, Thomas iria saber o que era dor, antes de deixar este vale de lágrimas". Iria descobrir um mundo de sofrimento.

Gary Soneji saiu do elevador no primeiro andar. Respirou aliviado quando viu os dois carregadores afastarem-se para cuidar de seus assuntos. Não eram tiras, afinal.

Havia bengalas, muletas, cadeiras de rodas e andadores de metal por todos os cantos. Aqueles artefatos hospitalares lembraram-no de sua própria condição de mortal.

As paredes, no primeiro andar, eram pintadas de branco-gelo, as portas e outros detalhes exibiam um tom de

rosa que podia ser chamado "chiclete velho". No fim de um corredor à frente ficava uma cantina, cuja iluminação fraca lembrava a dos corredores de uma estação de metrô.

"Comer nesse lugar é pedir para ser internado", ele comentou consigo mesmo.

Afastando-se do elevador, viu seu reflexo num pilar revestido de aço inoxidável.

"O mestre dos mil rostos", pensou.

Era verdade. Sua própria madrasta não o reconheceria, e, se reconhecesse, gritaria até estourar os pulmões. Saberria que ele entrara no inferno para pegá-la.

Soneji começou a andar pelo corredor.

- Matei Shareef, mas não matei o delegado - cantarolava baixinho.

Não despertou a mínima atenção. Combinava perfeitamente com o Bellevue.

Soneji tinha excelente memória. Por isso, se lembraria de tudo o que acontecesse naquela manhã. Seria capaz de voltar a fita e assistir a tudo outra vez, com uma riqueza incrível de detalhes. Era assim com todos os seus assassinatos.

Ele observou os corredores estreitos, de teto alto, como se tivesse uma fumadora no lugar da cabeça. Seu

poder de concentração dava-lhe grande vantagem. Possuía uma capacidade quase sobrenatural de captar tudo o que se passava a sua volta.

Um guarda da segurança discutia com um grupo de negros jovens, na porta da cantina. Deficientes mentais, sem dúvida, principalmente os soldadinhos de brinquedo. Não representavam nenhuma ameaça para Soneji.

Ele via ridículos bonés de beisebol por toda parte. Janquis, de Nova York. Jints, de San Francisco. Sharks, de San Jose. Mas nenhum dos que usavam os bonés parecia capaz de

jogar beisebol decentemente. Muito menos de fazer-lhe mal, ou de impedi-lo de continuar seu caminho.

A delegacia do hospital ficava logo adiante. Luzes apagadas, sinal de que não havia ninguém lá. Por onde andariam os tiras que patrulhavam o hospital? Estariam a sua espera em algum canto? Por que ele ainda não vira nenhum? Isso significaria encrenca?

Na porta do elevador para pacientes e funcionários do hospital, uma placa avisava que os usuários precisavam identificar-se. Soneji estava preparado para isso. Para a farsa daquele dia, ele era Francis Michael

Nicolo, enfermeiro de alto padrão. Na parede, um cartaz exibia os direitos e deveres dos pacientes. Placas espiavam para fora, fixadas em portas e janelas de vidro, para onde quer que ele olhasse. Aquilo era pior do que uma rodovia: Radiologia, Urologia, Hematologia. "Também estou doente!", ele queria gritar. "Estou morrendo, e ninguém se importa. Ninguém nunca se importou comigo."

Tomou o elevador central. Até ali, nenhum problema. Nada de polícia. Desceu no quarto andar, ansioso para encontrar Shareef Thomas e ver a expressão de surpresa e medo em seu

rosto.

O corredor daquele andar provocava ecos como um porão. Nada parecia absorver o som. Soneji olhou para o lado onde sabia que ficava o quarto de Shareef. Lá no fim do corredor. Isolado, por medida de segurança, certo? A poderosa polícia de Nova York em ação. Que piada! Mas tudo no mundo era uma piada. Bastava refletir um pouco para chegar a essa conclusão.

Baixando a cabeça, ele começou a andar na direção do quarto de Shareef Thomas.

Carminé Groza e eu estávamos num quarto particular do hospital, à

espera de Soneji. Tínhamos esperança de que ele aparecesse, mas não certeza. Fazia horas que nos encontrávamos lá. Nem sabíamos qual seria a aparência do assassino naquele dia. Esse era um dos problemas, mas lidaríamos com um de cada vez.

Não ouvimos nenhum ruído, mas, de repente, a porta começou a abrir-se. Soneji invadiu o quarto impetuosamente, esperando ver Shareef Thomas. Encarou-nos.

Tingira os cabelos de cinza-prateado e penteara-os para trás. Dava a impressão de ter cerca de sessenta

anos. A altura,
porém, conferia. Os olhos azul-claros
arregalaram-se quando ele me fitou.
Foram os olhos que eu reconheci
primeiro.

Ele exibiu o mesmo sorriso
desdenhoso e displicente que eu
conhecia e que vira tantas vezes em
meus pesadelos.

Achava-se superior ao resto dos
homens. Sabia que era.

Melhor ainda - disse apenas.

- Polícia de Nova York! Parado! -
Groza berrou o comando em tom
autoritário.

Soneji continuou a sorrir, como se
aquela recepção-surpresa lhe desse

um prazer infinito. Como se ele próprio a houvesse planejado. Aquela confiança, a arrogância, eram incríveis.

"Ele está usando colete à prova de balas", pensei, notando o volume ao redor de seu torso. "Está protegido, preparado para nos enfrentar."

Soneji segurava algo na mão esquerda, mas eu não imaginava o que poderia ser. De súbito, com uma torcida da mão,

atirou um frasco verde em nossa direção. Apenas torceu a mão! O frasco tilintou, batendo no piso de madeira. Pulou. Então, compreendi, mas era tarde demais. Eu me atrasara

alguns segundos.

- Bomba! - gritei, alertando Groza. -
Jogue-se no chão!

Ele e eu mergulhamos para longe da
cama e da garrafinha verde,
conseguindo nos esconder atrás de
algumas cadeiras. O

clarão no quarto foi incrivelmente
luminoso, um jorro de luz branca,
seguido por outro, amarelo. Então,
tudo a nossa volta pareceu incendiar-
se.

Por um segundo ou dois, fiquei cego.
Então, me senti queimar. Minha calça
e os sapatos estavam envoltos em
chamas.

Cobri o rosto com as mãos,

protegendo-o.

- Meu Deus! Groza gritou.

Ouvi um chiado, como o de uma fatia de bacon numa chapa quente. Rezei para que não fosse minha carne cozinhando.

Engasguei e comecei a tossir. Groza também. Labaredas explodiam, dançando, lambendo minha camisa, e através disso tudo eu ouvia as risadas de Soneji. Ele estava rindo de nós.

- Bem-vindo ao inferno, Cross! ele zombou. Queime, querido, queime.

Groza e eu arrancamos as roupas da cama para abafar o fogo que nos queimava as calças e os sapatos. Tínhamos dado sorte, aparentemente.

Apagamos as chamas. As que nos envolviam, pelo menos.

- Ele queria que Thomas morresse queimado comentei.

E está com outra bomba. Vi mais uma garrafinha verde.

Corremos o mais que pudemos pelo corredor, perseguindo Soneji. Vimos dois investigadores caídos, feridos. Soneji era um fantasma.

Corremos atrás dele por vários lances da escada de serviço, provocando grande barulho. Meus olhos lacrimejavam, mas eu estava enxergando bem.

O suspeito carrega uma bomba incendiária! Groza alertava os

colegas, falando pelo rádio-transmissor. Tenham muito cuidado! Continuamos a descer as escadas correndo.

Que diabo ele quer? - Groza perguntou em dado momento, gritando atrás de mim. - O que esse louco vai fazer agora?

Acho que ele quer morrer respondi, arquejante. Mas quer ficar famoso, sair de cena em grande estilo. Talvez isso aconteça aqui mesmo, no Bellevue.

Chamar atenção sobre si fora o que Gary Soneji sempre desejara com verdadeira ânsia. Desde menino, vivera obcecado pelos relatos dos

crimes do século. Eu tinha certeza de que agora ele queria morrer, mas que pretendia fazer isso com grande estardalhaço. Queria dirigir a cena de sua própria morte.

Eu ofegava, sem fôlego, quando finalmente chegamos ao térreo. A fumaça irritara minha garganta, mas, a não ser por isso, eu estava passando bem. No entanto, meu cérebro ficara confuso, e eu não conseguia decidir o que fazer a seguir.

Vi uma grande agitação à frente, no outro lado do gigantesco saguão de recepção. Abri caminho entre a multidão nervosa que tentava sair do

prédio. A notícia do incêndio no quarto andar correra depressa. Mas o fluxo de pessoas que entravam no Bellevue e saíam era sempre tão constante quanto numa estação de metrô, mesmo que nenhuma bomba explodisse lá dentro.

Consegui sair para o pórtico, na frente do hospital. Chovia a cântaros, tudo estava cinzento e feio. Olhei em volta, procurando por Soneji.

Um grupo de funcionários do hospital e visitantes encontrava-se sob o toldo de entrada, fumando.

Pareciam inconscientes da situação de emergência, ou talvez estivessem acostumados com esse tipo de coisa.

Os empregados, pelo menos.

O caminho de tijolos que levava à rua também estava apinhado de gente que ia e vinha, embaixo do aguaceiro. Os guarda-chuvas bloqueavam minha visão.

Aonde, por todos os diabos, fora Soneji? Que rumo tomara, para desaparecer daquele jeito? Tive o pressentimento desanimador de que o perdera mais uma vez. Não estava mais suportando aquilo.

Lá fora, na First Avenue, vendedores de alimentos, abrigados sob guarda-chuvas enormes, coloridos e sujos, ofereciam churrasco grego, cachorros-quentes e pretzels à moda

de Nova York.

Nada de Soneji.

Continuei procurando freneticamente, olhando para um lado e outro da rua movimentada e barulhenta.

Não podia deixá-lo escapar. Nunca mais teria uma chance igual àquela. Abriu-se uma brecha na multidão, deixando-me ver o que acontecia a uma distância de mais ou menos meio quarteirão.

Lá estava ele!

Soneji andava no meio de um pequeno grupo de pedestres. Fui atrás, e Groza, que ainda me seguia, foi junto. Nós dois empunhávamos

nossas armas, mas não podíamos nos arriscar a dar tiros no meio da multidão, onde havia pessoas idosas, muitas mães com suas crianças e doentes que se dirigiam ao hospital. Soneji olhou para a esquerda, para a direita, então para trás. Tive certeza de que nos vira.

Ele estava improvisando uma fuga, encontrando um jeito de sair da encrenca perigosa. A seqüência dos acontecimentos recentes mostrava deterioração de sua capacidade de raciocínio. Aos poucos, ele perdia a argúcia e a lucidez.

Era por isso que estava procurando a morte. Cansara-se de morrer

lentamente. Sua mente deteriorava-se, e isso ele não podia suportar.

Uma equipe de manutenção de ruas bloqueara metade do cruzamento. Os capacetes duros dos operários pareciam dançar na chuva. O trânsito era obrigado a rodear o obstáculo, e as buzinas não paravam de protestar.

Vi Soneji separar-se bruscamente da multidão. Que diabo pretendia fazer? Começou a correr pela rua escorregadia, numa linha sinuosa, a toda velocidade.

Vi-o virar para a direita.

"Faça-nos um grande favor, implorei mentalmente. Escorregue e caia."

Ele correu ao longo da lateral de um

ônibus azul e branco que parara num ponto.

Escorregou. Quase caiu. Então, entrou no maldito ônibus.

Vi-o de pé, abanando os braços, gritando ordens aos outros passageiros.

"Deus meu! Soneji entrou num ônibus cheio de gente, levando uma bomba!"

O detetive Groza estacou a meu lado. Seu rosto estava sujo de fuligem, e os esvoaçantes cabelos pretos haviam ficado chamuscados. Ele acenou pedindo uma viatura, agitando desesperadamente as duas mãos. Um sedã da polícia parou junto de nós, e saltamos para dentro.

Você está bem? - perguntei a meu companheiro.

- Acho que sim. Vamos pegar o desgraçado.

Seguimos o ônibus pela First Avenue, serpenteando no trânsito, a sirene uivando. Quase colidimos com um táxi. Não batemos por uma questão de centímetros.

- Tem certeza de que ele está com uma bomba? - perguntou Groza.

- Uma, no mínimo. Lembra-se do Bombardeador Maluco de Nova York? Acho que Soneji se lembra. O Bombardeador ficou famoso.

Tudo era louco, surrealista. A chuva caía com mais força, fazendo muito

barulho no capô da viatura.

- Ele está com reféns - Groza avisou, falando pelo rádio- transmissor do painel. - Num ônibus municipal, subindo a First Avenue. Parece que carrega uma bomba, O ônibus é um M-15. Todos os carros, fiquem no encalço do ônibus, mas não o interceptem por enquanto. O desgraçado está com uma bomba. Contei meia dúzia de viaturas azuis e brancas já na perseguição do ônibus, que continuava a parar nos sinais fechados, mas não nos pontos. As pessoas que esperavam o coletivo sob a chuva faziam gestos furiosos em sua

direção. Nem imaginavam como tinham sorte por não poderem embarcar.

- Tente aproximar-se mais - pedi ao motorista. - Quero falar com Soneji. Não sei se ele vai querer conversar, mas não custa tentar.

O sedã acelerou. Por fim, emparelhamos com o grande veículo azul, em cuja lateral vi um cartaz anunciando o musical O Fantasma da Opera. Um fantasma verdadeiro encontrava-se a bordo. Gary Soneji voltara às luzes da ribalta, que ele tanto amava. E agora atuava em Nova York.

Desci o vidro da janela. Chuva e

vento agrediram meu rosto, mas consegui ver Soneji no interior do ônibus.

Deus, ele continua improvisando.

Segurava uma criança, uma trouxinha azul e rosa. Berrava ordens, o braço livre girando furiosamente.

Inclinei-me o mais que pude para fora do carro.

- Gary! - gritei. O que você quer? -
Gritei mais alto, lutando contra o barulho do tráfego e o ronco do ônibus. - Gary!

Sou eu, Alex Cross!

Os passageiros do M-15 olharam para mim, aterrorizados. Mais do que isso, na verdade.

Numa esquina, o ônibus virou bruscamente para a esquerda, saindo da First Street e entrando na Forty-second.

Olhei para Groza.

É o percurso normal? perguntei.

Não. Soneji está fazendo seu próprio percurso, à medida que avança.

- O que há na Forty-second? Para onde ele pode estar querendo ir?

Groza ergueu as mãos em desespero. Times Square fica nessa direção, no outro lado da cidade. É o reduto dos sem-teto, dos abandonados e fracassados. O

distrito teatral também fica para lá. Uma estação rodoviária. E uma

ferroviária, a Grand Central.

- Então, ele está indo para a estação Grand Central - declarei. - Tenho certeza. É o palco que ele quer, uma estação de trens!

Outro porão. Esse era majestoso, cobria quarteirões. O porão dos porões.

Gary Soneji saíra do ônibus e corria pela rua. Corria na direção da Grand Central, na direção de casa. Ainda carregava o bebê, levando-o pendurado, mostrando-nos que pouco se importava com sua vida.

"Que o diabo o leve para o inferno!", praguejei em pensamento.

Corri pela passarela de pedras e

cimento que levava à estação.

O movimento ali era grande, mas vi que era ainda maior no saguão. Milhares de passageiros já preocupados chegavam para o trabalho. Não faziam idéia de como seu dia iria piorar.

Pela Grand Central passam os trens Central de Nova York, Nova York, New Haven, Hartford e mais alguns outros. E

três linhas de metrô: avenida Lexington, Times Square-Grand Central e Queens. Cobre três quarteirões, da Forty-second Street à Forty-fifth. Há quarenta e uma linhas no nível superior e vinte e seis no

inferior, que se afunilam em quatro na direção da Ninety-sixth Street.

O nível inferior é um imenso labirinto, um dos maiores do mundo.

O porão de Gary.

Continuei a abrir caminho aos empurrões, no meio daquela densa multidão da hora do rush. Consegui chegar a um salão de espera, então emergi no cavernoso e espetacular saguão principal. Havia construções em andamento por todos os lados. Pôsteres publicitários gigantesco, da Pan Am, do American Express e dos tênis Nike cobriam as paredes. De onde eu estava, podia ver os portões para doze linhas.

O investigador Groza alcançou-me. Nós dois estávamos inundados de adrenalina.

- Ele ainda está levando o bebê - meu companheiro resmungou. - Uma pessoa o viu correndo pela escada que leva ao nível inferior.

Gary Soneji dirigia-se para o porão, chefiando a brincadeira.

Isso não seria bom para os milhares de pessoas amontoadas no prédio. Ele carregava uma bomba, talvez mais.

Desci uma escada, com Groza nos calcanhares. A estação toda estava em obras de construção e reforma, o que aumentava muito a confusão.

Nós dois passamos por padarias e restaurantes. Muita coisa para comer, enquanto esperava-se para tomar um trem... ou para ser explodido. Vi uma cutelaria Hoffritz. Podia ser que Soneji comprara na Hoffritz o punhal que usara na Estação Penn.

Chegamos ao nível inferior e entramos numa arcada espaçosa, cercada por mais portões de linhas férreas. Placas indicavam as plataformas dos metrô.

Groza segurava um rádio receptor-transmissor no ouvido, recebendo informações dos colegas espalhados pela estação.

- Ele foi para os túneis. Estamos perto

- disse.

Descemos correndo outro lance de degraus íngremes, lado a lado. Estava insuportavelmente quente lá embaixo e começamos a suar. O prédio vibrava. As paredes cinzentas tremiam, o piso sacudia sob nossos pés. Estávamos no inferno. Só restava saber em que círculo.

Finalmente vi Soneji, mas, de súbito, ele desapareceu. Ainda carregava o bebê, ou podia ser apenas o cobertorzinho azul e rosa amontoado em seu braço.

Voltei a vê-lo. Então, ele parou abruptamente. Virou-se. Não tinha medo de mais nada. Vi isso em seus

olhos.

Doutor Cross! - gritou. - Você segue instruções muito bem.

O tenebroso segredo de Soneji ainda merecia confiança, ainda funcionava: tudo o que deixasse as pessoas intensamente furiosas, inconsolavelmente tristes, tudo o que as ferisse, era o que ele fazia.

Ele observou Alex Cross aproximar-se. Alto e arrogante, negro desgraçado.

Está preparado para morrer, Cross? Logo agora, quando sua vida promete tanta coisa boa? Logo agora, que seus filhos estão crescendo, que você arrumou uma linda amante? Porque é

isso que vai acontecer. Vou matá-lo pelo que você me fez. E não poderá me impedir.

Alex Cross continuou a andar pela plataforma de concreto, indo em sua direção. Não parecia amedrontado. Aquela era sua força, mas também sua loucura.

Soneji teve a sensação de que flutuava no espaço, de tão livre que se sentia. Era como se nada mais pudesse feri-lo. Ele podia ser exatamente o que desejava, agir como queria. Passara a vida tentando chegar àquilo.

Alex Cross estava cada vez mais próximo. Gritou uma pergunta

através da plataforma. Era sempre cheio de perguntas.

- O que você quer, Gary?

- Cale a boca! O que você acha que eu quero? - Soneji retrucou. - Quero você! E finalmente o peguei!

Ouvi o que Soneji disse, mas isso não fez a menor diferença. Eu estava decidido a acabar com aquela coisa entre nós.

Continuei caminhando na direção dele. De um jeito ou de outro, seria o fim.

Desci três ou quatro degraus de concreto, sem desviar os olhos de Soneji. Não poderia, mesmo que quisesse.

Recusava-me a desistir.

A fumaça gerada pelo incêndio no hospital afetara meus pulmões. E o ar viciado naquele túnel não ajudava em nada.

Comecei a tossir.

Aquele seria mesmo o fim de Soneji? Eu nem podia acreditar.

E, diabos, o que ele quisera dizer com "finalmente o peguei?"

- Ninguém se mova! Parem! Nem mais um passo! - Soneji berrou. Segurava uma arma. E o bebê. - Eu vou dizer quem anda e quem fica parado, e isso inclui você, Cross! Portanto, pare de andar!

Parei. Ninguém mais se moveu. A

plataforma enterrada nas entranhas da Grand Central estava incrivelmente silenciosa. Havia, talvez, vinte pessoas perto o bastante de Soneji para serem feridas pela explosão da bomba.

Ele ergueu o bebê bem alto, e isso chamou a atenção de todo mundo. Investigadores e polícias uniformizados pareciam estátuas, paralisados nos largos portões que ladeavam o túnel. Estávamos todos indefesos, incapazes de fazer qualquer coisa para deter Soneji. Só nos restava ouvir o que ele tinha a dizer.

Ele começou a girar, descrevendo um círculo apertado. Girava e girava. Um estranho rodopio de dervixe¹. Segurava a criança com um braço, como se ela fosse uma boneca. Eu não tinha idéia do que acontecera à mãe do bebê.

Foi como se Soneji entrasse numa espécie de transe. Parecia louco. Talvez fosse.

O bom doutor Cross está aqui - ele gritou. Acha que sabe muito, doutor? Vou fazer as perguntas, agora, só para variar.

- Não sei tudo o que deveria saber, Gary - respondi, tentando manter a voz no tom mais baixo possível. Não estava representando para a multidão, como ele. - Mas acho que você ainda gosta de uma platéia.

- Claro, doutor Cross. Gosto, sim. Adoro uma platéia que saiba apreciar o que faço. De que adianta um grande desempenho, se não há

ninguém para assistir? Adoro ver o medo e o ódio nos olhos de vocês. - Soneji falava e girava sem parar. - Sei que gostariam de me matar! São assassinos também! - guinchou.

Executou mais um giro, apontando a arma, segurando o bebê. A criança não chorava, algo que me deixava muito preocupado.

A bomba podia estar num dos bolsos de Soneji. Ou em outro lugar. Eu só esperava que não estivesse escondida no cobertor que envolvia o bebê.

- Você está novamente no porão, não é? - perguntei.

Um dia, eu o julgara esquizofrênico. Depois, concluía que não era. Mas,

ali, naquele momento, não tinha certeza de mais nada.

Com o braço livre, ele gesticulou na direção das cavernas subterrâneas. Começou a andar lentamente para a extremidade da plataforma. E não podíamos detê-lo.

- Quando eu era pequeno, sonhava em fugir para cá. Em pegar um trem grande e rápido para a estação Grand Central,

Nova York. Queria me livrar de tudo e de todos. Queria escapar!

- Você conseguiu, Gary. Você venceu. Por que nos atraiu para cá? Para pegá-lo, não é?

- Não, não consegui. Nem cheguei

perto. Não acabei com você ainda, doutor Cross - ele declarou em tom de escárnio.

Lá estava a ameaça novamente. Dava-me náuseas ouvi-lo falar daquela maneira.

O que vai fazer comigo, Gary? Por enquanto, você só me ameaçou. Nunca agiu.

Soneji parou de andar. Todas as pessoas na plataforma olhavam para ele, provavelmente achando que nada daquilo era real. Eu mesmo não tinha certeza.

Isto não é o fim, Cross. Virei buscá-lo, nem que seja depois de morto. Você não pode escapar de mim. Não se

esqueça disso. Sei que não esquecerá. Então, Soneji fez uma coisa que eu nunca entenderei. Jogou o bebê na direção das pessoas mais próximas. Nós todos observamos, horrorizados, a pequena trouxa voar por uns quatro metros.

Os suspiros de alívio foram perfeitamente audíveis, quando um homem saltou para a frente e a pegou.

Então, o bebê começou a chorar.

Vi Soneji correr na direção do fim da plataforma.

- Gary! Não!

- Está preparado para morrer, doutor Cross? - ele gritou.

- Está preparado?

Soneji desapareceu por uma porta de metal prateado, no fim da plataforma. Era rápido e pegara-nos de surpresa. Soaram tiros. Groza também atirou. Mas duvidei que Soneji houvesse sido atingido.

- Há mais túneis lá atrás, uma porção de linhas férreas embaixo - Groza comentou. - Vamos entrar num labirinto escuro e sujo.

- Mas temos de ir - eu disse. - Gary adora esse labirinto. Vamos tirar proveito disso.

Vi um operário da manutenção. Fui até ele e tirei-lhe a lanterna. Saquei meu Glock. Dezessete balas. Groza

tinha um Magnum 357. Mais seis balas. De quantas precisaríamos para matar Soneji?

- Ele está usando colete à prova de balas - Groza observou.

- É, eu vi. - Soltei a trava de segurança do Glock. - Soneji parece um escoteiro. Está sempre preparado.

Abri a porta pela qual ele desaparecera. Lá dentro era escuro como um túmulo. Coloquei o Glock na cintura e avancei, O porão. O inferno privativo de Soneji, numa escala muito grande.

Está preparado para morrer, doutor Cross?

Fui andando em ziguezague, o facho

de luz da lanterna correndo pelas paredes. Vi, bem adiante, luzes fracas, lâmpadas sujas, de modo que apaguei a lanterna. Meus pulmões ardiam. Eu não estava conseguindo respirar direito, mas talvez parte do malestar fosse devido à claustrofobia e ao terror.

Não gosto deste lugar, pensei. O menino Gary devia sentir-se assim, preso no porão. É isso que ele tenta nos dizer? Quer que experimentemos o seu tormento?

- Deus! - Groza resmungou atrás de mim.

Imaginei que se sentisse como eu, com medo e desorientado. O vento

uivava no túnel, vindo de algum lugar. Não podíamos ver quase nada à frente.

"No escuro, devemos usar a imaginação, refleti.

Soneji aprendera isso na infância. Ouvíamos vozes atrás de nós, mas distantes. As vozes fantasmagóricas ecoavam nas paredes. Ninguém corria para alcançar Soneji, no túnel escuro e úmido.

Os freios de um trem guincharam no outro lado da parede enegrecida. O metrô passava ali embaixo, paralelo ao túnel onde nos encontrávamos. Sentíamos o mau cheiro de lixo, que aumentava à medida que

avançávamos.

Eu sabia que muitos desabrigados viviam naqueles túneis. O Departamento de Polícia de Nova York mantinha uma divisão, cujo trabalho era lidar com aquela gente.

- Está vendo alguma coisa? - perguntou Groza com medo na voz.

- Nada - murmurei.

Não queria fazer mais barulho do que já fizéramos. Ouvi o apito de um trem, no outro lado da parede.

O túnel era iluminado fracamente por lâmpadas instaladas a intervalos regulares. Pisávamos no lixo, agora: embalagens de comida, roupas rasgadas e imundas. Eu já vira duas

ratazanas enormes correndo, à procura de comida.

De repente, ouvi um grito bem junto de mim. Enrijeci. Fora Groza quem gritara. Então, ele caiu. Impossível saber o que fora que o atingira. Ficou silencioso e imóvel, estirado no chão. Girei nos calcanhares. Em princípio, não vi ninguém. A escuridão parecia rodopiar.

Vi o rosto de Soneji apenas de relance. De perfil. Um olho e metade da boca. Ele me atingiu antes que eu pudesse sacar o Glock. Gritou. Foi um grito bestial, primitivo. Um grito sem palavras.

Esmurrara-me com força tremenda na

têmpera esquerda. Ele era incrivelmente forte e ficara louco. Meus ouvidos zuniam, a cabeça girava, as pernas ameaçavam dobrar-se. Soneji quase me nocauteara com um único soco. Talvez pudesse nocautear, se quisesse. Mas isso teria sido suave demais. O que ele queria era me punir, vingar-se de mim, cobrar o que achava que eu lhe devia. Gritou outra vez. A centímetros de meu rosto.

"Ataque-o", eu disse a mim mesmo. Ataque agora, porque não terá outra chance.

Soneji continuava brutalmente forte, como da última vez em que nos

encontráramos. Era um adversário poderoso, principalmente numa luta em espaço tão reduzido. Ele me agarrou, senti o cheiro de seu hálito. Tentava me esmagar, prendendo-me entre os braços. Luzes brancas relampejaram, dançando diante de meus olhos.

Ele tornou a gritar. Dei-lhe uma cabeçada no rosto, pegando-o de surpresa. Quando seus braços afrouxaram, libertei-me.

Investi com o soco mais poderoso de toda minha vida e acertei-o no queixo. Ouvi o som de osso partido. Soneji não caiu! O que eu precisaria

fazer para vencê-lo?

Ele avançou para mim. Esmurrei-o na face esquerda. O osso afundou. Ele gritou, então começou a gemer, mas não caiu,

não parou de tentar me agredir.

- Não pode me ferir - engrolou, ofegante. - Vou matar você. Nada me impedirá.

Jogou-se contra mim. Então, consegui sacar o Glock.

Acabe com ele, acabe com ele! Mate-o agora!"

Atirei. Embora tudo acontecesse muito depressa, parecia uma cena em câmera lenta. Achei que podia sentir a bala viajar pelo corpo de Soneji. Eu

o acertara no maxilar inferior. O tiro devia ter esmigalhado a língua e os dentes.

Soneji ainda estendeu a mão em minha direção, tentando cravar as unhas em meu rosto. Empurrei-o.

"Acabe com ele! Mate-o!"

Nunca saberei de onde ele tirou forças, mas vi-o afastar-se pelo túnel escuro, cambaleando. Estava cansado demais para persegui-lo, mas sabia que não era necessário.

Ele caiu pesadamente. Quando bateu no chão, o impacto acionou a bomba escondida em suas roupas. Gary Soneji explodiu em chamas. A claridade espalhou-se por no mínimo

trinta metros, iluminando parte do túnel.

Ouvi-o gritar durante alguns segundos, envolvido pelo fogo. Então, fez-se silêncio.

Uma tocha humana em seu próprio porão.

Gary Soneji fora para o inferno.

Tudo acabado, finalmente.

Os japoneses têm um ditado: "Depois da vitória, aperte o cordão do elmo".

Tentei não me esquecer desse conselho.

Voltei para Washington na terça-feira de manhã e passei o dia todo em casa, com Nana, as crianças e Rosie, a gata.

Meus filhos prepararam um banho de espuma para mim, e a partir daí comecei a me sentir melhor. E tirei o elmo, em vez de apertar o cordão.

Tentei não deixar que a morte horrível de Soneji e suas ameaças contra mim me perturbassem. Ele me fizera coisas piores no passado. Muito piores. Agora, estava morto, saíra de minha vida. Eu o vira explodir. Eu o ajudara a ir para o inferno.

No entanto, durante o dia que passei em casa, ouvi várias vezes sua voz, seus avisos, suas ameaças.

"Vou matar você. Nada poderá me impedir."

"Virei buscá-lo, nem que seja depois

de morto."

Kyle Craig telefonou de Quantico para me dar os parabéns e perguntar como eu estava. Mas tinha outro motivo também. Tentou me sugar para dentro do caso do sr. Smith, mas eu disse "não". Não, de jeito nenhum. Não tinha saco para aturar o sr. Smith. Ele queria me apresentar seu superagente, Thomas Pierce. Perguntou se eu lera os fax sobre Pierce que me enviara. Não.

A noite, fui à casa de Christine com a consciência tranqüila, sabendo que tomara a decisão certa a respeito do sr. Smith e dos contínuos problemas que ele causava ao FBI. Não passei a

noite com ela, por causa das crianças, mas por mim teria passado.

- Você prometeu que continuaria vivo até que nós dois chegássemos, pelo menos, aos oitenta. É um bom começo -

Christine comentou, quando nos despedimos.

Na quarta-feira, precisei ir ao meu escritório para começar a fechar o caso Soneji. Eu não estava feliz por tê-lo matado, porém era um alívio ver tudo acabado. Tudo acabado, mas a maldita papelada me esperava.

Cheguei em casa por volta de seis da tarde. Estava desejando outro banho de espuma, talvez um treino de boxe,

e certamente uma noite com Christine.

Entrei em casa, e foi como se um furacão me arrebatasse.

Vi Nana e as crianças na sala de estar. Assim como Sampson, vários amigos investigadores, vizinhos, minhas tias, alguns tios e todos os primos. Jannie e Damon iniciaram o berreiro, gritando:
- Surpresa, papai! Festa-surpresa!

Então, os outros juntaram-se a eles:

- Surpresa, Alex! Surpresa!

- Quem é papai? Quem é Alex?
perguntei, bancando o bobo, ainda parado à porta. Que bagunça é essa?

Vi Christine no fundo da sala, atrás dos outros. Seu rosto sorridente, pelo

menos. Acenei para ela, embora meus amigos, os melhores do mundo, já estivessem me abraçando e dando-me tapas nas costas e nos ombros.

Achei que Damon estava se portando de maneira respeitosa demais, então tomei-o nos braços. Talvez, dentro de um ano, ele não me permitisse mais tal liberdade. Nós dois desatamos numa série de gritos de guerra e de torcidas esportivas, que achamos adequados para aquele clima de festa.

A idéia de festejar a morte de um ser humano não é muito caridosa, mas, naquele caso, achei-a esplêndida. Um jeito muito apropriado de dar por

encerrado um período que fora triste e apavorante para todos nós.

Alguém pendurara uma faixa meio torta, muito mal pintada à mão, acima do arco entre a sala de estar e a de jantar: Parabéns,

Alex! Terei mais sorte na próxima vida. Gary Soneji.

Sampson levou-me para o quintal, onde mais amigos esperavam escondidos. Sampson usava um short preto, largo,

botas de combate e seus inseparáveis óculos escuros, além de um surrado boné do Departamento de Homicídios e uma argola de prata numa das orelhas. Estava totalmente

disposto a festejar, e eu também.

Investigadores de toda Washington e arredores apareceram para apresentar suas calorosas congratulações, mas também para comer minha comida e tomar meu uísque.

Travessas com carnes frias e succulentas costeletas alinhavam-se ao lado de pães caseiros, croissants e uma impressionante quantidade de molhos. Um verdadeiro banquete. Recipientes de alumínio com gelo transbordavam de latas de cerveja e refrigerantes. Havia também milho verde cozido, massas leves e salada de frutas.

Sampson segurou-me pelo braço.

- Aproveite a sua festa, Doçura. Vá falar com os outros convidados, seus admiradores. Pretendo ser o último a sair -

gritou para fazer-se ouvir acima das vozes alegres dos amigos e de Toni Braxton, que se lamentava num CD.

- Conto tudo depois - prometi. - Bonitas botas, bonito short, bonitas pernas.

- Obrigado, obrigado, obrigado. Você acabou com o filho da puta, Alex! Que ele queime e apodreça no inferno. Só sinto não ter estado com você, quando o pegou.

Christine acomodara-se num lugar

tranqüilo, num canto do pátio, embaixo de uma árvore. Estava conversando com minha tia favorita, Tia, e minha cunhada, Cilia.

Beijei Tia e Cilla, então abracei Christine.

- Obrigado por ter vindo participar desta loucura - agradeçi.

- Você foi a melhor surpresa de todas. Ela me beijou, então soltou-se de meus braços. Acho que ambos estávamos acanhados, pois Damon e Jannie nunca haviam nos visto juntos. Não daquela maneira, pelo menos.

- Que merda! - resmunguei. - Olhe lá. Meus dois diabinhos estavam nos observando. Damon piscou

descaradamente, e Jamiie fez o sinal de ok com seus dedinhos ágeis.

- São muito avançados - Christine comentou, rindo. - Já perceberam tudo.

Por que vocês dois não vão dormir? - brinquei, falando com eles.

- São apenas seis horas, papai! - Jannie protestou, mas sorria, como todo mundo.

Era uma festa boa e todos estavam animados, divertindo-se muito. O peso de Gary Soneji finalmente fora tirado de meus ombros.

Vi Nana conversando com alguns de meus amigos policiais. Quando passei pelo grupo, ouvi parte do que ela

falava.

Aquela era Nana Mama, sem a menor dúvida.

- Não conheço nenhuma história que tenha levado da escravidão à liberdade, mas existe toda uma história do estilingue até as metralhadoras - ela dizia à audiência formada de investigadores.

Meus amigos sorriam e abanavam a cabeça afirmativamente, como se acompanhassem seu raciocínio e entendessem o que ela estava dizendo. Eu entendia. Para meu bem, ou meu mal, Nana Mama ensinara-me a pensar.

Houve baile também, e dançou-se de

tudo. Até Nana sacudiu-se um pouco. Sampson tomou conta do churrasco, fornecendo lingüiças quentes e apimentadas, pedaços de frango e mais costeletas.

Exigiram que eu tocasse alguma coisa ao piano, então toquei "S Wonderful e uma versão de jazz de Ja Da.

- Musiquinha boba - Jannie criticou, sentada a meu lado, também martelando as teclas. - Mas me acalma, e eu gosto.

Consegui dançar umas músicas lentas com Christine, à medida que a noite avançava. O jeito como nossos corpos se encaixavam ainda era mágico e delicioso. Como fora no

Rainbow Room.

Ela parecia perfeitamente à vontade no meio de meus parentes e amigos. E era evidente que ganhara a aprovação de todos.

Num momento em que dançávamos ao luar, cantarolei junto uma canção de Seal:

Não, nunca sobreviveremos, a menos que fiquemos um tanto loou-cos.

- Bravo! Seal ficaria orgulhoso - Christine murmurou em meu ouvido.

- Sem dúvida.

- Você dança tão bem, Alex! - ela exclamou, colando a face na minha.

- Apesar dos pés chatos - eu disse. - Mas só danço com você.

Christine riu, então me deu um leve soco nas costelas.

- Não minta! Vi você dançando com John Sampson.

- Ah, isso não conta. Não é nada profundo, só atração sexual.

Ela gargalhou, fazendo-me refletir que era cheia de vida, que queria filhos e merecia tê-los. Lembrei-me de tudo o que se passara entre nós, tanto no Rainbow Room, como depois, no Astor. Senti-me como se sempre houvesse conhecido Christine. Ela era a mulher que eu estivera esperando.

- Preciso ir embora. Vou dar uma aula de recuperação, amanhã - ela me disse, quando já passava da meia-

noite. - Vim com o meu carro. Não se preocupe. Só tomei um drinque, depois me contentei com refrigerantes. Fique e divirta-se.

- Tem certeza de que pode ir sozinha, sem problemas?

- Certeza absoluta - ela respondeu em tom firme. - Estou sóbria, não há nenhum problema.

Nós nos beijamos longamente e, quando interrompemos o beijo para respirar, começamos a rir.

Acompanhei Christine até o carro.

- Me deixe levá-la - pedi. - Não vou nem entrar, mas quero levá-la até lá. Insisto.

- Não. Teríamos de ir no seu carro, e

o meu ficaria aqui. Por favor, Alex, a festa é sua. Fique com os seus amigos e divirta-se. Nós nos veremos amanhã, se você quiser. Eu quero.

Tornamos a nos beijar, então Christine entrou no carro e foi embora.

Eu já estava sentindo falta dela.

Entrei em casa ainda sentindo o corpo de Christine contra o meu, o aroma de seu perfume Donna Karan, ainda ouvindo a música especial de sua voz. As vezes, a sorte bate em nossa porta. As vezes, o universo cuida muito bem de nós.

Contente, voltei para a festa.

Vários de meus colegas

investigadores continuavam lá, inclusive Sampson. Corria entre eles uma piada sobre Soneji, que teria sido acometido de luxúria de anjo. Era assim que nos referíamos aos cadáveres que chegavam ao necrotério com uma ereção.

Sampson e eu bebemos cerveja demais e depois, quando todos já haviam ido embora, tomamos um copo de B&B, sentados na escada do alpendre dos fundos.

- Foi uma festa e tanto - ele comentou. - Muita dança, muita cantoria.

- Boa mesmo - concordei. - Nem sei

como ainda estamos de pé, isto é, sentados, depois de tanta bebida. Estou me sentindo muito bem, mas sei que amanhã vou me sentir um lixo.

John Sampson sorria, e seus óculos escuros estavam tortos. Ele apoiou os grandes cotovelos nos joelhos e olhou para mim.

- Estou orgulhoso de você, cara. Todos nós estamos. Conseguiu tirar das costas um gorila de uma tonelada. Fazia muito tempo que eu não via você sorrir tanto. Por falar nisso, quanto mais conheço Christine, mais gosto dela.

Ficamos olhando para os canteiros

onde as flores-do-campo, rosas e lírios de Nana floresciam em abundância, e para os restos da festa. Sobrara muita comida e bebida.

Era muito tarde. Madrugada. O pequeno jardim existia desde que John e eu éramos meninos, mas naquela noite o perfume de flores e o cheiro de terra pareciam especialmente eternos e reconfortantes.

- Você se lembra daquele verão em que nos conhecemos? - perguntei ao meu amigo. Você me apelidou de Bunda de Melancia. Eu ficava louco de raiva quando me chamava assim, porque não tinha nada a ver. Minha

bundinha já era bem-feita naquela época.

- A gente se engalfinhava pra valer, ali, naquele canteiro de rosas silvestres. Eu não acreditava que você tivesse coragem de me enfrentar. Ninguém tinha, e ainda não tem. Você já era do tipo que não conhece as próprias limitações.

Sorri, olhando para Sampson. Ele tirara os óculos, finalmente. Eu sempre me surpreendo com os seus olhos sensíveis e calorosos.

- Se me chamar de Bunda de Melancia, vamos nos engalfinhar de novo - avisei.

John continuou a sorrir. Refleti, então,

que fazia um bom tempo que eu não o via sorrir daquele jeito. De fato, naquela noite tudo estava sendo bom.

- Você gosta mesmo de Christine - ele observou. - Acho que encontrou outra pessoa especial. É muita sorte, cara.

- Está com inveja? - provoquei.

- Claro que estou. Morrendo de inveja. Ela é aquilo que se vê e mais alguma coisa. Mas eu estragaria tudo se encontrasse uma mulher como Christine. É fácil conviver com você, Doçura. Sempre foi, mesmo no tempo em que tinha bunda de melancia. Sabe ser duro quando é preciso, mas também é capaz de demonstrar seus sentimentos.

Christine gosta muito de você. Quase tanto quanto você gosta dela.

Sampson ergueu-se do degrau de madeira meio afundado, que precisava ser substituído com urgência.

- Se Deus me ajudar, conseguirei chegar em casa - disse.

- Na verdade, vou para a casa de Cee Walker. A bela deusa, quando foi embora, me deu uma chave. Volto aqui amanhã

de manhã, para pegar o meu carro. É melhor não dirigir, quando não se consegue nem andar direito.

Sem dúvida - concordei. Obrigado pela festa.

Sampson despediu-se com um aceno, fez uma continência e caminhou para a lateral da casa, trombando com a quina da parede, quando virou, no caminho para a rua.

Fiquei sozinho, sentado na escadinha do alpendre, olhando o jardim enluarado de Nana, sorrindo como o bobo que sei ser de vez em quando. Talvez devesse ser bobo mais vezes.

Ouvi Sampson me chamar, lá da frente da casa, então deu sua risada profunda.

- Boa noite, Bunda de Melancia! - ele gritou.

Acordei assustado, imaginando o que teria me causado medo, o que estaria

acontecendo. Meu primeiro pensamento consciente foi que eu devia estar tendo um infarto.

Ainda estava meio alto, depois de tanta bebida. O coração disparara, eu podia ouvi-lo martelando-me o peito. Julguei ouvir um ruído surdo, repetido, em algum lugar da casa. De um lugar próximo. Parecia que alguém batia em alguma coisa no corredor, usando um pedaço de pau, talvez um taco de golfe.

Meus olhos ainda não haviam se acostumado à escuridão. Prestei atenção, tentando captar outro ruído. Fiquei com medo. Não conseguia lembrar onde deixara meu Glock, na

noite anterior, O que poderia ter produzido aquele barulho dentro de casa?

Fiquei alerta, reunindo todo meu poder de concentração.

Lá embaixo, na cozinha, a geladeira ronronou.

Um caminhão distante mudou de marcha.

No entanto, o barulho que ouvira continuava a me preocupar. Mas, eu teria mesmo ouvido alguma coisa?

Não teria sido apenas o primeiro aviso de uma brutal ressaca?

Antes que eu chegasse a uma conclusão sobre o que estava acontecendo, uma sombra ergueu-se

do outro lado da cama.

Soneji!, pensei. Ele cumpriu a ameaça!
Veio a minha casa!

- Aaaaaaaaaaaa! o atacante gritou,
partindo para cima de mim com um
taco erguido.

Tentei rolar para o outro lado, mas
minha mente e meu corpo não
colaboraram. Eu bebera demais,
comera demais, me divertira demais.

Senti um golpe forte no ombro.

Eu sabia que não podia me livrar do
ataque. Que não havia nada que
pudesse fazer para impedir que
aquele horror continuasse. e
paralisado. Pensei em Nana, Jannie,
Damon e Christine. Meu coração

doeu A arma desceu novamente, acertando-me abaixo dos rins,

O agressor pretendia me espancar até a morte. Então, Então, deixei que fosse feita a vontade de Deus. reu-me um pensamento horrível.

Oh, meu Deus! Jesus Cristo!"

Eu ouvira golpes de algo pesado, momentos antes. Ele teria ido ao quarto de Nana, antes de entrar no meu? Ao quarto de Damon e Jannie?

Estendi a mão, por fim, e agarrei-lhe o braço, torcendo-o.

Ele tornou a gritar. Foi um grito esganiçado, mas a voz era de homem. Soneji? Não podia ser! Eu o vira morrer num dos túneis da Estação

Grand Central!

O que estava acontecendo comigo?
Quem entrara em meu quarto? Em
minha casa?

Jannie... Damon... - balbuciei,
tentando chamá-los. - Nana!

Com a mão livre, comecei a arranhar
o peito e os braços do homem, e
quando senti algo pegajoso nos
dedos, percebi que lhe arrancava
sangue.

- Quem é você? - perguntei. - Por que
está fazendo isso? Damon!

- chamei em tom muito mais alto do
que da primeira vez.

Ele se livrou de mim com um puxão, e
caí da cama, de rosto no chão. A

pancada foi forte, meu rosto ficou amortecido.

Sentia o corpo em fogo. Comecei a vomitar no carpete.

O taco, a marreta, a barra de ferro, fosse o que fosse, caiu novamente sobre mim, e tive a impressão de que me partira em dois. A dor era lancinante. Um machado! Tinha de ser!

Sentia que havia sangue no chão, em volta e embaixo de mim.

Seria meu?

- Eu lhe disse que nada poderia me impedir! - o homem gritou. - Eu disse!

Olhei para cima e reconheci o rosto de meu agressor. Gary Soneji! Mas

como podia ser ele? Como?! Não, não podia.

Então, compreendi. Eu estava morrendo. Mas não queria morrer, sem ver meus filhos mais uma vez. Só mais uma vez.

Quarta Parte

THOMAS PIERCE

Matthew Lewis, motorista da linha de ônibus que percorria a rua East Capitol, trabalhava sempre no turno da madrugada. Naquele dia, dirigindo o coletivo na hora silenciosa antes do amanhecer, assobiava distraidamente uma canção de Marvin Gaye, What's Going On.

Fazia o mesmo percurso havia dezenove anos, e estava muito feliz com seu emprego. Gostava da solidão.

Sempre fora introvertido, um profundo pensador, de acordo com seus amigos e Alva, a mulher com quem se casara vinte anos antes. Era versado em história e política e sabia um pouco de sociologia também.

Desenvolvera esses interesses em seu país natal, a Jamaica, e nunca os perdera.

Nos últimos meses, vinha ouvindo fitas de auto-aperfeiçoamento, lançadas por uma empresa da Virgínia, chamada Teaching Company.

Correndo pela East Capitol às cinco da manhã, ele ouvia uma excelente palestra intitulada O Bom Rei - Os

Presidentes Aniericanos Desde a
Depressão. As vezes ele ouvia duas
ou três numa só noite.

Pelo canto dos olhos, captou um
súbito movimento na rua. Virou a
direção bruscamente. Os freios
guincharam. O ônibus derrapou e
acabou parando em diagonal. Não
havia trânsito, felizmente. As luzes
verdes dos semáforos formavam uma
linha que se perdia de vista.

Matthew Lewis abriu a porta do
ônibus e desceu. Esperava não ter
atropelado a pessoa ou animal que
correria para o meio da rua.

Mas não podia ter certeza, por isso
estava receoso do que poderia ver. A

não ser pelo som da fita no interior do ônibus, o resto estava em silêncio. Ele achou aquilo esquisito. Muito mau sinal.

Então, viu uma negra idosa, caída na rua. Ela estava descalça e usava um roupão listrado de azul e branco. Pela abertura, aparecia a camisola vermelha.

Ele correu para socorrê-la, então pensou que fosse vomitar. A luz dos faróis, descobriu que a camisola dela não era vermelha. Estava ensopada de sangue. Algo horrível de ver. Não era a pior coisa que ele já vira em seus anos de trabalho no turno da noite, mas horrível, de qualquer

forma.

A mulher estava consciente, com os olhos abertos. Estendeu um braço magro e frágil em sua direção.

Violência doméstica", ele pensou. "Ou, talvez, assaltantes entraram na casa dela.

- Por favor, ajude-nos - Nana Mama murmurou. Por favor.

A Fifth Street estava bloqueada, o trânsito totalmente impedido! John Sampson abandonou o Nissan preto e correu o resto do caminho até a casa de Alex. Sirenes de ambulâncias e carros de polícia uivavam por todos os cantos, na rua que ele quase considerava sua.

Corria como nunca correria antes, dominado pelo medo mais terrível que experimentara na vida. Os pés batiam pesadamente nas pedras da calçada, o coração pesado parecia prestes a arrebentar. Ele não conseguia tomar fôlego e iria vomitar, se não parasse de correr imediatamente. A ressaca provocada pelos excessos da noite anterior amortecera seus sentidos, mas nem tanto que o impedisse de sentir o que estava sentindo.

Policiais continuavam a chegar à cena confusa, barulhenta e tumultuada. Sampson abriu caminho à força entre os curiosos. Seu desprezo por eles

nunca fora mais óbvio e intenso. Havia pessoas chorando por todos os lados. Pessoas que ele conhecia, vizinhos e amigos de Alex.

Quando alcançou a cerca de ripas que rodeava a propriedade dos Cross, ouviu algo que virou seu estômago do avesso.

Precisou segurar-se na cerca pintada de branco.

Estão todos mortos lá dentro. A família Cross inteira - uma mulher com o rosto cheio de marcas de catapora anunciava.

Parecia uma personagem de série policial de televisão. Tinha a mesma nojenta falta de sensibilidade.

Sampson dirigiu-lhe um olhar enregelante e entrou no pátio, pulando o cordão de isolamento. Alcançou a escada do alpendre com duas longas e atléticas passadas, quase colidindo com os médicos do pronto-socorro, que saíam carregando uma maca.

Sampson estacou no alpendre, não podendo acreditar no que via. Era Jannie, na maca, e parecia tão pequena! Ele se inclinou para a frente, então caiu de joelhos. O piso do alpendre balançou sob seu peso.

Um gemido escapou-lhe dos lábios. Não era mais um homem forte, nem corajoso. Seu coração partia-se, e ele

sufocou um soluço.

Quando o viu, Jannie começou a chorar.

- Tio John... tio John - chamou-o com vozinha fraca e assustada.

"Jannie não morreu! Ela está viva", Sampson pensou, quase deixando as palavras derramarem-se de sua boca.

Queria ir lá fora e gritar aquilo para os curiosos. Mandá-los parar com os boatos e mentiras.

Também queria saber o que realmente acontecera, tudo de uma vez, mas isso não era possível.

Debruçou-se sobre Jannie, sua afilhada, a quem ele amava como se fosse sua própria filha. A camisolinha

dela estava ensangüentada. O cheiro metálico do sangue era forte, e ele sentiu novamente vontade de vomitar.

Sangue escorria dos cabelos crespos, cuidadosamente trançados. Os cabelos, as tranças, eram o orgulho de Jannie.

"Oh, meu Deus, como isso pôde acontecer? Como?"

Sampson lembrou-se dela cantando Ja Da, na noite anterior.

- Você está bem, querida - murmurou, as palavras prendendo-se como arame farpado em sua garganta. - Voltarei num minuto, certo? Você está bem, Jannie. Agora, preciso ir lá em

cima, mas prometo que logo estarei de volta.

- E Damon? E meu papai? - ela choramingou.

Seus olhos estavam inundados de um terror tão grande, que o coração de Sampson partiu-se novamente. Era apenas uma menininha. Como alguém podia fazer aquilo com uma criança?

- Estão todos bem, querida - ele murmurou.

Sua língua estava grossa e a boca, seca como lixa. Dissera que estavam todos bem. Rezou para que fosse verdade.

Os médicos, depois de muitas

tentativas, conseguiram afastar Sampson e levaram Jannie para uma ambulância à

espera. Mais ambulâncias continuavam a chegar à frente da casa, assim como viaturas da polícia.

Sampson entrou na sala, que estava apinhada de policiais fardados e investigadores. Ele nunca vira tantos tiras reunidos num só lugar. Quando fora dado o alarme, metade do pessoal do distrito devia ter ido para a casa dos Cross.

Como sempre, Sampson chegara atrasado. Lembrou-se de que Alex costumava chamá-lo de "John, o Atrasadinho". Dormira na casa de

uma mulher, Cee Walker, e não pudera ser localizado imediatamente. Desligara o bip, tirando uma noite de folga, de-pois da festa de Alex, da grande comemoração.

"Alguém sabia que Alex iria baixar a guarda", refletiu, voltando a ser novamente um investigador de homicídios. "Mas quem? Quem cometeu essa barbaridade? O que, em nome de Deus, aconteceu aqui?"

Sampson subiu correndo a escada estreita e sinuosa que levava ao segundo andar. Queria gritar para fazer-se ouvir acima do barulho, do vozerio dos policiais que iniciavam a investigação. Queria gritar, chamando

Alex. Queria vê-lo sair de um dos quartos.

Como bebera demais na noite anterior, estava zozzo, sentindo-se trêmulo, e o corpo parecia feito de borracha. Entrou no quarto de Damon e soltou um gemido. O menino estava sendo transferido da cama para uma maca. Era muito parecido com o pai, quando Alex tinha sua idade.

Parecia estar pior do que Jannie. Um lado de seu rosto ficara deformado pelo inchaço. Um dos olhos fechara-se, transformado numa bola. Havia hematomas arroxeados e vermelhos.

Contusões, laceração.

Gary Soneji estava morto. Tombara na Estação Grand Central.

Não podia ter feito aquela coisa horrível na casa de Alex. No entanto, ameaçara fazer!

Nada fazia sentido para Sampson, ainda. Ele apenas desejava que tudo aquilo fosse um pesadelo, embora soubesse que não era. Um investigador chamado Rakeem Powell agarrou-o pelos ombros e sacudiu-o com força.

- Damon está bem, Sampson. Alguém entrou aqui e espancou as crianças. Parece que usou apenas as mãos. Socos. O

covarde filho da puta não queria matá-los, ou, talvez, não tenha tido tempo de acabar o trabalho. Ninguém sabe de nada, por enquanto. John! Você está bem?

Sampson empurrou-o, impaciente.

- E Alex? Nana?

-- Nana foi horivelmente espancada. Um motorista de ônibus a encontrou na rua e a levou para o hospital. Ela está consciente, mas muito machucada. É velha, e a pele dos velhos se rompe muito facilmente. Alex foi baleado, John.

Estão com ele, agora.

- Estão? Quem? - Sampson gemeu.

Encontrava-se à beira das lágrimas, e

nunca chorava. Mas não podia se controlar, não conseguia esconder o que sentia.

- Os médicos, nós e Kyle Craig, do FBI. Seria melhor perguntar quem não está.

Sampson afastou-se de Rakeem, correndo para o quarto de Alex. Era mentira que estavam todos mortos, mas Alex fora baleado. Alguém invadira a casa para matá-lo! Quem?

Tentou entrar no quarto e foi impedido por homens que ele não conhecia. Do FBI, a julgar por seu jeito.

Mas Kyle Craig estava lá dentro.

Digam a Kyle que estou aqui. Meu

nome é Sampson - disse aos agentes na porta.

Um deles foi dar o recado. Kyle apareceu imediatamente e saiu para o corredor.

Kyle, o... - Com dificuldade para falar, Sampson fez uma pausa, então perguntou: Kyle, o que aconteceu?

Alex foi espancado e levou dois tiros. Preciso falar com você, John. Escute. Só escute, está bem?

Sampson tentava controlar o medo, ocultar as verdadeiras emoções, lutar contra o caos que tomara conta de sua mente. Investigadores e policiais amontoavam-se no corredor, diante da porta do quarto. Dois deles

choravam, outros tentavam segurar as lágrimas.

Não! Isto não pode estar acontecendo!

Afastando-se um pouco, Sampson sentiu receio de descontrolar-se totalmente, algo que nunca acontecera. Kyle não parava de falar, mas ele não compreendia suas palavras, incapaz de concentrar-se em outra coisa que não fosse sua dor. Respirou fundo, esforçando-se para anular as reverberações do choque. Era um choque, não era? Então, lágrimas quentes começaram a rolar por suas faces, e ele não se importou que Kyle as visse. A dor retalhava-o

até as pontas dos nervos, até os ossos. Ele nunca sentira algo assim. Preste atenção no que estou dizendo, John pediu Kyle.

Mas Sampson não estava ouvindo. Largou-se pesadamente contra a parede. Perguntou a Kyle como ele chegara lá tão depressa. Kyle respondeu. Sempre tinha uma resposta para tudo. Mas nenhuma palavra fez sentido para Sampson, que ficou olhando pela janela, por cima do ombro dele.

Um helicóptero do FBI descia no terreno baldio que havia no outro lado da rua. As coisas ficavam cada vez mais estranhas.

Um homem desceu do helicóptero e correu abaixado sob as pás girantes do rotor, indo na direção da casa de Alex. Sampson teve a impressão de que ele levitava acima do capim agitado pelo vento provocado pelas pás.

O homem endireitou-se, por fim. Era alto e esbelto, usava óculos escuros, com lentes pequenas e redondas. Os cabelos loiros e longos estavam amarrados num rabo-de-cavalo. Ele não parecia um agente do FBI. Era muito diferente dos outros, havia algo de radical em sua aparência, que não combinava com os padrões do Bureau.

Como se estivesse zangado, empurrou os curiosos, abrindo caminho entre eles. Dava a impressão de estar no comando.

O que significa isso?", Sampson perguntou-se.

- Quem é aquele? - indagou, falando com Kyle Craig. -

Quem é o idiota de rabo-de-cavalo?

Meu nome é Thomas Pierce, mas a imprensa normalmente me chama de "Doutor . Estudei na Harvard e graduei-me em medicina, mas nunca exerci a profissão. Agora, pertencço ao Departamento de Ciência do Comportamento, do FBI.

Tenho trinta e três anos. Na verdade,

eu só pareceria um médico num episódio da série de televisão Plantão Médico.

Naquela manhã, mandaram-me sair às pressas de meu departamento, em Quantico, e ir para Washington. Eu teria de ajudar na investigação da agressão sofrida pelo dr. Alex Cross e sua família. Para ser franco, eu não desejava me envolver naquele caso, por várias razões. A mais importante delas era que eu já estava trabalhando numa investigação difícil, que esgotara quase toda a minha energia, o caso do sr. Smith.

Por instinto sabia que despertaria o antagonismo de certas pessoas,

chegando tão cedo a Washington para colaborar na investigação do crime cometido contra o dr. Alex Cross. Tinha absoluta certeza de que me julgariam um oportunista, quando não havia nada que pudesse estar mais longe de verdade.

Mas eu não podia fazer coisa alguma a respeito. O FBI queria minha ajuda no caso. Então, tentei não pensar no que diriam de mim. Além de aquele ser meu trabalho, sem dúvida o dr. Cross faria o mesmo por mim, se fosse eu a vítima de tão infeliz circunstância.

Sabia que parecia tão chocado quanto qualquer outra pessoa na

multidão reunida diante da casa na Fifth Street.

Algumas delas deviam ter achado que eu estava furioso. E estava. Minha mente transformara-se num caos, onde o medo do desconhecido e o receio do fracasso entrechocavam-se. Meu estado mental aproximava-se do que se descreve como "cérebro em ebulição". Gastara dias, semanas, meses lidando com o sr. Smith, sem descanso. E agora, aquela desgraça.

Uma vez eu ouvira o dr. Alex Cross falar num seminário, na Universidade de Michigan. Ficara impressionado.

Esperava que ele sobrevivesse, mas as informações eram todas ruins.

Nada do que eu soubera até então deixara margem para a esperança.

Imaginei que fosse por isso que houvessem me colocado no caso tão depressa. O cruel ataque contra Cross provocaria grande alvoroço na mídia, causando pressão intensa sobre a polícia de Washington e o FBI. Eu estava lá, na casa onde ocorrera o crime, pelo mais simples dos motivos: aliviar a pressão.

Captei uma aura desagradável, resíduo da recente violência, quando me aproximei da casa bem conservada dos Cross.

Vários policiais com quem cruzei tinham os olhos vermelhos, e alguns

pareciam em estado de choque. Tudo muito inquietante.

Imaginei se Alex Cross falecera durante o tempo que eu levava para ir de Quantico a Washington. Eu já sentia a manifestação de meu sexto sentido quanto ao terrível e inesperado ato de violência cometido no interior da casa modesta, de aparência agradável e tranqüila. Esperava ficar sozinho na cena do crime, de modo que pudesse captar tudo, sem interferências.

Era para isso que estava lá, para observar a cena do inacreditável ataque. Para sentir o que havia acontecido naquela madrugada.

Decifrar tudo, rapidamente e com eficiência.

Pelo canto dos olhos, vi Kyle Craig sair da casa. Apressado como sempre. Suspirei.

"É agora que vai começar."

Kyle atravessou a rua quase correndo. Aproximou-se de mim e trocamos um aperto de mãos. Era bom encontrá-lo ali.

Kyle é inteligente, organizado, e dá total apoio aos que trabalham com ele. É famoso por ser capaz de conseguir que as coisas sejam feitas sem demora e de modo eficiente.

- Acabaram de levar Alex informou. -
Ele está se agüentando.

- Qual é o prognóstico? - perguntei.

Eu precisava saber de tudo. Estava lá para coletar fatos.

Kyle desviou o olhar.

Péssimo. Os médicos disseram que ele não sobreviverá.

O pessoal da imprensa interceptou nosso caminho, quando Kyle e eu nos dirigimos à casa dos Cross. Já havia ali umas duas dúzias de repórteres de jornais e da televisão. Os abutres bloquearam nossa passagem, insistentes. Conheciam Kyle e provavelmente também sabiam quem eu era.

- Por que o FBI se envolveu no caso? -
um deles gritou acima do barulho. -

Dizem que o que aconteceu aqui tem ligação com o caso Soneji. É verdade? Dois helicópteros da imprensa giravam acima da casa. Aquela gente adorava esse tipo de tragédia.

- Deixe-me falar com eles - Kyle cochichou ao meu ouvido.

- Não. Vão querer falar comigo também, assim que descobrirem quem sou. Vamos acabar com essa merda já.

Kyle franziu a testa, mas então moveu a cabeça, concordando. Tentei refrear a irritação, quando encarei a horda de repórteres.

Abanei as mãos acima da cabeça, conseguindo um pouco de silêncio.

Eu aprendera a duras penas que a mídia dá muita importância ao visual, mesmo os jornalistas que só escrevem as notícias, os chamados artesãos da palavra". Acredito que vêem filmes demais. Com eles, os sinais que funcionam melhor são os visuais.

- Vou responder as suas perguntas afirmei, conseguindo exibir um sorrisinho. - Da melhor forma possível.

- Primeira pergunta: quem é você? - indagou um homem, destacando-se da primeira fileira de repórteres.

Tinha barba ruiva, eriçada, e dava a impressão de que comprara as roupas que vestia num bazar do

Exército de Salvação. Era parecido com o escritor ermitão Thomas Harris. Talvez fosse o próprio.

- Essa é fácil comentei. - Sou Thomas Pierce, do Departamento de Ciência do Comportamento.

Isso aquietou os repórteres por um instante. Os que não haviam me reconhecido, conheciam meu nome. Só o fato de eu ter sido incluído no caso Cross já era notícia. Flashes explodiram a minha frente, mas eu já me acostumara com isso.

Alex Cross ainda está vivo? - alguém gritou.

Eu achava que a primeira pergunta seria aquela, mas não fora. O pessoal

da imprensa é de fato imprevisível.

- O doutor Cross está vivo. Mas, como vocês mesmos viram, acabei de chegar, portanto não sei muita coisa. Ainda não temos suspeitos, nem teorias ou pistas, nada de interessante para contar.

- E o que nos diz sobre o caso do senhor Smith? uma mulher perguntou. Era uma morena do tipo "âncora de televisão,

viva como um esquilo. Fez uma pausa nas investigações, doutor? Como vai conseguir trabalhar em dois casos ao mesmo tempo?

Sorriu. Era obviamente mais inteligente e espirituosa do que

parecia.

Fiz uma careta, revirando os olhos para o alto, então retribuí o sorriso.

Não temos suspeitos, nem teorias ou pistas, nada de interessante para contar - repeti. Agora, preciso entrar.

A

entrevista terminou. Agradecemos a preocupação de vocês. Sei que é sincera. Eu também admiro Alex Cross.

Disse admiro" ou "admirava"? - outro repórter gritou lá de trás.

- Por que o colocaram nesse caso, senhor Pierce? Acham que o senhor Smith está envolvido?

Não pude deixar de arquear as

sobrancelhas, surpreso. Senti uma espécie de desagradável coceira no cérebro.

- Puseram-me no caso porque às vezes tenho sorte e decifro alguns enigmas. Talvez isso volte a acontecer. Agora,

preciso mesmo entrar. Prometo que lhes direi, quando descobrirmos alguma coisa. Posso adiantar que duvido que o senhor Smith tenha atacado Alex Cross. Ah, antes que me esqueça, eu disse "admiro", tempo presente.

Puxei Kyle e levei-o embora comigo. Ele sorriu assim que ficamos de costas para a turba.

Você foi ótimo. Acho que consegui confundi-los.

Cães raivosos do jornalismo. Dei de ombros. - Têm sangue na boca e nas bochechas. Eles estão pouco se importando com Alex e sua família. Ninguém perguntou das crianças. Edison disse: "Não sabemos um milionésimo de um por cento a respeito de nada". A imprensa não entende isso. Quer tudo em preto e branco. Aceita qualquer declaração simplória como verdade.

- Seja bonzinho com a polícia de Washington - Kyle pediu. Ou, talvez, estivesse me dando um aviso amigável. Estão todos muito

emocionados. Aquele lá, no alpendre, é o investigador John Sampson, amigo de Alex. O melhor amigo, na verdade.

- Ótimo resmunguei com ironia. - Justamente quem eu não queria ver agora.

Dei uma olhada no investigador Sampson. Ele tinha a aparência de um céu ameaçando tempestade. Eu não queria estar lá. Não queria, não precisava de mais aquilo.

Kyle bateu-me no ombro.

- Precisamos de você no caso. Soneji fez ameaças. Disse que isso aconteceria contou. - Ele previu.

Encarei-o. Ele me dera a informação

espantosa sem nenhuma expressão diferente no rosto, no mesmo tom moderado de sempre.

- Repita. O que foi que você disse?

- Gary Soneji avisou Alex que o mataria, nem que fosse depois de morto. Que nada poderia impedi-lo. Parece que cumpriu a ameaça. Descubra como ele conseguiu. É para isso que você está aqui.

Meus nervos estavam à flor da pele. Eu me encontrava num estado de alerta tão intenso, que chegava a ser doloroso. Não podia acreditar que estava em Washington, envolvido no caso Cross. Descubra como Gary Soneji conseguiu. Era tudo o que eu

tinha a fazer.

Uma coisa a imprensa compreendia bem. É justo dizer que, no momento, sou o analista de crimes mais habilidoso do FBI. Devia estar acostumado a ver locais onde ocorrem assassinatos violentos, mas não estou. Eles evocam muita dor, muitas lembranças de Isabella. De Isabella e de mim mesmo. De um outro tempo, outro lugar, outra vida. Possuo um sexto sentido, mas isso não tem absolutamente nada a ver com paranormalidade. Acontece apenas que sou capaz de processar informações e dados melhor do que a maioria das pessoas, melhor do que a

maioria dos policiais, pelo menos. Sinto as coisas intensamente, e às vezes minhas intuições são úteis não só para o FBI, como também para a Interpol e a Scotland Yard.

Meus métodos diferem radicalmente do famoso processo de investigação do FBI. Apesar do que dizem por aí, o Departamento de Ciência do Comportamento acredita na investigação formalista, deixando pouco espaço para suposições aparentemente sem fundamento. Eu acredito em intuição e instintos, acompanhados pela mais exata ciência.

O FBI e eu somos pólos opostos, no

entanto o Bureau continua a me usar. Até que eu faça uma bobagem muito grande, o que pode acontecer a qualquer momento.

Eu estava trabalhando arduamente em Quantico, escrevendo relatórios sobre a investigação horrível e complexa do caso Smith, quando recebi a notícia do atentado contra Alex Cross. Fazia apenas um dia que chegara da Inglaterra, onde Smith continuava a cometer seus assassinatos.

Agora, estava em Washington, no centro da tempestade infernal desencadeada pelo ataque à família Cross. Olhei para o meu relógio, um

TAG Heuer 6000, que Isabella me deu, o único bem material a que realmente dou importância.

Passavam alguns minutos das oito da manhã, quando entrei no pátio fronteiro da casa de Alex. Alguma coisa relacionada com a hora me perturbou, mas eu não imaginava o que poderia ser.

Parei ao lado de uma ambulância meio amassada e enferrujada do pronto-socorro. As luzes do capô faiscavam, a porta traseira estava aberta. Olhei para dentro e vi um menino. Tinha de ser Damon Cross.

O garoto fora espancado brutalmente. Tinha sangue no rosto e

nos braços, mas estava consciente e falava com os médicos, que tentavam ser gentis e dar-lhe algum conforto.

- Por que ele não matou as crianças? Por que preferiu apenas espancá-las? Kyle conjeturou.

- Seu objetivo não era matá-las respondi, dizendo a primeira coisa que me passou pela cabeça. A primeira intuição que tive. - Ele se sentiu compelido a cometer uma agressão simbólica contra os filhos de Alex, só isso. Virei-me para encarar Kyle, então continuei: Na verdade, não sei. Talvez ele estivesse com medo, ou com pressa. Talvez receasse acordar Alex.

Todos esses pensamentos invadiram minha mente quase no mesmo instante. Senti-me como se tivesse tido um breve encontro com o agressor.

Olhei para a velha casa, a residência dos Cross.

- Tudo bem, vamos examinar o quarto, se você não se importa. Quero ver o local antes dos técnicos. Preciso ver o quarto de Alex Cross. Não sei, mas acho que há alguma coisa muito estranha aqui. Com certeza, não foi obra de Gary Soneji ou do seu fantasma.

- Como sabe? Kyle agarrou-me pelo braço, fitando-me nos olhos. - Como

pode ter certeza?

- Soneji teria matado as duas crianças e a vovó.

Havia sangue de Alex Cross por todo o quarto. Vi a vidraça por onde uma bala saíra, passando por trás da cama. Notei o orifício nítido, as rachaduras uniformes. O atacante estava de pé, quando atirara. Fiz minhas primeiras anotações e um rápido esboço do quarto pequeno e sem adornos.

Havia outra "prova". Uma pegada no lado de fora, junto à porta do porão. A polícia trabalhava numa "descrição" do caminho que o assaltante percorrera. Um homem branco fora

visto por volta de meia-noite, andando pelo bairro onde residiam quase exclusivamente negros. Por um momento, fiquei contente por terem me mandado para lá com tanta pressa. Havia uma quantidade quase grande demais de dados para processar. A cama em desordem, onde Alex aparentemente dormira por cima do acolchoado feito à mão, as fotos dos filhos nas paredes.

Alex Cross já fora removido para o hospital St. Anthony"s, mas seu quarto continuava do jeito que ficara após o ataque.

Fora de propósito que o agressor deixara tudo daquela maneira? Seria

aquela sua primeira mensagem para nós? Claro que sim.

Olhei para os papéis sobre a pequena escrivadinha. Anotações a respeito de Gary Soneji. O atacante não tocara nelas. Isso seria importante?

Alguém pregara um poema curto acima da escrivadinha, usando fita adesiva. "A riqueza cobre pecados, os pobres são nus como alfinetes."

Cross estivera lendo um livro, um romance intitulado Investida. Encontrei um pedaço de papel amarelo dentro. Li o que estava escrito: "Escrever à talentosa autora, dando-lhe os parabéns pelo livro

maravilhoso".

O tempo que passei no quarto foi como um piscar de olhos. Quase como se eu tivesse tido um lapso de memória. Mas tomei várias xícaras de café. Lembrei-me de uma fala da minissérie para a televisão, Tzvin Peaks: "Desgraçada xícara de café bom e quente".

Fiquei no quarto de Alex Cross durante uma hora e meia, perdido na observação de detalhes, ligado ao caso, apesar de tudo. Era um quebra-cabeça pavoroso, mas muito interessante. Tudo naquele caso era forte e altamente incomum.

Ouvi passos no corredor e ergui os

olhos, a concentração interrompida. A porta abriu-se de repente, batendo na parede.

Kyle Craig apareceu. Parecia preocupado. Seu rosto estava branco como cal. Alguma coisa acontecera.

Vou ao hospital, Thomas. Alex teve uma parada cardíaca!

Vou com você - eu disse a Kyle, sentindo que ele precisava de companhia.

Além disso, queria ver Alex Cross antes de ele morrer, o que parecia que iria acontecer.

No caminho para o hospital, interroguei Kyle delicadamente a respeito da extensão dos ferimentos

do dr. Cross e do grau de preocupação dos médicos. Também teci uma hipótese sobre a causa da parada cardíaca:

Acho que foi a perda de sangue. Havia muito, no quarto. Nas roupas de cama, no chão, nas paredes. Soneji tinha verdadeira obsessão por sangue, não é? Me disseram isso em Quantico, hoje de manhã.

Kyle ficou em silêncio por um instante, então fez a pergunta que eu esperava. As vezes, numa conversa, adivinho o que as pessoas vão dizer.

- Você não lamenta o fato de não exercer a profissão de médico?

Abanei a cabeça, negando.

De jeito nenhum. Algo delicado e essencial se rompeu dentro de mim, quando Isabella morreu. Acho que nunca conseguirei sanar o dano, Kyle. Eu não seria um bom médico, agora. Acho difícil acreditar em curas.

Sinto muito - ele murmurou solenemente.

E eu sinto por seu amigo. Sinto muito por Alex Cross.

Na primavera de 1993, eu acabara de me formar pela Faculdade de Medicina de Harvard. Minha vida parecia subir numa espiral vertiginosa, quando a mulher a quem eu amava mais do que a mim mesmo foi assassinada em nosso

apartamento, em Cambridge.

Isabella Calais era minha amante e minha melhor amiga. Foi uma das primeiras vítimas do sr. Smith.

Depois disso, não apareci no Massachusetts General, onde fora admitido como interno. Nem mesmo dei uma explicação. Sabia que nunca exerceria a profissão. Sentia-me como se minha vida houvesse acabado, quando Isabella morrera.

Um ano e meio após o assassinato, fui aceito no FBI, para trabalhar no Departamento de Ciência do Comportamento.

Era o que eu queria, o que precisava fazer. Quando provei minha

capacidade, pedi para ser colocado no caso Smith.

Meus superiores negaram permissão, em princípio, mas acabaram por concedê-la.

- Pode ser que um dia você mude de idéia - comentou Kyle. Senti que ele acreditava que isso pudesse acontecer. Kyle gosta de achar que todo mundo pensa como ele, com perfeita lógica e um mínimo de bagagem emocional.

- Acho que não - repliquei, então percebi que falara em tom firme demais, quase irritado. - Mas, quem sabe?

- Talvez, depois que você apanhar

Smith - ele persistiu. Talvez.

- Você acha que Smith... - Kyle começou, então interrompeu-se, achando absurda a possibilidade de Smith estar envolvido no ataque a Alex Cross.

Não, não acho. Se o atacante fosse Smith, estariam todos mortos e mutilados observei.

No St. Anthony"s, deixei Kyle e fui vaguear, no meu papel de Doutor". Contemplando o que poderia ter sido, achei que não seria tão ruim assim trabalhar num hospital. Tentei descobrir o mais que pude sobre o estado de Alex Cross, suas chances de sobreviver.

As enfermeiras e médicos ficaram surpresos com meus conhecimentos a respeito de traumas e ferimentos provocados por balas, mas ninguém me pressionou para que eu dissesse como ou por quê. Estavam ocupados demais, tentando salvar a vida de Alex. Ele trabalhara como voluntário no St. Anthony's durante anos, e ninguém de lá suportava a idéia de vê-lo morrer. Até os porteiros estimavam e respeitavam o dr. Cross, chamando-o de "um irmão bacana.

Soube que a parada cardíaca fora causada pela perda de sangue, como supusera. De acordo com o médico responsável, Alex tivera a parada

minutos depois de chegar ao pronto-socorro. Sua pressão sangüínea caíra perigosamente, a mínima chegando a zero.

O prognóstico era de que ele provavelmente morreria durante a cirurgia a que seria submetido para a reparação de graves lesões internas. Mas ele morreria, sem dúvida, se não o operassem. Um velho ditado de minha mãe passou-me pela mente: "Que seu corpo suba ao céu, antes que o diabo descubra que ele está morto".

Kyle encontrou-me no movimentado e caótico corredor do quarto andar. Muitas das pessoas que trabalhavam

lá conheciam Alex Cross pessoalmente e não conseguiam esconder a tristeza. O ambiente hospitalar era rude e emocionante, e não pude deixar de entrar no clima de tragédia, ficando mais perturbado ainda do que ficara na casa dos Cross. Kyle continuava pálido, com a testa franzida e úmida de suor. Seus olhos tinham uma expressão distante, enquanto ele olhava para uma das extremidades do corredor.

- O que descobriu? - perguntou. Sei que andou fuçando por aí.

Estava certo ao imaginar que eu já conduzira minha investigaçãozinha particular. Conhecia meu estilo, até

meu lema:

"Não tome nada como certo, pergunte tudo".

Ele está sendo operado, agora. Os médicos acham que não vai resistir - eu disse, dando-lhe a má notícia. Sem sentimentalismos, pois sabia que era assim que ele queria. - Isso é o que os médicos dizem, mas, diabos, o que eles sabem? acrescentei.

- O que você acha, Thomas?

As pupilas de Kyle eram pequenos pontos negros. Ele estava aceitando tudo aquilo muito mal, como eu nunca o vira fazer a respeito de nada. Sua emoção era muito grande. Compreendi que havia uma profunda

amizade entre ele e Alex.

Suspirei e fechei os olhos. Imaginei se devia dizer-lhe o que realmente achava. Por fim, abri os olhos e fitei-o.

- Talvez fosse melhor ele não resistir, Kyle.

- Venha - Kyle convidou, puxando-me pelo braço. - Quero que conheça uma pessoa.

Segui-o até um quarto no andar de baixo. A paciente que o ocupava era uma negra idosa. Haviam enfaixado sua cabeça com Webril, uma bandagem elástica. Parecia que ela estava de turbante. Algumas pequenas mechas grisalhas escapavam da faixa, roçando-lhe o

pescoço. Compressas de gaze cobriam os ferimentos em seu rosto.

Ela estava ligada a um monitor cardíaco e recebendo sangue, além de soro com antibióticos.

Olhou para nós como se fôssemos intrusos, então reconheceu Kyle.

Como está Alex? Diga a verdade - pediu com voz rouca,

quase sussurrada, mas firme. -

Ninguém quer me dizer. Diga, Kyle, por favor.

- Alex está no centro cirúrgico, Nana.

Não podemos dizer nada, até que ele saia. E, talvez, nem depois.

A velha senhora estreitou os olhos, abanando a cabeça com tristeza.

Pedi que me dissesse a verdade, Kyle.
Acho que mereço pelo menos isso.
Alex está vivo?

Kyle suspirou. Foi um suspiro cansado e triste.

Decidi interferir.

- O estado de Alex é extremamente grave - informei, falando do modo mais gentil que pude. - Isso significa que...

- Eu sei o que significa - ela me interrompeu. - Sou professora. Lecionei durante quarenta e sete anos. Ensinei inglês, história, álgebra e tudo o mais.

- Desculpe. Eu não quis ser arrogante.

- Fiz uma pausa de alguns segundos,

então prossegui: - As lesões internas envolvem um "rasgamento, algo que pode causar a contaminação dos ferimentos. A mais grave é no abdome. Uma das balas atravessou o fígado e aparentemente cortou a artéria hepática. Foi o que me disseram. A bala se alojou atrás do estômago, onde agora está pressionando a coluna vertebral.

A velhinha encolheu-se, mas me olhava atentamente, esperando pelo fim da explicação. Eu estava pensando que, se Alex Cross tinha metade da força daquela mulher, metade de sua obstinação, então devia ser um investigador realmente

especial.

- Por causa do rompimento da artéria, houve considerável perda de sangue - continuei. - O conteúdo do estômago e dos intestinos pode ser causador de uma infecção. Há o perigo de uma inflamação da cavidade abdominal, peritonite, talvez pancreatite, e qualquer uma dessas complicações pode ser fatal. A segunda bala atravessou o pulso esquerdo, sem esfacelar o osso e sem atingir a artéria radial. É tudo o que sabemos até agora.

Parei de falar. Meus olhos não se desviaram dos da idosa, e os dela não se desviaram dos meus.

- Obrigada - ela agradeceu num murmúrio resignado.

Você não me tratou com condescendência, e gostei disso. É médico aqui do hospital?

- Não, não sou. Estudei medicina, mas trabalho para o FBI. Ela arregalou os olhos, parecendo ainda mais alerta do que quando havíamos entrado no quarto. Senti que aquela mulher frágil possuía enormes reservas de força.

- Alex é médico e investigador - ela observou. Também sou investigador.

- Sou Nana Mama, avó de Alex. E você, como se chama?

- Thomas Pierce.

- Obrigada por me dizer a verdade,

Thomas.

Paris, França.

A polícia jamais admitiria, mas agora o sr. Smith estava no comando de Paris. Tomara a cidade de assalto, e só ele sabia por quê. A notícia de sua apavorante presença espalhara-se ao longo do boulevard Saint-

Michel e depois pela rua Vaugirard. Esse tipo de coisa não podia acontecer no finíssimo sexto arrondissement!

As lojas sedutoramente chiques ao longo do Saint-Michel atraíam não só turistas, como também os próprios parisienses. O Panthéon e os lindos Jardins de Luxemburgo ficavam ali

perto. Assassinatos horríveis não deviam acontecer ali.

Os balconistas das lojas caras foram os primeiros a correr para o número onze da rua Vaugirard. Queriam ver Smith, ou, pelo menos, sua obra. Queriam ver o "alienígena" com seus próprios olhos.

Pessoas que faziam compras e até proprietários de estabelecimentos saíram das elegantes lojas de roupas e dos cafés. Os que não foram até a rua Vaugirard ficaram olhando para o local onde viaturas policiais, pintadas de branco e preto, e um ônibus do Exército estavam estacionados. Um grupo de pombos

voava bem alto, acima da lúgubre cena. Até eles pareciam querer ver o assassino.

Do outro lado do boulevard Saint-Michel ficava a Sorbonne, com sua carrancuda capela, o enorme relógio, o terraço aberto com piso de lajes. Um outro ônibus lotado de soldados estacionara na praça. Estudantes subiam a rua Champollion, querendo assistir aos acontecimentos. A ruazinha recebera esse nome em homenagem a Jean-François Champollion, o egiptólogo francês que decifrara a pedra de Rosetta, a chave para a compreensão dos hieróglifos.

O inspetor de polícia, René Faulks, abanou a cabeça, desanimado, quando estacionou o carro na Champoilion e viu a multidão. Entendia a fascinação doentia das pessoas pelo sr. Smith". Era o medo do desconhecido, especialmente de uma morte inesperada e pavorosa como a das vítimas daquele assassino misterioso, O sr. Smith ganhara fama porque seus atos eram totalmente incompreensíveis. Parecia de fato um habitante de outro planeta. Era difícil conceber que um ser humano fizesse as coisas horríveis que para ele eram rotineiras.

O inspetor deixou os olhos

vaguearem pela cena. Viu o anúncio eletrônico no canto do liceu St. Louis. Naquele dia, anunciava algo como formação de artistas.

Mais loucura", ele pensou com uma risadinha cínica.

Notou um homem contemplando a "obra-prima que desenhara com giz, na calçada. O artista parecia indiferente à emergência policial que agitava os arredores. O mesmo podia ser dito da mulher, certamente uma desabrigada, que lavava os pratos do café da manhã no chafariz da praça.

Melhor para eles. Os dois passaram no teste de sanidade do inspetor. Não eram loucos, numa época em que a loucura imperava.

Enquanto subia a escada de pedra que levava à porta pintada de azul, Faulks ficou tentado a virar-se para os

curiosos e gritar que fossem embora, cuidar de suas tarefas sem importância e de suas vidas acanhadas.

Que fossem ver um filme de arte no Cinema Champollion. O crime não tinha nada a ver com eles. Smith só escolhia espécimes interessantes e raros, de maneira que aquela gente não tinha nada com que se preocupar.

Naquela manhã, um dos melhores jovens cirurgiões da Ecole Pratique de Médecine fora dado como desaparecido. Se o sr. Smith agisse como de costume, dentro de um par de dias o médico seria encontrado

morto e mutilado. Fora assim com as outras vítimas. Criara-se algo parecido com um padrão repetitivo: morte por mutilação.

Faulks entrou no luxuoso apartamento do cirurgião e cumprimentou distraidamente dois policiais e outro inspetor que se encontravam lá. O lugar era magnífico, com vista para a Sorbonne e decorado com obras de arte e móveis antigos.

Bem, o "menino de ouro" da escola de medicina tivera sua carreira interrompida. As coisas haviam ficado muito feias para o dr. Abel Sante.

- Nada? - perguntou Faulks a um dos

policiais. - Nenhum sinal de luta?

- Nenhum. Exatamente como os outros. Mas o coitado do doutor rico se foi. Desapareceu. Smith o pegou.

- Pegou e levou para a sua nave espacial - aparteu o outro policial, um jovem ruivo, de cabelos meio longos e óculos escuros da última moda.

Faulks girou bruscamente nos calcanhares.

- Você?! Suma daqui! Vá para a rua juntar-se com os outros loucos e aqueles pombos piolhentos! Eu queria que o senhor Smith levasse você para a sua nave, mas, infelizmente, suspeito que os padrões

dele sejam altos demais.

Tendo feito seu discurso e expulsado o policial com quem antipatizava, o inspetor começou a examinar o local. Tinha um relatório para escrever. Precisava encontrar algo que fizesse sentido naquela loucura toda. Toda a França, toda a Europa, esperavam pelas últimas notícias.

O quartel-general do FBI em Washington fica na avenida Pensilvânia, entre as ruas Ninth e Tenth. Das quatro horas da tarde até as sete da noite, participei de uma reunião com meia dúzia de agentes especiais, inclusive Kyle Craig. Numa sala de reuniões chamada Centro de

Operações Estratégicas, discutimos vigorosamente o atentado sofrido pela família Cross.

As sete da noite, soubemos que Alex sobrevivera à primeira cirurgia. Um viva ecoou ao redor de toda a mesa.

Eu,

então, disse a Kyle que desejava voltar ao hospital.

- Preciso ver Alex Cross - expliquei. - Preciso, mesmo que ele não possa falar, seja qual for o estado em que se encontre.

Vinte minutos mais tarde, saí do elevador, no sexto andar do St. Anthony's. Notei que aquele andar era mais silencioso do que o resto do

edifício. E um tanto sinistro, talvez devido às circunstâncias.

Entrei numa sala de recuperação mais ou menos no centro do andar mergulhado em penumbra. Chegara tarde. Já havia outra pessoa lá dentro. O investigador John Sampson montava guarda junto à cama de seu amigo. Era forte e muito alto, tinha no mínimo um metro e noventa de altura, mas parecia incrivelmente abatido, como se fosse desabar sob o peso do cansaço e do estresse suportado durante o longo dia.

Ele finalmente olhou para mim, cumprimentou-me com um breve gesto de cabeça e voltou sua atenção

para o dr.

Cross. Em seus olhos, vi uma estranha mistura de raiva e tristeza. Pressenti que ele sabia o que eu fora fazer lá.

Alex Cross estava ligado a tantos aparelhos, que era chocante olhá-lo. Eu sabia que ele tinha pouco mais de quarenta anos. Mas parecia mais jovem. Essa foi a única coisa boa que percebi.

Examinei os gráficos presos aos pés da cama. Ele sofrera severa perda de sangue após o rompimento da artéria, apresentava numerosos hematomas, contusões e lacerações, um dos pulmões não estava funcionando, e o pulso esquerdo fora ferido. Houvera

envenenamento do sangue, os ferimentos eram graves, ele ainda corria risco de vida.

Alex Cross estava acordado, e fitei seus olhos castanhos durante um longo tempo. Que segredos eles esconderiam? O

que ele sabia a respeito do ataque? Vira o rosto do agressor?

Quem lhe fez isso?", perguntei mentalmente. Não foi Soneji. Quem teve a audácia de entrar no seu quarto?"

Ele não podia falar, e seus olhos não diziam nada, nem mesmo exibiam estranheza por eu estar lá com Sampson. Pior,

parecia que ele não reconheceria o amigo. Muito triste.

Estava recebendo excelente tratamento ali no St. Anthony"s. A cama tinha grades Stryker, o pulso ferido fora enfaixado com bandagem elástica, e o braço ancorado numa barra. Cross recebia oxigênio através de um tubo transparente que passava por uma abertura na parede. Um monitor exibia as condições de temperatura, pulsação, pressão sanguínea e também eletrocardiogramas.

Por que não o deixa em paz? - Sampson manifestou-se, após vários minutos. Não pode fazer nada para

ajudar. Por favor, vá embora.

Concordei com um gesto de cabeça, mas continuei a examinar os olhos de Alex Cross por mais alguns segundos. Infelizmente, ele não tinha nada para me dizer.

Por fim, saí, imaginando se tornaria a vê-lo. Duvidava muito. Eu não acreditava mais em milagres.

Naquela noite, não consegui expulsar o sr. Smith da mente, o que já era normal, mas agora Alex Cross e sua família também estavam residindo lá. Não parava de pensar em tudo o que vira e ouvira no hospital e na residência dos Cross. Quem invadira a casa? Gary Soneji

devia ter encarregado alguém de fazer isso.

Mas quem?

Os flashbacks entrecruzados estavam fugindo de meu controle, deixando-me louco. Não gostei nada dessa sensação. Não me achava capaz de conduzir uma investigação, muito menos duas, sob aquelas condições estressantes.

As últimas vinte e quatro horas haviam sido infernais. Eu voara de Londres para Washington, onde desembarcara no Aeroporto National, e fora para Quantico, Estado da Virgínia. Então, fora levado às pressas de volta para Washington, onde

trabalhara até as dez da noite no quebra-cabeça Cross.

Para piorar as coisas ainda mais, e ficou provado que isso era possível, quando me acomodei em meu quarto, no Washington Hilton & Towers, descobri que não iria conseguir dormir. O estado caótico de minha mente afastara o sono.

Eu não gostara da hipótese sobre o caso Cross, aventada pelos investigadores do FBI na reunião daquela noite. Eles haviam encalhado na trilha habitual, como estudantes preguiçosos que ficam olhando para o teto da sala de aula, procurando respostas para as perguntas que lhes

são feitas. Na realidade, a maioria dos investigadores policiais lembra-me a incisiva definição de "insanidade", criada por Einstein, que ouvi pela primeira vez na Harvard: "Insanidade é ficar repetindo o mesmo processo, esperando um resultado diferente".

Voltei em pensamento ao quarto onde Alex Cross fora brutalmente agredido. Procurava por alguma coisa,

mas não sabia o que era. Vi novamente o sangue espirrado nas paredes, nas roupas da cama, no tapete. O

que me escapava?

Tentei dormir, droga, mas não

consegui.

Tentei o sedativo do trabalho, meu costumeiro antídoto. Fizera anotações e desenhos lá mesmo, na cena do crime. Levantei-me e escrevi mais um pouco, embora o estômago desse voltas e mais voltas e a cabeça latejasse. O computador portátil estava a meu lado na mesa, de prontidão, como sempre.

Comecei a digitar:

Pode Gary Soneji estar vivo? Não descarte nenhuma possibilidade, nem mesmo a mais absurda.

Peça a exumação do corpo dele, se for necessário.

Leia o livro que Alex Cross escreveu.

Vá visitar a penitenciária Lorton, onde Soneji esteve preso.

Empurrei o computador para um lado, após uma hora de trabalho. Eram quase duas da madrugada. Eu sentia a cabeça congestionada, como se estivesse com um horrível resfriado. Mas continuava sem sono.

Aos trinta e três anos de idade, começava a me sentir um velho.

Continuei a visualizar o quarto ensangüentado de Alex Cross. Ninguém pode imaginar o que é viver com tal imagem na cabeça, dia e noite. Tornei a ver Alex Cross na sala de recuperação do St. Anthony"s. Então,

peguei me recordando as vítimas do sr. Smith, seus "objetos de estudo", como o maldito as chamava.

As cenas terrificantes passavam e tornavam a passar por minha mente, sempre levando a um mesmo lugar, a uma mesma conclusão.

Vi o quarto do apartamento que eu dividia com Isabella em Cambridge, Massachusetts.

Com absoluta clareza, lembrei-me de como corri pelo estreito corredor, naquela noite alucinante. Meu coração parecia entalado na garganta, ameaçando me sufocar. Lembrei-me de cada passo desesperado que dei, de tudo o que

vi pelo caminho. E de quando, finalmente, encontrei Isabella e pensei que estivesse tendo um horrível pesadelo.

Vi-a deitada em nossa cama e soube que ela estava morta. Ninguém teria sobrevivido à selvageria que aquele quarto testemunhara. Isabella não sobreviveu. Nem eu.

Ela foi barbaramente assassinada aos vinte e três anos de idade, na melhor fase de sua vida, antes de ser esposa, mãe, antes de ser antropóloga, como tanto desejara.

Não pude deixar de fazer o que fiz. Curvei-me sobre a cama e abracei o que restara de minha Isabella. O que

restara!

Como posso esquecer? Como posso apagar essas imagens?

A resposta é simples: não posso.

Lá estava eu, novamente numa caçada, percorrendo o caminho mais solitário da Terra. Mas fora isso que me sustentara nos últimos quatro anos, desde a morte de Isabella.

No momento em que despertei, pela manhã, telefonei para o hospital St. Anthony's. Alex Cross estava vivo, mas em coma. Seu estado era considerado muito grave. Imaginei se Sampson passara a noite junto à cama dele. Eu achava que sim.

As nove da manhã, cheguei à

residência dos Cross. Precisava examinar a cena do crime muito mais minuciosamente, juntar todos os fatos, cada lasca, cada fragmento. Tentei organizar tudo o que descobrira,

ou o que pensava que descobrira na primeira etapa da investigação. Pensei numa máxima freqüentemente usada em Quantico: "Todas as verdades são meias verdades, e, às vezes, nem isso".

Um espírito maligno supostamente voltara do inferno e atacara um famoso policial e sua família. Avisara que faria isso. Que nada o impediria. Que aquela seria sua vingança cruel.

Por alguma razão, porém, não conseguira cumprir a ameaça. Nenhum dos membros da família, nem mesmo Alex Cross, morreram. Aquela era a parte do quebra-cabeça que mais me intrigava. A chave de tudo tinha de estar ali!

Desci ao porão da casa um pouco antes das onze da manhã. Pedi à polícia e aos técnicos do FBI que não mexessem em nada ali, até que eu terminasse de examinar o resto da casa. A coleta de dados, minha ciência, era um processo metódico, lento.

O agressor escondera-se no porão, durante a festa. Havia uma pegada

parcial, junto à porta do porão.

Tamanho quarenta. Nada de muito importante, a não ser que o criminoso desejasse que encontrássemos a pegada.

Uma coisa me ocorreu de repente. Gary Soneji muitas vezes fora preso num porão, na infância. Nessas ocasiões, ficava excluído das atividades da família. Ele fora maltratado fisicamente num porão parecido com aquele da casa de Cross.

E o atacante certamente escondera-se no porão. Não podia ser uma simples coincidência.

Ele, ou também podia ser ela, saberia

da ameaça que Soneji fizera a Cross? Essa possibilidade era inquietante como o diabo. Eu ainda não queria estabelecer teorias, nem tirar conclusões prematuras. Só precisava coletar o máximo de dados que fosse possível. Talvez, pelo fato de ser formado em medicina, abordo meus casos da mesma maneira que um médico aborda os seus.

"Junte todos os dados. Sempre os dados, antes de mais nada." Havia silêncio no porão, e pude concentrar toda a minha atenção no que me rodeava. Tentei imaginar o agressor escondido ali, durante a festa, e

depois também, enquanto esperava que tudo ficasse quieto e Alex adormecesse.

O criminoso era covarde.

Não agira num momento de raiva.

Era metódico.

Atacara as crianças primeiro, mas não lhes causara ferimentos fatais.

Espancara a avó de Alex, mas também a poupou.

Por quê? Parecia que só queria que Alex morresse, e nem aquilo acontecera. Pelo menos, ainda não.

O criminoso continuava em Washington? Para onde teria ido? Estaria espionando a casa dos Cross? Ou rondando o hospital St.

Anthony"s, onde Alex estava sendo protegido pela polícia?

Passei por um antigo fogão a carvão e notei a porta de metal entreaberta. Abri-a, tendo o cuidado de usar um lenço, e espiei para dentro. Como não pude ver direito, acendi minha lanterninha de bolso. Vi uma camada alta de cinza esbranquiçada. Alguém queimara alguma coisa lá, recentemente. Talvez jornais ou revistas.

Quem pensaria em aquecer aquele lugar em pleno verão?

Vi uma pequena pá numa bancada de trabalho. Usei-a para revirar as cinzas.

Raspei o fundo do fogão.

Ouvi um "dique". Som de metal batendo em metal.

Retirei um pouco de cinzas com a pá, e alguma coisa veio junto. Algo duro. Pesado. Eu não esperava grande coisa. Estava simplesmente colhendo dados, examinando tudo, qualquer coisa, até resíduos deixados num velho fogão. Despejei o montinho de cinzas na bancada e espalhei-o.

Vi, então, em que fora que a pazinha batera. Virei o objeto com a ponta da pá.

"Agora, sim", disse a mim mesmo.

Finalmente, eu tinha encontrado alguma coisa de interesse.

Era um distintivo de investigador. O distintivo de Alex. Queimado.

Alguém deixara o distintivo lá para que o encontrássemos.

O criminoso queria brincar!

Era uma brincadeira de gato e rato.

Ile-de-France.

O dr. Abel Sante era normalmente calmo e controlado. Bastante conhecido na comunidade médica por sua erudição, também era uma pessoa agradável, um profissional bondoso.

Agora, tentava com desespero pensar em outra coisa que não fosse o lugar onde se encontrava. Qualquer outro lugar, em todo o universo, serviria.

Passara horas recordando, nos mínimos detalhes, sua tranqüila, quase idílica infância em Rennes. Depois, relembrou os anos de universidade na Sorbonne e na Ecole Pratique de Médecine. Os jogos de tênis e golfe. Os quase sete anos de relacionamento amoroso com Regina Becker, sua querida, carinhosa Regina.

Precisava estar em outro lugar, menos naquele em que se encontrava. Tinha de existir no passado, no futuro, mas não no presente. Pensou em O Paciente Inglês, o livro e o filme. Agora, ele era o conde Almásy, não?

Só que sua tortura era ainda pior do que a infligida a Almasy pela carne horripelantemente queimada. Ele estava nas garras do sr. Smith.

Pensava demais em Regina, agora, e descobrira que a amava profundamente. Lamentava não ter se casado com ela vários anos atrás! Que miserável arrogante, que idiota!

Desejava poder continuar vivendo e ver Regina outra vez. Naquele momento, a vida parecia-lhe extremamente preciosa. Naquele momento, naquele lugar horrível, sob tão monstruosas condições.

Não, não podia seguir essa linha de pensamento, que o trazia de volta ao

presente.

Não, não! Vá para outro lugar. Qualquer um, mas não fique aqui! No entanto, tomara consciência novamente do pequeno compartimento, do infinitesimal "X" no mapa do mundo onde era um prisioneiro,

onde ninguém o encontraria. Nem a polícia ou a Interpol, ou o Exército francês inteiro, os ingleses, os americanos, os israelenses!

Podia imaginar facilmente a comoção, o pânico desencadeados em Paris, espalhando-se por toda a França.

Famoso médico e professor seqüestrado!, seria a manchete do Le

Monde. Ou: "O sr. Smith aterroriza Paris.

Ele vivia aquele terror! Tinha certeza de que milhares de policiais e soldados do Exército estavam a sua procura naquele momento. Mas, claro, a cada hora que passava, suas chances de sobrevivência diminuía. Ele lera as matérias sobre o sr. Smith, sabia o que ele fazia com suas vítimas, depois de seqüestrá-las.

Por que eu? Deus Todo-Poderoso, não suporto mais este monólogo!"

Assim como não suportava mais ficar de cabeça para baixo no espaço incrivelmente reduzido.

"Não suportarei isto nem mais um

segundo! Nem um segundo! Não, nem um segundo! Não consigo respirar! Vou morrer aqui."

Iria morrer ali mesmo, naquele elevador de comida, entalado entre dois andares numa casa abandonada em Ile-de-France, nos arredores de Paris.

O sr. Smith colocara-o no elevador de comida, enfiando-o dentro como se ele fosse uma trouxa de roupas sujas, e deixara-o lá. Só Deus sabia quanto tempo se escoara. Horas, talvez. Abel Sante não tinha mais certeza.

A dor excruciante ia e vinha, percorria-lhe o corpo como ondas poderosas. O pescoço, o ombro e o

peito doíam demais, além do que alguém poderia imaginar, além do tolerável. Ele, que nunca tivera um ataque de claustrofobia, estava tendo um, imaginando-se comprimido dentro de uma caixa que se apertava aos poucos.

Isso, porém, não era o pior. Não, não era. O mais terrificante de tudo era que ele sabia o que toda a França, todo o mundo desejavam saber.

Captara alguma coisa da personalidade do sr. Smith. Sabia como ele falava. Chegara à conclusão de que o homem devia ser um filósofo, talvez um professor ou estudante universitário.

Ele vira o sr. Smith.

Num rápido momento, quando estava sendo enfiado no elevador, de cabeça para baixo, vira os olhos frios e duros do assassino, o nariz, a boca.

E o sr. Smith percebera.

Abel Sante sabia que estava perdido. Para ele, não havia a menor esperança.

- Smith, desgraçado! Vá para o inferno! Conheço o seu segredo. Sei de tudo. Você é um extraterrestre maldito! Você não é humano!

Acha mesmo que vamos encontrar esse filho da puta? Acha que ele é burro? - John Sampson perguntou-me

em tom de desafio. Estava todo vestido de preto e usava óculos escuros. Parecia já estar de luto. Nós dois voávamos num helicóptero Beil Jet do FBI, indo de Washington para Princeton, Nova Jersey. Iríamos trabalhar juntos por uns tempos.

Pensa que foi Soneji quem fez isso? Ele é o mágico Houdini,

por acaso? Acha que pode estar vivo?

- Sampson prosseguiu. Não sei o que você está pensando, diabos!

- Nem eu mesmo sei - admiti com um suspiro. - Ainda estou coletando dados. É só assim que sei trabalhar. Mas, não,

não acho que foi Soneji. Ele sempre

trabalhou sozinho. Sempre.

Eu sabia que Gary Soneji fora criado no Estado de Nova Jersey e que se tornara um dos mais selvagens assassinos de todos os tempos. E parecia que sua carreira ainda não terminara. Soneji fazia parte do mistério que envolvia o ataque a Alex Cross.

As anotações de Cross a respeito de Soneji eram extensas e estavam me fornecendo informações úteis e interessantes.

E iriam fornecer muitas mais, pois eu ainda não lera mais do que um terço. Ficara claro, para mim, que Cross era um excelente investigador policial,

mas que, como psicólogo, era ainda melhor. Teci hipóteses não apenas inteligentes e criativas, mas também exatas, na maioria dos casos.

Ergui os olhos do relatório que estava lendo.

- Tive um pouco de sorte lidando com assassinos difíceis - disse. - Menos com aquele que eu mais gostaria de pegar.

Sampson encarou-me.

- Esse tal de senhor Smith virou herói cult, agora? Ficou famoso na Europa, principalmente em Londres, Paris e Frankfurt.

Não me surpreendi com o fato de Sampson acompanhar o caso Smith.

Os jornais sensacionalistas haviam transformado aquele demônio em seu mais recente ídolo. Publicavam matérias atraentes, externando a opinião de que Smith devia ser um alienígena. Mesmo jornais sérios como o New York Times e o Times de Londres haviam publicado que as autoridades policiais acreditavam que o sr. Smith fosse um extraterrestre que viera ao nosso planeta para estudar os humanos.

- Smith é visto como um E.T. malvado comentei. - Algo para os fãs de Arquivo X verem entre dois episódios da televisão. Quem sabe? Talvez ele seja mesmo um visitante do espaço,

ou de um mundo paralelo. Não tem nada em comum com os seres humanos, isso eu posso afirmar. Estive nos locais dos assassinatos.

Sampson moveu a cabeça afirmativamente.

- Gary Soneji também não tinha nada em comum com a raça humana - observou com aquela sua voz profunda. - Era de outro planeta, um FVA: forma de vida alienígena.

Não sei se apresentava o mesmo perfil psicológico de Smith.

- Por quê? - perguntou Sampson, estreitando os olhos.

Acha que o seu assassino serial é mais esperto do que o nosso?

- Não. Gary Soneji era muito inteligente, mas cometia erros. Até agora, o senhor Smith não cometeu nenhum.

- Então, por causa dos erros que Gary Soneji cometeu, você vai solucionar esse novo mistério?

- Não faço previsões. Sei que é bobagem. E você também sabe, Sampson.

- Soneji cometeu algum erro na casa de Alex?

Suspirei.

- Alguém cometeu.

Estávamos descendo na periferia de Princeton. Uma fila de carros passava silenciosamente numa estrada

estadual ao longo do campo de aviação. As pessoas nos carros olhavam para o helicóptero. Era seguro supor que tudo começara naquela cidade. A casa onde Gary Soneji crescera ficava a menos de dez quilômetros dali. Havíamos chegado à primeira toca do monstro.

- Acha que Soneji pode estar vivo? - Sampson perguntou mais uma vez. Não acho nada por enquanto - respondi.

Não tome nada como certo, questione tudo."

Quando pousamos no pequeno campo de aviação, senti os cabelos da nuca eriçarem-se. O que havia de

errado ali? O que eu estava captando? Teria algo a ver com o caso Cross?

Além das faixas estreitas da pista, estendiam-se florestas de pinheiros e colinas. A beleza da paisagem, os incríveis tons de verde, fizeram-me lembrar uma frase de Cézanne: "Quanto mais rica a cor, mais completa a forma". Depois de ouvir isso, nunca mais olhei o mundo do mesmo modo de antes.

"Gary Soneji cresceu aqui perto", pensei. "Será possível que ele esteja vivo? Não, não creio."

Dois agentes foram nos encontrar, levando um sedã azul para o nosso uso. Sampson e eu fomos de

Princeton para Rocky Hill e, então, para Lambertville, falar com o avô de Gary Soneji. Eu sabia que Sampson e Alex Cross haviam estado lá menos de uma semana atrás, mas queria fazer algumas perguntas, testar algumas teorias.

Também queria ver o local onde Gary Soneji crescera, onde sua loucura começara. Mais do que tudo, desejava falar com uma pessoa que nem Cross nem Sampson haviam investigado seriamente, um suspeito novo em folha.

Walter Murphy, de setenta e cinco anos, avô de Gary, esperava por nós no longo alpendre pintado de branco.

Não nos convidou para entrar na casa.

Do alpendre tinha-se uma bonita vista da fazenda. Vi roseiras por toda parte, num emaranhado impenetrável. Hera e um outro tipo de trepadeira cobriam o celeiro. Imaginei que o velho deixava as plantas crescerem desordenadamente de propósito.

Eu sentia Gary Soneji na fazenda do avô.

De acordo com Walter Murphy, ele nunca imaginara que o neto fosse capaz de matar. Nunca tivera a menor suspeita.

Há certos dias em que acho que me

acostumei com tudo o que aconteceu, mas, de repente, os fatos voltam a ser novos e incompreensíveis para mim - ele nos contou, enquanto a brisa morna do meio-dia alvoroçava seus cabelos brancos.

- Teve contato com Gary, depois que ele ficou mais velho?

perguntei cautelosamente.

Observava-o. Era alto, musculoso. Tinha mãos grandes, braços grossos, provavelmente ainda capazes de causar dano a uma pessoa.

- Eu tinha longas conversas com Gary, desde o tempo em que ele era menino até quando supostamente seqüestrou aquelas duas crianças.

Supostamente.

- O senhor foi pego de surpresa? -
indaguei. - Não fazia idéia? Walter
Murphy encarou-me, e percebi que se
ressentira com o tom irônico de
minha voz. Eu seria capaz de
enfurecê-lo? Inclinei-me para a frente
para ouvi-lo melhor, observando
todos os seus gestos. Precisava de
dados.

Gary sempre quis ser uma pessoa
bem ajustada o velho declarou
abruptamente. - Quem não quer? E
confiava em mim,
porque eu o aceitava como ele era.

- E o que ele fazia, que precisava ser
aceito? - pressionei. O idoso desviou

o olhar para os tranquilos bosques de pinheiros que rodeavam a propriedade.

Eu podia sentir Gary Soneji andando naqueles bosques. Era como se ele estivesse nos observando.

- Ele se tornava hostil de vez em quando - Walter Murphy admitiu. - Tinha língua afiada. E tinha um ar de superioridade que irritava certas pessoas.

- Mas não ficava hostil na sua companhia? Seu ar de superioridade não irritava o senhor?

Os olhos azul-claros do velho desviaram-se dos bosques e fixaram-se em mim.

Não. Éramos muito unidos. Os psiquiatras disseram que Gary era incapaz de amar, de sentir amizade por uma pessoa, mas não acredito nisso. Nunca fui alvo das suas explosões de mau gênio.

Uma fascinante revelação, mas senti que era mentira. Olhei para Sampson. Ele me fitava de maneira diferente.

- As explosões de Gary eram premeditadas? - indaguei.

- Você sabe muito bem que ele pôs fogo na casa do pai e da madrasta. Os dois estavam lá dentro. Assim como o filho e a filha da madrasta. Na ocasião do incêndio, Gary devia estar na

escola. Estudava na Peddie, em Highstown, e era um aluno brilhante. tava começando a fazer amigos entre os colegas.

- O senhor conheceu algum deles? - perguntei.

O velho estava ficando inquieto com a rapidez com que eu fazia as perguntas, mal lhe dando tempo para respirar.

Teria o mesmo temperamento explosivo do neto?

Uma centelha acendeu-se nos olhos azuis. Raiva. Talvez o verdadeiro Walter Murphy estivesse emergindo.

- Não, ele nunca trouxe nenhum dos meninos aqui. Suponho que esteja

insinuando que ele não tinha amigos, que apenas tentava parecer mais normal do que era. Que análise barata! É psicólogo, por acaso?

- Trens? - perguntei subitamente.

Queria ver como o velho reagiria. Era importante. Era um teste.

Ele tornou a olhar para os bosques, que continuavam serenos e lindos.

- Hummm... Eu tinha esquecido. Fazia tempo que não pensava nos trens. O filho de Fiona, madrasta de Gary, tinha um conjunto muito caro de trens Lionel. Não deixavam Gary brincar com eles, nem mesmo chegar perto. Quando ele estava com dez, onze anos, a ferrovia de brinquedo

desapareceu. Os trilhos, os trens, o conjunto todo.

Desapareceu? Como?

Walter Murphy quase sorriu.

- Todos sabiam que Gary a tinha roubado. Talvez ele a tivesse destruído, ou enterrado em algum lugar. O pai e a madrasta passaram meses interrogando-o a respeito, mas Gary nunca contou o que havia feito com o brinquedo. Ele ficou de castigo o verão todo, mas não disse uma palavra.

- Era um segredo que lhe dava poder sobre eles - comentei, exibindo um pouco mais de minha análise barata. Estava começando a sentir algo

perturbador em relação a Gary Soneji e seu avô. Começava a conhecer Soneji e, talvez, nesse processo, estivesse mais próximo de descobrir quem atacara a família Cross. O pessoal de Quantico pesquisava a possibilidade de existir um imitador de Soneji, uma espécie de discípulo. Isso sugeria a existência de um parceiro, teoria que eu achava cabível, embora Soneji sempre houvesse agido sozinho.

- Estive lendo alguns relatórios do doutor Cross, o investigador, no caminho para cá - eu disse ao avô de Gary Soneji.

- Seu neto tinha um pesadelo que se repetia com freqüência e que tinha como cenário a sua fazenda. Sabia disso?

O velho abanou a cabeça, mas estava piscando muito. Um tique nervoso. Ele sabia de alguma coisa.

- Gostaria que me desse permissão para fazer uma coisa - eu disse. Preciso de duas pás, se o senhor tiver.

- E se eu não permitir? - ele desafiou, erguendo a voz de repente.

Era a primeira vez que se negava abertamente a colaborar. Então, compreendi. Walter Murphy estava representando.

Olhava as árvores ao longe para

concentrar-se, preparando-se para as próximas falas. Era um ator! Só que não tão bom quanto o neto.

Se não permitir, conseguiremos um mandado de busca - respondi. - Não adianta resistir, senhor. Faremos o que temos de fazer, de um jeito ou de outro.

- Quer me dizer o que está pretendendo? - Sampson intimou-me, quando íamos do celeiro malconservado para um fogão de pedra, construído ao ar livre, numa clareira. - Acha que é assim que pegaremos o monstro? Atormentando esse velho?

Nós dois levávamos pás, e eu

carregava também uma picareta enferrujada.

- Preciso de dados, como lhe disse. Sou um cientista. Confie em mim durante meia hora apenas. O velho é mais duro do que parece.

O fogão de pedra devia ter sido muito usado anos antes, mas era evidente que fora abandonado. Trepadeiras de vários tipos agarravam-se a ele, como se quisessem escondê-lo.

Perto do fogão, havia uma velha mesa de piquenique feita de pranchas de madeira, ladeada por dois escalavrados bancos compridos. Ao redor, erguiam-se pinheiros, carvalhos e bordos.

Gary tinha um pesadelo repetitivo. Foi por isso que eu quis vir aqui. O lugar que aparecia no sonho era este, perto do fogão e da mesa de piquenique, na fazenda do avô Walter. Um pesadelo horrível. E citado muitas vezes nos relatórios que Alex fez dos seus interrogatórios com Soneji, na prisão de Lorton.

- Onde Gary Soneji deveria ter sido assado até ficar crocante por fora e levemente rosado por dentro - comentou Sampson.

Tive de rir de seu humor negro. Era o primeiro momento de descontração que eu tinha em muito tempo, e gostei.

Escolhi um ponto entre o fogão e um gigantesco carvalho. Cravei a picareta na terra, com força, profundamente.

Gary Soneji. Sua aura, sua profunda maldade. Seu avô paterno. Mais dados.

No pesadelo de Gary, ele ainda era menino, cometia um assassinato horrível e enterrava a vítima aqui. Achava que isso podia realmente ter acontecido. As vezes, não conseguia distinguir sonhos de fatos reais. Vamos procurar a sepultura.

Talvez estejamos prestes a entrar no pesadelo de Gary Soneji.

Acho que não quero entrar no pesadelo daquele louco - Sampson

disse, rindo.

A tensão entre nós estava se dissolvendo. Ótimo.

Ergui a picareta bem acima da cabeça e tornei a cravá-la no chão. Fiz isso várias vezes, até entrar num ritmo uniforme e confortável.

Sampson olhava-me com evidente surpresa.

- Aposto como já fez isso antes, rapaz

- disse, começando a cavar com a pá.

- Fiz, sim. Nasci e cresci numa fazenda em El Toro, Califórnia. Meu pai, meu avô e meu bisavô foram todos médicos da vila. Mas sempre moraram na fazenda da família, onde criavam cavalos. Era para eu voltar

para lá, depois de formado, mas não terminei o treinamento médico, não cheguei a ser interno.

Nós dois estávamos fazendo trabalho pesado agora. Trabalho bom, honesto: buscávamos ossadas, procurávamos fantasmas do passado de Gary Soneji, tentávamos irritar o velho Murphy.

Tiramos as camisas, e logo estávamos cobertos de suor e poeira.

- Só gente rica tem fazendas na Califórnia - Sampson observou. - A de vocês era muito grande?

Dei uma risada, pensando na fazenda de gente rica.

- Ao contrário, era muito pequena.

Tínhamos de dar duro para mantê-la. Minha família achava que não era certo um médico enriquecer. Não se deve ter lucro com a desgraça alheia, meu pai dizia. E ainda diz.

- Entendi. Todos na sua família são esquisitos.

- Uma descrição bastante acurada.

Enquanto continuava a cavar, pensei em nossa fazendinha no sul da Califórnia. Ainda via nitidamente o grande celeiro vermelho e as duas pequenas cocheiras.

Quando eu morava lá, tínhamos seis cavalos. Dois eram garanhões de raça, Fadl e Rithsar. Todas as manhãs, eu pegava o rastelo, o forçado e um

carrinho de mão e ia limpar as baias. Depois, fazia minha viagem até a pilha de esterco.

Então, forrava as baias com palha limpa, lavava e tornava a encher os cochos de água, fazia pequenos reparos. Fiz isso todas as manhãs da minha adolescência. Além de outras coisas. Portanto, nada mais natural que soubesse manejar uma pá e uma picareta.

Sampson e eu levamos meia hora para abrir uma vala rasa até o carvalho. A imensa árvore fora citada muitas vezes nos relatos que Gary fizera de seus sonhos.

Eu quase esperava que Walter

Murphy chamasse a polícia para nos prender, mas isso não aconteceu. E tinha a impressão de que Soneji apareceria de repente. Isso tampouco aconteceu.

- Uma pena Gary não ter deixado um mapa - resmungou Sampson, gemendo sob o sol inclemente.

- Ele foi muito específico quando contou os sonhos. Acho que queria que Alex viesse aqui. Alex ou qualquer outra pessoa.

- "Qualquer outra pessoa" veio. Duas pessoas, você e eu. Opa! Tem alguma coisa aqui embaixo - Sampson anunciou.

Fui até o ponto da vala onde ele se

encontrava. Começamos a cavar com mais rapidez, suando profusamente.

"Dados", lembrei a mim mesmo.

"Dados que nos levarão a uma resposta. Estamos no caminho da solução."

Por fim, descobrimos alguns ossos.

Meu Deus! Eu não acredito! Jesus Cristo! - exclamou Sampson. Ossos de um animal - tranqüilizei-o. - Este parece um crânio, e aquele, o osso superior da perna de um cachorro de tamanho médio.

Continuamos a cavar cada vez mais depressa. Ofegávamos. Fazia quase uma hora que trabalhávamos sob o sol escaldante de verão. Estávamos

até a cintura dentro do buraco.

- Merda! Lá vamos nós outra vez. -
Sampson engrolou, quando descobrimos mais alguns ossos. -
Reconhece esses, doutor?

Eram pedaços de ossos humanos.

- Uma parte de omoplata e uma mandíbula. De uma criança -
informei.

- Então, a primeira vítima do menino Gary foi outra criança?

- Não podemos ter certeza. Há também o vovô, não esqueça. Vamos continuar procurando. Se foi obra de Gary, talvez ele tenha deixado algum sinal. Isto devia ser uma lembrança

preciosa para ele.

Recomeçamos a cavar e, minutos depois, encontramos mais ossos. Só o ruído de nossa respiração ofegante quebrava o silêncio.

Os ossos podiam ser de um animal grande, talvez um veado, mas me pareciam humanos.

E havia mais uma coisa, um sinal do jovem Gary. Algo envolto em papel-alumínio. Desembrulhamos o pacotinho e vimos uma pequena locomotiva Lionel, certamente de um dos trenzinhos que ele roubara do filho da madrasta.

"Os trens de brinquedo que causaram uma centena de mortes", refleti.

Christine Johnson sabia que não podia deixar de ir à Escola Sojourner Truth, e foi. Mas, quando chegou lá, pensou que não fosse capaz de trabalhar. Estava abalada, impossibilitada de concentrar-se. No entanto, talvez o trabalho a ajudasse a parar de pensar tanto em Alex.

Parou na sala da primeira série, da professora Laura Dixon, em seu passeio matinal pela escola. Laura era uma de suas melhores amigas e sabia dar aulas de modo estimulante e divertido. Além disso, Christine adorava estar no meio daquelas crianças ainda tão inocentes. Ela as chamava de "os bebês de Laura", de

"gatinhos fofos de Laura", ou, ainda, de "filhotes peraltas".

- Oh, vejam quem está aqui! Não somos a classe de primeira série mais sortuda do mundo? - a professora cantarolou,

quando viu Christine parada à porta. Tinha um pouquinho mais de metro e meio de altura, mas era "grande", com aqueles quadris largos e seios generosos.

Christine não pôde deixar de sorrir da saudação da amiga. No entanto, encontrava-se perigosamente à beira das lágrimas. Percebeu, então, que não estava preparada para enfrentar um dia na escola.

- Bom dia, senhorita Johnson! - as crianças entoaram em uníssono, como um coral bem ensaiado.

Oh, Deus, elas eram tão maravilhosas, alegres e animadas, carinhosas e boas.

- Bom dia para vocês também - respondeu Christine, sorrindo.

Pronto. Estava se sentindo um pouco melhor. Viu um enorme "B" escrito no quadro-negro, rodeado por desenhos de Laura,

representando coisas cujos nomes começavam com aquela letra:

Batman, Bambi, um barco, uma borboleta.

- Não quero interromper - disse. - Só

estou esmaecendo. "B" de bonita bagunça, bebês.

As crianças riram, e ela se sentiu ligada a elas, graças a Deus. Era em momentos como aquele que desejava ardentemente ter filhos. Amava os pequenos de primeira série, e os outros alunos também, menores e maiores. Amava crianças. E, à idade de trinta e dois anos, precisava começar a ter as suas.

Então, surgindo do nada, uma imagem terrível do que acontecera alguns dias antes invadiu sua mente. Ela tornou a ver Alex sendo tirado de sua casa e levado para uma das ambulâncias. Fora chamada por

amigos que eram vizinhos de Alex. Ele estava consciente. "Christine, você está linda, como sempre", murmurara. Então, levaram-no embora.

Ela estremeceu sob a influência das dolorosas lembranças. Os chineses tinham um provérbio que dizia: "A sociedade prepara o crime, o criminoso apenas o comete". Palavras perturbadoras.

- Você está bem? - Laura Dixon perguntou, aproximando-se. Era óbvio que a vira fraquejar. - Com licença um minuto,

senhoras e senhores - disse aos alunos, parando à porta. - Podem conversar, mas baixinho. Como são damas e cavalheiros educados, confio em vocês.

Então, levou Christine para o corredor deserto.

- Minha aparência está tão ruim assim, Laura? - perguntou Christine. - Estou mostrando tudo no rosto?

A amiga abraçou-a com força, e o calor de seu corpo amplo foi confortador.

- Não tente ser forte demais, droga! - Laura ralhou em tom carinhoso. - Teve mais alguma notícia, meu bem? Conte-me.

Fale comigo.

Christine balbuciou qualquer coisa contra os cabelos dela. Era tão bom ser abraçada, amparada.

- O estado dele ainda é crítico - disse por fim. - As visitas estão proibidas. Ninguém pode vê-lo, a não ser que seja uma autoridade da polícia, ou alguém do FBI.

- Christine, Christine - murmurou Laura. - O que vou fazer com você?

- Comigo, Laura? Não se preocupe. Já estou bem, de verdade. Você é muito forte, garota. É uma das melhores pessoas que conheço. Amo você. É tudo o que posso dizer.

- É o suficiente. Obrigada - Christine

agradeceu.

Sentiu-se um pouquinho mal não tão vazia, mas a sensação não durou muito.

Começou a voltar para o seu gabinete.

Quando virou um canto, entrando no corredor onde ficava sua sala, viu Kyle Craig, do FBI, esperando por ela à porta.

Correu para ele.

"Não é bom sinal", disse a si mesma.

"Por que Kyle viria aqui? Oh, Deus, não! O que esse homem veio me dizer?"

- Kyle, o que aconteceu? - perguntou com voz trêmula, quase

descontrolada.

- Preciso falar com você - ele respondeu, pegando a mão dela. - Vamos entrar, Christine.

Naquela noite, de volta ao hotel Marriott, em Princeton, descobri que não iria conseguir dormir outra vez.

Dois casos. Ambos percorrendo minha mente em linhas paralelas. Li rapidamente alguns capítulos de um livro não muito bom sobre trens, só para coletar dados.

Estava começando a me familiarizar com o vocabulário ferroviário: plataformas, estribos, carros-dormitórios, anunciadores, controles. Sabia que os trens eram uma parte-

chave do mistério que haviam me mandado solucionar.

Que papel Gary Soneji desempenhara no ataque à casa de Alex Cross?

Quem era seu parceiro?

Fui até o computador portátil, que instalara na escrivaninha, preparado para trabalhar. Como mais tarde relataria a Kyle Craig, mal me sentara, quando um sinal específico começou a soar. Havia um fax a minha espera. Soube, no mesmo instante, de quem era. De Smith. Fazia mais de um ano que ele se comunicava comigo regularmente. Quem estava no rastro de quem?, às vezes eu me

perguntava.

A mensagem era típica dele.

Paris, quarta-feira.

Em *Disciplina e Punição*, o filósofo Foucault sugere que, na idade moderna, estamos passando do castigo individual para um paradigma de punição generalizada. Eu acredito que essa seja uma infeliz possibilidade. Compreende aonde essa linha de pensamento pode estar me levando, e qual poderá ser minha missão principal?

Tenho sentido sua falta aqui na Europa. Terrivelmente. Não vale a pena gastar seu precioso tempo e sua energia com Alex Cross.

Peguei alguém aqui em Paris, em sua homenagem. Um médico! Cirurgião como uma vez você quis ser.

Seu, sempre,

Sr. Srnith.

Era dessa forma que o assassino se comunicava comigo havia mais de um ano. Mensagens por e-mail chegavam ao meu computador a qualquer hora do dia ou da noite. Então, eu as transmitia ao FBI. O sr. Smith era um homem atualizado, uma criatura dos anos noventa.

Mandei a mensagem para o Departamento de Ciência do Comportamento, em Quantico. Vários de meus companheiros ainda

estavam trabalhando. Visualizei a cena de consternação e frustração. Recebi autorização para ir a Paris.

Kyle Craig telefonou para o meu quarto no Marriott, poucos minutos após a mensagem chegar a Quantico. O sr.

Smith estava me dando outra oportunidade de pegá-lo, desafiando-me a ir salvar o médico seqüestrado. E eu não teria mais do que um dia, no máximo dois. Talvez horas.

Acreditava que o sr. Smith era muito superior a Gary Soneji. Sua mente e sua metodologia superavam as de Soneji, mais primitivas.

Carregava minha bolsa de viagem e o

computador, quando me encontrei com John Sampson, no pátio de estacionamento do hotel. Passava um pouco da meia-noite. Imaginei o que ele teria feito em Princeton, depois que nos separamos.

- Que diabo você está fazendo, Pierce? Aonde pensa que vai? - perguntou em tom zangado.

Era tão alto, que sua sombra se estendia por cerca de um metro e vinte, projetada pelas luzes do prédio.

- Smith entrou em contato comigo, mais ou menos meia hora atrás - informei. - Ele sempre faz isso, antes de matar alguém.

Me dá o local e me desafia a impedir o assassinato.

As narinas de Sampson tremiam. Ele abanava a cabeça de um lado para outro. Em sua mente só havia um caso.

Está abandonando o seu trabalho aqui? - perguntou.

E não ia nem me avisar. Ia deixar Princeton na calada da noite! Seus olhos eram frios e inamistosos. Eu perdera sua confiança.

- John, deixei um bilhete para você, explicando tudo, no balcão de recepção. E já falei com Kyle. Voltarei dentro de alguns dias, com certeza. Smith nunca demora muito para

acabar o que começou. Sabe que é perigoso. De qualquer modo, preciso de tempo para pensar no caso de Alex.

Sampson franziu a testa, continuando a abanar a cabeça.

- Você disse que era importante visitar a penitenciária de Lorton, que só lá Soneji poderia ter arrumado alguém para fazer o serviço sujo em seu lugar. Que o parceiro dele, se existir um, teria de ser de lá.

- Ainda pretendo visitar a prisão. Mas agora preciso tentar impedir um assassinato. Smith seqüestrou um médico em Paris. E disse que o crime é em minha homenagem.

John Sampson não se impressionou com nada do que eu disse.

- Confie um pouco em mim - pedi, mas ele se virou e foi embora.

Nem tive chance de lhe contar outra coisa, o que mais me incomodava.

Algo que também não contara a Kyle. Isabella era de Paris.

Paris era sua cidade.

Eu não voltara lá desde que ela fora assassinada.

E o sr. Smith sabia disso.

Era um lugar bonito, e o sr. Smith queria arruiná-lo. Arruiná-lo para sempre, lá dentro de sua mente. A

pequena casa de pedras, com rejantes de argamassa, venezianas

brancas e cortinas de renda rústica, era tranqüila e idílica. Uma cerca feita com galhos finos rodeava o jardim. Sob uma macieira solitária, estendia-se uma mesa de madeira, onde amigos, parentes e vizinhos podiam reunir-se para comer e conversar.

Smith espalhou cuidadosamente páginas do Le Monde no piso forrado com linóleo da espaçosa cozinha.

Patti Smith, que não era parente sua, gritava no aparelho de CD. Cantava Canibais de Verão, uma ironia que ele não deixou de perceber.

A primeira página do jornal também gritava. A manchete principal dizia: "O sr. Smith seqüestra cirurgião em

Paris.

E assim era, assim era.

A idéia fixa que se apoderara da fantasia do público e despertara seu medo era a de que o sr. Smith podia ser um visitante alienígena atacando o planeta por razões perversas, desconhecidas, que talvez nunca fossem desvendadas. As últimas matérias alardeavam que ele não tinha nenhuma característica humana. Era descrito como "extraterrestre e "um ser desprovido de qualquer emoção".

Seu nome, "sr. Smith", vinha de "Valentine Michael Smith", um marciano, personagem da obra de

ficção científica *Estranho numa Terra Estranha*, de Robert Heinlein. O livro sempre fora um favorito do público.

O único livro que Charles Manson levava na mochila, quando fora capturado na Califórnia.

Smith observou o cirurgião francês deitado, quase inconsciente, no chão da cozinha.

Um relatório do FBI declarava que o sr. Smith parecia apreciar a beleza, que tinha um olho de artista humano para a composição. Que bastava observar o modo como ele arrumava os cadáveres para perceber isso.

Olho de artista humano para a beleza e a composição. Sim, era bastante

verdadeiro. Um dia, ele amara a beleza, vivera para ela. Os arranjos artísticos eram uma das pistas que ele deixava para seus perseguidores.

Patti Smith terminou sua canção, e o Doors imediatamente entrou com *People are Strange*. Essa antiguidade também era boa música para o momento.

Smith vagueou o olhar pela cozinha. Uma parede inteira era tomada por uma lareira de pedras. Outra, revestida com ladrilhos brancos, tinha prateleiras onde ficavam panelas de cobre, canecas brancas para café com leite, potes antigos de geléia, ou confitures fines, como se dizia ali. Ele

sabia disso, sabia tudo a respeito de tudo. Havia também um velho fogão de ferro com puxadores de latão. E uma grande pia de porcelana branca. Junto à pia, logo acima de um cepo de açougue, enfileirava-se uma coleção impressionante de facas de cozinha. Facas bonitas, absolutamente perfeitas em todos os sentidos.

Ele estava evitando olhar para a vítima, não estava?

Sabia que estava. Sempre fazia isso.

Por fim, baixou os olhos, fixando-os nos do cirurgião.

Então, aquele era Abel Sante.

O afortunado número dezenove.

A vítima era um bem-sucedido cirurgião de trinta e cinco anos de idade. Bonito, ao jeito gaulês, em excelente forma física, mesmo já tendo emagrecido. Parecia uma pessoa de bem, um homem honrado, um bom médico.

O que era um humano? O que era, exatamente, humanidade"? Aquela era uma questão que ainda persistia, depois de tantos exames físicos como aquele, em quase doze países ao redor do mundo.

O que, exatamente, significava a palavra "humano"?

Ele encontraria a resposta naquela cozinha francesa? O filósofo

Heidegger acreditava que a natureza de uma pessoa é revelada por aquilo que ela realmente aprecia. Estaria no caminho certo? O que o sr. Smith realmente apreciava? Boa pergunta.

O cirurgião estava deitado, as mãos firmemente amarradas atrás das costas, ligadas aos tornozelos, os joelhos flexionados para trás, os pés voltados para a cabeça. O resto da corda enrolava-se em seu pescoço, formando um nó corredeço.

Abel Sante já percebera que qualquer tentativa de luta, qualquer movimento brusco criava uma pressão no pescoço que ameaçava estrangulá-lo. Quando as pernas

ficassem cansadas demais, devido à posição forçada, se tornariam dolorosamente dormentes. O impulso de estendê-las seria quase incontrolável. Se ele cedesse, se enforcaria.

O sr. Smith estava pronto. Começaria a autópsia pelo alto do corpo, então iria descendo. A ordem correta: pescoço, espinha dorsal, peito. Então, o abdome, órgãos pélvicos, genitália. A cabeça e o cérebro seriam examinados por último, depois que o máximo de sangue já houvesse se escoado, o que permitiria melhor visão.

O dr. Sante gritou, mas ninguém o

ouviria. Um uivo de revolta, que quase fez o sr. Smith gritar também. O peito foi aberto mediante uma clássica incisão em Y. O primeiro corte atravessou o peito de ombro a ombro, continuou por cima dos peitorais, desceu pela ponta do esterno, pelo abdome, até a área púbica.

O brutal assassinato de um inocente cirurgião chamado Abel Sante.

Algo absolutamente inumano.

Abel Sante. A chave de tudo, e nenhum daqueles inteligentes policiais via isso. Todos eles valiam merda como detetives, investigadores, o que fossem. Era tão

simples. Bastava que usassem o cérebro.

Abel Sante.

Abel Sante.

Abel Sante.

A autópsia terminou, e o sr. Smith deitou-se no chão, ao lado do que restava do pobre médico. Fazia aquilo com todas as vítimas.

Abraçou o cadáver ensangüentado, apertando-o contra o corpo, murmurando e suspirando, murmurando e suspirando.

Era sempre assim.

Então, começou a soluçar.

- Sinto muito, sinto muito. Por favor, me perdoe. Alguém me perdoe, por

favor! - gemeu no silêncio da deserta casa de campo.

Abel Sante.

Abel Sante.

Abel Sante.

Ninguém compreendia?

No vôo para a Europa, pela American Airlines, enquanto o avião sobrevoava o Atlântico, notei que a luz acima de meu assento era a única acesa.

De vez em quando uma comissária parava para me oferecer café ou um drinque, mas na maior parte do tempo eu ficava sozinho, olhando para a escuridão lá fora.

Nunca houvera um assassino serial

como o sr. Smith, nem no que se referia à violência, nem sob um ponto de vista científico. Isso era algo em que o Departamento de Ciência do Comportamento e eu concordávamos. Até mesmo o pessoal da Interpol, órgão internacional de informações policiais, concorda.

A comunidade de psicólogos judiciais está, ou pelo menos já esteve, relativamente de acordo quanto aos diferentes tipos de assassinos seriais ou que seguem um determinado padrão. E também quanto às principais características de seus distúrbios. Peguei-me revisando

mentalmente todos os dados.

Os tipos que apresentam personalidades esquizóides, como são atualmente chamados, tendem a ser introvertidos e indiferentes a relacionamentos sociais.

Um excêntrico desses é um solitário clássico. Em geral, não tem amigos íntimos, nem outros relacionamentos estreitos, a não ser, possivelmente, com a família. Exibe incapacidade de demonstrar afeto de maneiras aceitáveis. Quase sempre, escolhe atividades solitárias para os momentos de lazer. Tem pouco interesse por sexo, ou mesmo nenhum.

Os narcisistas são diferentes. Interessam-se apenas por si mesmos, mostrando pouquíssima ou nenhuma preocupação com as outras pessoas, embora às vezes finjam interessar-se por elas. São incapazes de compreender as manifestações psíquicas alheias. Têm-se em alta conta, podem tornar-se bastante instáveis quando criticados e acham que os outros têm a obrigação de dispensar-lhes tratamento especial. Preocupam-se em conseguir grandioso sucesso, poder, beleza e amor.

Os que sofrem do distúrbio de personalidade que os leva a temer a

rejeição, geralmente não se envolvem com outras pessoas, a menos que tenham absoluta certeza de que serão aceitos. Evitam empregos e situações que exigem contato social. Quase sempre quietos, sentem-se embaraçados com facilidade. São considerados "perigosos disfarçados. Os sádicos são os piores em maldade, no que se refere a indivíduos destrutivos. Costumam usar de violência e crueldade para garantir o comando. Gostam de infligir dor física e psicológica. Contam mentiras, só pelo prazer de causar sofrimento. Têm interesse obsessivo por tudo o que envolva violência, tortura e

morte.

Tudo isso correu por minha mente naquele avião. O que mais me interessava, porém, era a conclusão a que eu chegara quanto ao sr. Smith e que recentemente comentara com Kyle Craig, em Quantico.

Em diferentes ocasiões, no decorrer da longa e complexa investigação, o sr. Smith encaixara-se em todos esses quatro tipos clássicos de assassinos. Exibia todas as características de um distúrbio de personalidade, então mudava, apresentando outras. Um vaivém ao sabor de seu capricho. Ele podia até pertencer a um quinto tipo de assassino psicopata, com uma

espécie totalmente nova de distúrbio. Talvez os tablóides tivessem razão, e o sr. Smith fosse um extraterrestre. Ele era diferente de todos os outros seres humanos. Eu sabia disso. Ele assassinara Isabella.

Foi por isso que não consegui dormir, no vôo para Paris. Era por isso que não conseguia mais dormir.

Quem pode esquecer o cruel assassinato de um ente querido? Eu não posso. Em quatro anos, nada consegui diminuir a nitidez do que vi, a sensação de irrealidade que experimentei. Está tudo claro, como no dia em que prestei meu depoimento à polícia de Cambridge.

São duas da madrugada, e uso minha chave para abrir a porta do apartamento de dois dormitórios, na rua Inman, em Cambridge. De repente, paro. Percebo que há algo errado.

Os detalhes são inesquecíveis. O pôster na parede do vestíbulo:

Linguagem é mais do que a fala. Isabella é uma lingüista amadora, que adora palavras e todos os jogos que as envolvem. Como eu. Esse é um dos importantes elos que nos unem.

O abajur com cúpula de papel de arroz, de Isabella.

Os amados livros que ela trouxe de sua terra. Arrumados em perfeita

ordem, com suas lombadas brancas e títulos em letras pretas.

Eu tomara alguns copos de vinho no Jillian"s, em companhia de outros médicos recém-formados. Fomos lá para soltar o vapor, depois de tantos dias e noites, semanas, meses e anos, na panela de pressão da Harvard. Comparamos informações sobre os hospitais onde começaríamos a trabalhar no outono.

Prometemos manter contato, sabendo que provavelmente isso ficaria na simples promessa.

O grupo incluía três de meus melhores amigos: Maria Jane Ruocco, que trabalharia num hospital infantil

em Boston; Chris Sharp, que logo iria para o Beth Israel, e Michael Fescoe, que ganhara uma bolsa para a Universidade de Nova York, onde seria interno. Eu também tivera sorte. Iria para o General, de Massachusetts, um dos melhores hospitais-escola do mundo. Meu futuro estava garantido. Não me embriagara, mas me sentia um pouco "alto por causa do vinho. Estava de bom humor, despreocupado.

Detalhe estranho, que me faz sentir remorso: ardia de desejo por Isabella. Recordo que cantei Com ou Sem Você, durante quase todo o percurso em

meu carro, um Volvo de dez anos, apropriado a minha situação financeira de estudante de medicina.

Lembro-me vividamente de ficar parado no vestíbulo, após acender a luz.

A bolsa de Isabella está no chão, o conteúdo espalhado num raio de mais de um metro. Estranho, muito estranho.

Moedas, os brincos Georg Jensen, seus favoritos, batom, estojo de maquilagem, pó compacto, goma de mascar sabor canela. Tudo no chão.

"Por que Isabella não pegou a bolsa? Ficou com raiva de mim porque saí com os meus colegas? Não, isso não é

próprio dela. Isabella é uma mulher de mente aberta, liberal."

Percorro o comprido e estreito apartamento, procurando por ela. Os aposentos enfileiram-se ao longo do corredor, que no fim tem uma janela voltada para a rua Inman.

Nosso equipamento de mergulho, de segunda mão, continua no corredor. Estivemos planejando uma viagem à Califórnia. Dois cilindros de ar, cintos, trajes de borracha, dois pares de pés-de-pato.

Pego um atirador de arpão. Isso é só para o caso de... Para o caso de o quê? Não faço idéia.

Fico cada vez mais ansioso, então

apavorado.

- Isabella! - chamo a plenos pulmões.
Isabella! Onde você está?

Paro, e tudo no mundo parece parar também. Solto o atirador, que cai no piso de madeira, fazendo um grande barulho.

O que vejo em nosso quarto nunca me deixará. O que vejo, os cheiros que sinto, cada detalhe obsceno.

Penso que foi naquele instante que meu sexto sentido nasceu, essa estranha sensação que agora faz parte da minha vida.

- Oh, meu Deus, não! Não! - grito, tão alto que o casal que mora no apartamento acima do nosso me

escuta.

"Essa não é Isabella", penso, totalmente incrédulo. "Não, não pode ser!"

No entanto, reconheço os cabelos castanhos que adoro acariciar, escovar. Os lábios carnudos, expressivos, que às vezes me fazem sorrir, rir às gargalhadas, ou me abaixar para me proteger. O pente de enfeite, feito de madrepérola, que ela gosta de usar quando quer parecer particularmente sedutora.

Procuro algum sinal de respiração, algum sinal de vida. Não sinto pulsação, nem na artéria femoral, nem na carótida.

Nada.

"Isabella, não. Isto não pode estar acontecendo."

A cianose, aquela coloração azulada, já está se estabelecendo nos lábios, ao redor das unhas e na pele. Há sangue represado embaixo dela. Os intestinos e a bexiga soltaram-se, mas essas secreções do corpo não significam nada para mim. Não são nada, em tão horríveis circunstâncias. A linda pele de Isabella está cor de cera, quase transparente, os olhos verde-claros perderam o líquido e já estão afundando. Eles não podem mais me ver. Nunca mais me verão.

A polícia chega. Os homens

espalham-se pelo apartamento, parecendo tão chocados quanto eu. Meus vizinhos do prédio estão comigo, tentando me confortar, me acalmar, tentando não se sentir mal. Isabella se foi. Nem nos despedimos. Isabella está morta. Não posso acreditar.

Um verso de uma canção de James Taylor penetra em minha mente: "Mas eu sempre achei que veria você mais uma vez ". A canção é Fire and Rain. Nossa canção.

Um terrível demônio estava solto em Cambridge. Atacará a menos de dez quarteirões da Harvard. Logo receberia um nome:

sr. Smith. Essa alusão literária só poderia ter origem numa cidadezinha universitária como Cambridge.

O pior de tudo, algo que nunca esquecerei nem perdoarei: o sr. Smith extraiu o coração de Isabella.

Minhas recordações foram interrompidas. O avião aterrissava no Aeroporto Charles de Gaulle. Eu estava em Paris.

Smith também.

Hospedei-me no Hôtel de la Seine. Do quarto, liguei para o hospital St. Anthony's, em Washington. O estado de Alex Cross continuava crítico.

Não entrei em contato com a polícia francesa, nem mesmo com a equipe

especial. Não me ajudariam muito e, além disso, eu preferia trabalhar sozinho. E foi o que fiz durante metade do dia.

Enquanto isso, o sr. Smith entrou em contato com a Süreté. Ele sempre agia assim. Ligava para o departamento de investigação do país, depois para a polícia local, uma afronta descarada a todas as pessoas que tentavam pegá-lo. E

sempre para dar uma má notícia: Vocês falharam. Você falhou, Pierce. Revelou onde o corpo do dr. Abel Sante poderia ser encontrado. Provocou-nos, chamou-nos de derrotados e incompetentes. Sempre

zombava de nós, após um assassinato.

Membros da polícia francesa e da Interpol reuniram-se na entrada do Parc de Montsouris. Cheguei lá à uma e dez da madrugada.

Por causa da possibilidade de um ajuntamento de curiosos e assédio da imprensa, a CRS, uma força especial da polícia parisiense, fora chamada para garantir a segurança.

Vi uma inspetora da Interpol, minha conhecida, e acenei para ela. Sondra Greenberg tinha quase tanto desejo quanto eu de pegar o sr. Smith. Era obstinada, excelente profissional. Tinha a mesma chance dos outros de

apanhar o assassino.

Parecia particularmente tensa e inquieta ao se aproximar de mim.

- Acho que não precisamos de toda essa gente, de toda essa "ajuda - comentei com um leve sorriso. - Não vai ser muito difícil encontrar o corpo, Sandy. Ele nos disse onde procurar.

Concordo - ela respondeu. - Mas você sabe como os franceses são. Le grand equipe de busca, para le grand criminoso que veio do espaço. - Sorriu cinicamente de lado. - É bom ver você, Thomas. Podemos começar a nossa caçada? Por falar nisso, como está o seu francês?

- Il n'y a rien a voir, Madame, rentrez

cítez vous!

Sandy riu. Alguns policiais olhavam para nós, como se fôssemos loucos.

- O diabo que vou para casa - ela replicou. - Mas o seu francês está em ordem. Pode ir dizer aos tiras o que quer que eles façam; então, tenho certeza de que farão tudo ao contrário.

- Claro. Afinal, são franceses.

Sondra era uma morena alta, esbelta, mas com pernas grossas, quase como se dois tipos de mulher se fundissem para formar o dela. Era inglesa, espirituosa e inteligente, porém tolerante, mesmo com americanos. Judia praticante e lésbica militante. Eu

gostava de trabalhar com ela, inclusive em ocasiões como aquela.

Sandy e eu entramos no Parc de Montsouris de braços dados. Mais uma vez, preparados para a confusão.

- Por que você acha que ele manda mensagens para nós dois?

- ela perguntou, quando cruzávamos o gramado molhado, que cintilava sob as luzes da rua. - E hoje, por que ele quis nós dois aqui?

- Somos as maiores estrelas da sua estranha galáxia. Esta é a minha teoria. Também somos autoridades no assunto.

Pode ser que ele goste de nos

provocar. Talvez até sinta um moderado respeito por nós.

- Duvido muito.

Então, talvez ele goste de nos expor, para se sentir superior.

O que acha dessa teoria?

- Gostei. Ele pode estar nos observando neste momento. Sei que é um ególatra de primeira classe. Ei, você aí, sr. Smith do planeta Marte! Está nos espiando? Divertindo-se com isso? Deus, como odeio aquele nojento!

Olhei em volta, para as árvores escuras. Quem quisesse nos espionar encontraria muitos lugares para esconder-se.

- É possível que ele esteja aqui. É capaz de mudar de forma, você sabe. Pode ser aquele bala yeur des rues, ou aquele gendarme, ou até aquela filie de trottoir - comentei.

Começamos a busca à uma e quinze. Às duas, ainda não havíamos localizado o corpo do dr. Abel Sante. Era estranho e preocupante para todos da equipe. Ficou óbvio para mim que o sr. Smith quisera dificultar nossa tarefa. Nunca fizera isso antes. Em geral, descartava os corpos como as pessoas jogam fora invólucros de chicletes. O que ele estava tramando? Os jornais de Paris haviam descoberto que estávamos dando busca no pequeno parque. Queriam um succulento prato de sangue e vísceras para servir nas edições matinais. Helicópteros de emissoras de televisão circulavam acima de nós

feito abutres. A polícia erguera barreiras na rua. Tínhamos tudo, exceto a vítima.

Os curiosos já podiam ser contados às centenas, e eram duas horas da madrugada!

Sandy olhou na direção deles.

- O fã-clube do sr. Smith - escarneceu.

- Que época! Que civilização!, como disse Cícero.

As duas e meia, meu bip disparou. O barulho assustou Sandy e a mim também. Então, foi a vez do dela começar a apitar. Duelo de bipes. Realmente, que mundo!

Tive certeza de que era o sr. Smith. Olhei para Sandy.

O que ele estará tramando? ela indagou, parecendo amedrontada. Ou pode ser ela. O que eia estará tramando?

Tiramos nossos laptops das bolsas que levávamos penduradas nos ombros. Sandy começou a procurar uma mensagem. Achei a minha primeiro. O e-mail dizia:

Pierce,

Seja bem-vindo ao verdadeiro trabalho, à verdadeira perseguição. Menti a você. Castiguei-o por sua infidelidade. Queria embarçá-lo. Queria lembrá-lo de que não deve confiar em mim, nem em qualquer outra pessoa, nem mesmo em sua

amiga, Sondra Greenberg. Além disso, não gosto dos franceses. Estou me divertindo muito à custa deles esta noite.

O pobre dr. Abel San te foi deixado no Parque Buttes-Chaumont, perto do templo. Juro.

Confie em mim.

Ha, ha! Não esse som grotesco que vocês,

Ha, ha! Não é esse o som grotesco que nós, humanos, produzimos quando rimos?

Humanos, fazem quando riem? Eu não consigo imitá-los. Nunca ri, na verdade.

Sempre seu,

Sr. Smith Sandy Greenberg acabara de ler sua mensagem e abanava a cabeça, resmungando impropérios.

- Parque Buttes-Chaumont - falou, confirmado o local. Então acrescentou: - Ele disse que não devo confiar em você.

A numerosa equipe de busca atravessou Paris, indo na direção do Parque Buttes-Chaumont. O uivo sincopado das sirenes policiais era um som perturbador que dava medo. O sr. Smith conseguira manter Paris em tumulto até aquela hora da madrugada.

Agora, ele está no comando -

comentei com Sandy Greenberg, enquanto rodávamos ao longo de uma rua escura, no Citroën que eu alugara. Os pneus, no asfalto liso, produziam um ruído de coisa rasgando, e era um efeito sonoro apropriado para tudo o que estava acontecendo. - Smith está gozando a sua vitória, por mais efêmera que ela venha a ser. É o seu momento de glória.

A investigadora inglesa franziu a testa.

- Thomas, você continua atribuindo emoções humanas àquele monstro. Quando vai enfiar na cabeça que estamos procurando um homenzinho

verde?

Nenhum de nós dois dera o menor crédito à teoria de que Smith fosse um extraterrestre, mas piadas sobre visitantes espaciais eram uma constante naquela caçada. Elas nos ajudavam a ir em frente, nos momentos em que sabíamos que logo nos encontraríamos na cena de um assassinato particularmente monstruoso e horripilante.

Eram quase três da madrugada quando chegamos ao ButtesChaumont. A hora tardia não fazia a menor diferença para mim, porque eu não dormia mais.

O parque estava deserto, porém

fartamente iluminado pelas lâmpadas da rua e pelas lanternas da polícia e do Exército.

Um nevoeiro baixo, cinza-azulado, caíra sobre aquela parte da cidade, mas a visibilidade ainda era suficientemente boa para nossa busca. O Buttes-Chaumont ocupa uma área gigantesca, não muito diferente do Central Park de Nova York. Na metade do século passado, fizeram ali um lago artificial, alimentado pelo canal St. Martin. Depois, ergueram uma montanha de rochas, que agora está cheia de cavernas e cascatas. A vegetação é densa, e seria possível esconder um

cadáver quase em qualquer lugar.

Passaram-se apenas alguns minutos, antes de recebermos uma mensagem da polícia, pelo rádio. Parecia que o corpo do dr. Sante fora encontrado não muito distante do lugar por onde havíamos entrado no parque. A brincadeira do sr.

Smith terminara. Pelo menos, por enquanto.

Sandy e eu descemos do carro-patrulha que nos levou até a casa do zelador, perto do templo, e começamos a subir os íngremes degraus de pedra. Os policiais e soldados do Exército a nossa volta não estavam apenas cansados e

chocados,
mas também com medo. A cena do resgate do cadáver ficaria em sua memória pelo resto da vida. Eu lera O Diabo Branco, de John Webster, ainda na Harvard. A estranha obra do século dezessete era cheia de demônios e lobisomens, todos eles humanos. E eu acreditava que o sr. Smith fosse um demônio humano da pior espécie.

Abrimos caminho através de arbustos, moitas e vegetação rasteira. Ouvi os ganidos baixos e sentidos dos cães farejadores ali por perto. Então vi os quatro animais excitados e trêmulos que iam à frente.

De modo previsível, o assassino escolhera um local invulgar para abandonar o corpo da vítima. Era um lugar bonito, com extensa vista de Montmartre e Saint-Denis. Durante o dia, as pessoas iam lá para caminhar, escalar pedras, passear com seus cães, viver a vida como a vida deve ser vivida. Mas o parque fechava às onze da noite, por medida de segurança.

- Veja, lá na frente! - Sandy cochichou. Vi soldados e policiais andando em pequenos grupos. Sem a menor dúvida, o sr. Smith andara por ali. Uma dúzia ou mais de pacotes feitos

com papel de jornal haviam sido cuidadosamente empilhados num declive coberto de grama.

Que diabo é isso? - um dos inspetores, de nome Faulks, perguntou-me em francês. - Uma brincadeira?

- Não é brincadeira, isso eu lhe garanto. Abra um dos pacotes. Qualquer um servirá - respondi.

O inspetor me olhou como se eu fosse louco.

- Como dizem os americanos, o show é seu - ele disse, sempre falando em francês.

Fala inglês? - perguntei.

- Falo ele afirmou bruscamente.

- Ótimo. Vá se foder.

Andei até a sinistra pilha de pacotes, ou, para usar uma palavra melhor, "presentes. Eram de formatos variados, mas todos embrulhados com jornal. Sr. Smith, o artista. Um grande pacote redondo devia conter a cabeça do pobre médico.

- Açougue francês. Foi o tema dele desta noite. Para o desgraçado, tudo isso não passa de carne - resmunguei, falando com Sandy. - Ele está zombando da polícia francesa.

Com muito cuidado, desembulhei o pacote redondo, usando luvas de plástico.

- Deus do céu, Sandy! exclamei.

Não era a cabeça. Era apenas a metade.

A cabeça do dr. Abel Sante fora separada do resto do corpo com evidente cuidado, como se fosse um pedaço caro de carne. E partida ao meio. A face fora lavada, apenas metade da boca parecia gritar, um único olho refletia um último momento de terror indizível.

- Tem razão. Não passa de carne para Smith - Sandy concordou. - Como você suporta estar sempre certo a respeito dele?

Não suporto murmurei. - Não suporto de jeito nenhum.

Na periferia de Washington, um sedã

do FBI parou para apanhar Christine Johnson. Ela estava pronta e à espera no vestíbulo, perto da porta. Abraçava a si mesma, num gesto que vivia fazendo, ultimamente, sempre à beira do medo.

Tomara dois copos de vinho finto e tivera de obrigar-se a parar nos dois.

Correndo para o carro, olhou em volta para ver se havia algum repórter rondando sua residência. Eram como cães de caça farejando um rastro novo. Persistentes, às vezes incrivelmente insensíveis e rudes.

Um agente negro que Christine conhecia, inteligente e bondoso, chamado Charles Dampier, pulou

para fora do carro,
abrindo a porta traseira para ela.

- Boa noite, senhora Johnson -
cumprimentou-a, tão educado quanto
um dos alunos da Sojourner Truth.

Christine achava que o agente se
sentia atraído por ela, mas estava
acostumada a despertar o interesse
dos homens e aprendera a tratá-los
com gentileza, ao mesmo tempo que
os mantinha a distância.

- Boa noite, rapazes, e obrigada - ela
disse a Charles e ao motorista, um
homem chamado Joseph Denjeau,
enquanto se acomodava no banco
traseiro, revestido com couro
cinzento.

Durante o percurso, ninguém falou. Os agentes obviamente haviam sido instruídos para evitar bate-papos, a menos que Christine se mostrasse disposta a conversar.

Em que mundo estranho e frio eles vivem, pensou Chrisfine.

"E agora acho que também vivo nesse mundo, e não gosto dele. Tomara banho antes de sair. Ficara na banheira, com seu copo de vinho, revisando sua vida. Compreendia muito bem tudo o que dizia respeito a si mesma, tanto de bom como de mau, feio ou bonito. Sabia que no passado tivera um pouco de medo de mergulhar de cabeça na vida, mas

quisera tentar e, oh, quase conseguira. Havia, com certeza, um pouco de loucura dentro dela, loucura boa. Abandonara George e ficara longe dele durante seis meses, quando estavam casados havia poucos anos. Fora para San Francisco e lá estudara fotografia, na Berkeley. Morara num apartamento minúsculo, nas colinas. Gostara da solidão por algum tempo, de poder pensar bastante, de dedicar-se à simples atividade de captar a beleza da vida com sua câmera.

Voltara para George, começara a dar aulas e acabara conseguindo emprego na Escola Sojourner Truth.

Ela adorava crianças e sabia lidar com elas. Queria, ardentemente, ter filhos. Sua mente parecia estar deslocada naquela noite. Talvez por causa da hora avançada, ou do segundo copo de vinho.

O sedã escuro, da Ford, corria por ruas desertas, percorrendo a rota normal, sempre a mesma, de Mitchellville para Washington. Christine imaginou se isso seria prudente, mas, afinal, aqueles homens sabiam o que estavam fazendo.

De vez em quando, ela olhava em volta para ver se alguém os seguia. Sentia-se um pouco tola fazendo isso,

mas não podia evitar.

Fazia parte de um caso que se tornara importante para a imprensa. E perigoso para ela. Os repórteres não tinham o menor respeito por seus sentimentos e sua privacidade. Apareciam na escola e tentavam entrevistar os professores. E ela tivera de trocar o número de seu telefone por um que não constava da lista, de tanto que haviam telefonado para a sua casa.

O uivo próximo de uma sirene, de viatura policial ou de ambulância, arrancou-a das reflexões. Christine suspirou.

Estavam quase chegando.

Ela fechou os olhos e inspirou fundo várias vezes. Então curvou a cabeça. Estava cansada, e talvez precisando chorar.

Está tudo bem, senhora Johnson? - o agente Dampier indagou.

Ele tem olhos na nuca, Christine pensou. Esteve me observando. Vê tudo o que acontece, mas acho que isso é bom.

- Está, sim - respondeu. Abriu os olhos, ergueu a cabeça e sorriu. - Só me sinto um pouco cansada. Não é fácil deitar tarde todas as noites e levantar cedo todas as manhãs.

- Lamento que tenha de ser assim - o agente disse, depois de ligeira

hesitação.

- Obrigada, Dampier - ela murmurou. Você torna as coisas mais fáceis com a sua gentileza. - Olhou para o agente que dirigia e brincou: - E você é de fato um excelente motorista.

Denjeau, sempre muito quieto, riu.

O sedã do FBI desceu uma íngreme rampa de concreto na parte de trás do prédio. Uma entrada de serviço, Christine agora sabia. Ela notou que voltara a se abraçar. Tudo naquela viagem noturna parecia-lhe irreal.

Os dois agentes escoltaram-na escadas acima, mas pararam à porta, deixando-a entrar no quarto sozinha. Ela fechou a porta suavemente e

encostou-se nela. O coração martelava-lhe o peito. Era sempre assim.

- Oi, Christine - Alex cumprimentou-a. Ela foi até ele, então, e abraçou-o com força. Tudo, de repente, ficou muito melhor. Tudo fazia sentido outra vez.

Em minha primeira manhã de volta a Washington, decidi visitar novamente a casa dos Cross. Precisava ler mais uma vez as anotações de Alex a respeito de Gary Soneji. Tinha a forte impressão de que o investigador-psicólogo conhecia seu agressor, que já o vira antes do brutal ataque.

Enquanto me dirigia à casa dele,

percorrendo ruas congestionadas, voltei a analisar tudo o que sabia sobre o ataque. A primeira e significativa pista era que o quarto de Alex Cross não ficara em desordem caótica.

Não havia nada que indicasse que o atacante estivesse fora de si. As evidências deixavam supor que o criminoso estivera possuído do que se chama de raiva fria. Outro fator importante era que Cross fora espancado, recebera meia dúzia de golpes, antes de levar os tiros. Poderia parecer uma ação conflitante com a ordem razoável em que ficara a cena do crime, mas eu não pensava

assim. Quem atacara Cross odiava-o profundamente.

Uma vez dentro da casa, o criminoso agira como Soneji teria agido. Escondera-se no porão. Imitara um assalto anterior que Soneji fizera à residência de Cross. Nenhuma arma fora encontrada, o que deixava evidente que o atacante raciocinava com clareza. Nada fora roubado do quarto de Cross. O distintivo de investigador fora deixado no fogão do porão propositalmente, para que fosse encontrado. O que o criminoso quisera dizer com isso? Que se sentia orgulhoso do que fizera?

Por fim, refleti sobre a mais

surpreendente e significativa de todas as pistas. Algo que eu percebera assim que chegara à casa da rua Fifth e começara a coletar dados.

O atacante deixara Alex e sua família com vida. Mesmo que Alex viesse a morrer depois, seu agressor saíra da casa sabendo que ele ainda estava vivo.

Por quê? Ele poderia ter matado Alex Cross. Não matá-lo faria parte de seu plano? Se assim fosse, por quê?

Quando eu decifrasse aquele mistério, o caso estaria solucionado.

A casa estava silenciosa, passando uma impressão de vazio e tristeza, como acontece com todas as casas

quando um membro importante da família encontra-se ausente.

Vi Nana Mama trabalhando na cozinha, O aroma de pão fresco, frango grelhado e batatas-doces assadas flutuava através da casa, confortante e animador. A idosa mulher parecia tão concentrada no que fazia, que eu não quis perturbá-la.

- Ela está bem? - perguntei a Sampson, que concordara em encontrar-se comigo lá, embora ainda estivesse zangado por eu ter abandonado o caso Cross por alguns dias.

Ele deu de ombros.

- Nana não aceita a possibilidade de Alex não voltar para casa, se é o que está perguntando. Se ele morrer, não sei o que acontecerá com ela - respondeu.

Sampson e eu subimos a escada em silêncio. Estávamos no corredor, quando os filhos de Alex saíram de um dos quartos.

Eu nunca conversara com Damon e Jannie, mas ouvira falar deles. Vi que eram crianças bonitas, embora ainda mostrassem hematomas. Haviam herdado a boa aparência de Alex, tinham olhos brilhantes, inteligentes.

- Este é o senhor Pierce meu parceiro apresentou-me. É nosso amigo, um

dos bons rapazes.

- Estou trabalhando com Sampson - eu disse a eles. - Tentando ajudá-lo.

- É verdade, tio John? - a garotinha perguntou.

O menino apenas me olhou, parecendo desconfiado. Nos grandes olhos castanhos de Damon vi os do pai dele.

- É verdade, sim, Jannie. O senhor Pierce está trabalhando comigo e é um investigador muito bom Sampson afirmou,

surpreendendo-me com o elogio.

Jannie aproximou-se de mim. Era uma menina linda, mesmo com os cortes no rosto e no pescoço e um

hematoma do tamanho de uma bola de beisebol numa das faces. A mãe dela devia ter sido muito bonita.

Ela apertou a mão que lhe ofereci.

- Não acho que o senhor seja tão bom quanto papai, mas pode usar o quarto dele - disse. - Mas só até ele voltar para casa.

Agradei a oferta e dirigi um respeitoso aceno de cabeça a Damon. Então, fui para o quarto de Alex e passei uma hora e meia examinando suas extensas anotações, que cobriam um período de mais de quatro anos, procurando alguém que pudesse ter sido parceiro de Gary Soneji. Estava convencido de que quem atacara a

família Cross devia ter uma forte conexão com Soneji, que alegava trabalhar sempre sozinho. Era um problema intrincado, e meus colegas de Quantico, analistas de personalidades criminosas, também não estavam conseguindo achar o fio da meada. Quando, finalmente, voltei para o andar de baixo, Sampson e Nana encontravam-se na cozinha. O aposento acolhedor não era atravancado de móveis, e tudo ali parecia prático. Fez-me pensar em Isabella, que adorava cozinhar, trouxe de volta lembranças da nossa casa e da nossa vida em comum.

Nana olhou para mim, os olhos tão incisivos quanto eu os vira no hospital.

Eu me lembro de você - ela comentou. - Foi o único que me disse a verdade. Está perto de descobrir qualquer coisa? Vai solucionar esse problema horrível?

Ainda não descobri nada, Nana - respondi, dizendo a verdade de novo. - Mas acho que Alex pode solucionar o problema. É possível que Gary Soneji sempre tenha tido um parceiro. Um pensamento insistente corria por minha mente: Em quem posso confiar? Em quem posso realmente acreditar? Um dia, eu tivera alguém

confiável, Isabella".

John Sampson e eu embarcamos num Bell Jet do FBI por volta de onze horas, na manhã seguinte. Levávamos roupas para dois dias.

- Então, quem é o parceiro de Soneji? Quando vou conhecê-lo?

Sampson perguntou durante o vôo.

- Você já conhece - informei.

Chegamos a Princeton antes do meio-dia e fomos falar com um homem chamado Simon Conklin. Sampson e Cross já o haviam interrogado antes. Alex Cross escrevera várias páginas sobre Conklin, durante a investigação do sensacional seqüestro de duas crianças, alguns anos atrás: Maggie

Rose Dunne e Michael "Camarãozinho" Goldberg. O FBI nunca averiguara os extensos relatórios, na época. Queriam o rumoroso caso arquivado.

Eu já lera os relatórios duas vezes. Simon Conklin e Gary Soneji haviam sido criados na mesma região rural, a alguns quilômetros de Princeton. Os dois eram amigos e julgavam-se superiores aos outros meninos e até à maioria dos adultos. Gary apelidara a si mesmo e ao companheiro de os grandes. Eram uma cópia de Leopold e Loeb, dois adolescentes notavelmente inteligentes de Chicago, que haviam cometido um assassinato

que causara sensação.

Ainda garotos, Gary e Simon Conklin decidiram que a vida não passava de um conto da carochinha, convenientemente inventado por aqueles que se encontravam no comando. Uma pessoa agia de acordo com o "conto escrito pela sociedade em que vivia, ou decidia escrever o seu próprio.

Cross salientara, em suas anotações, que Gary fora um dos últimos de sua classe, na escola de segundo grau de Princeton, antes de ser transferido para a Peddie. Simon, o primeiro da classe, fora para a Universidade de Princeton.

Alguns minutos depois do meio-dia, Sampson e eu entramos no pátio de estacionamento de terra e cascalho de um pequeno centro comercial entre Princeton e Trenton, Nova Jersey. Estava quente, úmido, e tudo parecia desbotado pelo sol.

- O sistema educacional de Princeton com certeza foi bom para Conklin - Sampson comentou com sarcasmo. - Estou impressionado.

Nos últimos dois anos, Simon Conklin vinha gerenciando uma loja só para adultos, no decadente centro comercial. A

loja funcionava num prédio de tijolos aparentes, de um só andar. A porta

da frente era pintada de preto, e a placa dizia: Adultos.

- Qual é a sua opinião sobre Simon Conklin? Lembra-se bem dele? - perguntei, quando nos encaminhávamos para a porta.

Suspeitava de que devia haver uma saída pelos fundos, mas não acreditava que ele fosse querer fugir de nós.

- Oh, Simon é um pirado de primeira. Mas tem um álibi para a noite em que Alex foi atacado.

- Naturalmente - resmunguei. - O cara é esperto, rapaz. Não se esqueça disso.

Entramos na loja escura e suja e

exibimos nossas insígnias. Conklin saiu de trás de um balcão. Era alto, desengonçado e muito magro. Os preguiçosos olhos castanhos pareciam observar algo que se passava a distância. Uma pessoa que não causava a menor simpatia.

Usava jeans preto, desbotado, e colete de couro preto, cheio de apliques de metal, sem camisa por baixo. Se não conhecesse alguns fracassados que haviam saído da Harvard, eu nunca acreditava que Conklin se formara pela Princeton e acabara daquele jeito. Tudo a sua volta era destinado ao prazer sexual: vibradores, consolos, objetos

infláveis. Simon Conklin estava em seu elemento.

- Estou começando a gostar das visitas inesperadas de vocês, seus cretinos - ele disse. - Primeiro não gostava, mas agora até acho divertido. Eu me lembro de você, investigador Sampson.

- Olhou para mim. - Mas você é novo no time ambulante. Deve ser o substituto inútil de Alex Cross.

- Não, na verdade repliquei. - Só que até agora não senti vontade de entrar nesta privada fedorenta.

Conklin emitiu um som fleumático, que não chegava a ser uma risada.

- Não sentiu vontade, hein? Isso quer

dizer que tem intuições às quais de vez em quando obedece. Que esquisito!

Então, você deve ser do FBI, do Programa de Análises Criminais. Estou certo?

Desviei o olhar, observando o resto da loja.

- Ei! - chamei um homem que mexia numa prateleira que exibia pós eróticos, cremes afrodisíacos e outras coisas parecidas.

- Achou alguma coisa do seu agrado, hoje? É daqui, da região de Princeton? Sou Thomas Pierce, do FBI.

O homem engrolou algo ininteligível e saiu da espelunca quase correndo,

deixando entrar, por um instante, um jorro de luz solar.

- Poxa, que grosseria - Conklin censurou, novamente emitindo aquele som que não era bem uma risada.

- Sou grosseiro, às vezes - retruquei. Conklin replicou com um bocejo de desconjuntar o maxilar.

- Quando atiraram em Alex Cross, eu estava na casa de uma amiga, Dana. Passei a noite lá. Os seus meticulosos colegas já falaram com ela. Ficamos numa festa em Hopewell até mais ou menos meia-noite. Temos montes de testemunhas.

Assenti, fingindo estar tão entediado

quanto ele.

- Agora, falando de outro assunto mais interessante, o que aconteceu com os trens de Gary? Aqueles que ele roubou do filho da madrasta?

Conklin não tinha mais aquele ar de tédio no rosto.

- Escutem, já estou ficando cheio dessa besteirada avisou.

- E essas perguntas sempre iguais me cansam. Gary e eu fomos amigos até os doze anos. Depois disso, nunca mais andamos juntos. Gary tinha os amigos dele, e eu, os meus. Fim. Agora, sumam daqui.

Abanei a cabeça, negando.

- Não, não. Gary nunca teve outros

amigos. Ele só se juntava com "os grande" e acreditava que você fosse um deles.

Contou isso a Alex Cross. Acho que você e Gary foram amigos até que ele morreu. Por isso, você odiava o doutor Cross. Tinha uma razão para atacá-lo. Você era o único que tinha um motivo, Conklin.

Ele bufou com escárnio.

- Se puder provar isso, irei para a cadeia. Mas não pode.

Dana. Hopewell. Várias testemunhas. Tchauzinho, cretinos.

Saí da loja. Fiquei parado no calor abrasador do pátio de estacionamento,

esperando por Sampson.

- Que diabo aconteceu? - ele quis saber. - Por que saiu daquele jeito?

- Conklin é o mestre - informei. - Soneji era seu discípulo.

Mais cedo ou mais tarde, quase todas as investigações policiais transformam-se numa brincadeira de gato e rato.

Mesmo as mais longas e difíceis, transformam-se todas. E, então, torna-se necessário definir quem é o gato e quem é o rato.

Durante alguns dias, Sampson e eu mantivemos Simon Conklin sob vigilância. Deixamos que ele soubesse que estávamos lá,

esperando e observando, sempre na esquina mais próxima e também na seguinte. Queríamos ver se a pressão induzia Conklin a fazer algo revelador, ou até mesmo a cometer um erro.

A ocasional resposta dele era um gesto com o dedo médio, que ele erguia no ar obscenamente. Tudo bem. Era sinal de que seu radar registrava nossa presença. Conklin sabia que nos encontrávamos lá, sempre lá, vigiando. Eu sentia que ele começava a ficar nervoso, e minha brincadeira ainda estava no início.

Após alguns dias, John Sampson teve de retornar a Washington. Eu já

esperava por isso. O departamento de polícia não podia deixá-lo trabalhar no caso indefinidamente. Além disso, Alex Cross e sua família precisavam do amigo.

Fiquei sozinho em Princeton, que era o que eu realmente queria.

Simon Conklin saiu de casa na terça-feira à noite. Depois de algumas manobras, segui-o em meu Ford Escort. Deixei que ele me visse, então fiquei para trás, no trânsito difícil nos arredores do centro comercial, e "o perdi". Voltei para a casa dele e estacionei o carro fora da estrada principal, atrás de um grupo espesso de pinheiros e arbustos espinhosos.

Saí do matagal o mais rápido que pude. Sabia que meu tempo podia ser curto.

Não usava lanterna, luz de nenhuma espécie. Mas eu sabia aonde estava indo, sentindo-me pronto e excitado. Compreendera tudo. Compreendera o jogo e minha participação nele. Meu sexto sentido entrara em ação.

A casa era de madeira e tijolos, com uma janela hexagonal na frente. Venezianas soltas, lascadas, verde-água, de vez em quando batiam contra a parede. A casa mais próxima ficava a uns dois quilômetros de distância. Ninguém me veria invadir a residência de Conklin, entrando pela

porta da cozinha.

Tinha consciência de que ele podia ter feito um retorno e ido atrás de mim, se realmente era tão inteligente quanto eu o julgava. Mas isso não me preocupava. Tinha uma teoria sobre Conklin e sua visita à casa de Alex Cross. Precisava testá-la.

De repente, quando forçava a fechadura, pensei no sr. Smith, que apresentava um interesse obsessivo pelas pessoas, que desejava estudá-las e invadia a vida delas.

O interior da casa era simplesmente insuportável. Cheirava a mobília comprada no Exército de Salvação, suor velho e óleo dos tachos de uma

lanchonete McDonald"s. Não. Era pior ainda. Tapei o nariz e a boca com um lenço e comecei a revistar o imundo covil. Receava encontrar um cadáver. Tudo era possível.

Todos os objetos, em todos os cômodos, assim como o chão e as paredes, estavam cobertos de poeira e fuligem. O melhor que se podia dizer de Simon Conklin era que ele adorava ler. Havia livros abertos por todos os cantos, seis só na cama dele. Parecia gostar de sociologia, filosofia e psicologia: Marx, Jung, Bruno Bettelheim, Malraux, Jean Baudrillard. As estantes sem verniz, que iam do chão ao teto, eram atulhadas de livros

empilhados na horizontal.

A primeira impressão que tive da casa foi que já fora revistada por outra pessoa. Tudo combinava com o que acontecera na casa de Alex Cross.

Acima da cama desfeita de Conklin, havia a foto de uma garota da Vargas, emoldurada e assinada pela modelo, com um beijo de batom na bunda.

Encontrei um rifle escondido embaixo da cama. Um Browning automático. Igual ao que Gary Soneji usara em Washington. Peguei-me sorrindo.

Simon Conklin sabia que o rifle seria uma prova circunstancial, que não provaria sua culpa, nem sua inocência. Queria que a arma fosse

encontrada. Quisera que o distintivo de Alex Cross fosse encontrado.

Gostava de joguinhos. Claro que sim. Desci a rangente escada de madeira para o porão. Não acendera as luzes da casa. Usava apenas minha lanterninha de bolso.

O porão não possuía janelas. Mas havia muita poeira, teias de aranha e uma pia, cuja torneira pingava sem parar. Vi fotografias penduradas em cordões que pendiam do teto.

Meu coração estava batendo duas vezes mais rápido do que o normal. Examinei as fotos. Eram do próprio Simon Conklin, fazendo poses diferentes, nu em pêlo. Pareciam ter

sido tiradas dentro de casa.

Corri o facho de luz ao redor do porão, olhando tudo atentamente. O chão estava sujo, e as grandes rochas sobre as quais a casa fora construída ficavam expostas. Havia um estoque de equipamento médico antigo:

um andador, uma comadre" de alumínio, um tubo de oxigênio, com os tubos e manômetros ainda presos, um monitor de soro.

Meus olhos dirigiram-se para a extremidade mais distante, a parede sul da casa. E vi... a ferrovia de brinquedo de Gary Soneji!

Eu me encontrava na casa do melhor amigo de Soneji, seu único amigo em

todo o mundo, o homem que atacara Alex Cross e sua família. Disso eu tinha certeza. Assim como tinha certeza de que solucionara o caso.

Eu era melhor do que Alex Cross.

Pronto, eu dissera.

A verdade começava a aparecer.

Quem é o gato? Quem é o rato?

Quinta Parte

GATO & RATO

Cerca de doze dos melhores agentes do FBI encontravam-se reunidos no campo de aviação de Quantico, Estado da Virgínia. Na pista atrás deles, dois helicópteros pretos aguardavam, prontos para decolar. Os agentes não podiam parecer mais solenes e atentos, nem mais confusos. Parado na frente deles, eu sentia que minhas pernas tremiam, os joelhos batendo um no outro. Nunca estivera tão nervoso, tão inseguro. Nem tão

concentrado num caso de assassinato. Para aqueles que não me conhecem, sou Alex Cross - informei, falando pausadamente, não para causar efeito, mas por causa do nervosismo.

Tentei mostrar a eles que, fisicamente, eu estava bem. Usava calça larga, cáqui, e uma camisa pólo de mangas compridas, azul-marinho, aberta no colarinho. Fizera o melhor que pudera para esconder os ferimentos e hematomas.

Muitos mistérios perturbadores tinham de ser solucionados.

O mistério do ataque selvagem e covarde a mim e minha família, o mistério tenebroso do assassino

serial, sr. Smith, o mistério a respeito de Thomas Pierce, do FBI.

Vi, pelos rostos deles, que alguns dos agentes continuavam confusos. Parecia que minha aparição deixara-os apalermados. Não podia culpá-los, mas também sabia que o que acontecera fora necessário. Era a única maneira de apanhar um assassino diabólico. Aquele era o plano, um plano que exigia tudo de todos.

- Como vocês podem ver, os rumores sobre a minha morte iminente eram falsos. Estou realmente bem - afirmei, sorrindo, e isso pareceu derreter um pouco o

gelo. - As informações oficiais dadas pelo hospital St. Anthony's, ele não resistirá", "estado crítico, "quase impossível uma pessoa no estado do doutor Cross recuperar-se", eram exageradas e, às vezes, mentiras deslavadas. Um embuste. Se querem culpar alguém, culpem Kyle Craig.

- Isso. A culpa é toda minha - Kyle confirmou, de pé a meu lado, perto de John Sampson e de Sondra Greenberg, da Interpol. - Alex não queria fazer as coisas desse jeito. Na verdade, se não me falha a memória, ele não queria se envolver de maneira alguma.

- Certo, mas agora me envolvi. Estou enfiado nisso até os olhos. Logo, vocês também estarão. Kyle e eu vamos lhes contar tudo.

Respirei fundo, preparando-me para continuar, notando que meu nervosismo diminuía bastante.

- Quatro anos atrás, um médico recém-formado pela Harvard, chamado Thomas Pierce, encontrou a namorada assassinada no apartamento dos dois, em Cambridge. O fato foi confirmado pela polícia e, mais tarde, pelo FBI. Vou lhes contar o que Kyle e eu acreditamos que realmente aconteceu naquela noite, em Cambridge.

Thomas Pierce passara boa parte da noite bebendo com amigos, num bar chamado Jillian"s, em Cambridge.

Os amigos eram, como ele, médicos recém-formados. Para comemorar a graduação, beberam muito, tendo começado às duas horas da tarde.

Pierce convidara Isabella para ir com ele ao bar, mas ela recusara o convite, dizendo-lhe que se divertisse e liberasse um pouco do "vapor". Ele merecia.

Naquela noite, como vinha fazendo havia seis meses, um médico de nome Martin Straw foi ao apartamento que Thomas e Isabella dividiam. Straw e Isabella estavam tendo um caso. Ele

prometera que deixaria a esposa e os filhos para ficar com ela.

Isabella estava dormindo, quando Thomas Pierce chegou ao apartamento. Ele sabia que o dr. Martin Straw estivera lá. Vira Isabella com o médico algumas vezes. Seguiram os dois em muitas ocasiões, em Cambridge,

e também nas viagens para o campo, de apenas um dia, que eles faziam.

Quando abriu a porta do apartamento, ele sentiu que Martin Straw estivera lá. O cheiro do médico era inconfundível. Thomas Pierce teve vontade de gritar. Nunca traía Isabella, nem em pensamento.

Ela dormia profundamente, na cama de casal. Ele ficou observando-a por longos instantes, e ela não se mexeu. Pierce sempre adorara o modo como Isabella dormia, gostava de observá-la, como naquele momento. Sempre confundira seu sono com inocência.

Ela tomara vinho. De onde se encontrava, ele sentia o leve odor. E também perfumara-se. Para Martin Straw.

O perfume que ela usava era o Joy, de Jean Patou, caríssimo. Pierce o comprara para ela no último Natal.

Thomas Pierce levou as mãos ao rosto e começou a chorar. Os longos cabelos castanhos de Isabella

estavam soltos, as mechas espalhando-se livremente no travesseiro. Para Martin Straw.

Martin Straw sempre deitava no lado esquerdo da cama. Tinha um desvio no nariz, que deveria ter sanado, mas médicos também fogem de cirurgias. Não respirava bem pela narina direita, parcialmente obstruída pelo desvio.

Thomas Pierce descobrira tudo isso. Ele estudara Straw, tentara compreendê-lo, compreender sua assim chamada humanidade.

Sabia que precisava agir depressa. Caiu sobre Isabella com todo seu peso, toda sua força, seu poder. Os

instrumentos estavam prontos. Ela lutou, mas ele a segurou contra a cama. Agarrou-a pelo elegante pescoço, enfiando os pés entre o colchão e a trave da cama para encontrar apoio.

Na luta, os seios dela ficaram expostos, lembrando-o como Isabella era sensual e linda, como os dois formavam um par perfeito. Romeu e Julieta de Cambridge. Quanta besteira! Que mentira cruel! Isabella não o amava, mas ele era louco por ela.

Olhou-a. Os olhos de Isabella eram como espelhos jateados com areia. A boca pequena e linda abriu-se,

entortando para um lado. A pele ainda tinha a maciez do cetim.

Ela já se achava totalmente indefesa, mas podia entender o que estava acontecendo. Tinha consciência de seus erros e da punição que receberia.

Não sei o que estou fazendo - ele disse por fim. - É como se eu estivesse fora de mim, observando... No entanto, nem posso lhe dizer como me sinto vivo.

Todos os jornais, revistas de notícias, a televisão e o rádio divulgaram o assassinato com detalhes mórbidos, mas nenhum contou o que realmente aconteceu naquele quarto, como foi

fitar os olhos de Isabella, enquanto a matava.

Ele extraiu o coração dela.

Segurou-o nas mãos, ainda palpitante, ainda vivo, e observou-o morrer.

Então, espetou-o num arpão do equipamento de mergulho.

Furou o coração de Isabella. Essa foi a pista que ele deixou. A primeira de todas.

Ele achou que viu o espírito de Isabella deixar o corpo. Tinha o sexto sentido. Também achou que sentiu sua própria alma abandoná-lo.

Pierce acreditava que morrera também naquela noite.

Smith nascera da morte, naquela noite, em Cambridge.

Thomas Pierce era o sr. Smith.

- Thomas Pierce é o senhor Smith - informei aos agentes reunidos ali no campo de aviação de Quantico. - Peço que não tenham dúvida quanto a isso. Duvidar seria perigoso para nós todos da equipe. Pierce é Smith, matou dezenove pessoas até agora. E matará mais.

Parei de falar. Os homens tinham perguntas a fazer e não podiam ser censurados. Eu próprio precisava de algumas respostas.

- Posso perguntar uma coisa? Sua família foi atacada? - indagou um

agente jovem, de cabelos cortados à escovinha. - O

senhor foi ferido?

- Minha família foi atacada, sim, mas estamos todos bem, agora - respondi.

- Por razões que ainda não compreendemos,

o agressor evitou matar um de nós.

Mais do que ninguém, quero descobrir quem invadiu minha casa para nos atacar.

Quero aquele maldito, seja quem for.

Ergui o braço enfaixado.

- Uma bala atravessou o meu pulso - continuei. - A outra entrou no

abdome e saiu do outro lado. A artéria hepática não foi atingida,

como anunciaram. Eu estava mal, mas o meu eletrocardiograma nunca acusou diminuição de atividade cardíaca. Tudo o que foi declarado tinha como objetivo enganar Pierce. Kyle? Quer completar a explicação? Afinal, o plano é criação sua.

- Alex tem razão a respeito de Pierce - ele começou. - É um assassino frio, e o que pretendemos fazer esta noite é perigoso. Será algo incomum, mas a situação requer. Nas últimas semanas, a Interpol e o Bureau têm tentado armar uma cilada para o escorregadio senhor Smith, que acreditamos tratar-se de Thomas Pierce. Não temos provas conclusivas para prendê-lo e

precisamos ter cuidado para não assustá-lo, fazendo-o fugir.

- Ele é um filho da puta que apavora todo mundo - John Sampson aparteu, e notei que refreava o ódio que sentia. - E

o miserável é muito cauteloso. Nunca o peguei no menor deslize, enquanto trabalhei com ele. Pierce desempenhou seu papel à perfeição.

- Você também foi um ator perfeito, John - Kyle elogiou, então explicou aos outros: - O detetive Sampson sabia da nossa trama, quando fez parceria com Pierce.

Até algumas horas atrás, John Sampson estivera com Pierce, em

Nova Jersey. Ficara conhecendo-o melhor do que eu, embora não tão bem quanto Kyle ou Sondra Greenberg, da Interpol, que se juntara a nós.

- Como Pierce tem agido, Sondra? perguntou Kyle. - O que notou, no comportamento dele?

A inspetora era alta, de aparência imponente. Fazia quase dois anos que trabalhava no caso Smith, na Europa. Thomas Pierce é um filho da mãe arrogante. Acreditem, ele está rindo de todos nós. Sente-se cem por cento seguro. As vezes também acho que não é humano. Mas acredito que vai cometer um erro muito em breve. A

pressão que aplicamos sobre ele está começando a funcionar.

Isso é evidente - concordou Kyle, apanhando a deixa. - Pierce agia muito friamente no começo, e enganou todo mundo.

Seu profissionalismo, como agente, nunca deixou nada a desejar. A polícia de Cambridge não conseguiu acreditar que ele tivesse assassinado Isabella Calais. A dor que ele demonstrou pela morte dela foi assombrosa.

O homem é o diabo em figura de gente, senhoras e senhores - comentou Sampson. Esperto, e também um investigador muito bom.

Tem instintos aguçados e autodisciplina.

Trabalhou bem e nos levou direto a Simon Conklin. Acho que ele está competindo com Alex.

- Também acho - disse Kyle. É um homem muito complexo, acredito que ainda sabemos pouco a seu respeito. Isso é o que me assusta.

Kyle me procurara para falar do sr. Smith antes das matanças de Soneji nas estações ferroviárias de Washington e Nova York. Tornamos a conversar sobre o assunto quando levei Rosie para ser examinada em Quantico. Trabalhei com ele extra-oficialmente. Ajudei-o na investigação

de Pierce, juntamente com Sondra Greenberg. Quando sofri o atentado em minha casa, Kyle voou para Washington, realmente aflito, mas o ataque não foi, nem de longe, tão grave quanto induzimos todo mundo a acreditar.

Foi Kyle quem decidiu que deveríamos agir assim, e assumiu a responsabilidade. Talvez, levando Pierce para o meu caso, fosse possível agarrá-lo. Seria mais fácil exercer pressão sobre ele e vigiá-lo. Com muito acerto, Kyle achava que Pierce, com aquele enorme ego e inabalável autoconfiança, não resistiria e aceitaria a incumbência.

- O desgraçado vai cometer um erro - Sondra tornou a afirmar. - Podem acreditar, ele está atingindo os seus limites.

Concordei com ela.

- Vou lhes dizer o que pode acontecer em seguida. As duas personalidades estão começando a fundir-se - expliquei.

Thomas Pierce e o senhor Smith logo serão um só. Parece que a personalidade de Pierce está se extinguindo, mas suponho que fará o senhor Smith eliminar Simon Conklin. Sampson inclinou-se para mim.

- Suponho que esteja na hora de você conhecer tanto o senhor Pierce como

o senhor Smith - cochichou em meu ouvido.

Era o fim. Tinha de ser.

As sete horas da noite, estávamos com tudo preparado, em Princeton. Thomas Pierce provara ser ardiloso no passado, e até ali comportara-se como um fantasma, desempenhando o papel de sr. Smith, que matava e desaparecia sem deixar rastro. Mas era evidente que estava prestes a cometer um engano.

Como ele conseguia fazer sua magia negra, ninguém sabia. Não havia testemunhas. Nenhuma das vítimas sobrevivera.

Kyle Craig receava nunca ser capaz

de pegar Pierce com a boca na botija. Se não pegasse, de nada adiantaria prendê-lo, pois, sem provas, não poderia mantê-lo preso por mais de quarenta e oito horas. Kyle estava convencido de que Pierce era mais esperto do que Gary Soneji, mais esperto do que todos nós.

Fizera objeções à participação dele no caso Smith, mas sua opinião fora ignorada pelos superiores.

Observara Pierce, conversara com ele, tornando-se cada vez mais certo de seu envolvimento, pelo menos no assassinato de Isabella Calais.

Pierce, porém, nunca cometia um erro. Apagava todas as pistas.

Então, aconteceu algo que reforçou a suspeita de Kyle. Pierce foi visto em Frankfurt, Alemanha, no mesmo dia em que uma pessoa da cidade desapareceu, seqüestrada por Smith. E supunha-se que ele estivesse em Roma.

Isso bastou para que Kyle autorizasse uma busca no apartamento de Pierce, em Cambridge. Nada foi encontrado. Kyle chamou especialistas em informática, que suspeitaram que Pierce mandava mensagens para si mesmo, em nome de Smith. Mas não puderam provar.

Então, Pierce foi visto em Paris, no dia em que o dr. Abel Sante desapareceu.

Seu relatório dizia que ele estivera em Londres o dia todo. Mas Kyle sabia que descobrira o assassino.

Eu também sabia.

Agora, precisávamos de provas concretas.

Colocamos quase cinquenta agentes do FBI na área de Princeton, o último lugar do mundo onde alguém imaginaria que seria cometido um crime hediondo. O último lugar do mundo onde um notório assassino serial seria descoberto.

Sampson e eu esperamos num sedã escuro, estacionado numa ruazinha pacata. Não fazíamos parte da principal equipe de vigilância, mas

ficávamos perto de Thomas Pierce, mantendo uma distância nunca superior a três quilômetros.

Sampson estava desassossegado e irritável. Não fora fácil para ele trabalhar com Pierce.

Eu tinha uma boa razão para estar em Princeton. Queria uma conversinha com Conklin, mas, no momento, infelizmente, Pierce interpunha-se entre nós.

O lugar onde nos encontrávamos ficava a poucos quarteirões do Marriott, onde Pierce se hospedara.

- Grande plano - Sampson resmungou com sarcasmo.

- O FBI já tentou de tudo - observei. -

Kyle acha que o que estamos fazendo agora vai dar certo. Disse que Pierce não resistiria ao desejo de decifrar o mistério do ataque a minha casa. Talvez, sua derradeira competição. Quem sabe?

Sampson estreitou os olhos. Eu conhecia aquela expressão astuta de quem sabia das coisas.

Certo. E vai me dizer que você não meteu a sua colher nesse angu?

- Eu só disse que o nosso plano poderia ser atraente para Pierce, para o seu imenso ego, e expliquei por quê. Também comentei que talvez ele fique tão convencido e seguro de si que esqueça a prudência e se deixe

apanhar.

Sampson revirou os olhos e bufou, do jeito que costumava fazer desde que tínhamos dez anos de idade.

- Foi só o que fez? A propósito, trabalhar com você é um pé no saco, mas com ele é levar pau no cu.

Continuamos a esperar na ruazinha, enquanto a noite cobria a pequena cidade universitária. Era um dêjd vii. John Sampson e Alex Cross novamente juntos, de tocaia.

- Você ainda me ama, Doçura? - meu amigo perguntou de repente, sorrindo.

Ele não brinca com muita frequência, mas quando começa, sai de baixo!

Pousei a mão em sua coxa.

- Claro que sim, grandão.

Ele me deu um soco no ombro. Com força. Meu braço ficou dormente, os dedos formigaram. Que mão pesada!

- Quero arrebentar Thomas Pierce! - Sampson gritou.

- Arrebente o senhor Smith também - gritei, acompanhando-o.

- Vamos arrebentar o senhor Pierce e o senhor Smith - cantamos em uníssono, fazendo nossa imitação dos Bad Boys.

Isso aí!

Estávamos de volta.

Thomas Pierce sentia-se invencível. Nada poderia detê-lo.

Esperou no escuro, como em transe, sem se mover. Pensava em Isabella, via seu lindo rosto, seu sorriso, ouvia sua voz. Ficou na mesma posição, imóvel, até que a luz da sala de estar se acendeu e ele viu Simon Conklin.

- Um intruso na sua casa - murmurou.

- Isso lhe lembra alguma coisa?

Segurava um Magnum .357, apontado para a testa de Conklin.

Podia estourá-lo ali mesmo, à porta, e fazê-lo rolar escada abaixo.

- Que diabo... - Conklin começou, piscando, ofuscado pela luz forte. Então, seus olhos tornaram-se duros. - Isso é ilegal!

- gritou. - Não tem o direito de entrar

na minha casa. Fora! Pierce não pôde reprimir um sorriso. Ele via o lado engraçado da vida, mas nem sempre isso lhe dava prazer. Levantou-se da cadeira, segurando a arma com perfeita firmeza.

Não havia muito espaço livre na sala, atravancada por pilhas de jornais, livros, coleções de recortes e revistas. Tudo organizado por data e assunto. Era óbvio que o não tão simplório Simon tinha um distúrbio compulsivo. - Para baixo, para o porão - Pierce ordenou. - O porão. Deixara tudo preparado lá embaixo, a luz já estava acesa.

Afastara pilhas de manuais de

sobrevivência e livros de ficção científica para abrir espaço para um coichonete, que estendera no centro do porão.

Não tinha certeza, mas achava que a obsessão de Conklin era a respeito do extermínio da raça humana. Ele colecionava livros, jornais e revistas que alimentavam seu medo patológico. Colara a capa de uma revista científica numa das paredes do porão:

Diferenças sexuais entre os peixes. Uma análise dos hermafroditas simultâneos e seqüenciais".

- O que significa isso? - Simon Conklin gritou, quando viu o que Pierce fizera

no porão.

- É o que todos perguntam - Thomas Pierce comentou, dando-lhe um empurrão que o fez descer dois degraus aos trambolhões.

- Acha que tenho medo de você? Não tenho! - Conklin desafiou, virando-se para encará-lo.

- Tudo bem. Vou fazer você mudar de idéia já.

Tornou a empurrar Conklin e observou-o cair e rolar pelo resto dos degraus.

Aproximou-se dele.

- Está começando a ficar com medo de mim, agora?

Deu uma coronhada na cabeça de

Conklin, e o sangue espirrou.

- Está começando a ficar com medo? -
repetiu.

Abaixou-se e quase encostou a boca na orelha peluda de sua vítima.

- Você não sabe o que é dor -
murmurou. - Também não tem muita
coragem. Esteve na casa de Cross,
mas não teve coragem de matá-lo,
não é? Não teve coragem de matar a
família dele. Eu sei disso.

Thomas Pierce estava gostando do
confronto. Tinha imensa curiosidade
de saber o que deixava Conklin
furioso. Queria examiná-lo,
compreender sua humanidade.
Conhecer Simon Conklin era

conhecer um pouco a respeito de si mesmo.

- Primeiro, quero que me diga que foi você que esteve na casa de Alex Cross. Eu sei que foi, mas quero que me diga.

Nada do que disser será usado contra você. A sua confissão não será usada em nenhum tribunal. Ficará apenas entre nós.

Simon Conklin olhou-o como se ele fosse louco. Que percepção!

- Você é maluco! Não pode fazer isso comigo! Nenhum tribunal aceitará uma confissão arrancada desse jeito.

Pierce arregalou os olhos, atônito.

- Mas foi o que eu acabei de dizer!

Não ouviu? Estou falando sozinho? Não, o que disser não será usado em nenhum tribunal, só no meu. E você está perdendo a causa, Simon Simplório. Mas eu sei que é inteligente e que poderá melhorar bastante nas próximas horas.

Simon Conklin arquejou quando viu um brilhante bisturi de aço inoxidável aproximando-se de seu peito.

- Olhe para mim! Quer prestar atenção no que eu digo, Simon? Não sou apenas outro terno cinzento" do FBI. Tenho perguntas importantes a fazer e quero respostas honestas. Você invadiu a casa de Cross e o atacou. Vamos começar daí.

Pierce pousou o bisturi e, com um movimento brusco, ergueu Conklin, que ficou abismado com sua força física. Então,

levou-o para o coichonete, onde o amarrou com uma corda, deixando-o totalmente indefeso.

Inclinou-se sobre ele.

- Vou lhe dizer uma coisa - falou. - Não gosto dessa sua atitude de superioridade. Acredite, você não é superior coisa nenhuma. Espanta-me ver que ainda não me fiz compreender. Você é um especinle, Simon. Quero lhe mostrar uma coisa de arrepiar.

- Não! Conklin guinchou, quando

Pierce fez uma súbita incisão em seu peito.

Começou a gritar, incrédulo.

- Vai prestar atenção agora, Simon?

Está vendo o que coloquei em cima da mesa? O seu gravador. Quero que você

confesse. Diga o que aconteceu na casa do doutor Cross. Conte tudo.

- Deixe-me em paz - Conklin pediu num fraco murmúrio.

- Não. Você nunca mais terá paz. Muito bem, vamos esquecer o bisturi e o gravador. Veja isto. Uma lata comum de Coca-Cola. Da sua geladeira, Simon.

Pierce sacudiu a latinha vermelha

com bastante força, então abriu-a. Puxou a cabeça de Conklin para trás. Agarrou-o pelos cabelos longos e ensebados. Segurou a inofensiva lata sob as narinas dele.

A bebida explodiu para cima, gás, bolhas, água doce amarronzada. Subiu pelo nariz de Conklin, em direção ao cérebro.

Um truque usado por um interrogador do Exército. Algo terrivelmente doloroso, que sempre funcionava.

Simon Conklin engasgou. Começou a tossir convulsamente e a ter ânsias de vômito.

- Espero que tenha compreendido

que sou um homem de muitos recursos. Posso trabalhar com qualquer objeto doméstico. Vai confessar? Ou quer mais um pouco de Coca-Cola?

Os olhos de Simon Conklin esbugalharam-se.

- Direi o que você quiser! Mas pare, por favor!

- Só quero a verdade. Fatos. Quero ter certeza de que solucionei um caso que Alex Cross não conseguiu.

Ligando o gravador, Pierce segurou-o sob o queixo barbado de Conklin.

- Diga o que aconteceu.

- Fui eu que ataquei Cross e a família dele. Fui eu, sim. Gary me obrigou.

Ele disse que, se eu não fizesse o que ele estava mandando, alguém viria atrás de mim para me torturar e matar. Uma pessoa que ele conheceu na penitenciária de Lorton. Essa é a verdade, juro. Gary era o chefe, não eu.

De repente, Thomas Pierce tornou-se quase terno.

- Eu sabia, Simon - disse em tom suave. - Não sou burro. Sabia que Gary obrigou você a fazer o que fez. Continuando, quando você esteve na casa de Cross, não teve coragem de matá-lo. Foi isso? Simon Conklin moveu a cabeça num gesto afirmativo. Estava exausto e

assustado. Imaginou que fora Gary quem mandara aquele louco atrás dele.

Pierce balançou a lata de Coca-Cola ameaçadoramente.

- Continue, Simon. Conte tudo sobre você e Gary.

- Nós dois apanhamos muito quando éramos pequenos - Conklin começou, embora chorasse como uma criança. - Eramos inseparáveis. Eu estava junto quando Gary pôs fogo na casa, com o pai, a madrasta e os dois filhos dela dentro. Tomei conta das duas crianças que ele seqüestrou em Washington. Fui eu que estive na casa de Cross, mas foi Gary quem planejou

tudo.

Por fim, Pierce afastou o gravador e desligou-o.

- Assim é bem melhor, Simon. Acredito em você.

A investigação terminara. Ele provara que era melhor do que Alex Cross.

- Vou lhe contar uma coisa sensacional, Simon. Acho que você vai gostar.

Ergueu o bisturi, e Conklin tentou esquivar-se, adivinhando o que iria acontecer.

- Gary Soneji era um gatinho manso, comparado comigo - Thomas Pierce comentou. - Eu sou o senhor Smith.

Sampson e eu atravessamos

Princeton a toda velocidade, transgredindo várias regras de trânsito. Os agentes que seguiam Thomas Pierce avisaram que o haviam perdido temporariamente. O sr. Smith estava livre de novo, mas era provável que o encontrassem na casa de Simon Conklin.

Momentos após termos chegado lá, Kyle deu o sinal para invadirmos a casa. Sampson e eu, que merda, teríamos de ficar na retaguarda, só observando. Sondra Greenberg também.

Sampson, Sondra, eu e meia dúzia de agentes atravessamos o pátio correndo. Nos separamos em

pequenos grupos. Alguns foram para a frente da casa, outros para os fundos, todos empunhando armas, movendo-se com rapidez e eficiência, envergando jaquetas iguais, com as letras "FBI pintadas nas costas.

Acho que ele está aí dentro - eu disse a Sampson.

Vamos desmascarar o senhor Smith!

A sala era mais escura e feia do que eu me lembrava. Não vimos ninguém. Nem Pierce, nem Simon Conklin.

A casa parecia ter sido revirada por um assaltante e cheirava horrivelmente mal.

Kyle fez um gesto com a mão, e nos espalhamos, percorrendo a casa,

numa atmosfera de grande tensão.

Não vejo o mal, não ouço o mal, mas sei que está aqui resmungou Sampson a meu lado.

Eu queria Pierce, mas queria, ainda mais, pegar Simon Conklin, pois imaginava que fora ele que invadira minha casa e atacara minha família. Precisava ficar cinco minutos a sós com ele. Para uma terapia. Terapia para mim. Talvez pudéssemos falar dele e de Gary Soneji, os grandes, como se referiam a si mesmos.

- No porão! Corram! - um agente gritou.

Eu estava sem fôlego e já sentindo dor. Meu lado direito queimava como o diabo. Segui os outros pela escada estreita.

- Jesus Cristo! - Kyle exclamou, lá na frente.

Vi Simon Conklin deitado, pernas e braços abertos, num colchão listrado, no centro do porão. O homem que atacara a mim e minha família fora mutilado. Graças às incontáveis aulas de anatomia na Johns Hopkins, eu estava mais bem preparado para a cena pavorosa. O peito de Conklin, o estômago e a região pélvica estavam abertos, como se um legista houvesse feito a autópsia na própria cena do

crime.

- Ele foi destripado - um agente murmurou. - Por quê, em nome de Deus?

Uma incisão profunda no topo do crânio deixava o osso à mostra, e o couro cabeludo fora puxado para baixo, cobrindo o rosto.

Os longos cabelos pretos pendiam do couro, ocultando o lugar onde devia estar o queixo, parecendo uma barba. Talvez um rosto escondido tivesse algum significado para Pierce.

No porão, havia uma porta de madeira que se abria para o quintal, mas nenhum dos agentes postados no lado de fora vira o assassino sair.

Vários outros homens tentavam localizá-lo.

Fiquei junto do cadáver mutilado. Naquele momento, eu não derrubaria nem uma pessoa frágil como Nana Mama. Pela primeira vez na vida, tive a percepção do que é ser velho.

- Ele fez isso em dois minutos? - perguntou Kyle Craig. - Alex, o maldito conseguiria trabalhar tão depressa?

- Conseguiria, se fosse louco como eu acho que é. Não se esqueça de que ele fez isso muitas vezes, na escola de medicina, para não mencionar todas as outras vítimas. Ele deve ser incrivelmente forte, Kyle. Não tinha

instrumentos de necrotério, nenhuma serra elétrica. Usou uma lâmina e as mãos.

Eu me encontrava de pé, perto do colchão, olhando para o cadáver. Pensei no ataque covarde a mim, a Nana e às crianças. Queria que o criminoso fosse apanhado, mas não daquele modo. Ninguém merecia aquilo. Só na Divina Comédia, de Dante, castigos tão cruéis eram impostos aos condenados.

Curvei-me, observando os restos de Simon Conklin. Por que Thomas Pierce sentira tanta raiva dele? Por que o punira daquela maneira?

O porão mergulhara em sinistro

silêncio. Sondra Greenberg estava pálida, encostada numa das paredes. Eu achava que ela já se acostumara a ver pessoas assassinadas, mas talvez isso não fosse possível para ninguém. Senti a garganta seca e precisei pigarrear, preparando-me para falar.

- Ele recortou o quadrante frontal do crânio - observei. - Executou uma craniotomia frontal. Parece que Thomas Pierce voltou a exercer a medicina.

Fazia dez anos que eu conhecia Kyle Craig, e quase isso que éramos amigos. Eu nunca o vira tão desconsolado e preocupado com um caso, por mais difícil que fosse. A

investigação de Thomas Pierce arruinara sua carreira. Pelo menos era o que ele pensava, e talvez tivesse razão.

- Como é que ele consegue escapar? - conjecturei no dia seguinte, enquanto tomávamos o café da manhã numa casa de panquecas, a PJ"s, em Princeton.

A comida era excelente, mas eu não estava com fome.

- O pior de tudo é que o desgraçado adivinha o que vamos fazer. Prevê os nossos movimentos. Mas, claro, ele foi um de nós - comentou Kyle.

- Talvez seja mesmo um alienígena observei, e ele concordou, movendo a

cabeça num gesto cansado.

Kyle comeu o resto de seus ovos moles em silêncio, a cabeça abaixada, o rosto quase dentro do prato. Não percebia como sua aparência deprimida era cômica.

- Esses ovos devem estar realmente gostosos comentei, quebrando o silêncio que só não era completo por causa do ruído do garfo de Kyle batendo no prato.

Ele me olhou com aquela sua costumeira expressão neutra.

- Estraguei tudo, Alex. Devia ter apanhado Pierce quando tive a chance. Nós dois falamos sobre isso em Quantico,

lembra?

- Teria de soltá-lo depois de algumas horas, sabe disso. E depois, o que faria? Não poderia mantê-lo sob vigilância eternamente.

- O diretor Burns queria afastar Pierce do Bureau, mas eu não concordei. Pensei que fosse apanhá-lo em flagrante.

Prometi a Burns que o faria.

Abanei a cabeça, incrédulo.

- O diretor do FBI quis expulsar Pierce? Cristo!

Kyle passou a língua para um lado e para o outro, na superfície dos dentes.

- E não só Burns - declarou. - A

história rolou até no gabinete do procurador-geral. E sabe Deus onde mais. Eu convenci a todos de que Pierce era o senhor Smith. Acharam indigesto o fato de um assassino serial ser também agente do FBI. -

Fez uma pausa, suspirando. - E agora, nunca mais o pegaremos. Não há um padrão que nos permita saber onde ele vai atacar, nenhum modo de segui-lo. O maldito está rindo de nós.

- Provavelmente - concordei. - Pierce é competitivo. Gosta de se sentir superior. Mas existem mais coisas.

Eu estivera pensando na possibilidade de Pierce ter estabelecido um padrão abstrato ou

artístico, desde a primeira vez em que ouvira falar daquele caso complicado. Sabia muito bem que ele cometera os assassinatos de modo diferente um do outro e, pior ainda, seguindo a disposição do momento. Isso tornava sua prisão quase impossível. Mas, quanto mais eu pensava na série de homicídios, e especialmente na história de Thomas Pierce, mais me convencia de que devia existir um padrão, de que ele estava cumprindo uma espécie de missão.

- O que você quer fazer, Alex? - Kyle perguntou por fim.

- Compreenderei, se não quiser trabalhar no caso.

Pensei em minha família, em Christine Johnson e nas coisas sobre as quais havíamos conversado, mas não via como poderia pular fora do caso, apesar de recear uma represália de Pierce.

- Ficarei com vocês por alguns dias - concedi. - Merda! Não acredito que eu disse isso!

Dei um soco na mesa, e os pratos e talheres saltaram. Pela primeira vez, naquela manhã, Kyle ensaiou um sorriso.

- O que planeja fazer? - indagou.

Movi a cabeça, sem poder acreditar que havia aceitado ajudar no caso.

- Vou para casa, e isso é inegociável.

Amanhã, ou depois de amanhã, irei a Boston. Quero ver o apartamento de Pierce.

Ele quis ver a minha casa, não quis? Por favor, mantenha os seus caçadores de provas na coleira, até que eu tenha examinado o apartamento. Podem olhar, tirar fotos, mas nada de mexer em coisa alguma, certo? O senhor Smith é uma pessoa muito metódica e ordeira. Quero ver como é a casa de Pierce.

Kyle tornara a ficar sério, reassumindo o ar impassível.

- Nós espantamos a caça, Alex. Não vamos pegar o miserável. Agora, ele terá mais cuidado, ou talvez

desapareça,
como já aconteceu com tantos
assassinos.

- Seria ótimo se ele sumisse, mas não acredito que isso aconteça. Vamos pegá-lo, Kyle. Os assassinatos seguem um padrão. Só que nós ainda não o encontramos.

Como dizem no "oeste selvagem", quando um cavalo derruba você, o melhor a fazer é tornar a montar imediatamente. Fiquei dois dias em Washington, que me pareceram duas horas. Todos ficaram furiosos comigo por ter entrado na caçada ao sr. Smith. Nana, as crianças, Christine. Paciência.

Peguei o primeiro vôo para Boston e cheguei ao apartamento de Pierce, em Cambridge, aproximadamente às nove. Embora relutante, o exterminador de dragões voltara à ativa.

O plano de Kyle Craig para pegar Pierce era um dos mais audaciosos já postos em prática pelo Bureau, tido como um órgão conservador. A questão, agora, era: Thomas Pierce conseguira evadir-se da área de Princeton ou ainda estaria lá?

Fora para Boston? Para a Europa? Ninguém sabia. Provavelmente, não ouviríamos falar dele, nem do sr. Smith, por muito tempo.

Os assassinatos seguiam um padrão. Só precisávamos encontrá-lo.

Pierce e Isabella Calais haviam morado juntos durante três anos, no apartamento do segundo andar daquele prédio, em Cambridge. A porta da frente dava para a sala, adjacente à cozinha. Então, um longo corredor estreito passava pelos outros cômodos. O apartamento foi uma revelação. Havia lembranças de Isabella por todos os cantos.

Era estranho e espantoso, como se ela ainda fosse viva, morasse ali e fosse aparecer de repente.

Havia fotografias dela em todos os cômodos. Em minha primeira

passada, uma revista rápida, contei mais de vinte.

Como Pierce suportava ver o rosto daquela mulher em toda parte, olhando para ele, silenciosamente, acusando-o de um assassinato pavoroso?

Era fácil entender por que Pierce se apaixonara. Isabella tinha lindos cabelos longos, castanhos, um rosto adorável,

sorria com doçura e naturalidade. Mas os olhos, em algumas fotos, possuíam um ar distante, como se ela estivesse vendo outro lugar.

Tudo ali me dava vertigens e fazia meu estômago contrair-se. Estaria

Pierce querendo nos dizer, ou a ele mesmo, que não tinha remorso, tristeza, amor no coração?

Pensando nisso, fui eu que fiquei imensamente triste. Podia imaginar que tortura era a vida daquele homem, que sofrimento devia ser não sentir amor, nenhuma emoção profunda. Em sua mente enlouquecida, Pierce acharia que, dissecando cada uma de suas vítimas, encontraria a explicação para essa falta de sentimento?

Ou, ao contrário, teria necessidade de sentir a presença de Isabella, sentir tudo com o máximo de intensidade possível?

Amara Isabella Calais mais do que imaginara poder amar alguém? Quando soubera do caso dela com um médico chamado Martin Straw, enlouquecera e matara a única pessoa a quem amara, cometendo o mais terrível dos atos?

Por que havia fotografias dela por todo o apartamento? Por que Thomas Pierce se torturava com essa contínua lembrança de seu crime?

Isabella parecia me observar, enquanto eu vagueava pelos aposentos. O que estaria tentando me dizer?

- Quem é esse homem, Isabella? - perguntei baixinho. - O que ele está

tramando?

Comecei a examinar o apartamento mais minuciosamente. Prestei muita atenção não só nos pertences de Isabella, mas nos de Pierce também. Como os dois haviam sido estudantes, não me surpreendi ao encontrar livros didáticos, artigos, papelada.

Encontrei um curioso suporte de tubos de ensaio que sustentava frascos arrolhados, cheios de areia. Cada frasco tinha um rótulo, indicando a praia de onde viera a areia: Laguna, Montauk, Normandia, Parma, Oahu.

Tive a idéia esquisita de que Pierce engarrafara parte de coisas tão vastas

e mutáveis numa tentativa de limitá-las e impor-lhes ordem.

Havia bicicletas GT Zaskar guardadas no apartamento e dois capacetes GT Machete. Isabella e Thomas andavam juntos de bicicleta através de New Hampshire até Vermont. Mais e mais, eu ficava certo de que ele a amara profundamente. Então, seu amor transformara-se num ódio tão intenso, que poucos de nós poderíamos imaginar.

Lembrei-me de que os primeiros relatórios da polícia de Cambridge descreveram o sofrimento de Pierce na cena do crime como algo impossível de fingir. Um dos

investigadores escrevera: "Ele está atônito, chocado, inconsolável. Na ocasião, não foi considerado suspeito.

O que mais? O que mais?! Tinha de haver uma pista ali. Tinha de haver um padrão.

Vi uma frase num papel emoldurado na parede do corredor:

Sem Deus, estamos condenados a ser livres". Sartre? Achei que sim. Perguntei-me se aquilo representava a opinião de Isabella ou de Pierce. Seria opinião séria? Zombeteira? "Condenados" foi uma palavra que me interessou. Thomas Pierce seria um condenado?

No quarto principal, havia uma estante, onde vi a obra em três volumes de H. L. Mencken, O Idioma Americano, na prateleira mais alta. Obviamente, livros de estimação. Um presente?

Lembrei-me de que Pierce fizera cursos paralelos de biologia e filosofia, enquanto cursava medicina. Havia livros de filosofia em todos os cômodos do apartamento. Li os nomes de alguns autores: Jacques Derrida, Foucault, Jean Baudrillard, Heidegger, Habermas, Sartre.

Também havia dicionários de francês, alemão, inglês, italiano e espanhol.

Um Oxford English Dictionary, em dois volumes, tinha letras tão pequenas que vinha acompanhado de uma lupa.

Havia um diagrama emoldurado do mecanismo da fala humana, acima da escrivaninha de Pierce. E uma citação: Linguagem é mais do que a fala. Na escrivaninha, empilhavam-se vários livros do lingüista e ativista Noam Chomsky. O que eu me lembrava de Chomsky era que ele sugerira a existência de um complexo componente biológico, necessário ao aprendizado da linguagem. Ele via a mente como um conjunto de órgãos mentais. Acho que era Chomsky.

Imaginei o que esse autor, ou o diagrama emoldurado, podiam ter a ver com Smith ou com a morte de Isabella Calais.

Perdido em pensamentos, levei um enorme susto quando ouvi um zumbido alto. Vinha da cozinha.

Tirei o Glock do coldre de ombro e comecei a caminhar pelo longo e estreito corredor. Então, corri.

Entrei na cozinha com o revólver em posição de atirar e compreendi o que produzia o zumbido. Eu levara comigo um computador portátil que Pierce deixara em seu quarto de hotel, em Princeton. O laptop fora esquecido? Deixado de propósito?

Seria outra pista? Era o alarme dele que estava tocando.

Pierce mandava um recado para nós? Um fax? Mensagem falada? Ou seria alguém mandando algo para Pierce? Chequei primeiro a mensagem falada. Era Pierce.

Voz forte, firme. Voz de uma pessoa no comando de si mesma e da situação. Era perturbador ouvi-la, sozinho no apartamento.

Doutor Cross, ou, pelo menos, acho que foi você que atendeu. Este era o tipo de mensagem que eu costumava receber quando achavam que estava perseguindo Smith. Claro, eu mesmo mandava as mensagens para mim.

Queria despistar a polícia e o FBI. Quem sabe? Talvez ainda queira. De qualquer maneira, aqui está a sua primeira mensagem: Anthony Bruno, Brielle, Nova Jersey. Por que não vem para o litoral, nadar um pouco comigo? Já chegou a alguma conclusão a respeito de Isabella? Ela é muito importante nisso tudo. Você acertou indo a Cambridge.

Smith/Pierce.

O FBI providenciou um helicóptero para me levar do aeroporto internacional de Logan a Brielle, Nova Jersey. Durante todo o tempo do vôo, fiquei pensando em Pierce, no apartamento, em Isabella Calais,

nos estudos de biologia e filosofia moderna que ele fizera, pensei em Noam Chomsky. Eu nunca imaginaria que fosse possível, nunca sonhei que fosse acontecer, mas Thomas Pierce já estava eclipsando Gary Soneji e Simon Conklin. Eu sentia nojo de Pierce. Ver as fotografias de Isabella levara-me a isso.

"Alienígena?", escrevi no bloco de anotações apoiado em meu colo. "Alienado? Alienado de quê? De sua idílica infância na Califórnia, talvez. Não se encaixa em nenhum dos perfis psicopáticos com que já trabalhamos. É original. E adora isso, não? Nenhum padrão discernível na escolha das

vítimas, que possa ter ligação com um motivo psicológico. Uma vítima parece ser sempre diferente da outra! Ele se regozija com sua originalidade. Dr. Sante, Simon Conklin, agora Anthony Bruno. Por que eles? E que significado teria o assassinato de Conklin? Parece impossível prever o próximo movimento de Pierce. Quem será a próxima vítima? Por que ele foi para o litoral de Nova Jersey?"

Ocorreu-me, então, que ele viera de uma cidadezinha litorânea. Pierce crescera perto da praia de Laguna, no sul da Califórnia. Estaria, por assim dizer, voltando para casa? Fora para o litoral de Nova Jersey para sentir-se

perto de casa, por não ousar ir mais longe?

Eu coletara uma boa quantidade de informações sobre a vida que ele levava na Califórnia, antes de mudar-se para o leste. Morara numa fazendinha não muito distante da famosa propriedade Laguna Ranch. Três gerações de médicos na família. Gente boa, trabalhadora. Os irmãos estavam todos bem de vida e nenhum deles acreditava que Pierce fosse capaz de cometer os crimes de que estava sendo acusado.

"Os analistas do FBI dizem que o sr. Smith é desorganizado, caótico, imprevisível", escrevi em meu bloco.

"E se estiverem errados? Foi Pierce quem forneceu a maioria dos dados a respeito de Smith. Pierce criou o sr. Smith, então traçou seu perfil."

Continuei, mentalmente, revistando o apartamento onde ele vivera com Isabella. Lugar limpo, arrumado, que deixava evidente que ali imperava a organização. E tudo girava em torno de Isabella. As fotos dela, roupas, até os vidros de perfume haviam sido conservados em seus lugares. O aroma de L'Air du Temps e Je Reviens ainda permeava a atmosfera do quarto.

Thomas Pierce amara aquela mulher. Sentira paixão, experimentara

emoções. Outra coisa em que o FBI estava enganado. Ele a matara porque pensara que a estava perdendo, algo que não suportaria. Isabella fora a única pessoa que o amara?

De repente, uma pequena peça do quebra-cabeça encaixou-se no lugar! Pegou-me tão de surpresa, que exclamei em voz alta:

Ele atravessou o coração de Isabella com um arpão!

Ele perfurara o coração dela. "Pierce" era sobrenome, mas também um verbo: "furar", "perfurar", "trespassar"! Ele confessara o assassinato fazendo aquilo. Confessara!

Deixara essa pista, mas a polícia não compreendera. O que mais não estaríamos compreendendo? O que o sr. Smith representaria, na mente dele? Tudo teria algum significado para Pierce? Tudo seria simbólico? Artístico? Ele estaria criando uma espécie de linguagem que deveríamos decifrar? Perfurara o coração de Isabella. Queria ser apanhado.

Apanhado e punido.

Crime e castigo.

E por que não conseguíamos pegá-lo? Aterrissarnos em Nova Jersey por volta das cinco da tarde. Kyle Craig encontrava-se a minha espera, sentado no pára-

lama de um carro azul-escuro. Tomava cerveja Samuel Adams, diretamente da garrafa.

- Já encontraram Anthony Bruno? - perguntei, aproximando-me dele. - Encontraram o corpo?

O sr. Smith vai à praia. Parecia o título de uma história infantil nada criativa.

Havia bastante claridade, fornecida pela lua, para Thomas Pierce achar seu caminho ao longo da brilhante faixa de areia branca da praia Point Pleasant. Estava carregando um cadáver. Levava o corpo de Anthony Bruno atravessado num ombro.

Caminhava ao sul do popular

Jenkinson's Pier e do muito mais recente Seaquarium. As barracas de madeira do parque de diversões estendiam-se ao longo do acostamento da praia. As pequenas construções acinzentadas pareciam tristes, fechadas daquela maneira.

Como de costume, havia música em sua mente. Primeiro, Ciobiand, de Elvis Costello, depois a Sonata a" 21 para Piano, de Beethoven, então Mother, Motlier, de Tracy Bonham. A besta selvagem que havia dentro dele não se acalmava, mas pelo menos ele podia sentir um pouco de ritmo.

Faltavam quinze para as quatro da manhã, e nem mesmo os pescadores

havam aparecido. Até o momento, ele vira apenas um carro-patrulha. A polícia daquela cidadezinha praiana era uma piada.

O sr. Smith contra os tiras de Keystone.

O lugar, ali, lembrava a praia de Laguna, pelo menos seus pontos turísticos. Ele ainda podia descrever as lojas de artigos para surfistas que pontilhavam a rodovia Pacific Coast, lá na Califórnia, os artefatos típicos do sul do Estado: sandálias Flogo, camisetas Stussy, luvas de borracha, trajes de mergulho, botas para praia. Ainda sentia o cheiro inconfundível de parafina.

Ele era forte, tinha músculos de um trabalhador braçal. Carregava Anthony Bruno pendurado num ombro, sem muito esforço. Extraíra-lhe todos os órgãos vitais, de maneira que não restara muito do homem. Anthony, agora, era uma casca. Não tinha coração, fígado, intestinos, pulmões, nem cérebro.

Thomas Pierce pensou na contínua perseguição do FBI. Os lendários caçadores de homens do Bureau eram supervalorizados, herança dos dias gloriosos de John Dillinger e Bonnie e Clyde. Ele sabia disso, porque durante anos observara o Bureau perseguir o sr. Smith, que

nunca pegariam, nem em cem anos. O FBI andava a sua procura nos lugares errados. Com certeza, um número excessivo de homens estava trabalhando naquela missão. Uma manobra que era a marca registrada do Bureau. Haveria agentes em todos os aeroportos, provavelmente acreditando que ele pretendia voltar para a Europa. E o que dizer das cartas fora do baralho, incluídas na caçada, pessoas como Alex Cross? Esse estava no caminho certo, era mais inteligente do que o resto. Pierce gostava de competir, de modo que isso não o desagradava nem um pouco. Muito pelo contrário.

O peso morto que ele carregava começou a tornar-se incômodo. Já estava quase amanhecendo. Ele não podia ser visto levando um cadáver destripado pela praia Point Pleasant.

Andou mais uns cinqüenta metros, até uma cadeira elevada de salva-vidas. Subiu os degraus rangedores com Anthony Bruno no ombro e jogou-o sentado na cadeira.

O morto estava nu, exposto aos olhos do mundo. Que visão! Anthony era uma pista. Os caçadores de homens perceberiam, mesmo que tivessem apenas metade do cérebro. Bastava que pusessem os miolos para funcionar.

- Não sou um extraterrestre. Vocês entendem isso? - Pierce gritou acima do rugido constante do mar. - Sou humano, perfeitamente normal. Sou igual a vocês!

Um jogo intelectual. Pierce contra nós.

Enquanto eu ficara revistando o apartamento, em Cambridge, uma equipe de agentes do FBI fora ao sul da Califórnia, falar com a família dele. Os pais ainda viviam na mesma pequena fazenda, entre Laguna e El Toro, onde Thomas Pierce fora criado. Henry, o pai, continuava a praticar a medicina, principalmente

entre os lavradores pobres da região. Seu padrão de vida era modesto, e a reputação da família, impecável. O irmão e a irmã de Pierce, mais velhos do que ele, eram médicos no norte da Califórnia, também trabalhavam com os pobres e eram benquistos.

Nenhuma das pessoas com quem os agentes falaram podia imaginar Thomas como assassino. Ele sempre fora bom filho e bom irmão, ótimo aluno, tivera muitos amigos e nenhum inimigo.

Não se encaixava em nenhuma das categorias de assassinos seriais que eu conhecia. Estava sendo original. Impecável era uma palavra que

saltava dos relatórios dos agentes. Talvez Thomas Pierce não quisesse ser considerado impecável.

Reli, mais uma vez, as reportagens e artigos sobre Pierce, publicados por ocasião do terrível assassinato de Isabella Calais.

Eu começara a anotar minhas dúvidas em fichas de oito centímetros por doze. O pacote crescia rapidamente. Tornei a ler algumas delas também.

Laguna, cidade comercial litorânea. Praia um pouco parecida com a de Point Pleasant e de Bay Head. Pierce matara alguém em Laguna, no passado?"

"Pierce é filho de médico. Não chegou

a exercer a medicina, mas nos tempos de estudante fez autópsias.

Estará procurando sua condição humana quando mata? Examina seres humanos por-

que receia não ser igual a eles?

"Antes da graduação, estudou biologia e filosofia. É admirador do lingüista Noam Chomsky. Ou será o Chomsky político que ele admira? Jogos matemáticos e de palavras em seu laptop."

O que nós todos não compreendíamos?

O que eu não compreendia?

Por que Thomas Pierce estava matando tantas pessoas?

Ele era impecável", não era?

Pierce roubou um BMW conversível, verde-água, na adorável e chique cidadezinha praiana de Bay Head, Nova Jersey. Na esquina da avenida East com a rua Harris, local nobre, roubou o veículo, fazendo ligação direta. Agiu rapidamente, com o sangue-frio dos batedores de carteiras que costumavam atacar nas calçadas de madeira da praia Point Pleasant. Era bom nisso. Superqualificado para esse tipo de furto.

Dirigiu-se para oeste, atravessando Brick Town em velocidade moderada, até a Garden State Parkway.

Ouviu música o tempo todo: Talking Heads, Alanis Morissette, Melissa Etheridge, Blind Faith. A música ajudava-o a sentir alguma coisa. Sempre fora assim, desde os tempos de garoto.

Uma hora e quinze minutos mais tarde, entrava em Atlantic City.

Suspirou de prazer. Amou a cidade instantaneamente, a aparência espalhafatosa, a sujeira, a gritante propensão para o pecado, sua falta de alma. Sentiu-se em casa e imaginou se os gênios do FBI já haviam ligado o litoral de Nova Jersey à praia de Laguna.

Entrando em Atlantic City, quase

esperara ver um lindo e extenso gramado descendo até o oceano, surfistas com cabelos oxigenados, pessoas jogando voleibol.

Mas não, não. Ele estava no Estado de Nova Jersey. Sua verdadeira terra, o sul da Califórnia, ficava a milhares de quilômetros de distância. Era importante não começar a ficar confuso.

Hospedou-se no Bally's Park Place. No quarto, deu alguns telefonemas. Desejava fazer uma encomenda.

Depois, parado junto à janela panorâmica, observou as ondas chicotearem a areia sem cessar. Praia abaixo,

viu o Trump Plaza. Os audaciosos e ridículos apartamentos de cobertura, encarapitados no topo do prédio principal, formavam algo parecido com uma nave espacial pronta para decolar.

"É claro, senhoras e senhores, que existe um padrão. Por que ninguém consegue descobrir qual é?"

Por que ele sempre tinha dificuldade em se fazer entender?

As duas da madrugada, Thomas Pierce mandou outra mensagem aos seus perseguidores: Inez, Atlantic City.

Desgraçado! Doze horas após resgatarmos o corpo de Anthony

Bruno, recebíamos nova mensagem de Pierce. Ele pegara outra vítima.

Entramos em ação imediatamente.

Fomos num grupo de vinte e quatro

para Atlantic City, rezando para que

ele ainda estivesse lá, que uma

mulher chamada Inez ainda não

houvesse sido aberta, "examinada"

pelo sr.

Smith e depois jogada fora como lixo.

Cartazes gigantescos transmitiam suas

mensagens publicitárias ao longo de

toda a via expressa: Caesar's Atlantic

City, Harrah's, Merv Griffin's, Hotel

Casino, Trump's Castie, Trump Taj

Mahal, Ligue 1-800-Jogos.

Em minha cabeça, três palavras

ficaram repetindo-se: Inez,
Atlantic City. Inez, uma mulher. Isso
lembra Isabella.

Armamos acampamento na sede
regional do FBI, a poucos quarteirões
do velho Steel Pier e do chamado
"Grande Caminho de Madeira". Em
geral, apenas quatro agentes ficavam
na pequena sede. Especialistas em
crime organizado e jogos, não
estavam preparados para caçar um
assassino selvagem e imprevisível,
que já fora um agente do Bureau, e
muito bom.

Um de nós comprara vários jornais,
que se achavam empilhados sobre a
mesa de reuniões, O caso Pierce

estava sendo um prato cheio para os redatores de manchetes de Nova York, Filadélfia e Nova Jersey.

ASSASSINO ALIENÍGENA VISITA O LITORAL DE NOVA JERSEY!

ASSASSINO, AGENTE DO FBI, EM ATLANTIC CITY!

CAÇADA AO SR. SMITH. CENTENAS DE AGENTES FEDERAIS

REÚNEM-SE NO LITORAL DE NOVA JERSEY!

MONSTRO À SOLTA EM NOVA JERSEY!

Sampson chegou de Washington. Queria pegar Pierce tanto quanto nós. Ele, Kyle e eu começamos a trabalhar juntos,

queimando o cérebro para adivinhar o que Pierce-Smith faria a seguir. Sondra Greenberg, da Interpol, juntou-se a nós.

Estava cansada da viagem, com olheiras profundas, mas seria uma boa ajuda porque conhecia Pierce e estivera em muitos locais da Europa onde ele cometera assassinatos.

- Não é uma porra de um caso de dupla personalidade? - perguntou Sampson.

Abanei a cabeça, negando.

- Parece que Pierce permanece no controle de suas faculdades mentais o tempo todo. Ele criou o senhor Smith com algum propósito.

- Concordo com Alex - disse Sondra, sentada no outro lado da mesa. - Mas que propósito é esse?

- Seja qual for, funcionou - Kyle aparteou. - Ele nos obrigou a correr atrás de Smith por meio mundo. E ainda estamos correndo. Ninguém nunca fez essa palhaçada com o Bureau.

Nem mesmo o grande J. Edgar Hoover? - Sondra perguntou com uma piscada maliciosa.

- Bem., como psicopata puro, Hoover estava numa categoria só dele.

Eu me levantara e andava pela sala de um lado para outro. Sentia dor no

lado do corpo onde a bala me atingira, mas não queria que ninguém percebesse. Eles me mandariam de volta para casa, e eu perderia a diversão. Então, fiquei perambulando, porque às vezes isso dá certo.

- Pierce está tentando nos dizer alguma coisa - opinei.

Tenta comunicar-se de um jeito estranho. Inez. Mulher. Lembra Isabella. Ele sente obsessão pela amante que matou.

Vocês deveriam ver o apartamento dele, em Cambridge. Inez representa Isabella? Atlantic City representa Laguna? Ele trouxe Isabella para casa?

Por quê?

Continuei nessas reflexões, suposições loucas, associações de idéias, sentindo-me inseguro e tomado de dolorosa frustração. Em minha opinião, nada que valesse a pena foi dito durante o dia todo, até tarde da noite, mas sempre havia a esperança de chegarmos a algo aproveitável.

Pierce não tentou entrar em contato novamente. Não houve mais mensagens. Kyle receava que ele houvesse partido da cidade e que continuasse indo de um lugar para outro, até deixar-nos completamente loucos. Eu e mais cinco pessoas

ficamos na sede a noite inteira. Dormimos vestidos, em cima de mesas, em poitronas e no chão.

Durante muito tempo, andei pela sala, saindo de vez em quando para a calçada de tábuas, coberta de nevoeiro. Numa última e desesperada tentativa de aliviar a tensão, comprei um saco de balas puxa-puxa Fralinger"s e comi até ficar com o estômago enjoado.

"Que tipo de sistema lógico ele está usando? O sr. Smith é sua criação, seu sr. Hyde. Qual é a missão de Smith? Por que ele veio para cá?, perguntei-me, caminhando pelo passeio deserto. "Inez é Isabella?"

Não podia ser tão simples assim. Pierce não facilitaria as coisas para nós.

"Inez não é Isabella. Houve apenas uma Isabella. Então, por que Pierce continua matando?"

Quando dei por mim, vi-me na esquina da Park Place, e foi quando consegui sorrir, sentindo-me melhor, finalmente.

Monopólio. Outro tipo de jogo? E isso?"

Voltei para o prédio do FBI e dormi um pouco. Muito pouco.

Pierce estava na cidade.

O sr. Smith também.

Uma região plana, tranqüila, arenosa.

Uma soberba extensão de praia. Quilômetros de areia. O sol, as ondas cintilantes, a espuma da arrebentação, a vista... Uma vela aqui e ali, deslizando na distância. Walt Whitman escreveu isso a respeito de Atlantic City, cem anos atrás. Agora, suas palavras aparecem escritas na parede de uma barraca de pizzas e cachorros-quentes. Whitman teria um ataque se tomasse conhecimento de tal declínio.

Saí para passear sozinho na longa calçada de tábuas, por volta de dez horas. Era um sábado ensolarado, e estava tão quente que já havia muita gente na praia.

Ainda não havíamos encontrado Inez. Não tínhamos a mínima pista. Nem mesmo sabíamos quem era ela.

Eu experimentava a desconfortável sensação de que Pierce me observava e de que eu poderia encontrá-lo de repente, andando no meio da multidão, que se tornava mais densa a cada instante. Levara meu bip comigo, para que me chamassem, no caso de ele entrar em contato conosco.

Não havia nada que pudéssemos fazer, a não ser esperar. O sr. Smith estava no comando da situação e de todos nós. Um demente encontrava-se no controle do planeta. Bem, era

essa a impressão que eu tinha.

Parei nas proximidades do Steeplechase Pier e do Hotel Casino.

Pessoas brincavam nas ondas altas, sob o sol forte. Pareciam estar divertindo-se muito e não ter preocupação alguma. Bom para elas.

Era assim que deveria ser, refleti, pensando em Damon, Jannie,

Christine, em toda a minha família.

Christine queria desesperadamente que eu abandonasse aquele trabalho,

e não podia ser censurada. No

entanto, eu não sabia se seria capaz de me despedir para sempre de

minha atividade na polícia. Perguntei-me a razão disso. "Médico, cure a si

mesmo." Talvez, um dia, eu me curasse.

Voltando a caminhar, tentei me convencer de que estávamos fazendo tudo o que podia ser feito para capturar Pierce. Passei por duas doceiras, a Fralinger"s e a James Candy, e pela antiga Peanut Shoppe, diante da qual um homem fantasiado de amendoim cabriolava naquele calor de trinta e cinco graus.

Tive de sorrir quando vi o Museu Acredite Se Quiser, logo adiante, onde se podia ver, entre outras coisas,

um caracol dos cabelos de George Washington e uma mesa de roleta

feita de balas recheadas com geléia.

No que eu não podia acreditar era o problema que tínhamos de resolver. E certamente meus colegas de equipe também achavam tudo aquilo incrível, mas o fato era que lá estávamos nós.

Fui arrancado de meus pensamentos pelo bip vibrando de encontro a minha coxa. Corri ao telefone mais próximo e liguei para a sede.

Pierce enviara outro recado, dizendo que se encontrava perto do Steel Pier e que Inez estava com ele! Que nós ainda poderíamos salvá-los!

Fora bem claro. Nós poderíamos salvá-los.

Kyle e Sampson já haviam saído para ir ao Steel Pier. Comecei a correr naquela direção. A região do ferimento começou a latejar. Eu nunca estivera tão fora de forma em toda a minha vida, nunca me sentira tão vulnerável, quase indefeso, e a sensação era horrível.

Então, percebi o que se passava comigo: eu estava com medo de Pierce. Com medo do sr. Smith.

Quando me aproximei do Steel Pier, o suor molhara minhas roupas, e eu ofegava. Tirei a camisa e andei pela multidão de torso nu. Abri caminho entre táxis velhos, peruas novas, usadas no serviço de transporte de

passageiros, bicicletas e pessoas que corriam, fazendo exercício.

Cheio de "remendos", e ainda enfaixado, eu devia parecer um fugitivo de um pronto-socorro local. Mesmo assim, era pouco provável que me notassem numa praia cheia como aquela. Um sorveteiro, carregando uma caixa no ombro, gritava:

Sua língua merece um passeio de trenó! Compre sorvetes aqui!

Estaria Thomas Pierce observando-nos e rindo de nós? Ele podia ser o sorveteiro, ou qualquer outra pessoa, naquela cena em movimento frenético.

Coloquei as mãos em concha sobre os olhos, para protegê-los do sol, e olhei para um lado e outro da praia. Vi policiais e agentes do FBI andando na multidão. Calculei que havia umas cinqüenta mil pessoas na longa faixa de areia. Ouvia o tilintar, suavizado pela distância, das campainhas eletrônicas das máquinas caça-níqueis de um hotel.

Inez. Atlantic City. Cristo!

Um louco à solta nas proximidades do famoso Steel Pier.

Procurei por Sampson ou Kyle, mas não vi nenhum deles. Procurei por Thomas Pierce, Inez e o sr. Smith.

Então, ouvi uma voz forte, que me fez

estacar abruptamente.

- É o FBI!

A voz soara através de um alto-falante. De um dos hotéis, provavelmente, ou de um posto policial.

- É o FBI falando - Kyle Craig anunciou. - Alguns de nossos agentes encontram-se na praia neste momento. Colaborem com eles e com a polícia de Atlantic City. Façam o que eles mandarem. Não há razão para se preocuparem. Colaborem com os policiais.

A massa humana tornou-se estranhamente silenciosa. Todo mundo começou a olhar em volta,

procurando os homens do FBI. Não, não havia razão para preocupação, a menos que localizássemos Pierce. A menos que encontrássemos o sr. Smith "operando alguém no meio da multidão.

Caminhei na direção do famoso parque de diversões, onde, ainda menino, eu assistira a um show do cavalo mergulhador. Os banhistas, parados à beira da água, observavam a praia. Parecia uma cena do filme Tubarão.

Ali, era Thomas Pierce quem estava no comando.

Um helicóptero Bell Jet Ranger preto pairava a menos de setenta metros do

chão, e outro vinha chegando do lado nordeste. Aproximou-se do primeiro, então afastou-se na direção do Hotel Taj Mahal. Vi atiradores de elite posicionados nas duas aeronaves.

Pierce, certamente, também podia ver, assim como as pessoas na praia. Eu sabia que havia atiradores nos hotéis das redondezas. Pierce devia saber disso. Era do FBI. Sabia tudo o que fazíamos. Essa era sua grande vantagem. Ele estava vencendo.

Notei um tumulto perto do Steel Pier. As pessoas amontoavam-se, querendo ver alguma coisa, enquanto outras afastavam-se o mais depressa que podiam. Fui para lá.

O barulho da multidão voltara a crescer. Ouvi música tocando no rádio de alguém. O cheiro de algodão-

doce, cerveja e cachorro-quente subia no ar. Comecei a correr na direção do Steel Pier, lembrando-me do cavalo mergulhador e de Lucy, a elefanta de Margate. Tempos bons de antigamente.

Vi Sampson e Kyle. Estavam inclinados sobre alguma coisa no chão.

Oh, Deus, não! Inez. Atlantic City!"

Minha pulsação descontrolou-se.

Uma adolescente de cabelos escuros soluçava, o rosto enterrado no peito de um homem. Outras pessoas olhavam boquiabertas para o cadáver, que fora mal envolvido num cobertor. Eu não conseguia imaginar como chegara ali, mas lá estava.

"Inez. Atlantic City. Tem de ser Inez."

A mulher assassinada parecia ter pouco mais de vinte anos, mas era difícil afirmar. Pele pálida, arroxeadada em certos pontos. Longos cabelos loiros. Olhos afundados. Lábios sem cor alguma. O maldito "operara"

Inez. As costelas haviam sido

removidas, expondo pulmões, esôfago, traquéia e o coração.

Inez lembrava Isabella.

Pierce não extraíra seu coração.

As trompas de Falópio e os ovários estavam arrumados cuidadosamente ao lado do corpo. As trompas pareciam um conjunto de brincos e colar.

De repente, as pessoas começaram a apontar para alguma coisa no mar.

Virei-me para olhar, protegendo os olhos com uma das mãos.

Um avião monomotor deslizava ao longo da praia, vindo do lado norte. Do tipo usado para fins publicitários. Levava faixas de doze metros de

comprimento, anunciando hotéis, bares, restaurantes e cassinos.

Uma das faixas flutuava como uma longa cauda atrás do aviãozinho, que se aproximava cada vez mais.

Não pude acreditar quando li o que estava escrito.

"O sr. Smith está indo embora. Acenem para ele".

Cedo, na manhã seguinte, voltei para Washington. Precisava ver meus filhos, dormir em minha cama, ficar longe, bem longe de Thomas Pierce e de sua monstruosa criação, o sr. Smith.

Descobrimos que Inez era uma garota de programa que trabalhava para um

serviço local. Pierce pedira que mandassem uma acompanhante ao seu quarto, no hotel onde se hospedara, o Bally's Park Place. Eu começava a acreditar que ele se sentia íntimo apenas de suas vítimas. Mas o que mais poderia estar levando-o a cometer aqueles assassinatos pavorosos? Por que Inez? Por que o litoral de Nova Jersey?

Eu tinha de escapar de tudo aquilo por dois dias, ou, se isso não fosse possível, por algumas horas. Pelo menos, não havíamos recebido nenhuma outra mensagem. Pierce não nos dera outro nome, não indicara outro local, obrigando-nos a

correr para lá.

Telefonei de Atlantic City para Christine e perguntei-lhe se queria jantar comigo e minha família naquela noite. Ela disse que sim, que gostaria muito, que estava ansiosa para me ver. Isso me pareceu incrivelmente bom. O melhor remédio para a minha doença.

Ouvi o som de sua voz em minha mente durante toda a volta para Washington. Ela estava ansiosa para me ver.

Damon, Jannie e eu passamos a manhã preparando tudo para a reunião da noite. Compramos mantimentos no Citronella e também

no Giant.

Eu quase tirara Pierce-Smith da cabeça, mas fui fazer as compras levando meu Glock num coldre de tornozelo.

No Giant, Damon separou-se de nós para procurar RC Cola e salgadinhos. Jannie e eu, então, tivemos a chance de conversar. Eu sabia que ela estava louca para fazer e ouvir confidências. Minha filha tem uma imaginação superativa, e eu mal podia esperar para descobrir o que se passava em sua cabecinha.

Jannie estava encarregada de empurrar o carrinho, e a barra de metal para o apoio das mãos ficava

um pouco acima do nível de seus olhos. Ela olhava para a imensa quantidade de cereais expostos no corredor que percorríamos, procurando as melhores opções. Nana Mama ensinara-lhe a delicada arte de fazer compras em supermercados, e ela era até capaz de ir somando tudo mentalmente.

- Não quer conversar comigo? - sugeri.

- Meu tempo é todo seu, agora. Papai está em casa.

- Hoje, você está - ela replicou em tom de censura.

- Não é fácil ser verde - eu disse, recitando uma de nossas frases favoritas, tornada famosa por Caco, a

rã de Vila Sésamo.

Ela deu de ombros. Iria ser difícil amaciá-la.

- Você e Damon estão com raiva de mim? - perguntei em tom suave. - Diga a verdade, amiguinha.

Ela se deixou amaciar um pouco.

- Nem tanto, papai. Você está fazendo o melhor que pode - respondeu, finalmente encarando-me.

- Pelo menos está tentando, não é? Mas é muito ruim quando você vai embora.

Sinto saudade. Nada é igual quando você está longe.

Abanei a cabeça e sorri, imaginando de onde ela tiraria a maior parte de

suas idéias. Nana Mama jurava que Jannie tinha idéias próprias.

- Gostou de eu ter sugerido um jantar festivo? - perguntei.

- Mas claro! - Ela sorriu amplamente. - Adoro quando vai gente jantar lá em casa.

- E Damon? Ele também gostou da idéia de Christine jantar conosco?

- Ele está um pouco assustado porque ela é a diretora da nossa escola, mas também gostou. Você conhece Damon. Ele é legal.

- Ele é legal, sim. Então, o jantar não é problema? Você não está com medo? Nem um pouquinho?

- Não. Jantares não me assustam. Um

jantar é um jantar.

Cara, ela é inteligente, pensei. "É muito sutil para a idade."

Conversar com Jannie era como falar com um adulto muito sábio. Ela já era poetisa, e também filósofa. Um dia competiria com Maya Angelou e Toni Morrison.

- Você tem de continuar correndo atrás dele? Atrás do vagabundo do senhor Smith? - minha filha indagou por fim. - E,

acho que tem - murmurou, respondendo à própria pergunta.

- Estou fazendo o melhor que posso - declarei, repetindo uma de suas frases anteriores.

Jannie ergueu-se na ponta dos pés. Curvei-me, percebendo que não precisava me abaixar tanto quanto uns tempos atrás. Ela me deu um beijo no rosto, "uma beijoca", como costuma dizer.

- Você é supimpa, papai - disse.

"Supimpa" era uma das palavras antiquadas que Nana Mama usava, e Jannie adotara-a.

Buuu! Damon exclamou, aparecendo no canto do corredor de refrigerantes. Sua cabeça estava emoldurada por um mar de garrafas e latas de Pepsi, vermelhas, brancas e azuis. Puxei-o para mim e beijei-o no rosto e no topo da cabeça. Abracei-o do modo

como gostaria que meu pai houvesse me abraçado quando eu era menino. Demos um show para quem se encontrava naquele corredor do supermercado. Um show e tanto.

Eu amava meus filhos, e que eterno dilema isso representava! O Glock em minha perna pesou e tornou-se quente como um atizador retirado do fogo. Eu queria poder tirá-lo de lá e nunca mais carregar uma arma comigo.

Mas sabia que não podia. Thomas Pierce continuava livre em algum lugar, assim como o sr. Smith e muitos outros. Por alguma razão, eu achava que era minha obrigação tirá-los de

circulação, deixando o mundo um pouco mais seguro para todos.

- Você está "viajando" papai! - Jannie acusou, franzindo a testa. - Viu? Foi embora de novo. Estava pensando no senhor Smith, não estava?

"Christine pode me salvar. Se é que existe alguém que pode fazer isso, se é que posso ser salvo nesta altura da vida.

Cheguei à casa dela por volta de seis e meia, O lado do corpo doía de novo, e eu me sentia uma mercadoria avariada,

mas não teria deixado de ir buscar Christine por nada deste mundo.

Ela foi me atender usando um vestido

cor de laranja e sandálias de salto alto. Estava um pouco mais do que linda. Seu sorriso confirmava que ela estivera de fato ansiosa para me ver. Então, era verdade. Você sentiu a minha falta.

Pode apostar que sim. Pensou que eu estava brincando?

Tomei-a nos braços ali mesmo no alpendre, com flores vermelhas e brancas e rosas trepadeiras a nossa volta. Apertei-a contra o peito e começamos a nos beijar.

Perdi-me em sua boca macia, em seus braços. De olhos fechados, aninhei o rosto dela entre as mãos, acariciando-lhe as faces, o nariz, as pálpebras.

O choque causado por esse gesto íntimo foi maravilhoso e dominador. Tão bom, tão gostoso, desejado por tanto tempo.

Abri os olhos e vi que ela me fitava. Tinha os olhos mais expressivos que eu já vira.

Adoro o modo como você me abraça, Alex - Christine murmurou, mas seus olhos diziam muito mais. - Adoro o jeito como me toca.

Entramos, beijando-nos novamente.

- Temos tempo? - ela perguntou, rindo.

- Só se fôssemos loucos para não termos. E não somos, não é?

- Claro que não somos.

O vestido alaranjado escorregou para o chão. Gostei da maciez do xantungue, mas a pele de Christine era ainda mais macia. Ela estava usando perfume. Shalimar. Também gostei. Tive a sensação de que já estivera com ela ali, talvez num sonho. Era como se eu viesse imaginando aquele momento por um longo tempo e, de repente, ele se tornasse real.

Ela me ajudou quando comecei a tirar-lhe o sutiã de meia-taça. Juntos, descemos a calcinha, quatro mãos trabalhando ao mesmo tempo. Então, estávamos nus, exceto por um cordão retorcido de onde pendia uma opala

cor de fogo que ela usava ao redor do pescoço.

Lembrei-me de um poema que falava da magia que existia na nudez dos amantes, aumentada pelo toque de beleza de uma jóia. Baudelaire?

Mordi-a delicadamente no ombro, e ela me imitou, mordendo o meu.

Eu estava tão excitado que meu membro doía, mas era uma dor deliciosa. Eu amava aquela mulher com todas as minhas forças, e ela me enchia de desejo. Cada centímetro de seu corpo tinha o poder de acender minha paixão.

Está me deixando um pouco louco - sussurrei.

- Só um pouco?

Meus lábios desceram por seus seios, pelo estômago. Christine estava inteirinha perfumada. Beije-a entre as coxas, e ela começou a dizer meu nome baixinho, então mais alto. Penetrei-a, encostando-a na parede cor de creme.

- Eu te amo - murmurei.

- Eu te amo, Alex.

Ela era forte, delicada e graciosa, tudo ao mesmo tempo. Dançamos, e não num sentido metafórico. Dançamos realmente.

Amei o som de sua voz, seus gritinhos suaves, a música que cantou, unida a mim. Então, também comecei a

cantar.

Reencontrara minha voz pela primeira vez em muitos anos. Não sei quanto tempo se escoou. O tempo não existia.

Havia algo de eterno naquilo, algo de muito real.

Christine e eu ficamos banhados de suor. Até a parede atrás de nós estava úmida e escorregadia. O ritmo selvagem do começo tornara-se mais lento, mas ainda mais avassalador. Eu sabia que só quem conhecia aquele tipo de paixão tinha uma vida completa.

Eu mal me movia dentro dela. Ela contraiu os músculos a minha volta, e

investi mais fundo. Começamos a nos mover um contra o outro, tentando um contato ainda maior. Estremecíamos, querendo estar mais perto.

Christine chegou ao clímax, e depois gozamos juntos. Dançamos e cantamos. Senti-me derreter dentro dela e nós dois ficamos repetindo: assim, assim, assim.

Ninguém podia nos tocar naquele momento. Ninguém, nem Thomas Pierce.

- Já disse que te amo? - murmurei.

- Já, mas diga de novo.

Crianças são muito mais espertas do que geralmente julgamos. Elas

descobrem quase tudo e, com frequência, antes de nós.

- Vocês estão atrasados! Um pneu furou, ou vocês ficaram namorando? - Jannie indagou, assim que Christine e eu entramos.

Ela consegue dizer tais indiscrições e sair impune. Como sabe disso, não perde uma chance.

- Ficamos namorando - respondi. - Satisfeita?

Claro. - Jannie sorriu. - Na verdade, nem estão atrasados.

Chegaram na hora.

O jantar com Nana e as crianças não foi um anticlímax, mas o ponto alto. Uma refeição agradável, divertida.

Aquilo era estar em casa. Nós todos arrumamos a mesa, servimos a comida, então comemos com verdadeiro abandono. Tivemos filés de peixe-espada, batatas, pêras, biscoitos de nata. Tudo foi preparado com grande esmero por Nana, Damon e Jannie, e servido quentíssimo. A sobremesa foi a famosa torta de limão de Nana, feita especialmente para Christine.

Acredito que a palavra simples, todavia complexa, que estou procurando seja alegria.

A alegria era óbvia ao redor da mesa. Eu a via nos olhos vivos e brilhantes de Nana, Jannie e Damon. E nos

olhos de Christine. Observando-a, durante o jantar, refleti que ela poderia ser uma pessoa famosa em Washington, que poderia ser tudo o que quisesse. Escolhera ser professora, e isso era algo que eu também admirava nela.

Contamos histórias antigas de nossa família, que sempre eram repetidas em ocasiões especiais como aquela. Nana foi engraçada o tempo todo, e nos deu seu melhor conselho a respeito da velhice:

Como não podemos revogá-la, é melhor esquecê-la.

Após o jantar, toquei piano e cantei alguns blues. Jannie exibiu-se,

dançando uma versão para jazz de Blueberry Hifi. Até Nana executou alguns passos, embora protestasse, dizendo que não sabia dançar, que nunca soubera. Mas sabe, e muito bem.

Um momento, uma cena, gravou-se em minha mente, e acredito que nunca se apagará, até o dia de minha morte. Foi quando estávamos na cozinha lavando a louça.

Lavei um prato, coloquei-o no escorredor e, quando me virei para pegar outro, parei, ficando imobilizado.

Jannie estava no colo de Chrístine, e as duas formavam um quadro lindo.

Riam de modo natural, à vontade uma com a outra. Como nunca antes, compreendi que Jannie e Damon estavam perdendo muita coisa vivendo sem mãe.

Alegria." Palavra tão fácil de dizer, algo tão difícil de encontrar.

Pela manhã, eu teria de voltar ao trabalho.

Ainda era um exterminador de dragões.

Isolei-me para refletir, para em silêncio render-me à necessidade obsessiva de pensar em Thomas Pierce e no sr. Smith.

Falei com Kyle, sugerindo o que Pierce poderia fazer a seguir e as

precauções que provavelmente tomaria. Agentes foram enviados a Cambridge, para vigiar o apartamento de Pierce. Outros receberam a missão de permanecer perto da casa dos pais dele, na Califórnia, e até o túmulo de Isabella Calais estava sendo vigiado.

Pierce tivera paixão por Isabella. Ela fora a única mulher que ele amara. Isabella e Thomas Pierce! A chave de tudo era o amor obsessivo que ele sentira por ela.

Pierce está sofrendo a dor insuportável do remorso, escrevi em meu bloco. "Se minha hipótese está correta, que fio da meada não

consegui encontrar?"

Em Quantico, uma equipe de analistas do FBI tentava resolver o problema no papel. Todos eles haviam trabalhado com Pierce no Departamento de Ciência do Comportamento.

Nada, absolutamente nada na vida anterior de Pierce tinha semelhança com a dos assassinos psicopatas com quem eles haviam lidado antes.

Thomas Pierce nunca sofrera abusos, físicos ou sexuais. Nunca fora vítima de nenhuma violência, ou, pelo menos, ninguém sabia nada a respeito. Não apresentara sintomas de loucura em época alguma.

Pierce agia com extrema originalidade. Nunca existira um monstro igual a ele. Seu caso era sem precedentes.

"Thomas Pierce estava profundamente apaixonado. O que teria significado para ele matar a única pessoa a quem amava?", escrevi em meu bloco.

Eu não conseguia sentir nem um pingo de compaixão por Pierce, nem mesmo, como psicólogo, uma moderada empatia com ele. Eu o desprezava por seus assassinatos cruéis, a sangue-frio, como nunca desprezara nenhum outro assassino, nem mesmo Soneji.

Kyle e Sampson compartilhavam meus sentimentos, assim como o pessoal do Bureau, principalmente a boa gente do Departamento de Ciência do Comportamento. Todos estávamos num estado de fúria, agora. Determinados a impedir Pierce de continuar com suas monstruosidades, a qualquer custo. Ele estaria usando essa ansiedade para implodir nossos cérebros?

No dia seguinte, trabalhei em casa. Tranquei-me com meu computador, vários livros e os blocos de anotações. Só tive folga quando parei para levar Damon e Jannie para a escola e depois tomar o café da manhã com

Nana.

Eu estava com a boca cheia, mastigando um pouco de ovo pochê com um pedaço de torrada, quando ela se inclinou sobre a mesa e deslanchou num daqueles seus ataques de bisbilhotice.

- Você não quer discutir esse caso de assassinato comigo, ou é impressão minha?

Prefiro falar do tempo ou de qualquer outra coisa - respondi.

- Seu jardim está lindo. Seu novo penteado é muito bonito.

- Todos nós gostamos muito de Christine, Alex - ela informou, mudando de assunto. - Se quer saber,

mas esqueceu de perguntar, ela nos conquistou. Foi a melhor coisa que aconteceu a você desde Maria, O que vai fazer? Quais são os seus planos?

Revirei os olhos, mas tive de sorrir da manobra de ataque de minha avó.

- Primeiro, pretendo acabar esta refeição deliciosa que você preparou. Depois, vou voltar ao trabalho, lá em cima. O

que acha?

- Você não deve se arriscar a perder Christine, Alex. Não faça isso - Nana aconselhou em tom de repreensão. -

Mas sei que não vai dar atenção a uma velha decrépita, que só serve para cozinhar e cuidar da casa.

- E falar - repliquei com a boca cheia.
- Não esqueça o falar, velhinha.
- Eu não falo apenas, netinho. Faço ótimas análises psicológicas, sou chefe de torcida, quando necessário, e dou orientações muito boas.
- Tenho uma estratégia de jogo, chefe de torcida - informei, parando por aí.
- Que seja uma estratégia que lhe dê a vitória, Alex. Se você perder Christine, nunca se recuperará do golpe - Nana declarou, ficando com a última palavra.

A caminhada com as crianças e mesmo a conversa com minha avó revitalizaram-me. Eu sentia a mente clara e alerta.

Trabalhei com ânimo pelo resto da manhã.

Eu começara a cobrir as paredes do quarto com lembretes, teorias e esboços de mais teorias ainda a respeito de Thomas Pierce. Pela aparência do quarto, era de se julgar que eu sabia o que estava fazendo, mas de acordo com a sabedoria popular, as aparências quase sempre enganam. Eu tinha uma centena de pistas e, ao mesmo tempo, nenhuma.

Lembrei-me de algo que Smith escrevera em uma de suas mensagens a Pierce, que a passara ao FBI: É o deus dentro de nós que faz as leis e as

revoga. E quem está dentro de nós é Deus.

Eu achara as palavras familiares e, finalmente, descobrira a fonte. Quem escrevera aquilo fora Joseph Campbell, o mitólogo e folciorista americano que lecionava na Harvard quando Pierce estudava lá.

Tentando ver o quebra-cabeça sob ângulos diferentes, descobri dois caminhos bastante interessantes.

Primeiro, Pierce estudara lingüística na Harvard e admirava Noam Chomsky. Interesse por linguagem, por palavras.

Segundo, Pierce era extremamente organizado. Criara a falsa impressão

de que o sr. Smith era desorganizado, despistando propositalmente o FBI e a Interpol.

Pierce vinha deixando pistas desde o início, e algumas delas eram óbvias.

Ele queria ser apanhado. Então, por que não se deixava apanhar?

Assassinato. Punição. Estaria Thomas Pierce punindo a si mesmo, ou às outras pessoas? No momento, ele estava me punindo com as penas do inferno, sem dúvida.

Talvez eu merecesse.

Um pouco antes das três da tarde, fui buscar meus filhos na Sojourner Truth, aproveitando para dar uma caminhada.

Não que eles precisassem de que alguém fosse buscá-los, mas eu queria estar com os dois o máximo que pudesse.

Além disso, minha cabeça doía, e eu tinha necessidade de sair um pouco, de parar de pensar.

Vi Christine no pátio da escola, rodeada de crianças pequenas. Lembrei-me de que ela dissera que queria ter filhos.

Parecia muito feliz, e dava para notar que os pequeninos gostavam de sua companhia. Quem não gostaria? Ela girava uma corda de pular, e nem parecia a diretora da escola, apesar do severo conjunto de saia e blazer

azul-marinho.

Sorriu ao me ver avançar pelo pátio cheio de crianças. O sorriso aqueceu as fibras de meu coração e todas as outras também.

- Vejam quem saiu para tomar ar! - ela exclamou.

- Quando eu estava no último ano do ginásio, tive uma namorada que estudava na John Carroli - contei, enquanto ela continuava a girar sua ponta da corda Day-Glo cor-de-rosa. - O namoro durou até o fim do primeiro colegial.

- É mesmo? Uma decente menina católica? Blusa branca, saia pregueada, sapatos de duas cores?

Ela era muito boazinha. É botânica agora. Eu costumava ir a pé até a avenida South Carolina com a esperança de ver Jeanne, nem que fosse por dois minutos, quando ela saísse da escola. Estava seriamente apaixonado.

- Por causa dos sapatos bicolores, suponho. Está tentando me dizer que está apaixonado de novo? - Christine riu.

As crianças não podiam ouvir o que dizíamos, pois falávamos baixo, mas riram também.

- Mais do que apaixonado. Estou louco de amor.

- Isso é muito bom - ela disse, ainda

virando a corda cor-de-rosa e sorrindo para os pequenos. - Sabe por quê? Porque também estou. E quando esse seu caso acabar, Alex...

- Farei o que você quiser - afirmei, interrompendo-a.

Os olhos dela tornaram-se mais luminosos do que de costume.

- Quero um fim de semana com você, longe de tudo. Talvez possamos ir a uma pousada no campo, mas qualquer outro lugar tranquilo servirá.

Eu ansiava por tomá-la nos braços e beijá-la, mas naquele pátio isso não era possível.

- Teremos um fim de semana só nosso

- prometi.

- Vou cobrar. Louco de amor", hein? Ótimo, mas vamos ver se é verdade quando estivermos sozinhos, longe de tudo.

Em casa novamente, trabalhei no caso Pierce até a hora do jantar. Comi rapidamente alguns hambúrgueres e purê de abóbora, com Nana e as crianças. Ouvi mais um sermão irritado por ser viciado em trabalho, um dependente irrecuperável. Nana colocou um pedaço de torta doce em um pratinho, que levei para o meu quarto. Bem alimentado, mas profundamente insatisfeito.

Não podia evitar. Estava

profundamente preocupado. Thomas Pierce podia já ter agarrado outra vítima.

Talvez estivesse executando uma "autópsia naquele exato momento. Se fosse o caso, logo nos mandaria um recado.

Reli as anotações pregadas nas paredes do quarto. Sentia que estava prestes a encontrar a resposta que procurava, e isso me deixava louco. Vidas humanas estavam penduradas por um fio.

Pierce perfurara o coração de Isabella.

Seu apartamento em Cambridge era um santuário à memória dela.

Ele "voltara para casa", indo para a praia de Point Pleasant. Podíamos tê-lo apanhado lá, se fôssemos bastante inteligentes, se fôssemos tão hábeis quanto ele.

O que não estaríamos compreendendo, o FBI e eu?

Trabalhei mais um pouco, tentando chegar a alguma conclusão com as pistas de que dispunha.

"Ele sempre perfura suas vítimas, raciocinei, imaginando se Pierce era impotente, ou fora, sendo incapaz de manter relações sexuais com Isabella.

"O sr. Smith opera como um cirurgião, e Pierce formou-se em medicina, mas não chegou a praticá-

la. Falhou na profissão, a mesma do pai e dos irmãos."

Fui para a cama cedo, não eram nem onze horas, mas não consegui dormir. Telefonei a Christine e conversamos por cerca de uma hora. Porém, mesmo enquanto eu ouvia a música de sua voz, não podia deixar de pensar em Pierce e Isabella.

Pierce amou Isabella. Foi um amor obsessivo. O que me aconteceria se eu perdesse Christine? O que aconteceu a Pierce depois que ele matou a mulher amada? Ele enlouqueceu?

Quando desliguei o telefone, voltei a trabalhar. Por um instante, imaginei

que o padrão de Pierce tinha algo a ver com a Odissëia, de Homero. Ele estaria voltando para casa depois de uma série de tragédias e infortúnios, como Ulisses?

"Não, não é isso."

Qual era, raios, a chave de seu código? Se ele pretendia nos deixar loucos, certamente estava conseguindo.

Comecei a jogar com os nomes das vítimas, começando pelo de Isabella e terminando com o de Inez. O círculo de letras fechara-se, indo de "1" a "1"? Olhei para o relógio na escrivaninha. Quase uma e meia da madrugada. Mas continuei.

Escrevi a letra "I". Podia ser um começo. Tentei várias combinações com as letras dos nomes todos. ISU... CMD... IMD...

Tentei outra combinação. IMU. Parei. Olhei para o papel. Isabella, Michaela, Ursula. As três primeiras vítimas. Li os nomes de todas as outras, escritos na ordem em que haviam sido cometidos os assassinatos.

Comecei a embaralhar os nomes. Meu coração martelava, excitado. Eu sentia que estava no caminho certo. Pierce deixara pistas, que haviam estado diante de nossos olhos o tempo todo. Mas ninguém vira,

porque os crimes de Smith pareciam não obedecer a padrão algum.

Continuei a escrever, usando os primeiros nomes, os do meio e os sobrenomes das vítimas. Observei uma combinação em que usara iniciais das quatro primeiras vítimas: IMOL. "I" de Isabella, "M" de Michaela, "O" de Ondine, segundo nome de Ursula, então "L", de Lawrence.

Sim, eu estava no caminho certo! Havia um padrão para os assassinatos de Pierce-Smith, afinal! Ele selecionara as vítimas pelos nomes. Tudo começara com seu amor por jogos de palavras.

Thomas Pierce desejava ser apanhado, no início, mas então algo mudara. Ele se tornara ambivalente no que dizia respeito a sua captura. Por quê?

Continuei juntando letras, até que cheguei a um resultado. Olhei para o que acabara de montar.

- Filho da puta! - xinguei baixinho. - Ele segue um ritual.

I Isabella Calais.

M Stephanie Michaela Apt.

O Ursula Ondine Davies.

L Lawrence Michael Neel.

E Brigid Erin Dwyer.

I Mary Ingrid Klauk.

S Robin Anne Schwartz.

I Clark Daniel Ibel.

M David Martin Hale.

I Isadore Morris.

S Theresa Anne Secrest.

A Elizabeth Allison Gagnano.

B Baírbara Maddalena.

E Edwin Mueiler.

L Laurie Garnier.

L Lewis Lavine.

A Andrew Klauk.

C Inspetor Drew Cabot. A Dr. Abel Sante.

L Simon Lewis Conklin.

A Anthony Bruno.

I Inez Marquez.

S?

A frase dizia: Imolei, sim, Isabella

Calais.

Ele facilitara tudo para seus perseguidores. Zombara de nós desde o início. Pierce queria que alguém o fizesse parar, queria ser capturado. Então, por todos os diabos, por que não se obrigara a parar? Por que permitira que a série de assassinatos brutais continuasse?

IMOLEI, SIM, ISABELLA CALAIS.

Os assassinatos eram uma confissão de que talvez Pierce já estivesse terminando. E, então, o que aconteceria? Quem forneceria o S" que faltava?

Smith? Ele mataria Smith

simbolicamente? Smith desapareceria para sempre?

Telefonei a Kyle e depois para Sampson, contando-lhes o que descobrira. Era alta madrugada, e nenhum dos dois ficou exultante ao ouvir o que eu tinha a dizer. Não sabiam o que fazer com o jogo de palavras que eu armara. Eu também não sabia.

- Não sei o que isso acrescenta - Kyle disse. - Não sei o que prova, Alex.

- Nem eu. Ainda não. Mas agora sabemos que ele vai matar alguém com um S" no nome.

- George Steinbrenner - Kyle resmungou. - Strom Thurmond. Sting.

- Vá dormir - repliquei.

Minha cabeça estava dando voltas malucas, e dormir era algo que eu podia esquecer. Talvez Pierce nos mandasse uma mensagem em breve, possivelmente naquela mesma noite. Estava zombando de nós. Zombara desde o início.

Eu queria mandar-lhe uma mensagem. Talvez devesse me comunicar com ele através da televisão ou dos jornais. Era necessário sair da posição de defesa e começar a atacar.

Deitei-me e fiquei olhando para a escuridão. O S seria de Smith? Minha cabeça latejava. Eu estava exausto, e,

por fim,
o sono chegou. No limite da
inconsciência, reagi.

Num movimento abrupto, sentei-me
na cama, totalmente desperto.

O "S" não era Smith!

Eu sabia quem era.

Thomas Pierce encontrava-se em
Concord, Massachusetts. O sr. Smith
também.

Eu, por fim, penetrara em sua mente,
lendo suas intenções.

Sampson e eu ficamos de prontidão
numa ruazinha convidativa e
pitoresca, perto da casa do dr. Martin
Straw, o homem que fora amante de
Isabella. Martin Straw era o S que

faltava para completar o enigma proposto por Pierce.

O FBI armara uma cilada para o assassino, na casa do médico. Daquela vez, para não alertar Pierce, não mandara um enorme contingente de homens. Kyle Craig estava sendo prudente, e com boas razões. Ou, talvez, houvesse outro motivo.

Continuamos à espera, a manhã toda e parte da tarde. Concord era uma cidade pacata, um tanto reprimida, que parecia saber envelhecer com graça. As casas de Thoreau e Alcott ficavam naquelas redondezas. Quase todas as outras ostentavam uma placa comemorativa com uma data inscrita.

Um lugar histórico.

Permanecemos no posto, aguardando Pierce, enquanto as horas se arrastavam lentamente. Talvez eu estivesse errado sobre o Por fim, ouvimos uma voz ao nosso rádio.

- Localizamos Pierce - Kyle informou.

- Ele realmente veio para cá. Mas algo não está batendo, Alex. Ele não foi para a casa do doutor Straw. Voltou na direção da Rota 2. Viu alguma coisa de que não gostou.

Sampson olhou para mim.

- Eu disse que Pierce era cauteloso, que tem instintos aguçados. É um marciano desgraçado, Alex.

- Ele sabe como o Bureau trabalha -

comentei. - Notou alguma coisa que denunciou a nossa presença.

Kyle e sua equipe haviam decidido que deixariam Pierce entrar na casa do médico e, então, o prenderiam. O dr. Straw,

sua esposa e filhos haviam sido removidos de lá. Precisávamos de provas sólidas contra Thomas Pierce. Poderíamos perder a causa se o levássemos a julgamento sem elas.

Recebemos nova mensagem de Kyle.

- Pierce continua na direção da Rota 2. Está fugindo! Alguma coisa assustou-o.

- Com certeza ele tem um rádio! - exclamei. - Está captando as nossas

comunicações.

Agarrei o microfone para falar com Kyle.

- Chega de conversas pelo rádio. Pierce está ouvindo - avisei.

- Foi assim que nos descobriu.

Dei partida no motor e coloquei o veículo em movimento, imprimindo uma velocidade de noventa quilômetros por hora, totalmente incompatível com a movimentada rua Lowell. Estávamos mais perto da Rota 2 do que os outros.

Talvez ainda pudéssemos capturar Pierce.

Um BMW prateado passou por nós, vindo do lado oposto. A motorista

tocou a buzina furiosamente. Eu não podia culpá-la. Noventa por hora era uma velocidade perigosa naquela via estreita. A loucura recomeçara, tudo fugia ao nosso controle, obedecendo ao capricho de um demente.

- Lá está ele! - Sampson berrou.

O carro de Pierce dirigia-se para o centro de Concord, a área mais congestionada da cidade. E ia depressa demais.

Passamos por casas coloniais, lojas e, por fim, nos aproximamos da praça do Monumento. Vi de relance o prédio da prefeitura, o Hotel Concord, o Masons Hall. Depois, uma placa indicando a Rota 62. E outra,

apontando para a Rota 2.

Nosso sedã passava por carros e mais carros. Freios guinchavam a nossa volta. Motoristas buzinavam, enfurecidos e assustados com o que viam.

Sampson prendia o fôlego, como eu. Há uma piada sobre guardas de trânsito que param motoristas negros ilegalmente em áreas suburbanas. Contravenção alegada: "DEN, dirigir em estado de negrura. Mas, ali, uma multa não seria ilegal.

vamos a cento e dez, dentro do perímetro urbano.

Saímos do centro sem parar uma única vez: rua Walden, rua Main, de

volta à Lowell, nas proximidades da rodovia.

Fiz uma curva fechada para entrar na Rota 2, e o carro ficou meio descontrolado. O pedal do acelerador estava quase no chão. Aquela era nossa melhor chance de apanhar Thomas Pierce. Talvez a última. Lá na frente, fugindo, ele também sabia disso.

Chegamos a cento e trinta, correndo pela Rota 2, passando pelos outros carros como se eles estivessem parados. O

Thunderbird de Pierce devia estar indo a cento e vinte.

- Nós vamos pegar o desgraçado! -

Sampson gritou, excitado. - Vamos derrubar Pierce!

Passamos por uma valeta funda, e o carro saltou, desgovernado, quase saindo da estrada. Aterrissamos com um baque violento. O ferimento em meu flanco protestou. Minha cabeça começou a doer. Sampson continuava a berrar em meu ouvido, anunciando a queda de Pierce, que se distanciava, derrapando. Apenas uns oito metros nos separava dele.

Ele planeja tudo, pensei. Sabia que podia ser perseguido.

Por fim, alcancei-o e emparelhei com ele. Os dois carros iam a cento e trinta. Pierce olhou-nos rapidamente.

Senti-me estranhamente excitado. A adrenalina corria por minhas veias. Talvez o pegássemos. Por alguns segundos,

tornei-me tão louco quanto ele.

Pierce fez uma continência com a mão direita.

- Doutor Cross! - gritou pela janela aberta. - Finalmente nos encontramos!

- Eu sei que tem autorização do FBI para me matar! - Pierce gritou para fazer-se ouvir acima do assobio do vento.

Parecia calmo, indiferente à realidade. - Vamos lá, Cross! Eu quero que atire em mim!

- Não existe nenhuma autorização

nesse sentido - gritei de volta. - Encoste o carro, Pierce! Ninguém vai atirar em você.

Ele exibiu seu melhor sorriso de assassino. Amarrara os cabelos loiros num rabo-de-cavalo. Usava suéter preto, de gola rolê. Tinha a aparência de um homem bem-sucedido, um advogado, proprietário de loja, médico.

- Por que você acha que o FBI trouxe tão pouca gente? - ele indagou. - Crie coragem e pergunte ao seu amigo Kyle Craig. Eles queriam me pegar dentro da casa de Straw.

Eu estava falando com Thomas Pierce?

Com o sr. Smith?

Havia alguma diferença?

Ele atirou a cabeça para trás e soltou uma gargalhada. Uma das coisas mais esquisitas, mais loucas que já vi. A expressão de seu rosto, a linguagem corporal, a calma. Pierce desafiava-nos a atirar nele a uma velocidade de cento e trinta quilômetros por hora, na Rota 2, proximidades de Concord, Massachusetts. Queria que o carro se descontrolasse, capotasse, ou batesse, e se incendiasse.

Chegamos a um trecho onde espessos bosques de pinheiros ladeavam a rodovia. Dois carros do FBI alcançaram Pierce.

Colados à traseira de seu Thunderbird, provocantes, incitavam-no a ir mais depressa. Os agentes teriam ordem para matar Thomas Pierce?

Se iriam atirar nele, aquele era um bom lugar, um trecho calmo, quase sem nenhum trânsito e longe de moradias.

Aquele era o lugar certo para pôr fim na vida de Thomas Pierce.

Aquela era a hora.

- Você sabe o que temos de fazer - Sampson observou.

Pierce matou mais de vinte pessoas, pensei, tentando racionalizar. "E vai continuar matando.

- Encoste! - tornei a gritar para ele.

- Matei Isabella Calais - ele berrou, o rosto tornando-se quase roxo. - Depois, não pude mais parar. Não quero parar.

Gosto de matar! Descobri que gosto, Cross!

- Encoste, desgraçado! - Sampson ordenou com sua voz estrondosa. Sacara o Glock, que apontava para Pierce. -

Carniceiro! Monte de merda!

- Imolei, sim, Isabella Calais, e não pude mais parar de matar. Ouviu o que eu disse, Cross? Imolei, sim, Isabella Calais, e não pude mais parar de matar.

Compreendi a enregelante mensagem. Ele iria adicionar mais letras ao seu enigma, aumentando a lista de vítimas. Criara uma frase mais longa: "Imolei, sim, Isabella Calais e não pude mais parar de matar". Se nos escapasse, continuaria matando. Talvez Thomas Pierce não fosse humano, afinal. Já insinuara que era seu próprio deus.

Pierce apontou-nos uma arma automática. Atirou.

Virei a direção bruscamente para a esquerda, tentando sair da linha de fogo. O carro inclinou, ficando apenas sobre as rodas do lado esquerdo. Eu via tudo borrado, fora

de foco. Sampson agarrou a direção. Uma dor lancinante atravessou meu pulso. Pensei que fôssemos capotar. O Thunderbird saiu da Rota 2 em disparada, entrando numa estrada secundária. Não sei como Pierce conseguiu fazer a curva na velocidade em que ia. Talvez não se importasse com a possibilidade de não conseguir. Por fim, nosso sedã voltou a pousar nas quatro rodas. Os carros do FBI passaram direto pela entrada da estradinha secundária. Seria impossível parar de repente. A seguir, houve um verdadeiro show de freadas e viradas em "U", ao som de guinchos de pneus.

Havíamos perdido Pierce de vista. Disparamos de volta e entramos na estrada rural, tortuosa e acidentada.

Encontramos o Thunderbird abandonado a mais ou menos três quilômetros da entrada.

Meu coração martelava, descontrolado.

Pierce não estava no carro. Desaparecera.

O mato, em ambos os lados da estrada, era fechado e oferecia bastante cobertura. Sampson e eu descemos do carro, Glocks em punho. Tentamos correr para o meio dos pinheiros, mas até andar era quase impossível, por causa da densa

vegetação rasteira. Não havia sinal de Thomas Pierce em parte alguma.

O assassino escapara.

Thomas Pierce sumira no ar outra vez. Eu já quase me convencera de que ele era, de fato, habitante de um mundo paralelo. Talvez fosse mesmo um extraterrestre.

Sampson e eu estávamos indo para o aeroporto internacional de Logan. Iríamos voltar para Washington, mas a hora do rush em Boston não colaborava com nossos planos.

Faltavam ainda uns setecentos metros para chegarmos ao túnel Callahan, e continuávamos cercados por automóveis e caminhões, presos

numa fila que se movia lentamente, quando se movia. Era como se Boston esfregasse o fracasso da missão em nossa cara.

Esse congestionamento é uma metáfora do caso Pierce - Sampson comentou.

Isso é outra coisa que meu amigo tem de bom. Torna-se estóico, ou palhaço, quando a situação fica realmente ruim.

Recusa-se a rolar na merda.

- Tive uma idéia informei.

Eu sabia que você tinha voado para o céu do seu universo particular. Percebi que não estava aqui, sentado neste carro comigo. Aposto que não

ouviu nada do que eu disse.

- Ficaremos presos no tráfego dentro do túnel, se continuarmos aqui.

Sampson moveu a cabeça, concordando.

- É melhor pôr a sua idéia em prática já. Enquanto está quente. Seria bobagem voltar amanhã.

Saí da fila.

- Tem razão. É melhor continuar na caçada.

- Pode me dizer aonde estamos indo? Tenho de vestir o colete à prova de balas outra vez?

- Depende do que você achar da minha idéia.

Fui em direção a Storrow Drive,

saindo de Boston pelo mesmo caminho que fizéramos para entrar. O trânsito estava difícil ali também. Hoje em dia há gente demais em todos os lugares, muita confusão, demasiado estresse.

- Melhor vestirmos os coletes - eu disse a Sampson.

Ele não discutiu. Estendeu a mão para o banco de trás e pegou os dois coletes.

Vesti o meu enquanto dirigia.

- Acho que Thomas Pierce quer que tudo isso acabe. Vi nos olhos dele.

- Ele teve a chance de ver tudo acabado, lá em Concord - Sampson observou. - Encoste, Pierce! Encoste!

Lembra-se disso, Alex?

Lancei-lhe um olhar rápido.

Ele tem a necessidade compulsiva de estar no comando.

era Straw, mas também pode ser Smith. Ele imaginou tudo, John. E quer que acabe de um modo que já determinou,.

Pierce acha importante que ele mesmo termine o que começou.

Pelo canto dos olhos pude ver que Sampson me encarava.

- E daí? - ele perguntou. - Que raios isso significa? Você sabe como vai acabar?

Ele quer terminar com um "S". É um ritual. Foi como imaginou, como tem

de ser. É o jogo de Pierce, que ele joga com paixão obsessiva. Não pode parar de jogar. Ele mesmo nos disse. E ainda está jogando.

Era óbvio que Sampson tinha dificuldade em entender isso. Por muito pouco, não havíamos capturado Pierce, uma hora antes. Ele correria novo risco?

- Acha que o maldito é tão louco assim?

- Não acho, John. Tenho certeza.

Cerca de meia dúzia de viaturas policiais encontravam-se paradas na rua Inman, em Cambridge. Os carros azuis e brancos enfileiravam-se diante do prédio onde Thomas Pierce e

Isabella Calais haviam morado juntos. Onde Isabella fora assassinada quatro anos antes.

Vi ambulâncias estacionadas perto da escada de pedra da entrada. Sirenes uivavam, lamurientas. Se não houvésssemos voltado antes de entrar no túnel Callahan, não estaríamos ali para participar dos acontecimentos.

Sampson e eu mostramos nossos distintivos e continuamos a avançar apressadamente. Ninguém nos impediu.

Ninguém conseguiria, mesmo que tentasse.

Pierce estava lá em cima.

O sr. Smith também.

O jogo completara o ciclo.

- Alguém ligou, denunciando um assassinato - um dos policiais de Cambridge informou-nos, enquanto subíamos a escada externa. - Encurralamos o sujeito lá em cima. Um pirado de primeira categoria.

- Sabemos tudo a respeito dele - disse Sampson.

Ele e eu subimos ao segundo andar.

- Acha que foi o próprio Pierce que chamou a polícia? - meu parceiro indagou.

Não respondi. Estava sem fôlego, mas isso não me perturbava. Chegara a um ponto onde o desconforto, a dor, o choque e a surpresa não podiam

me alcançar.

É assim que ele quer que termine."

Eu não sabia o que fazer com Thomas Pierce. Ele me deixara entorpecido. A todos nós. Eu não conseguia pensar. Pelo menos, não conseguia ter pensamentos lógicos. Nunca existira um assassino como Pierce. Ele era o ser humano mais alienado que eu já conhecera. Alienígena, não. Alienado.

- Acorde, Alex!

Senti Sampson agarrando meu ombro.

- Desculpe, John. No começo, achei que Pierce era incapaz de sentimentos, apenas mais um psicopata. Odio frio,

assassinatos a esmo.

- E agora?

"Agora, estou na mente de Pierce."

- Acho que Pierce é capaz de sentir tudo, e que foi isso que o levou à loucura. Ele sente demais.

O corredor estava cheio de policiais. Pareciam estupefatos. Do vestíbulo, uma foto de Isabella olhava para fora. Ela era linda, majestosa, e parecia muito triste.

- Bem-vindos ao mundo louco de Thomas Pierce - resmungou Sampson.

Foi um investigador de Cambridge, loiro, de idade indefinível e rosto de traços rudes quem nos explicou a

situação.

- Pierce está no quarto, no fim do corredor - informou em tom baixo, confidencial, quase um murmúrio. - Trancou-se lá.

- O quarto principal, que compartilhava com Isabella. - comentei.

- Certo. O quarto principal - concordou o investigador. - Odeio esse monstro. Trabalhei no caso de Isabella, vi o que o desgraçado fez com ela.

- O que ele está fazendo no quarto? - perguntei.

- Achamos que vai se matar. Ele não se digna a dar uma explicação a nós,

simples peões. Está armado. As autoridades ainda não decidiram se devemos entrar à força ou não.

- Ele feriu alguém? - Sampson quis saber.

O investigador abanou a cabeça.

- Não, que se saiba. Ainda não.

- Então, acho que não devemos interferir - opinou Sampson.

Entramos no apartamento e caminhamos pelo longo corredor, até onde vários policiais conversavam entre si. Dois deles discutiam, apontando para a porta do quarto.

"É isso que ele quer", pensei.

"Continua no comando."

- Sou Alex Cross - apresentei-me,

falando com um tenente, que disse que sabia quem eu era. - Ele falou alguma coisa?

O tenente suava. Tinha corpo de boxeador, mas devia estar uns quinze quilos acima do peso ideal.

- Confessou que matou Isabella Calais e disse que vai se matar contou, coçando o queixo. - Ainda não decidimos se vale a pena entrar lá e impedi-lo. O FBI está a caminho.

Afastei-me dele.

- Pierce! - chamei. A conversa no corredor cessou repentinamente. - Pierce! É Alex Cross. Quero entrar aí. Senti um arrepio. Tudo estava muito quieto lá dentro. Não se ouvia o

menor ruído.

- Entre, se quiser - Pierce respondeu por fim. Sua voz soou cansada e fraca, mas podia ser fingimento. O homem era imprevisível. - Só você, Cross.

- Deixe esse demônio morrer - Sampson disse baixinho. Deixe que se vá de uma vez por todas.

Virei-me para olhá-lo.

- Quem me dera poder fazer isso, John. Mas não posso.

Abri caminho entre os policiais, recordando o pôster que vira pendurado na parede do corredor: "Sem Deus, estamos condenados a ser livres".

Tirei minha arma do coldre e cuidadosamente abri a porta do quarto, que estava destrancada. Eu me preparara para muita coisa, menos para o que vi.

Thomas Pierce estava deitado na cama que fora dele e de Isabella. Na mão direita, segurava um bisturi brilhante e afiado.

Vi que Thomas Pierce abrira o próprio peito de cima a baixo. Ele fizera uma incisão em si mesmo, como faria com um cadáver numa autópsia. Continuava vivo e, mais espantoso, ainda estava consciente.

- Nunca viu nenhuma obra do senhor Smith? - ele conseguiu me perguntar.

Abanei a cabeça, incrédulo. Nunca vira nada parecido em todos os meus anos de trabalho no Departamento de Crimes Violentos e Homicídios. Franjas de pele pendiam sobre a caixa torácica de Pierce, expondo músculos e tendões. Senti medo, repulsa, horror.

Thomas Pierce, vítima do sr. Smith. A última?

- Não se aproxime. Fique onde está - ele disse em tom de comando.

-- Com quem estou falando? Com Thomas Pierce ou Smith?

Ele deu de ombros.

- Não me venha com truques de psicólogo. Sou mais esperto do que

você.

Concordei com um gesto de cabeça. De que adiantaria argumentar, fosse ele Pierce ou Smith?

- Matei Isabella Calais - ele murmurou lentamente, os olhos semicerrados. - Imolei Isabella Calais.

Pressionou o bisturi contra o peito, pronto para cortar-se novamente, para perfurar-se. Eu queria virar o rosto para não ver, mas não conseguia.

Esse homem quer alcançar o próprio coração", pensei. "O círculo completa-se. O sr. Smith é o "S" que faltava? Claro que sim."

- Você não se desfez das coisas de

Isabella - observei. - E deixou as fotos dela expostas.

- É isso mesmo, doutor Cross. Eu estava chorando a morte dela, não estava?

- Foi o que pensei em princípio. Foi o que o pessoal do Departamento de Ciência do Comportamento também pensou.

Mas, então, compreendi tudo.

- Compreendeu o quê? Fale-me de mim mesmo - Pierce escarneceu.

Continuava lúcido. Sua mente ainda funcionava agilmente.

- As outras pessoas que matou... Você não queria realmente matá-las, queria?

Thomas Pierce encarou-me numa surpreendente demonstração de força de vontade. Sua arrogância me fez pensar em Soneji.

- Não queria? Então, por que matei?

- Você estava se punindo. Cada assassinato era uma repetição da morte de Isabella. Sofria novamente pela morte dela cada vez que matava alguém.

- Ai... - Pierce gemeu. - Eu a matei aqui, nesta cama. Você pode imaginar o que isso significa? Claro que não. Ninguém pode.

Ergueu o bisturi acima do corpo.

- Pierce, não faça isso!

Eu tinha de fazer alguma coisa. Corri,

atirei-me sobre ele, e o bisturi cravou-se na palma de minha mão direita. Gritei de dor quando Pierce o arrancou.

Agarrei o acolchoado de estampa floral, branco e amarelo, e pressionei-o sobre o peito dele. Pierce lutava contra mim, debatendo-se convulsivamente, como um homem tendo um ataque.

- Alex, não! Cuidado, Alex! - Sampson gritou atrás de mim. Pelo canto dos olhos, vi-o correr para a cama. - Alex, o bisturi!

Pierce retorcia-se embaixo de mim, gritando obscenidades. Sua força era espantosa. Eu não via o bisturi, não

sabia se ele ainda o segurava.

- Deixe Smith matar Pierce! - ele uivou.

- Não! - respondi. - Quero você vivo!

Então, aconteceu.

Sampson atirou nele à queima-roupa.

A explosão foi ensurdecadora no pequeno quarto. Thomas Pierce entrou em convulsões, sacudindo as pernas no ar. Guinchava como um animal ferido. Não parecia humano. Eram gritos de um... alienígena.

Sampson atirou mais uma vez. Um som gutural escapou da garganta de Pierce. Seus olhos reviraram-se nas órbitas,

mostrando a parte branca. O bisturi

caiu-lhe da mão.

Abanei a cabeça.

- Não, John, não atire mais. Pierce está morto e levou o senhor Smith com ele. Que descanse no inferno.

Epílogo

EM CASA NOVAMENTE

Eu me sentia exausto, vazio, estava levemente ferido, com a mão direita enfaixada, mas cheguei em casa são e salvo, a tempo de dizer boa noite" às crianças. Damon e Jannie agora tinham quartos separados. Nana cederá o seu a Jannie e mudara-se para um menor, perto da cozinha, achando que isso lhe convinha mais. Eu me sentia feliz por estar em casa novamente.

- Alguém andou decorando isto aqui

comentei, espiando para dentro dos novos domínios de Jannie.

Ela se surpreendeu por me ver de volta da "guerra", e seu rostinho iluminou-se como uma abóbora esculpida do Dia das Bruxas.

- Fui eu ela anunciou, dobrando os braços para me mostrar os músculos.

- Nana me ajudou a colocar as cortinas novas,

que nós mesmas fizemos, na máquina de costura dela. Gostou, papai?

- Você é uma decoradora e tanto elogiei. - Acho que perdi uma grande diversão.

- Perdeu mesmo - ela afirmou, rindo. - Venha cá.

Aproximei-me de minha garotinha, e ela me deu o mais caloroso abraço de toda a história de pais e filhas. Eu me senti seguro nos braços dela.

Depois, fui ao quarto que agora era só de Damon e fiquei boquiaberto ao ver a mudança que se operara ali. O aposento tinha a cara dele.

- Vai ter de me ajudar a arrumar o meu quarto - avisei.

- Perdemos o nosso treino de boxe, hoje - ele informou, não em tom de queixa, mas meramente estabelecendo um fato.

Nos contentamos em lutar na cama, mas tive de prometer que na noite seguinte teríamos um treino duplo.

Na verdade,
eu me sentia mais ansioso do que ele
por aqueles momentos. Damon
estava crescendo rápido demais.
Jannie também. E eu não podia ser
mais feliz do que era com eles dois.

Eu tinha muita sorte.

Consegui voltar para casa
novamente.

Eu estava tentando levar uma vida
diferente, mas é muito difícil
abandonar velhos hábitos.

Há um ditado do qual gosto muito: O
coração guia a cabeça".

Comecei a refletir mais
profundamente a respeito do sentido
dessas palavras.

Christine morava em Mitchellville, mas não em sua antiga casa. Ela me dissera que fora doloroso demais ficar lá, depois que o marido morrera assassinado durante o caso Jack e Jill. Mudara-se para um condomínio fechado.

Entrei na rodovia John Hanson e, alguns quarteirões depois, vi a luz do alpendre da casa dela, logo adiante. Parei o carro e fiquei ali, sem desligar o motor.

Havia luz no alpendre e na sala, mas o resto da casa estava às escuras. Olhei para o relógio de pulso. Quinze para as onze.

"Eu devia ter telefonado antes",

refleti.

Por fim, saí de meu velho Porsche e caminhei até a porta da casa. Toquei a campainha e esperei, sentindo-me vulnerável na claridade crua do alpendre.

"O coração guia a cabeça."

Christine estava demorando muito para atender, e comecei a me preocupar. Esse era um daqueles velhos hábitos. Um exterminador de dragões nunca dorme. Talvez houvesse alguma coisa errada. Eu levava meu Glock. Tinha de levar, de acordo com a lei.

O ar da noite levava o perfume das flores até mim. A fragrância natural

me fez lembrar o perfume que Christine às vezes usa, o Gardenia Passion.

Eu ia apertar a campainha de novo, quando a porta se abriu de repente.

- Que surpresa! - Christine exclamou, abrindo um sorriso maravilhoso. Então, seus olhos pousaram em minha mão enfaixada. - O que aconteceu, Alex?

Dei de ombros.

- Não foi nada. Só um arranhão.

- Que não vai ser uma reprise da sua grande representação, vai?

Eu ri.

- Provavelmente, não.

Christine estava descalça e usava

jeans desbotado e uma simples camiseta branca, em que ela dera um nó na altura da cintura.

Bonita como sempre, apesar do traje.

- Você está mesmo bem, Alex? Eu estava lá fora, no quintal, e- pensei que talvez você tivesse voltado de Boston.

Agora dei para pressentir as coisas como você.

Tomei Christine nos braços e, de repente, tudo ficou bem em meu mundo. Eu me senti inteiro outra vez, ligado ao rio eterno, experimentei todas as boas sensações que não experimentara durante anos.

Isto também fez parte da minha

premonição. Vi você aqui,

Alex. Vi você nos meus braços.

Nós nos beijamos, abraçados tão estreitamente que parecia que iríamos nos fundir um no outro. Era maravilhoso sentir a boca de Christine contra a minha, seu corpo ajustado ao meu. Eu acredito em almas gêmeas. Acho que sempre acreditei. A melhor coisa que eu fizera na vida fora me apaixonar. Sentira falta disso e, finalmente, estava pronto para amar de novo.

Dessa vez, senti muita saudade de você - murmurei de encontro à maciez do rosto dela. - Saudade demais.

Eu também senti. Sabe por que fiquei acordada até esta hora? Porque sabia que você viria.

Ela é a mulher da minha vida", pensei. "Não há a menor dúvida, O coração guia a cabeça."

Aninhei o rosto dela entre as mãos.

- Nunca amei nada na vida como amo você, Christine. Amo você demais. Quer se casar comigo?

Fim